



Universidade Federal da Bahia

Instituto de Letras

Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura

Rua Barão de Jeremoabo, nº 147 - CEP: 40170-115 - Campus Universitário Ondina Salvador/BA
Tel.: (71) 3283-6256 – Site: <http://www.ppglinc.letas.ufba.br> - E-mail: ppglinc@ufba.br

SEBASTIAN PERICHON STANLEY

**EL SISTEMA PRONOMINAL ÁTONO DE TERCERA
PERSONA EN EL ESPAÑOL DE PARAGUAY**

Salvador
2020



Universidade Federal da Bahia

Instituto de Letras

Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura

Rua Barão de Jeremoabo, nº 147 - CEP: 40170-115 - Campus Universitário Ondina Salvador/BA
Tel.: (71) 3283-6256 – Site: <http://www.ppglinc.letas.ufba.br> - E-mail: ppglinc@ufba.br

SEBASTIAN PERICHON STANLEY

**El sistema pronominal átono de tercera persona en el español de
Paraguay**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Língua e Cultura.

Área de concentração: Linguística histórica

Orientador: Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto

Salvador
2020

Stanley, Sebastian Perichon.

El sistema pronominal átono de tercera persona en el español de Paraguay / por
Sebastian Perichon Stanley. - 2020.
223 f.: il.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto.

Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de Letras, Salvador, 2020.

1. Língua espanhola - Regionalismos - Paraguai. 2. Linguística histórica - Paraguai
3. Sociolinguística – Paraguai I. Pinto, Carlos Felipe da Conceição. II. Universidade Federal da
Bahia. Instituto de Letras. III. Título.

CDD - 468.24
CDU - 811.134.2

SEBASTIAN PERICHON STANLEY

**El sistema pronominal átono de tercera persona en el español de
Paraguay**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em Língua e Cultura.

Área de concentração: Linguística histórica

Orientador: Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto

Salvador, 3 de junho de 2020

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Carlos Felipe da Conceição Pinto (Orientador)
Universidade Federal da Bahia

Prof^a. Dr^a. Camilla Guimarães Santero Pontes - Examinador Externo
Universidade Federal da Bahia

Prof^a. Dr^a. Joyce Palha Colaça - Examinador Externo
Universidade Federal de Sergipe

Prof^a. Dr^a. Talia Bugel - Examinador Externo
University of Fort Wayne

Prof^a. Dr^a. Tatiana Maranhão de Castedo - Examinador Externo
Instituto Federal da Paraíba

AGRADECIMENTOS:

A minha esposa Jaqueline Castro dos Santos.

Ao meu orientador Professor Doutor Carlos Felipe da Conceição Pinto.

Aos professores da banca por aceitarem o convite para participar da minha Banca Examinadora e pelas valiosas sugestões aportadas.

RESUMO

Nesta tese descrevemos, comparamos e analisamos o sistema pronominal átono de terceira pessoa do espanhol paraguaio e do espanhol padrão europeu assim como os fenômenos do leísmo, laísmo e loísmo e da elisão de clíticos não padrão confrontando os dados e hipóteses de Herreros (1976), Granda (1982), Palacios (2000) e Symeonidis (2013) com os dados do corpus que analisamos. Confrontamos as diferentes hipóteses sobre a gênese do fenômeno do leísmo peninsular e do leísmo paraguaio em particular considerando a variação linguística em um contexto sócio histórico determinado como o isolamento periférico, o contato entre línguas e o peso normativo dos centros culturais de influência. No primeiro capítulo contextualizamos e apresentamos o problema, os objetivos (analisar comparativamente o uso dos pronomes átonos de terceira pessoa do espanhol paraguaio e do espanhol padrão, revisar a bibliografia sobre as características e usos dos pronomes átonos de terceira pessoa de ambas as variedades, analisar desde um ponto de vista sincrônico atual as características e usos dos pronomes átonos de terceira pessoa destas variedades, apresentar evidências sobre as diferenças existentes entre as duas variedades, estabelecer possíveis relações entre as características dos pronomes átonos de terceira pessoa do espanhol paraguaio e o contexto sociohistórico linguístico de isolamento periférico do Paraguai), a hipótese (que a pesar do relevado por esses autores o espanhol paraguaio está atualmente sofrendo variações em função da norma padrão europeia nos socioletos médios e altos e de maior escolarização por influência do peso normativo de diferentes pólos culturais e por fenômenos de marcação linguística sociocultural que conduzem a fenômenos de hipercorreção em função da norma padrão europeia), a justificativa e o referencial teórico (que é duplo: sociolinguístico histórico e gramatical morfossintático descritivo). No segundo capítulo descrevemos e analisamos o sistema pronominal átono de terceira pessoa do espanhol padrão europeu e do espanhol paraguaio desde a sua derivação etimológica e descrevemos os usos divergentes mais comuns: os fenômenos de leísmo, laísmo e loísmo e elisão de clíticos no espanhol padrão europeu, assim como o seu desenvolvimento histórico e as suas hipóteses explicativas. No terceiro capítulo descrevemos e analisamos a situação sociohistórica linguística do Paraguai assim como a importância do fator sociohistórico linguístico na configuração do espanhol paraguaio, descrevemos a situação demográfica e a formação do tecido social paraguaio contemporâneo, a formação e situação atual dos povos indígenas, a evolução demográfica linguística, o problema do isolamento periférico e as suas implicações na configuração atual do espanhol paraguaio contemporâneo, o problema do contato entre línguas e do contacto do espanhol com línguas não indo-europeias e a sua relação com a variação linguística. No quarto capítulo apresentamos e descrevemos a metodologia e o corpus selecionado (exploratório-descritiva quantitativa - qualitativa com análise de corpus linguístico constituído por uma série de artigos jornalísticos provenientes de jornais paraguaios publicados on-line), suas características e a análise dos dados. Finalmente, no quinto capítulo apresentamos as nossas conclusões acerca dos fenômenos de variação linguística presentes no sistema pronominal átono de terceira pessoa do espanhol paraguaio com relação à sua situação sociohistórica linguística: que o espanhol paraguaio está atualmente sofrendo variações em função da norma standard europeia nos socioletos médios e altos urbanos e de maior escolarização por influência do peso normativo de diferentes pólos culturais, novas políticas linguísticas, um maior acesso à instrução e aos meios massivos de comunicação e por fenômenos de marcação linguística sociocultural que conduzem a fenômenos de hipercorreção em função da norma padrão europeia.

Palavras-chave: Variação linguística; Espanhol paraguaio; Complementos pronominais; *Leísmo*; *Loísmo*.

RESUMEN

En esta tesis describimos, comparamos y analizamos el sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo y del español estándar europeo, así como los fenómenos de leísmo, laísmo y loísmo y de elisión de clíticos no estándar confrontando los datos e hipótesis de Herreros (1976), Granda (1982), Palacios (2000) y Symeonidis (2013) con los datos del corpus que analizamos. Confrontamos diferentes hipótesis sobre la génesis del fenómeno del leísmo peninsular y del leísmo paraguayo en particular considerando la variación lingüística en un contexto socio histórico determinado como el aislamiento periférico, el contacto lingüístico y el peso normativo de los centros culturales de influencia. En el primer capítulo contextualizamos y presentamos el problema, los objetivos (analizar comparativamente el uso de los pronombres átonos de tercera persona del español paraguayo y del español standard europeo, revisar la bibliografía sobre las características y usos de los pronombres átonos de tercera persona de ambas variedades, analizar desde un punto de vista sincrónico actual las características y usos de los pronombres átonos de tercera persona de estas variedades, relevar evidencias sobre las diferencias existentes entre las dos variedades, establecer posibles relaciones entre las características de los pronombres átonos de tercera persona del español paraguayo y el contexto socio histórico lingüístico de aislamiento periférico de Paraguay), la hipótesis (que a pesar de lo relevado por dichos autores el español paraguayo está actualmente sufriendo variaciones en función de la norma estándar europea en los sociolectos medios y altos y de mayor escolarización por influencia del peso normativo de diferentes polos culturales y por fenómenos de marcación lingüística sociocultural que conducen a fenómenos de hipercorrección en función de la norma estándar), la justificación y el marco teórico (que es doble: sociolingüístico histórico y gramatical morfosintáctico descriptivo). En el segundo capítulo describimos y analizamos el sistema pronominal átono de tercera persona del español estándar europeo y del español paraguayo desde su derivación etimológica y describimos los empleos divergentes más generalizados: los fenómenos de leísmo, laísmo y loísmo y elisión de clíticos no estándar, así como su desarrollo histórico y sus hipótesis explicativas. En el tercer capítulo describimos y analizamos la situación socio histórica lingüística de Paraguay así como la importancia del factor socio histórico lingüístico en la configuración del español paraguayo, describimos la situación demográfica y la conformación del tejido social paraguayo contemporáneo, la conformación y situación actual de los pueblos indígenas, la evolución demográfico lingüística, el problema del aislamiento periférico y sus implicaciones en la configuración actual del español paraguayo contemporáneo, el problema del contacto entre lenguas y del contacto del español con lenguas no indoeuropeas y su relación con la variación lingüística. En el cuarto capítulo presentamos y describimos la metodología y el corpus seleccionado (exploratorio-descriptiva cuantitativa-cualitativa con análisis de corpus lingüístico constituido por una serie de artículos periodísticos provenientes de periódicos paraguayos publicados en red), sus características y el análisis de los datos. Finalmente, en el quinto capítulo presentamos nuestras conclusiones acerca de los fenómenos de variación lingüística presentes en el sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo con relación a su situación socio histórica lingüística: que el español paraguayo está actualmente sufriendo variaciones en función de la norma estándar europea en los sociolectos medios y altos urbanos y de mayor escolarización por influencia del peso normativo de diferentes polos culturales, nuevas políticas lingüísticas, un mayor acceso a la instrucción y a los medios masivos de comunicación y por fenómenos de marcación lingüística sociocultural que conducen a fenómenos de hipercorrección en función de la norma estándar europea.

Palabras clave: Variación lingüística; Español paraguayo; Complementos pronominales; Leísmo; Loísmo.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Idioma del hogar (DGEEC, 2003, p. 30)	102
Gráfico 2	Evolución de la población por zona geográfica (DGEEC, 2003, p. 34)	103
Gráfico 3	Idioma del hogar por área urbana-rural (DGEEC, 2016b, p. 34)	104
Gráfico 4	Usos de clíticos de acusativo de tercera persona del corpus	173
Gráfico 5	Usos de clíticos de dativo de tercera persona del corpus	174
Gráfico 6	Usos de clíticos de acusativo de tercera persona discriminados por Sexo	177
Gráfico 7	Usos de clíticos de dativo de tercera persona discriminados por Sexo	178
Gráfico 8	Usos de clíticos de acusativo de tercera persona discriminados por Edad	179
Gráfico 9	Usos de clíticos de dativo de tercera persona discriminados por Edad	180
Gráfico 10	Usos de clíticos de acusativo de tercera persona discriminados por Edad en función de Sexo	181
Gráfico 11	Usos de clíticos de dativo de tercera persona discriminados por Edad en función de Sexo	182
Gráfico 12	Usos de clíticos de acusativo de tercera persona discriminados por Nivel educacional	183
Gráfico 13	Usos de clíticos de dativo de tercera persona discriminados por Nivel educacional	184
Gráfico 14	Usos de clíticos de acusativo de tercera persona discriminados por Residencia geográfica	185
Gráfico 15	Usos de clíticos de dativo de tercera persona discriminados por Residencia geográfica	186
Gráfico 16	Porcentajes de usos de clíticos del corpus	187

LISTA DE ESQUEMAS

Esquema 1	Evolución diacrónico dialectal (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 38)	59
-----------	---	----

LISTA DE MAPAS

Mapa 1	División política y administrativa de Paraguay según DGEEC (2016a, p. 15)	79
Mapa 2	Densidad demográfica de Paraguay según DGEEC (2018a, p. 25)	81
Mapa 3	Distribución geográfica del pueblo Paí Tavyterâ (SLP, 2018)	85
Mapa 4	Distribución geográfica del pueblo Aché (SLP, 2018)	86
Mapa 5	Distribución geográfica del pueblo Avá Guaraní (SLP, 2018)	87
Mapa 6	Distribución geográfica del pueblo Mbyá Guaraní (SLP, 2018)	88
Mapa 7	Distribución geográfica del pueblo Guaraní Occidental (SLP, 2018)	89
Mapa 8	Distribución geográfica del pueblo Nivaclé (SLP, 2018)	90
Mapa 9	Distribución geográfica del pueblo Manjui (SLP, 2018)	91
Mapa 10	Distribución geográfica del pueblo Maká (SLP, 2018)	92
Mapa 11	Distribución geográfica del pueblo Ayoreo (SLP, 2018)	93
Mapa 12	Distribución geográfica del pueblo Ishir Ybytóso (SLP, 2018)	94
Mapa 13	Distribución geográfica del pueblo Ishir Tomaráho (SLP, 2018)	95
Mapa 14	Distribución geográfica del pueblo Toba Maskoy (SLP, 2018)	96
Mapa 15	Distribución geográfica del pueblo Enlhet (SLP, 2018)	97
Mapa 16	Distribución geográfica del pueblo Enxet (SLP, 2018)	98
Mapa 17	Distribución geográfica del pueblo Guaná (SLP, 2018)	99
Mapa 18	Distribución geográfica del pueblo Angaité (SLP, 2018)	99
Mapa 19	Distribución geográfica del pueblo Sanapaná (SLP, 2018)	100
Mapa 20	Distribución geográfica del pueblo Toba Qom (SLP, 2018)	101

LISTA DE TABLAS

Tabla 1	Sistema pronominal átono y tónico de objeto estándar según Fernández Soriano (1999) en RAE (1999)	31
Tabla 2	Sistema casual (sistema etimológico): selección pronominal basada en el caso (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 10)	52
Tabla 3	Sistema referencial: selección pronominal basada en la categorización semántica del referente como continuo o discontinuo (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12)	53
Tabla 4	Sistema Cántabro: mantiene la distinción casual pero presenta algunos rasgos propios del sistema referencial (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 13)	55
Tabla 5	Sistema del País Vasco y del norte de Navarra (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 14)	56
Tabla 6	Sistemas Transicionales detectados alrededor de la zona referencial (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 14)	58
Tabla 7	Comparación entre las relaciones gramaticales señaladas por cada sistema (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 21)	58
Tabla 8	Pueblos indígenas de Paraguay clasificados por familia lingüística y cantidad de individuos según DGEEC (2014; 2015; 2018c)	84
Tabla 9	Idioma del hogar por sexo y área (DGEEC, 2003, p. 30)	102
Tabla 10	Idioma predominante del hogar (DGEEC, 2016b, p. 34)	105
Tabla 11	Modelo de usos de clíticos de tercera persona	137
Tabla 12	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 01.02.2019 (hombre, Asunción, 54 años)	140
Tabla 13	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 02.02.2019 (mujer, Chile [paraguaya], 25 años)	141
Tabla 14	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 04.02.2019 (mujer, Villa Hayes, 30 años, estudiante universitaria)	141
Tabla 15	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 05.02.2019 (mujer, Lambaré, 20 años, estudiante)	142
Tabla 16	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 06.02.2019 (mujer, Villeta, 42 años)	142

Tabla 17	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 07.02.2019 (mujer, 50 años)	143
Tabla 18	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 09.02.2019 (mujer, Encarnación, 25 años)	143
Tabla 19	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 10.02.2019 (mujer, Lambaré, 20 años)	144
Tabla 20	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 12.02.2019 (mujer, Itauguá, 29 años)	144
Tabla 21	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 13.02.2019 (hombre, Asunción, 22 años)	144
Tabla 22	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 14.02.2019 (hombre, Hernandarias, 28 años)	145
Tabla 23	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 15.02.2019 (hombre, Luque, 41 años)	145
Tabla 24	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 16.02.2019 (mujer, Asunción, 53 años)	146
Tabla 25	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 18.02.2019 (mujer, Altos, 32 años)	146
Tabla 26	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 19.02.2019 (mujer, Caacupé, 45 años)	147
Tabla 27	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 20.02.2019 (mujer, Santaní, 27 años)	147
Tabla 28	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 21.02.2019 (mujer, Asunción, 18 años)	147
Tabla 29	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 22.02.2019 (mujer, Asunción, 26 años)	147
Tabla 30	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 23.02.2019 (mujer, CDE, 23 años)	148
Tabla 31	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 24.02.2019 (mujer, Capiatá, 40 años)	149
Tabla 32	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 26.02.2019 (mujer, Villarrica, 28 años)	150

Tabla 33	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 27.02.2019 (mujer, Asunción, 43 años)	150
Tabla 34	Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 28.02.2019 (hombre, Asunción, 41 años)	151
Tabla 35	Usos de clíticos de tercera persona de los comentarios de los artículos del 01.02.19, 02.02.19, 04.02.19, 05.02.19, 06.02.19, 07.02.19, 08.02.19, 09.02.19, 10.02.19, 12.02.19, 13.02.19, 14.02.19, 15.02.19, 16.02.19, 18.02.19, 19.02.19, 20.02.19, 22.02.19, 23.02.19, 24.02.19, 26.02.19, 27.02.19, 28.02.2019 (mujer, universitaria)	151
Tabla 36	Sumatoria de usos de clíticos de tercera persona de los lectores de los artículos de la sección Cosas del corazón del periódico Crónica	154
Tabla 37	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de los artículos de la sección Cosas del corazón del periódico Crónica	155
Tabla 38	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso estándar de los artículos de la sección Cosas del corazón del periódico Crónica	155
Tabla 39	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso no estándar de los artículos de la sección Cosas del corazón del periódico Crónica	156
Tabla 40	Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 01.02.2019, 08.02.2019, 15.02.2019 y 22.02.2019 (hombre, +50, Asunción, universitario) MN	156
Tabla 41	Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 03.02.2019 y 17.02.2019 (hombre, 47, Asunción, pastor) EA	156
Tabla 42	Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 04.02.2019, 11.02.19, 18.02.2019 y 25.02.2019 (hombre, 59, Asunción, universitario) ADS	157
Tabla 43	Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 05.02.2019, 12.02.2019 y 19.02.2019 (hombre, +40, Asunción, universitario no terminado) ED	157
Tabla 44	Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 06.02.2019, 13.02.2019, 20.02.2019 y 27.02.2019 (hombre, +40, Lambaré, universitario) FG	158

Tabla 45	Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 07.02.2019 y 21.02.2019 (hombre, +40, Asunción, universitario) DF	158
Tabla 46	Usos de clíticos de tercera persona del artículo del 09.02.2019 (mujer, 40, Asunción, universitaria) GT	159
Tabla 47	Usos de clíticos de tercera persona del artículo del 10.02.2019 (mujer, 44, Asunción, universitaria) OD	159
Tabla 48	Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 14.02.2019 y 28.02.2019 (hombre, +60, Asunción, universitario) MRR	160
Tabla 49	Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 16.02.2019 y 23.02.2019 (hombre, 48, Asunción, universitario) DM	160
Tabla 50	Usos de clíticos de tercera persona del artículo del 24.02.2019 (hombre, +40, Asunción, universitario) JT	160
Tabla 51	Usos de clíticos de tercera persona del artículo del 26.02.2019 (hombre, +60, Asunción, universitario) JCZL	161
Tabla 52	Sumatoria de usos de clíticos de tercera persona de los artículos de la sección Voces del periódico La Nación	162
Tabla 53	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso estándar de los artículos de la sección Voces del periódico La Nación	162
Tabla 54	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso no estándar de los artículos de la sección Voces del periódico La Nación	163
Tabla 55	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de las portadas del periódico Diario Popular	163
Tabla 56	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso estándar de las portadas del periódico Diario Popular	165
Tabla 57	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso no estándar de las portadas del periódico Diario Popular	165
Tabla 58	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de los artículos de la sección Nacionales del periódico Abc Color	166
Tabla 59	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso estándar de los artículos de la sección Nacionales del periódico Abc Color	167
Tabla 60	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso no estándar de los artículos de la sección Nacionales del periódico Abc Color	167

Tabla 61	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de los artículos de la sección Economía y Negocios del periódico 5 Días	168
Tabla 62	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso estándar de los artículos de la sección Economía y Negocios del periódico 5 Días	168
Tabla 63	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de los artículos de la sección Nacionales del periódico Ultima Hora	169
Tabla 64	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso estándar de los artículos de la sección Nacionales del periódico Ultima Hora	170
Tabla 65	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso no estándar de los artículos de la sección Nacionales del periódico Ultima Hora	170
Tabla 66	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona del corpus	171
Tabla 67	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona del corpus de uso estándar	172
Tabla 68	Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona del corpus de uso no estándar	172
Tabla 69	Número de Informantes según la variable Sexo	174
Tabla 70	Número de Informantes según la variable Edad	175
Tabla 71	Número de Informantes según las variables Edad en función de Sexo	175
Tabla 72	Número de Informantes según la variable Nivel educacional	176
Tabla 73	Número de Informantes según la variable Residencia Geográfica	176

ÍNDICE

1	INTRODUCCIÓN	17
1.1	CONTEXTUALIZACIÓN Y PROBLEMA	17
1.1.1	Empleos divergentes del sistema pronominal átono de tercera persona en el español paraguayo	22
1.2	OBJETIVOS	23
1.3	HIPÓTESIS	24
1.4	JUSTIFICACIÓN	25
1.5	MARCO TEÓRICO	27
1.6	ESTRUCTURA DE LA TESIS	28
2	EL SISTEMA PRONOMINAL ÁTONO DE TERCERA PERSONA EN ESPAÑOL	30
2.1	DERIVACIÓN DEL SISTEMA PRONOMINAL ÁTONO Y TÓNICO DE TERCERA PERSONA EN EL ESPAÑOL ESTÁNDAR	30
2.2	EL SISTEMA PRONOMINAL ÁTONO DE TERCERA PERSONA EN EL ESPAÑOL ESTÁNDAR	32
2.2.1	La elisión de clíticos	36
2.3	EMPLEOS DIVERGENTES DEL SISTEMA PRONOMINAL ÁTONO DE TERCERA PERSONA	37
2.3.1	El fenómeno del leísmo: el sistema pronominal átono de tercera persona leísta estándar	37
2.3.2	El fenómeno del loísmo	39
2.3.3	El fenómeno del laísmo	40
2.3.4	Desarrollo histórico de los fenómenos de leísmo, loísmo y laísmo y sus hipótesis explicativas	41
2.4	EL SISTEMA PRONOMINAL ÁTONO DE TERCERA PERSONA EN EL ESPAÑOL PARAGUAYO	63
2.4.1	El fenómeno del leísmo	63
2.4.2	El fenómeno del loísmo	69
2.4.3	El fenómeno de la elisión de clíticos no estándar	71
2.5	INFERENCIAS FINALES	74

3	SITUACIÓN SOCIO HISTÓRICA LINGÜÍSTICA DE PARAGUAY	76
3.1	DEMOGRAFÍA Y TEJIDO SOCIAL PARAGUAYO ACTUAL	78
3.1.1	Información general	79
3.1.2	Datos demográficos	80
3.1.3	Pueblos y lenguas indígenas	83
3.1.4	Idioma, demografía y evolución 1950 - 2019	101
3.2	EL CONTEXTO SOCIO HISTÓRICO Y EL AISLAMIENTO PERIFÉRICO	105
3.2.1	El aspecto sociolingüístico	108
3.3	EL CONTACTO ENTRE LENGUAS Y LA VARIACIÓN LINGÜÍSTICA	111
3.3.1	Algunos conceptos sobre la temática del contacto y la variación lingüística abordados en esta investigación	113
3.3.2	Variaciones del sistema pronominal átono de tercera persona del español en contacto con lenguas no indoeuropeas	120
3.3.3	Variaciones del sistema pronominal átono de tercera persona del español en contacto con el guaraní	127
3.4	INFERENCIAS FINALES	133
4	METODOLOGÍA, CORPUS Y ANÁLISIS DE LOS DATOS	135
4.1	METODOLOGÍA Y CORPUS	135
4.1.1	Metodología	136
4.1.2	Corpus	137
4.2	ANÁLISIS DE LOS DATOS	139
4.2.1	Usos del periódico Crónica	140
4.2.2	Usos del periódico La Nación	156
4.2.3	Usos del periódico Diario Popular	163
4.2.4	Usos del periódico Abc Color	165
4.2.5	Usos del periódico 5 Días	167
4.2.6	Usos del periódico Ultima Hora	169
4.2.7	Análisis global de los datos	170
4.3	INFERENCIAS FINALES	188

5	CONCLUSIÓN	192
	REFERENCIAS	196
	REFERENCIAS DEL CORPUS	210
	ÍNDICE DE AUTORES	221

1 INTRODUCCIÓN

En esta tesis sobre el sistema pronominal átono de tercera persona en el español de Paraguay damos continuidad al trabajo de investigación iniciado en la disertación de Maestría *El problema de las variedades del español americano en la quinta zona lingüística según la clasificación de Henríquez Ureña* (STANLEY, 2016), donde discutimos la presencia de más de una variedad lingüística dentro de una macro zona (Argentina, Uruguay, Paraguay y parte de Bolivia) considerada erróneamente homogénea desde el punto de vista socio-histórico y lingüístico por muchos autores como por ejemplo Henríquez Ureña (1993 [1921]) y Moreno Fernández (1993; 2005). En esta investigación vamos a describir, comparar y analizar el sistema pronominal átono de tercera persona de la variedad del español paraguayo con el sistema pronominal átono estándar europeo¹. Vamos a confrontar y analizar diferentes datos e hipótesis sobre el fenómeno del leísmo, loísmo y laísmo peninsular y sobre el leísmo y loísmo paraguayo en particular, así como sobre la variación lingüística en contextos socio histórico determinados como el aislamiento periférico y el contacto lingüístico, con el fin de corroborar si el fenómeno del leísmo en el español paraguayo se extiende aún hoy según lo descrito por Granda (1982), Palacios (2000) y Symeonidis (2013).

1.1 CONTEXTUALIZACIÓN Y PROBLEMA

Es todavía común entre muchos académicos, profesores y estudiantes de español la convicción de una dicotomía entre el español europeo y el español americano, idea que supone que la lengua² esté dividida en dos grandes bloques diferentes e internamente homogéneos (PINTO, 2009). *Homogeneidad, contraste entre español de España / español de América y uniformidad lingüística*, son algunos de los *mitos* que todavía hoy circulan en material bibliográfico y en diferentes ambientes académicos, como por ejemplo podemos ver en la discusión titulada “tu / vosotros” del día 15 de abril de 2016 de la lista FORMESA, donde un participante dijo: “Creo que la gran ventaja diferencial de nuestro querido idioma español es la gran cohesión que éste posee, a diferencia de casi todas las otras lenguas”. Contrariamente a este imaginario todavía hoy presente, la realidad del español parece ser por

¹ De todos los existentes, ya que cada variedad cuenta con su propio estándar, utilizamos el estándar configurado en (RAE, 1973; 1999; 2009) por ser el estándar de referencia de la mayoría de los autores citados, por lo tanto, toda referencia al español estándar, salvo que se especifique otro estándar, lo es en este sentido.

² Utilizamos el término *lengua* entendido como una idealización que abarca al conjunto de variedades o dialectos que la componen en el sentido de *lengua histórica* de Coseriu (1992), donde la distinción lengua-dialecto es una mera distinción de política lingüística y dialecto sinónimo de variedad y sin connotaciones de valor.

demás heterogénea, como señalaron Henríquez Ureña (1921, 1932), Rona (1964), Fontanella de Weinberg (1976, 1993), Lope Blanch (1989), Moreno Fernández (2000) y Pinto (2009, 2011), entre otros.

Como plantea Fontanella de Weinberg (1993), antes de hablar del español americano habría primero que preguntarse qué es el español americano:

En efecto, en muchos casos se habla de un español de América frente a un español peninsular, sin mayores aclaraciones, y dando por sentada la existencia de dos entidades diferentes, cuyos rasgos por lo general no se definen. Esta posición tiene antecedentes académicos en distintos autores que han sostenido la existencia de una «gran unidad y homogeneidad» del español americano, tal como afirma Max L. Wagner [(1949, p. 12)] en su libro *Lengua y dialectos de la América Española*, al señalar que «las diferencias dentro del enorme territorio americano son mínimas dentro de la estructura del habla» (FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p. 13).

Fontanella de Weinberg (1993) aclara que desde una visión panorámica sólo se pueden considerar unos pocos rasgos como exclusivos³ de América: el voseo y el uso de la preposición *hasta* con valor temporal restrictivo en determinadas regiones americanas, el seseo, el yeísmo, la aspiración de /-s/ final, que está presente también en el español del sur de España y Canarias, la realización aspirada de /x/ y las distintas realizaciones de /-r/ y /-l/ y el léxico, que presenta amplias diferencias tanto en relación al español peninsular como entre las diferentes regiones americanas entre sí, y da la siguiente definición del español americano:

Lo que acabamos de considerar nos lleva a plantearnos a qué llamamos español americano, si —tal como hemos visto— no podemos hablar legítimamente de que se trate de una entidad dialectal que se oponga en bloque al español europeo. La conclusión es que entendemos por español americano una entidad que se puede definir geográfica e históricamente. Es decir, es el conjunto de variedades dialectales del español habladas en América, que comparten una historia común por tratarse de una lengua trasplantada a partir del proceso de conquista y colonización del territorio americano. Esto no implica desconocer el carácter complejo y variado de este proceso y sus repercusiones lingüísticas, dado que debemos diferenciar las regiones de poblamiento temprano (las Antillas, Panamá y México, por ejemplo) de otras de poblamiento más tardío (Río de la Plata en general y Uruguay en particular); las regiones de poblamiento directo a partir de España, de las de expansión americana; los distintos tipos de relación con la metrópoli, etc. (FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p. 15).

Extendiendo esta definición para toda la lengua española, según propone Pinto (2011; 2016), se puede considerar que ambos *bloques*, el español de España y el español de América,

³ Lo que no significa que haya homogeneidad entre las diferentes variedades del español americano.

no son variedades internamente homogéneas, y sí un único conjunto de variedades de la lengua habladas en el mundo hispanohablante, definidas por varios y muy diferentes contextos sociohistóricos.

Como refiere Fontanella de Weinberg (1993), en 1993 aún no existía una obra de conjunto sobre la historia del español de América sino sólo trabajos parciales. Sin embargo, aun no teniendo una visión de conjunto y muchas veces incluso sin contar con datos específicos, hasta la década del 60 se propusieron y discutieron diferentes teorías sobre el origen del español americano, dando lugar a tres hipótesis ampliamente difundidas: la hipótesis indigenista, que sostiene que dichos rasgos se deban al influjo de las lenguas indígenas de sustrato⁴; la hipótesis andalucista, que sostiene que dichos rasgos se deban al influjo de la variedad andaluza; y la hipótesis poligenética, que considera un desarrollo paralelo e independiente tanto de la influencia de las lenguas indígenas como del dialecto andaluz.

Más allá de estas hipótesis, cuyo análisis y discusión exceden el objetivo de esta investigación, creemos necesario considerar con mayor detenimiento dos procesos característicos de *trasplante* y *contacto* de lenguas propuestos por primera vez para el español americano⁵ por Fontanella de Weinberg (1987; 1993), la *koinización*⁶ y la estandarización⁷ como un *continuum*⁸ desde una visión sociohistórica.

Para Fontanella de Weinberg (1993) y Granda (1994a) el origen de las variedades del español americano se explica por el contacto que existió entre hablantes de diferentes dialectos procedentes de diferentes regiones de la Península Ibérica como consecuencia del proceso migratorio de conquista y colonización, sobre todo durante la primera centuria, en la

⁴ El término *sustrato*, y otros términos relacionados, se reproducen aquí y en adelante como fueron utilizados por los autores citados; éste y otros conceptos relacionados que puedan causar controversia serán discutidos y esclarecidos en 3.3.1.

⁵ Fontanella de Weinberg (1987).

⁶ Fontanella de Weinberg (1987; 1993) toma los términos *koiné* y *koinización* (ver 3.3.1) de Siegel (1985), que considera una *koiné* como el resultado estabilizado de la mezcla de diferentes subsistemas lingüísticos, tales como dialectos regionales o literarios, y que posee los siguientes rasgos característicos: a) confluencia de distintas variedades de una misma lengua (aunque se base primordialmente en una de esas variedades), b) reducción y simplificación de rasgos, c) uso como lengua franca regional, d) surgimiento de hablantes nativos y e) estandarización; y la *koinización* como el proceso que conduce a la mezcla de subsistemas lingüísticos, es decir, de variedades de idiomas mutuamente inteligibles o que comparten genéticamente el mismo idioma superpuesto, y que sucede en el contexto de una gran interacción o integración entre hablantes de estas variedades.

⁷ Fontanella de Weinberg (1987; 1993) entiende la *estandarización* como el proceso por el cual una determinada habla se convierte en variedad estándar.

⁸ La idea de *continuum* en Fontanella de Weinberg (1993) debe ser entendida como una línea continua de estandarización polarizada, en cuyos extremos ubica por un lado a Paraguay, como índice de menor estandarización, y por el otro México, como índice de mayor nivel de estandarización, donde las demás variedades estarían dentro de esa línea continua de situaciones intermedias.

que convivieron dialectos con diferentes sistemas fonológicos, entre otras diferencias, pero que fue continuo a lo largo de los siglos por el flujo constante de oleadas migratorias.

Dada la extensión territorial del continente americano, el factor temporal de los diferentes procesos migratorios de conquista y colonización y la composición de los grupos migrantes, la koinización no fue un proceso general en todo el continente, sino regional, simultáneo y continuo de koinización-estandarización, lo que también explica las diferencias existentes entre las variedades americanas.

Otro factor importante para Fontanella de Weinberg (1993) es el de la mayor o menor relación que mantuvieron en el tiempo las diferentes regiones americanas con las diferentes regiones ibéricas, en especial Andalucía, y también que: “el hecho de que una koiné sea el resultado del contacto dialectal no excluye que en su constitución predomine una de las variedades en contacto” (FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p. 44), y que en el caso del español americano fue sin duda alguna el dialecto andaluz, con el que comparte, además de léxico, rasgos morfosintácticos.

En cuanto a los procesos de estandarización, Fontanella de Weinberg (1993) considera que, como afirman Garvin y Mathiot (1974), están directamente relacionados al grado de urbanización de las comunidades en las que las diferentes variedades son utilizadas, y que ocurrieron independientemente en diferentes regiones y en tiempos notablemente diferentes. Así, coloca a México y Paraguay como paradigmas en los extremos de una gama de situaciones intermedias para las variedades americanas, donde México corona el ápice de la rápida urbanización y estandarización y Paraguay el contrario, ya que además de haber quedado aislado muy tempranamente por la corona en los procesos de colonización y urbanización, fue y es por excelencia un país bilingüe, lo que produjo una baja estandarización con acumulación de rasgos no estándar:

México constituye un caso de excepción en cuanto a la rápida urbanización y el desarrollo social y cultural que adquirió en pocos años [...] Todas estas características, a las que debe agregarse la permanente presencia de miembros de la Corte, la justicia y el gobierno eclesiástico peninsulares, se ajustan perfectamente a los requisitos esperables para una situación en la que se desarrolle una variedad estándar de la lengua [...] El rápido desarrollo de la estandarización en México, con su consiguiente normalización e intelectualización, se refleja en sus caracteres internamente lingüísticos, ya que se trata de una de las variedades del español americano en las que más atenuados se observan sus rasgos característicos [...] Una situación totalmente diferente es la que observamos en Paraguay, ya que se trata de una zona prácticamente aislada –entre 1571 y fines del siglo XVIII casi no recibió nuevas aportaciones colonizadoras– y de muy bajo desarrollo económico, social y cultural durante el periodo colonial, estado que se

mantuvo en gran medida en su etapa independiente [...] A las características aquí señaladas debemos agregar el hecho de que Paraguay ha sido por excelencia una región bilingüe desde la fundación de Asunción hasta la actualidad, constituyendo un caso de bilingüismo nacional ampliamente extendido, considerado único a nivel mundial. El panorama de conjunto aquí configurado concurre ampliamente para condicionar una baja estandarización (FONTANELLA DE WEINBERG, 1993, p. 49-51).

Granda (1982) da un panorama muy claro de la situación sociohistórica del Paraguay, el que, por cuestiones económicas, geográficas, políticas y sociales, se desarrolló en un aislamiento total –salvo por breves periodos de apertura y crecimiento económico– prácticamente hasta el siglo XIX, lo que generó una situación de extrema pobreza, bajo nivel de educación y una prácticamente nula estandarización lingüística. Por todos estos motivos, Granda (1982) coloca al Paraguay en la categoría de área periférica tanto en el ámbito histórico-cultural como lingüístico.

Según Granda (1982), Paraguay, además de ser un país bilingüe por excelencia, atravesó una situación histórico-político-económica única en América. Sostiene que Paraguay fue condenado al aislamiento periférico ya desde el inicio de la conquista tras una serie de frustradas expediciones que llevaron a la Corona Española a convencerse de que allí no existían riquezas, y que los pobladores, abandonados por la metrópoli, prácticamente incomunicados con el Alto Perú, de cuya Audiencia de Charcas dependían, lejos de la costa atlántica y de sus puertos, debieron limitarse a una ganadería escasamente productiva y a una agricultura de mera subsistencia hasta el siglo XVII, con el auge de la yerba mate. Y que todo esto, sumado a la perpetua situación de guarnición fronteriza continuamente amenazada por los indígenas chaqueños por el oeste y por las incursiones de los portugueses por el este, produjo una situación de pobreza general que se mantuvo hasta finales del siglo XVIII, tras la apertura oficial al tráfico marítimo del puerto de Buenos Aires, la diversificación de cultivos y la desaparición de la competencia para el cultivo de yerba mate, lo que mejoró claramente la situación económica de Paraguay. Refiere que sólo superaría su situación de extremo subdesarrollo en la breve etapa de gobierno de Carlos Antonio López, 1844-1862, y de su hijo el Mariscal Francisco Solano López, 1862-1870, pero que la Grande Guerra de 1865-1870 lo volvería a sumir en la pobreza. Granda (1982) refiere que la educación suministrada en Paraguay se limitaba al nivel primario y a las escasas enseñanzas de las casas religiosas de la Provincia, y que era tan mediocre que:

[...] en 1625 y en 1753, por ejemplo, el Cabildo de Asunción tuvo que dirigirse al Rey exponiendo el peligro de que los hijos de los conquistadores

adquirieran las costumbres de los indios y solicitando en vano, la fundación de un colegio en la capital de la Provincia (GRANDA, 1982, p. 276),

y que en 1650 y 1678 el Cabildo Catedral informó oficialmente que los sacerdotes ordenados por el Obispo Cárdenas apenas sabían leer. Refiere que en 1700 sólo tres paraguayos contaban con el título de Doctor debido a la pobreza y a la gran distancia entre Asunción y Córdoba o Chuquisaca, sedes de las Universidades más cercanas, y que sólo en 1783 se inauguró en Asunción el Real Colegio Seminario de San Carlos, que fue suprimido en 1822 por órdenes del Doctor Francia, por lo que Paraguay no tendría otros centros de enseñanza media y superior hasta el gobierno de Carlos Antonio López.

Por todas estas cuestiones y por el hecho de haberse desarrollado en un aislamiento total prácticamente hasta el siglo XIX –lo que lo llevó a que fuera denominado el Tíbet de América–, y por la falta del peso normativo de un centro cultural de referencia, Paraguay alcanzó una prácticamente nula estandarización lingüística que según Fontanella de Weinberg (1993) llevó a los hablantes a una relajación extrema por ausencia de modelos de prestigio lingüístico.

Granda (1982; 1994a) coloca a Paraguay en la categoría de área periférica tanto en el ámbito socio histórico como lingüístico, y propone la hipótesis de la causación múltiple para explicar el particular fenómeno del leísmo del español paraguayo, la que está en línea con la hipótesis de Fontanella de Weinberg (1993): una serie de diferentes factores actuando en conjunto y configurando una serie determinada de características, ya que, como sostienen, por más que la interferencia de la lengua indígena de sustrato tenga un peso tan significativo por tratarse de una realidad única de bilingüismo sostenido en el tiempo, dicha interferencia no excluye otros factores como el peso demográfico y social de los actores involucrados en un proceso secular de interacciones, sobre todo considerando que por casi dos siglos no se verificó en Paraguay la llegada de nuevos contingentes de colonizadores españoles, lo que produjo, en el caso del leísmo paraguayo, la persistencia del fenómeno específico desde el siglo XVI hasta finales del siglo XVIII.

1.1.1 Empleos divergentes del sistema pronominal átono de tercera persona en el español paraguayo

Con relación al problema específico de esta investigación, vamos a comparar los pronombres átonos de tercera persona del español estándar europeo con los pronombres

átonos de tercera persona de la variedad paraguaya, donde existen usos de los pronombres en los que la selección del pronombre no está determinada por la función sintáctica del antecedente, casos que se denominan leísmo y loísmo, además de fenómenos de elisión de clíticos referidos a todo tipo de objeto directo.

Una de las peculiaridades más significativas de la baja estandarización del español paraguayo según Granda (1982), Palacios (2000) y Symeonidis (2013) está claramente representada por el sistema pronominal átono, que lo llevó a una situación de leísmo extremadamente particular, donde la forma *le* es empleada, además de como objeto indirecto singular y plural referida a sustantivos masculinos, femeninos y neutros (como sucede en la norma estándar), también como objeto directo singular y plural y masculino y femenino, además de la presencia de loísmo y fenómenos de elisión de clíticos referidos a todo tipo de objeto directo inanimado, incluso aquellos obligatorios en la norma estándar.

En este sentido, el problema de esta investigación es el uso divergente de los pronombres átonos de tercera persona en la variedad del español paraguayo, uso que está en directa relación con la situación socio histórico lingüística de Paraguay expuesta anteriormente.

1.2 OBJETIVOS

El objetivo general de esta investigación es describir y analizar comparativamente desde el punto de vista morfosintáctico el uso de los pronombres átonos de tercera persona en las variedades del español estándar europeo y del español paraguayo, así como las relaciones histórico-sociolingüísticas que expliquen las diferencias entre los sistemas pronominales.

Los objetivos específicos son:

- a) revisar la bibliografía sobre las características morfosintácticas y usos de los pronombres átonos de tercera persona del español estándar europeo y del español paraguayo;
- b) describir y analizar desde un punto de vista sincrónico actual contrastivo las características morfosintácticas y usos de los pronombres átonos de tercera persona en las variedades seleccionadas;
- c) relevar evidencias lingüísticas sobre las diferentes características morfosintácticas y usos de los pronombres átonos de tercera persona entre las variedades seleccionadas;
- d) revisar la bibliografía sobre la situación histórico-sociolingüística de Paraguay;

- e) analizar la situación histórico-sociolingüística de aislamiento periférico, de contacto lingüístico y bilingüismo de Paraguay;
- f) establecer las posibles relaciones existentes entre el sistema pronominal átono de tercera persona y los fenómenos de leísmo, loísmo y elisión de clíticos del español paraguayo y el contexto sociohistórico-lingüístico de aislamiento periférico, contacto lingüístico y bilingüismo de Paraguay.

1.3 HIPÓTESIS

Consideramos que el fenómeno del leísmo del español paraguayo no se trate exclusivamente ni de un caso de calco de estructuras sintácticas del guaraní sobre el español como propuso Herreros (1976), ni de un caso de contacto de lenguas por convergencia lingüística que se deba exclusivamente “a las características estructurales de las lenguas amerindias que permiten, activan y fomentan la aparición de un sistema pronominal distinto al resto de las modalidades del español” por neutralización de los rasgos de género, número y caso como propuso Palacios (2000, p. 133).

Como sugieren Granda (1982), Fontanella de Weinberg (1993) y Fernández Ordóñez (1994; 1999; 2001) no se debe atribuir al fenómeno una única causa si se tiene en cuenta que:

- a) el fenómeno del leísmo ya estaba presente en las variedades peninsulares de los españoles que poblaron lo que fue y es hoy el territorio paraguayo;
- b) las características estructurales del guaraní;
- c) la aislación periférica que vivió Paraguay por casi tres siglos y que derivó en una muy baja estandarización que produjo un fenómeno de innovación de realización de estructuras intensamente simplificadas.

Muy probablemente, el hecho de Paraguay haber quedado aislado por casi dos siglos, marginado del peso normativo de un centro cultural, llevó a los hablantes a una relajación, por ausencia de modelos de prestigio lingüístico, que produjo en este caso particular un fenómeno de innovación de realización de estructuras intensamente simplificadas que condujo al actual sistema de complementos pronominales del español paraguayo.

Sobre esta base, la hipótesis que defiende esta investigación es que la gran diferencia existente entre los pronombres átonos de tercera persona del español paraguayo y del español estándar europeo se deba no solamente a una situación de contacto lingüístico entre el español

y el guaraní y el bilingüismo existente, sino también a una serie de factores sociohistóricos de aislamiento periférico que derivaron en una muy baja estandarización, como sugieren Granda (1982), Fontanella de Weinberg (1993) y Fernández Ordóñez (1994; 1999; 2001), quienes sostienen que no se deba exclusivamente al contacto sino también y principalmente al contexto de exclusión, o sea, al hecho de que Paraguay haya estado en un contexto periférico sin contacto con la metrópolis.

Comparando los datos de Herreros (1976), Granda (1982), Palacios (2000) y Symeonidis (2013) con los del *corpus*⁹, se puede entrever un desplazamiento de *le* como única forma pronominal hacia una alternancia cada vez mayor con *lo*, además de una cada vez más significativa presencia de *la* y *las*, sobre todo en los sociolectos más altos y con mayor grado de escolarización.

Nuestra hipótesis es que, a pesar de lo relevado por Herreros (1976), Granda (1982), Palacios (2000) y Symeonidis (2013), el español paraguayo está actualmente sufriendo variaciones en función de la norma estándar europea en los sociolectos medios y altos y de mayor escolarización por influencia del peso normativo de diferentes polos culturales y por fenómenos de marcación lingüística sociocultural que conducen a fenómenos de hipercorrección en función de la norma estándar.

1.4 JUSTIFICACIÓN

Consideramos que sea de suma importancia realizar estudios morfosintácticos de las variedades del español americano ya que la gran mayoría de los datos a los que todavía hoy se hace referencia en la literatura al hablar de las diferencias existentes entre las distintas variedades del español americano se basan en observaciones fonéticas, fonológicas y léxicas y en menor grado morfológicas, pero casi nunca morfosintácticas y sintácticas (GRANDA, 1982; FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2008; PINTO, 2009).

Consideramos que solamente a través de un avance significativo en los estudios regionales, y en los casos particulares, se podrán establecer los límites de las diferentes áreas dialectales, ya que es a partir de este conocimiento que se va a poder formular una clasificación adecuada de las variedades del español americano. Por este motivo, nos

⁹ El corpus de esta investigación está formado por un total de 157 artículos periodísticos escritos publicados en la versión digital disponible en internet de los siguientes periódicos paraguayos: 24 artículos de *Crónica*, 27 artículos de *La Nación*, 25 portadas de *Diario Popular*, 30 artículos de *Abc Color*, 21 artículos de *5 Días* y 30 artículos de *Ultima Hora*, donde identificamos un total de 40 informantes y un total de 581 usos de clíticos y 11 elisiones no estándar, con un total de 509 usos de clíticos estándar y 72 usos de clíticos no estándar. Sobre la metodología de recolección y análisis de los datos ver Capítulo 4.

colocamos en línea con Lope Blanch (2002, p. 25): “Esto es: me parecía necesario llegar a saber qué nos separa y qué nos une, desde el punto de vista lingüístico, a los países hispanohablantes”, pero considerando necesaria la determinación de los fenómenos lingüísticos decididamente no sólo limitados a la norma culta, que por el grado de estandarización no refleja las características más particulares de las diferentes variedades, si no extendida principalmente a los fenómenos lingüísticos populares, a fin de determinar las características que las definen, ya que es en esta diferencia donde se encuentra la riqueza lingüística y cultural de cada una de las comunidades lingüísticas americanas. Y, sobre todo, porque, como indica Rona (1964, p. 64), la diferencia a nivel del registro popular es tan grande de llegar al punto de la incompreensión entre hablantes de diferentes regiones: “no creemos que un mexicano y un paraguayo, o un cubano y un chileno, pertenecientes a los niveles culturales bajos, puedan comprenderse hablando en sus respectivos dialectos”.

Es común también la creencia apriorística dentro de los mitos que rodean al español americano de que las diferencias morfosintácticas sean nulas o mínimas, como se evidencia en las palabras de Lope Blanch (1989, p. 29): “La lengua española sigue siendo el sistema lingüístico de comunicación común a veinte naciones, no obstante las particulares diferencias –léxicas, fonéticas y, en menor grado, morfosintácticas– que esmaltan el uso en unas y otras”. Sin embargo, esta falsa impresión de unidad morfosintáctica se debe a la falta de estudios sobre tales fenómenos, como asegura Fernández Ordóñez (2008):

El estudio de la variación dialectal y sociolectal del español ha estado tradicionalmente centrado en el estudio de la variación fónica y léxica. Mucho menos ha atraído la atención de los investigadores la variación gramatical, hasta el punto de que no es raro que se dé por seguro que los fenómenos variables en el dominio de la gramática son escasos y poco relevantes. Esa falsa impresión tiene que ver con dos hechos: por un lado, con la menor penetración de las variables gramaticales en la norma culta de las diferentes áreas hispanohablantes, en contraste con las variedades fónicas y léxicas; por otro, con que la renovación teórica que ha afectado al estudio de la sintaxis en los últimos cincuenta años ha alcanzado tardíamente a las disciplinas dedicadas a la variación lingüística, la dialectología y la sociolingüística (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2008, p. 28-29).

También queremos dar continuidad al trabajo realizado en la investigación referente a la disertación de Maestría *El problema de las variedades del español americano en la quinta zona lingüística según la clasificación de Henríquez Ureña* (STANLEY, 2016), en la cual discutimos la clasificación dialectal del español americano realizada por Henríquez Ureña (1921) demostrando que la quinta zona lingüística allí delimitada: Argentina, Uruguay,

Paraguay y parte de Bolivia no es una zona lingüísticamente homogénea y en la que evidenciamos la falta de estudios lingüísticos sobre fenómenos morfosintácticos, los que consideramos de vital relevancia.

1.5 MARCO TEÓRICO

La presente tesis estudia las características morfosintácticas y usos de los pronombres átonos de tercera persona y ciertos fenómenos como el leísmo y el loísmo en el español de Paraguay. De esta manera, el marco teórico de este trabajo es doble: socio-histórico y gramatical-morfosintáctico, desde un abordaje sociolingüístico y estructural-descriptivo, ya que consideramos que para el estudio del lenguaje y de los cambios lingüísticos los factores externos (sociales y culturales) sean no solo importantes sino determinantes de los factores internos (estructurales), así como de los procesos de mudanza, estandarización y creación de una norma lingüística, ya sea desde un punto de vista diacrónico o sincrónico. Como sostienen Weinreich, Labov y Herzog (2006) y Milroy (1993; 1997), consideramos que no sean las lenguas las que cambian sino los hablantes los que cambien las lenguas y generen así las diferentes variedades según un contexto social y cultural determinado. De esta forma, nuestra investigación es estructural descriptiva ya que vamos a relevar, describir y comparar la estructura interna del sistema pronominal átono de tercera persona de una determinada variedad, la del español paraguayo, con la variedad estándar europea (Capítulo 2), y es socio histórica porque vamos a relacionar los cambios producidos en dicha estructura del español paraguayo con el contexto histórico social y cultural del Paraguay (Capítulo 3), el que resulta un factor determinante de los cambios que se pueden relevar en dicha variedad, sobre todo a través del proceso de koinización - estandarización, proceso que permite explicar el cambio lingüístico en situaciones de contacto lingüístico, como sostienen Siegel (1985), Trudgill (1986), Fontanella de Weinberg (1992), Granda (1994a), Penny (2000), Kerswill (2002), Tuten (2003) e Hidalgo (2013).

De este modo, la relación de contacto secular entre el castellano y el guaraní es el marco lingüístico en el que se realiza este estudio sobre el español de Paraguay, país que, además de bilingüe, es multilingüe. Según datos de la Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos, DGEEC (2004; 2014; 2015; 2016; 2018a; 2018b), en el país conviven veinte pueblos indígenas compuestos por varias etnias que hablan sus propios idiomas y sus respectivas variedades. El multiculturalismo y el plurilingüismo son factores que sin duda condicionaron y condicionan las características y usos del español paraguayo así como las

actitudes lingüísticas del complejo tejido social paraguayo: en un país bilingüe como éste es difícil, si no imposible, aislar las actitudes lingüísticas hacia uno de los dos idiomas sin tener presentes las actitudes hacia ambas lenguas oficiales, sobre todo en una etapa crucial para el desarrollo lingüístico del país, con los esfuerzos realizados para establecer a todo nivel la enseñanza bilingüe. El presente trabajo de investigación es, por lo tanto, desde el punto de vista sociolingüístico, un estudio exploratorio de los usos de los pronombres átonos de tercera persona y ciertos fenómenos como el leísmo, el loísmo y la elisión de clíticos de la variedad paraguaya de la lengua española, delimitado por las circunstancias del bilingüismo y de las políticas lingüísticas que se han puesto en marcha en los últimos veinte años, así como por los condicionamientos sociales determinados por el imaginario social en relación con la variedad paraguaya, la norma culta y la norma estándar europea.

1.6 ESTRUCTURA DE LA TESIS:

En el segundo capítulo (2) describimos y analizamos el sistema pronominal átono de tercera persona en español: en (2.1) describimos la derivación del sistema pronominal átono y tónico de tercera persona en el español estándar desde el punto de vista de su desarrollo etimológico; en (2.2 y 2.2.1) describimos el sistema pronominal átono de tercera persona en el español estándar; en (2.3) describimos los empleos divergentes más generalizados del sistema pronominal átono de tercera persona en español: los fenómenos de leísmo, laísmo y loísmo; en (2.3.1) describimos el fenómeno del leísmo en el sistema pronominal átono de tercera persona leísta estándar; en (2.3.2) describimos el fenómeno del loísmo; en (2.3.3) describimos el fenómeno del laísmo; en (2.3.4) describimos y analizamos el desarrollo histórico de los fenómenos de leísmo, loísmo y laísmo y sus hipótesis explicativas; en (2.4) describimos y analizamos el sistema pronominal átono de tercera persona en el español paraguayo y los fenómenos que ocurren en esta variedad: leísmo, loísmo y elisión de clíticos; en (2.4.1) describimos y analizamos el fenómeno del leísmo en el español paraguayo; en (2.4.2) describimos y analizamos el fenómeno del loísmo en el español paraguayo; en (2.4.3) describimos y analizamos el fenómeno de la elisión de clíticos en el español paraguayo; en (2.5) presentamos nuestras conclusiones acerca de los fenómenos presentes en el sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo.

En el tercer capítulo (3) describimos y analizamos la situación socio histórica lingüística de Paraguay así como la importancia del factor socio histórico lingüístico en la configuración del español paraguayo: en (3.1) describimos la situación demográfica y la

conformación del tejido social paraguayo contemporáneo; en (3.1.1 y 3.1.2) presentamos y describimos algunos datos estadísticos demográficos sobre el tejido social paraguayo contemporáneo; en (3.1.3) describimos la conformación y situación actual de los pueblos indígenas paraguayos; en (3.1.4) describimos la evolución demográfico lingüística entre 1950 y 2019; en (3.2 y 3.2.1) abordamos el problema de la situación socio histórica de Paraguay y del aislamiento periférico así como sus implicaciones en la configuración actual del español paraguayo contemporáneo; en (3.3) abordamos el problema del contacto entre lenguas y su relación con la variación lingüística así como sus implicaciones en la configuración actual del español paraguayo contemporáneo; en (3.3.1) y (3.3.2) abordamos el problema del contacto del español con lenguas no indoeuropeas y su relación con la variación lingüística así como sus implicaciones en la configuración de una determinada variedad lingüística; en (3.3.3) abordamos el problema del contacto del español con el guaraní y su relación con la variación lingüística así como sus implicaciones en la configuración del español paraguayo; en (3.4) presentamos nuestras conclusiones acerca de los fenómenos de variación lingüística presentes en el sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo en relación a su situación socio histórica lingüística.

En el cuarto capítulo (4) presentamos y describimos la metodología y el corpus seleccionado y sus características (4.1); en (4.2) presentamos el análisis de los datos del corpus; finalmente, en (4.3), presentamos nuestras conclusiones acerca de los fenómenos de variación lingüística presentes en el sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo relevados del corpus.

Finalmente, en el quinto capítulo (5) presentamos nuestras conclusiones finales acerca de los fenómenos de variación lingüística presentes en el sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo con relación a su situación socio histórica lingüística y el análisis de los datos obtenidos del corpus.

2. EL SISTEMA PRONOMINAL ÁTONO DE TERCERA PERSONA EN ESPAÑOL:

En este capítulo presentamos el sistema pronominal átono de tercera persona del español estándar y del español paraguayo y realizamos un análisis comparativo descriptivo de ambos sistemas. Para comprender la variación existente entre dichos sistemas es necesario iniciar este capítulo con una breve descripción sobre la derivación etimológica del sistema pronominal de objeto de tercera persona (2.1), ya que una de las hipótesis más generalizadas sobre el fenómeno del leísmo es de raíz etimológica. Enseguida describimos el sistema pronominal átono de tercera persona estándar (2.2 y 2.2.1) y luego los empleos divergentes del sistema pronominal átono de tercera persona (2.3), donde describimos el fenómeno del leísmo (2.3.1), del loísmo (2.3.2) y del laísmo (2.3.3) y sus principales hipótesis explicativas (2.3.4). A continuación, presentamos la descripción del sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo (2.4), en el que se registran fenómenos de leísmo ampliamente generalizado y de loísmo. Finalmente, presentamos las debidas conclusiones (2.5).

2.1 DERIVACIÓN DEL SISTEMA PRONOMINAL ÁTONO Y TÓNICO DE TERCERA PERSONA EN EL ESPAÑOL ESTÁNDAR

El español cuenta con dos series paralelas de pronombres de complemento u objeto directo (O.D.) e indirecto (O.I.), una átona o clítica¹⁰ y otra tónica. Los pronombres átonos o clíticos del español de primera y segunda persona derivan del acusativo latino, los pronombres tónicos, del nominativo y del dativo latino, mientras que los pronombres de tercera persona derivan del demostrativo latino: los átonos del acusativo y dativo y los tónicos del nominativo, como se puede apreciar en la Tabla 1, que resume la derivación de los pronombres según Fernández Soriano (1999). La serie tónica del plural, que no posee formas diferenciadas del nominativo, se construye en español anteponiendo la preposición *a* como única marca explícita de función gramatical¹¹. Los pronombres tónicos de objeto como los sintagmas nominales de O.I. van siempre precedidos por la preposición *a*. Los pronombres tónicos se refieren siempre a persona, y su presencia no es obligatoria, lo que implica necesariamente la presencia de uno de los pronombres átonos.

¹⁰ Estos pronombres no aparecen en posición canónica de objeto sino unidos al verbo como enclíticos (hacerlo) o como proclíticos (lo haré).

¹¹ Lois (1984) refiere que cuando la preposición *a* antecede a un OD como *Vio a María*, no se trata de una preposición sino de un marcador diferencial de objeto.

Tabla 1 Sistema pronominal átono y tónico de objeto estándar según Fernández Soriano (1999) en RAE (1999)

Acusativo				Dativo			
	Latín	Español			Latín	Español	
1s	ME	me a mí	Me vio a mí	1s	MIHI	me a mí	Me dio el lápiz a mí
2s	TE	te a ti	Te vio a ti	2s	TIBI	te a ti	Te dio el lápiz a ti
3sm 3sf	ILLUM/ILLUD ILLAM (ILLE/ILLA) ¹²	lo la a él/ella	Lo vio a él La vio a ella	3s	ILLI	le se ¹³ a él/ella	Le dio el lápiz a él/ella Se lo dio a él/ella
1p	NOS	nos a nosotros/-as	Nos vio a nosotros/-as	1p		nos a nosotros/-as	Nos dio el lápiz a nosotros/-as
2p	VOS	os a vosotros/-as	Os vio a vosotros/-as	2p		os a vosotros/-as	Os dio el lápiz a vosotros/-as
3pm 3pf	ILLOS ILLAS	los las a ellos/ellas	Los vio a ellos Las vio a ellas	3p	ILLIS	les se a ellos/ellas	Les dio el lápiz a ellos/ellas Se lo dio a ellos/ellas

Según la etimología, el pronombre personal átono de tercera persona *le* es la forma del dativo singular, y procede del dativo latino singular ILLI, sin distinción de género; el pronombre personal átono de tercera persona *les* es la forma del dativo plural, y procede del dativo latino plural ILLIS, sin distinción de género; el pronombre personal átono de tercera persona *la*, es la forma del acusativo femenino singular, y procede del acusativo latino femenino singular ILLAM; el pronombre personal átono de tercera persona *las*, es la forma del acusativo femenino plural, y procede del acusativo latino femenino plural ILLAS; el pronombre personal átono de tercera persona *lo*, es la forma del acusativo masculino singular y neutro, y procede del acusativo latino masculino singular ILLUM y del acusativo latino neutro singular ILLUD; el pronombre personal átono de tercera persona *los*, es la forma del acusativo masculino plural, y procede del acusativo latino masculino plural ILLOS. Este es el llamado *sistema casual* por basarse en la distinción de caso latino entre dativo y acusativo de los demostrativos ILLI, ILLIS, ILLAM, ILLUM, ILLUD, ILLAS, ILLOS y es el sistema que determina el habla en la gran mayoría del mundo hispanohablante, aunque no sea siempre así en todas partes, como indicaron Salvá (1835 [1830]), Bello (1995 [1847]), Cuervo (1895), Fernández Ramírez (1964; 1987 [1951]), Lapesa (2000 [1968]), García (1975; 1977; 1983; 1986; 1990; 1992), Marín (1978), García González (1978; 1979; 1981), Klein Andreu (1979;

¹² Del nominativo.

¹³ Cuando están presentes simultáneamente los pronombres de dativo y acusativo de tercera persona el pronombre de dativo *le* o *les* cambia por *se*.

1980; 1981a; 1981b, 1992), Echenique Elizondo (1981), Álvarez Martínez (1986), Fernández Ordóñez (1993; 1994; 1999; 2001) y Martínez (2010), entre otros, y como explicamos detalladamente en el apartado (2.3.4), donde describimos la hipótesis etimológica sobre la confusión en español entre acusativo y dativo en relación al uso de los pronombres átonos de tercera persona.

Describimos a continuación el sistema pronominal átono de tercera persona en el español estándar.

2.2 EL SISTEMA PRONOMINAL ÁTONO DE TERCERA PERSONA EN EL ESPAÑOL ESTÁNDAR

El uso estándar de los pronombres átonos de tercera persona de acusativo y dativo según Fernández Soriano (1999) y RAE (1973; 1999; 2009) es el siguiente:

Para O.D. masculino singular [\pm humano; \pm animado; + masculino; + singular]¹⁴ el pronombre átono de tercera persona de acusativo es *lo*:

- (1) [- humano; - animado; + masculino; + singular]
 - a. Pedro compró **el pan**
 - b. Pedro **lo** compró

- (2) [- humano; + animado; + masculino; + singular]
 - a. Pedro encerró **al perro**
 - b. Pedro **lo** encerró

- (3) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]
 - a. Pedro vio **a Juan**
 - b. Pedro **lo** vio

Para O.D. femenino singular [\pm humano; \pm animado; - masculino; + singular] el pronombre átono de tercera persona de acusativo es *la*:

- (4) [- humano; - animado; - masculino; + singular]

¹⁴ Obviamente no existen referentes [+ humano; - animado].

a. Pedro compró **la casa**

b. Pedro **la** compró

(5) [- humano; + animado; - masculino; + singular]

a. Pedro encerró **a la perra**

b. Pedro **la** encerró

(6) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]

a. Pedro vio **a María**

b. Pedro **la** vio

Para O.D. neutro el pronombre átono de tercera persona de acusativo es *lo* y se refiere tanto a complementos oracionales como a predicados:

(7) Complemento oracional:

a. Pedro sabía **que ibas a venir**

b. Pedro **lo** sabía

c. Pedro me dijo **lo que había hecho**

d. Pedro me **lo** dijo

(8) Predicado:

a. Pedro/María es **guapo/a**

b. Pedro/María **lo** es

c. Pedro y María son **guapos**

d. Pedro y María **lo** son

Para O.D. masculino plural [\pm humano; \pm animado; + masculino; - singular] el pronombre átono de tercera persona de acusativo es *los*:

(9) [- humano; - animado; + masculino; - singular]

a. Pedro compró **los libros**

b. Pedro **los** compró

(10) [- humano; + animado; + masculino; - singular]

- a. Pedro encerró **a los perros**
- b. Pedro **los** encerró

(11) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]

- a. Pedro vio **a Juan y a Carlos**
- b. Pedro **los** vio

Para O.D. femenino plural [\pm humano; \pm animado; - masculino; - singular] el pronombre átono de tercera persona de acusativo es *las*:

(12) [- humano; - animado; - masculino; - singular]

- a. Pedro compró **las casas**
- b. Pedro **las** compró

(13) [- humano; + animado; - masculino; - singular]

- a. Pedro encerró **a las perras**
- b. Pedro **las** encerró

(14) [+ humano; + animado; - masculino; - singular]

- a. Pedro vio **a María y a Carla**
- b. Pedro **las** vio

Para O.I. masculino y femenino singular [\pm humano; \pm animado; \pm masculino; + singular] el pronombre átono de tercera persona de dativo es *le*:

(15) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

- a. Pedro dio cuerda **al reloj**
- b. Pedro **le** dio cuerda

(16) [- humano; - animado; - masculino; + singular]

- a. Pedro dio aire **a la pelota**
- b. Pedro **le** dio aire

(17) [- humano; + animado; + masculino; + singular]

- a. Pedro dio el pan **al perro**
- b. Pedro **le** dio el pan

(18) [- humano; + animado; - masculino; + singular]

- a. Pedro dio el pan **a la perra**
- b. Pedro **le** dio el pan

(19) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]

- a. Pedro dio el pan **a Juan**
- b. Pedro **le** dio el pan

(20) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]

- a. Pedro dio el pan **a María**
- b. Pedro **le** dio el pan

Para O.I. masculino y femenino plural [\pm humano; \pm animado; \pm masculino; - singular]
el pronombre átono de tercera persona de dativo es *les*:

(21) [- humano; - animado; + masculino; - singular]

- a. Pedro dio cuerda **a los relojes**
- b. Pedro **les** dio cuerda

(22) [- humano; - animado; - masculino; - singular]

- a. Pedro dio aire **a las pelotas**
- b. Pedro **les** dio aire

(23) [- humano; + animado; + masculino; - singular]

- a. Pedro dio el pan **a los perros**
- b. Pedro **les** dio el pan

(24) [- humano; + animado; - masculino; - singular]

- a. Pedro dio el pan **a las perras**
- b. Pedro **les** dio el pan

(25) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]

- a. Pedro dio el pan **a Juan y a Carlos**
- b. Pedro **les** dio el pan

(26) [+ humano; + animado; - masculino; - singular]

- a. Pedro dio el pan **a María y a Carla**
- b. Pedro **les** dio el pan

Para O.I. neutro el pronombre átono de tercera persona de dativo es *le*:

(27) a. Pedro no da importancia **a eso**

- b. Pedro no **le** da importancia
- c. Pedro cogió miedo **a esquiar**
- d. Pedro **le** cogió miedo

Visto el sistema pronominal átono de tercera persona del español estándar, a continuación, describimos brevemente el fenómeno de la elisión de clíticos.

2.2.1 La elisión de clíticos

Según Brucart (1999, p. 2789) la elipsis es “un mecanismo de infraespecificación léxica mediante el cual se evita la realización fónica de alguno de los constituyentes necesarios para interpretar adecuadamente un enunciado”, y donde tal omisión “es posible gracias a que el contenido de la unidad elíptica es directamente accesible al oyente a través del contexto discursivo situacional”. La elipsis cuenta con un antecedente (i), la unidad que fija el valor léxico de la categoría elidida, y con un elemento elíptico (\emptyset_i). Cuando el antecedente aparece a la izquierda del elemento elíptico se establece una relación anafórica, y cuando el antecedente aparece a la derecha (consecuente), una relación catafórica. La elipsis presenta características comunes con la pronominalización, con la diferencia de que en los pronombres y en las proformas la carencia es puramente léxica, mientras que en la elipsis es léxica y de realización fónica. La elipsis está sujeta a la condición de recuperabilidad de las elisiones, por la cual, una categoría vacía sólo puede ser recuperada si su presencia puede ser detectada intuitivamente a partir de la información estructural contenida en su propia oración, lo que equivale a decir que sólo pueden elidirse constituyentes que sean obligatorios.

En la elipsis de un argumento verbal, se exige que los rasgos gramaticales de la categoría elidida: persona, casi siempre número, y a veces género, estén presentes en la misma oración en la que ocurre la elipsis. La presencia de estos rasgos depende de la concordancia del verbo con el sujeto y del uso de los pronombres clíticos de acusativo y dativo:

- (28)¹⁵ a. “Ø llegaron al concierto. (Ø = 3.^a pers. pl.)” (BRUCART, 1999, p. 2801);
 b. “Les han dado un premio muy importante Ø. (Ø = 3.^a pers. pl.)” (BRUCART, 1999, p. 2801);
 c. “Lo vieron Ø en la exposición. (Ø = 3.^a pers. sg. masc.)” (BRUCART, 1999, p. 2801).
 d. Compraste cerveza. En esta oración no hay elisión porque el OD *cerveza* no es específico ni definido, y el clítico sólo recupera OD que sean específicos y definidos.

Vista la elisión de clíticos del español estándar, a continuación, describimos los empleos divergentes del sistema pronominal átono de tercera persona, empleos que se caracterizan por la presencia de los fenómenos de leísmo, laísmo y loísmo y elisión de clíticos no estándar.

2.3 EMPLEOS DIVERGENTES DEL SISTEMA PRONOMINAL ÁTONO DE TERCERA PERSONA

En español existen usos de los pronombres átonos de tercera persona en los que la selección del pronombre no está determinada por la posición o función sintáctica del antecedente, casos que tradicionalmente se denominan leísmo, laísmo y loísmo, y que describimos a continuación.

2.3.1 El fenómeno del Leísmo: el sistema pronominal átono de tercera persona leísta estándar

En las gramáticas normativas y descriptivas RAE (1973; 1999; 2009) se entiende por leísmo el uso de *le*, pronombre átono de tercera persona singular de dativo, en lugar de *lo*,

¹⁵ Estamos conscientes de que, como aclara Brucart (1999, p. 2801): “no todas las teorías aceptan la presencia de categorías elípticas en las anteriores oraciones [(28 a, b y c)]”. No discutiremos aquí dichas cuestiones, considérense las oraciones de (28 a, b y c) como meros ejemplos de los rasgos gramaticales de la categoría elidida: persona, número y género.

pronombre átono de tercera persona singular masculino de acusativo, como pronombre para referirse a un O.D. singular masculino de persona:

(29) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]

a. **Lo** vio a él

b. **Le** vio a él

En menor grado para referirse a un O.D. singular masculino no humano y de cosa:

(30) [- humano; + animado; + masculino; + singular]

a. **Lo** vio al perro

b. **Le** vio al perro

(31) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

a. **Lo** vio al barco

b. **Le** vio al barco

El leísmo plural, con uso de *les*, pronombre átono de tercera persona plural de dativo, en lugar de *los*, pronombre átono de tercera persona plural masculino de acusativo, es menos frecuente que los anteriores y más frecuente si referido a persona que a cosa:

(32) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]

a. **Los** vio a ellos

b. **Les** vio a ellos

(33) [- humano; + animado; + masculino; - singular]

a. **Los** vio a los perros

b. **Les** vio a los perros

(34) [- humano; - animado; + masculino; - singular]

a. **Los** vio a los barcos

b. **Les** vio a los barcos

Excepcionalmente el leísmo ocurre en lugar de *la*, pronombre átono de tercera persona singular femenino de acusativo, como pronombre para referirse a un O.D. singular femenino y de persona:

- (35) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]
- a. **La** vio a ella
 - b. **Le** vio a ella

Y muy raramente en plural, con uso de *les*, pronombre átono de tercera persona plural de dativo, en lugar de *las*, pronombre átono de tercera persona plural femenino de acusativo, como pronombre para referirse a un O.D. plural femenino y de persona:

- (36) [+ humano; + animado; - masculino; - singular]
- a. **Las** vio a ellas
 - b. **Les** vio a ellas

En RAE (1973; 1999; 2009) no hay referencia a leísmo cuando el referente es neutro¹⁶.

2.3.2 El fenómeno del loísmo

Según Fernández Ordóñez (1993; 1994; 1999) y RAE (1973; 1999), el loísmo es el uso de *lo*, pronombre átono de tercera persona singular masculino de acusativo, en lugar de *le*, pronombre átono de tercera persona singular de dativo como pronombre para referirse a un O.I. principalmente plural masculino y de persona, aunque también existen ejemplos con antecedentes de cosa, y en menor grado singular masculino o neutro, con mayor incidencia referido a antecedentes de cosa que de persona [\pm humano; \pm animado; + masculino; \pm singular]; éste es, de los tres fenómenos, el menos frecuente:

- (37) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]
- “Cuando recojo **a los niños** del colegio, **los** llevo la merienda” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1320).

¹⁶ Tuten (2003, p. 174) refiere: “*One can also find, though by all accounts rare, neuter leísmo (in which le rather than lo is used to refer to antecedents such as phrases or whole concepts not reducible to a single term)*”.

(38) [- humano; - animado; + masculino; - singular]

“Para arreglar **esos trajes**, hay que sacarlos el bajo” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1320).

(39) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

“Cuando **el arroz** está cocido, **lo** echas la sal” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1320).

(40) [- humano; - animado; + singular]

a. “Yo no **lo** doy ninguna importancia **a eso**” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1320).

b. “Antes iba **a esquiar**, pero luego **lo** cogí miedo y lo dejé” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1320).

(41) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]

“Cuando vi que **el ladrón** me iba a asaltar, **lo** pegué un empujón y salí corriendo” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1320).

Como refiere Fernández Ordóñez (1993; 1994; 1999), es pertinente aclarar que una gran parte de los autores que trabajaron y trabajan estas confusiones pronominales hablan de loísmo para referirse al uso de *lo* como O.D. en oposición al leísmo, con uso de *le* en la misma función, definiendo loístas a quienes utilizan el pronombre *lo* para el O.D., lo que crea desconcierto en relación al contenido del término, y coloca entre estos autores a Cuervo (1895), Kany (1969 [1945]) y Fernández Ramírez (1987 [1951]).

2.3.3 El fenómeno del laísmo

Según Fernández Ordóñez (1993; 1994; 1999) y RAE (1973; 1999), el laísmo es el uso de *la*, pronombre átono de tercera persona singular femenino de acusativo, en lugar de *le*, pronombre átono de tercera persona singular de dativo como pronombre para referirse a un O.I. principalmente singular femenino y en menor grado plural femenino de persona, aunque también existen ejemplos con antecedentes de cosa [\pm humano; \pm animado; - masculino; \pm singular]:

(42) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]

“Cuando vi **a Pepa, la** di su regalo” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1320).

(43) [+ humano; + animado; - masculino; - singular]

“**A las niñas** de hoy ya no **las** gusta coser” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1320).

(44) [- humano; - animado; - masculino; + singular]

“Coges **la sartén, la** das la vuelta y ya tienes lista la tortilla” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1320).

(45) [- humano; - animado; - masculino; - singular]

“**A esas rosas** hay que cortar**las** los tallos secos” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1320).

Presentados los fenómenos del leísmo estándar, del loísmo y del laísmo, a continuación, describimos su desarrollo histórico y las diferentes hipótesis explicativas sobre su génesis, así como la gran variabilidad que existe en cada uno de ellos dentro del mundo hispanohablante con relación a diferentes factores que han influido y determinado su desarrollo e influyen y determinan su uso.

2.3.4 Desarrollo histórico de los fenómenos de leísmo, loísmo y laísmo y sus hipótesis explicativas

A lo largo de la historia del español es muy común la confusión y/o alternancia entre dativo y acusativo, así como la diferente valoración del fenómeno por parte de la comunidad lingüística hispanohablante a lo largo de los siglos. Lapesa (2000 [1968]; 2014) refiere que es un fenómeno peculiarmente castellano y que se encuentra registrado ya desde el siglo X en documentos de Castilla y León. Se pueden encontrar incluso numerosos fenómenos de leísmo en escritores pertenecientes a zonas distinguidoras del caso, como señala Cuervo (1895), debido a la influencia ejercida por el peso normativo de determinados centros culturales sobre la forma de escribir, donde la inclinación por *le* como pronombre de acusativo referido a antecedentes masculinos parece muchas veces depender de preferencias estilísticas y

personales. A partir del siglo XIX, y en contraste con lo que sucedía entre los siglos XVI y XVIII, se da una notable reducción del uso de *le* acusativo, sin duda por el peso normativo de la RAE que a partir de 1854 introduce un cambio radical con relación al pronombre de acusativo masculino, imponiendo el uso exclusivo de *lo* en lugar de *le*, que hasta entonces había sido la única forma tolerada. Como refiere Fernández Ordóñez (1994; 1999) tal cambio ocurrió por influencia de Salvá (1835 [1830]), quien lo introdujo en su gramática de 1830, y luego de Bello (1995 [1847]), quien lo introdujo en la suya de 1847, postura que se ha mantenido hasta el *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*, de la RAE (1973). La *Nueva gramática de la lengua española*, de la RAE (2009), que se define panhispánica, describe y acepta el uso de *le* en acusativo masculino singular de persona además de describir y tolerar otras formas de leísmo como pertenecientes a usos cultos y estándar en diferentes variedades del español peninsular y americano, como referido en 2.3.1.

El problema de la alternancia y variación en el uso de los pronombres átonos de tercera persona a lo largo de la historia del español viene siendo percibido y registrado por los gramáticos ya desde el siglo XVI, como refieren Cuervo (1895), Lapesa (2000 [1968]; 2014), Fernández Ramírez (1987 [1951]) y Fernández Ordóñez (1993; 1994; 1999; 2001). Según Fernández Ordóñez (1993; 1994; 1999), ni en época antigua ni durante el siglo pasado se han elaborado hipótesis que expliquen satisfactoriamente la totalidad de estos fenómenos, y asegura que esto se deba al hecho de que no se haya dado suficiente importancia a la diversidad de situaciones de uso pronominal existentes en el mundo hispanohablante.

El fenómeno del leísmo se viene explicando desde el siglo XIX por Salvá (1835 [1830]), Bello (1995 [1847]) y Cuervo (1895), y en el siglo XX por Fernández Ramírez (1964; 1987 [1951]), Lapesa (2000 [1968]) y Marín (1978), y a través de ellos en la inmensa mayoría de los que han abordado el problema, desde dos diferentes hipótesis que actuarían conjunta y contradictoriamente.

La primera hipótesis, muchas veces denominada como *etimológica* (donde se eliminan las distinciones de caso a favor de las de género), explica el uso pronominal átono de tercera persona de zonas distinguidoras y confundidoras entre dativo y acusativo en parte como resultado de la prolongación de los usos latinos, como refiere Fernández Ordóñez (1999):

El leísmo para objetos directos masculinos en el singular (tanto de persona como de cosa), el laísmo y el loísmo (con referente neutro o masculino plural) tendrían su origen en la tendencia a crear en castellano un paradigma de los pronombres átonos basado en el de los demostrativos (este-a-o, estos-as), en el que se eliminarían las distinciones de caso a favor de las de género: le-la-lo, los-las. La distinción acusativo/dativo dejaría de ser pertinente en

los pronombres de tercera persona, igual que no lo es en los de primera y segunda (donde *me*, *te*, *nos*, *os* refieren tanto a antecedentes en posición sintáctica de objeto directo como de objeto indirecto) (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1321).

En esta línea coloca Fernández Ordóñez (1993) los trabajos de Cuervo (1895), Fernández Ramírez (1964; 1987 [1951]), Lapesa (2000 [1968]), Marín (1978), Echenique Elizondo (1979; 1980; 1981) y Sanchis Calvo (1992), y refiere que:

Para Cuervo (1895) el factor desencadenante de la confusión entre *le* y *lo* fue la extensión analógica del sincretismo de los pronombres de primera y segunda personas *me*, *te*, que funcionan tanto en acusativo como en dativo, a las formas de tercera persona, donde *le* suma las dos funciones, pero que, para mantener las diferencias de género, *le* asumió el acusativo masculino, *lo* el neutro, y *la* el femenino. Desconsidera que la apócope del castellano medieval haya influido en la confusión entre *le* y *lo*, ya que según él sólo afectó a *le* y no al *lo* neutro. Según él, una vez sustituido *lo* por *le* en acusativo masculino, por extensión analógica se produjeron el resto de los usos *no-etimológicos* del loísmo y del laísmo en las mismas zonas geográficas.

Para Fernández Ramírez (1987 [1951]) el factor desencadenante de la confusión entre *le* y *lo* fue el deseo de mantener la distinción genérica entre masculino y neutro, distinción eliminada por el sincretismo de *lo* acusativo singular, donde confluyen ILLUM e ILLUD (véase Tabla 1 en 2.1), utilizando así *le* para el masculino y *lo* para el neutro. En cuanto al loísmo y al laísmo retoma a Cuervo (1895) y explica esta relación como una tendencia a crear un *sistema flexional unicasual* para los casos oblicuos del singular suscitada por el sistema singular de los demostrativos *-e*, *-a*, *-o*, pero detenida ya que el plural carece de neutro, sin neutro en contraste con el singular y con dativo en contraste con el demostrativo.

Lapesa (2000 [1968]) aceptó la argumentación de Fernández Ramírez (1987 [1951]) y ponderó los factores referidos por Cuervo (1895) salvo en cuanto a la intervención de la apócope, que según él habría afectado tanto *le* como *lo*, favoreciendo la indistinción entre acusativo y dativo. Esta fue la hipótesis de trabajo de Marcos Marín (1978), Echenique Elizondo (1979; 1980; 1981) y Sanchis Calvo (1992), entre otros, sin haber obtenido conclusiones acordes al respecto. En relación con el leísmo, loísmo y laísmo, retoma de Fernández Ramírez (1987 [1951]) la tendencia a formar un paradigma de los pronombres átonos sin distinción de caso y basado en el modelo de los demostrativos *este*, *esto*, *esta* / *estos*, *estas*, de donde:

- a) puesto que *le* es masculino, aparecerá para todo O.D. independientemente de si es personal o de cosa (leísmo);
- b) si *la, las* son femeninos, se usarán tanto en acusativo como en dativo (laísmo);
- c) *lo* será neutro en acusativo y en dativo (loísmo con referente neutro);
- d) la forma plural *-os* de los demostrativos, así como los pronombres átonos de dativo y acusativo plurales *nos, os*, favoreció la extensión analógica de *los* al dativo plural (loísmo) y explica la poca frecuencia del leísmo plural.

Pero para Fernández Ordóñez (1993) la teoría de Lapesa (2000 [1968]) no explica los siguientes fenómenos:

- a) la mayor difusión y frecuencia de leísmo con O.D. personal o de entes animados;
- b) la existencia de leísmo plural;
- c) la existencia de leísmo femenino;
- d) el hecho de que ni *la, las* ni *lo, los* triunfen como formas de dativo.

Por este motivo tanto Fernández Ramírez (1987 [1951]) como Lapesa (2000 [1968]) consideraron también un segundo factor incidente en la génesis del fenómeno, ya propuesto por Salvá (1835 [1830]) y Bello (1995 [1847]), que corresponde con la segunda hipótesis.

La segunda hipótesis se basa en la tendencia del castellano a distinguir entre entes personales (animados) y no-personales (inanimados), tendencia ampliamente arraigada en muchas lenguas indoeuropeas. Esta hipótesis explicaría el leísmo y el desarrollo de *a* delante de O.D. personales, pero no el loísmo y el laísmo.

En esta línea coloca Fernández Ordóñez (1993) los trabajos de Salvá (1835 [1830]) y Bello (1995 [1847]), y a considerarla como una segunda hipótesis, coloca principalmente a Fernández Ramírez (1964; 1987 [1951]), y también a Lapesa (2000 [1968]), aunque por motivos etimológicos.

Lapesa (2000 [1968]), que quería una explicación etimológica, tras el examen de algunos textos medievales, concluye que el origen del leísmo está en la perduración del dativo regido por numerosos verbos latinos en sus correspondientes castellanos, los que, a pesar de ser transitivos, usan exclusivamente *le* o *lo* alternan con *lo* y *la*, siempre cuando se trata de complementos personales.

Según Fernández Ordóñez (1993; 1994; 1999), ninguna de estas hipótesis explica la totalidad de los fenómenos encontrados en los datos manejados por estos autores, además de

que dichos datos proceden exclusivamente de la lengua escrita culta, por lo que no serían representativos del fenómeno:

La principal objeción proviene de su incapacidad predictiva: el leísmo en sus diferentes tipos, el laísmo y el loísmo se juzgan como fenómenos de variación porcentual sobre el total de ejemplos observados, sin que pueda predecirse qué produce su aparición en cada caso salvo las tendencias mencionadas ni se aclare el porqué de la mayor frecuencia de unas confusiones frente a otras. Ello tiene su origen en no haber contemplado la posibilidad de que existieran diferencias dialectales entre las distintas áreas confundidoras del mundo hispanohablante y en haber manejado la misma y única hipótesis para todas ellas. [...] Al agrupar en el estudio estadístico los ejemplos sin segregarlos según la procedencia de los hablantes de una u otra zona confundidora, se distorsionan los datos (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1321-1322).

Fernández Ordóñez (1999) refiere que la tendencia de muchos autores de finales del siglo XX es trabajar a partir del análisis de la lengua hablada elaborando diferentes interpretaciones del fenómeno relacionadas directamente con el área geográfica investigada en cuestión, y que gracias a estudios sociolingüísticos se comprobó además la necesidad de diferenciar el habla culta del habla popular en cada zona estudiada, ya que el habla culta estaría siempre bastante próxima al sistema distinguidor de caso mientras que el habla popular es la que representaría al sistema autóctono de cada zona. Fernández Ordóñez (2001) refiere que la confusión de caso de los pronombres átonos de tercera persona sea un marcador sociolingüístico. Refiere que el leísmo de persona y masculino no se oculta en los registros más formales de la lengua hablada ni tampoco en la escritura, mientras que el resto de las confusiones pronominales es drásticamente reducido en tal contexto (hipercorrección) y que en la lengua hablada en situaciones informales el fenómeno se da con una regularidad inusitada, según estudios de Klein Andreu (1981; 1999).

En este contexto, Fernández Ordóñez (1993) presenta otras tres hipótesis de finales del siglo XX que tienen la virtud de basarse en datos recolectados directamente de hablantes relacionados con el área geográfica investigada en cuestión, diferenciando el habla culta del habla popular en cada zona estudiada.

La teoría de García (1975; 1977; 1983; 1986; 1990; 1992), que obtuvo los datos del español escrito y hablado de diferentes regiones del mundo hispanohablante, sostiene que la correcta interpretación de la variación entre *le* y *lolla* que se produce en ciertos contextos dependería de las distinciones semánticas que el hablante introduce para transmitir su mensaje, y estaría relacionada con las situaciones en las que el verbo selecciona tres

argumentos (sujeto, O.D., O.I.), situaciones que permiten la convivencia de *le* con *lolla*. En estas condiciones, el sujeto sería un elemento *activo, focal*, de la frase, y los objetos un elemento *menos activo, fuera de foco*, en la acción verbal, donde el grado de participación de la acción, el caso, y no el género, sería el factor que se esconde tras la variación. Según esta perspectiva el leísmo no debería existir en contextos de tres argumentos participantes, donde *le* y *lolla* contrastan sus valores, y sólo podría existir en los contextos de dos argumentos participantes (sujeto, O.D.). En este contexto de dos argumentos participantes dos parámetros determinarían la sustitución de *lolla* por *le*: la naturaleza del objeto y la del sujeto, así como el carácter del verbo: si activo, selecciona *lolla*, si estativo, *le*:

Si el objeto es “activo”, su participación en la acción se aproximará a la del sujeto y la referencia podrá realizarse mediante *le*. El objeto es más “activo” si es animado (*abrirlo (el paquete) – abrirle (a Juan)*), desempeña una actividad real (*el rey le mandó matar – el rey lo mandó matar, se la vio – se le vio salir (a ella)*), el sujeto es parte del objeto (*la piel le quemaba – lo quemó el sol*), es masculino (*le ayudó – la ayudó*), o se refiere a una segunda persona en señal de respeto o cortesía (*ayer le vi en el parque (a usted) – lo vi (a él)*). Por otro lado, si el sujeto no es tan “activo” como sería de esperar, el objeto estará más vinculado a la acción verbal y también podrá ser referido por *le*. El sujeto es débilmente “activo” si es inanimado (*nada le admira – nadie la admira*), o es inespecífico (*lo fusilaron – se le fusiló*) (1975: 307-342). Obsérvese que García considera como contextos de dos participantes algunas frases que en los análisis sintácticos más aceptados requieren tres, estando uno de ellos implícito (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1993, p. 6).

Según Fernández Ordóñez (1993, p.6) esta teoría: “pretende aclarar la semántica de los casos, explicar las estructuras sintácticas como mecanismos al servicio de la expresión del contenido que el hablante quiere transmitir, y no como restricciones o reglas que se le imponen”. Refiere que, aunque no explique las confusiones castellanas, y su planteamiento teórico no haya sido muy aceptado, para el leísmo de zonas *etimológicas* su estudio constituye el más completo *corpus* de datos sobre la alternancia de *le* con *lolla*, con la virtud de haber iniciado el estudio de la variación dialectal sobre datos obtenidos de hablantes y no exclusivamente de fuentes escritas.

En esta línea se ubican los trabajos de Flores Cervantes (1997; 2006), que retoma y profundiza la interpretación de García (1975; 1977; 1983; 1986; 1990; 1992) y sugiere, según refiere Fernández Ordóñez (2001, p. 24):

que el leísmo (y el laísmo y el loísmo) derivan de la “sensibilidad al grado de transitividad del evento” y de un “proceso de subjetivización por el que

nuevos valores de carácter pragmático” se han añadido al significado de los clíticos de dativo y acusativo. En su propuesta, al igual que en la de García, las tres confusiones se explican por una “dinámica subyacente única [a todos los dialectos] y simple que se origina en el significado del caso los clíticos”, según la cual *le* refiere prototípicamente a entidades humanas, animadas e individualizadas y *lo, la* a entidades inanimadas y no individualizadas (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 24).

Sin embargo, su hipótesis no consigue explicar las restricciones genéricas que aparecen en el examen del leísmo ni la menor frecuencia del leísmo plural frente al singular, así como la mayor frecuencia de laísmo frente a loísmo, del laísmo en singular y del loísmo en plural, entre otros problemas comunes a toda hipótesis que quiera explicar el leísmo peninsular castellano como una extensión del dativo.

La teoría de García González (1978; 1979; 1981) sobre el empleo de clíticos en Asturias y Cantabria, y la de Klein Andreu (1979; 1980; 1981a; 1981b; 1992) sobre el empleo de clíticos en Castilla la Vieja, son “el giro copernicano [...] de la dialectología y la sociolingüística” según Fernández Ordóñez (1993, p. 6-7).

Ambos autores llegaron a las mismas conclusiones estudiando independientemente el fenómeno del leísmo, loísmo y laísmo en diferentes regiones. De acuerdo con estas teorías, el uso de los pronombres átonos castellano depende tanto del género del referente como de su categorización sintáctica en continuo (no-contables, entes sin límites) y discontinuo (contable, entes individualizados o limitados) y, al igual que en los sistemas asturiano y cántabro: si el objeto referido se categoriza como continuo, se anula la concordancia de género (y es referido por *lo* tanto para referente masculino como femenino), y si se categoriza como discontinuo, se conservan las marcas morfológicas de género (masculinos: *le*, femeninos: *la*), de donde el leísmo se acompaña de loísmo y laísmo:

(46) [+ humano; + animado; + masculino; + singular; – continuo]

a. “**Lo** conocí en la mili” (KLEIN ANDREU, 1981a, p. 298): sistema casual (etimológico);

b. “**Le** conocí en la mili” (KLEIN ANDREU, 1981a, p. 298): sistema referencial con referente discontinuo: se conserva la marca morfológica de género para masculino: *le* (tradicionalmente denominado leísmo de persona).

(47) [+ humano; + animado; + masculino; + singular; – continuo]

“**Le** dieron un cargo oficial” (KLEIN ANDREU, 1981a, p. 298): sistema referencial coincide con el sistema casual (etimológico).

(48) [+ humano; + animado; – masculino; + singular; – continuo]

“**La** conocí en una fiesta” (KLEIN ANDREU, 1981a, p. 298): sistema referencial coincide con el sistema casual (etimológico).

(49) [+ humano; + animado; – masculino; + singular; – continuo]

a. “Su novio **le** dio una sortija” (KLEIN ANDREU, 1981a, p. 298): sistema casual (etimológico);

b. “Su novio **la** dio una sortija” (KLEIN ANDREU, 1981a, p. 298): sistema referencial con referente discontinuo, se conservan las marcas morfológicas de género para femenino *la* (tradicionalmente denominado laísmo).

(50) [– humano; – animado; + masculino; + singular; – continuo]

a. “**Lo** compramos de segunda mano” (KLEIN ANDREU, 1981a, p. 298): sistema casual (etimológico);

b. “**Le** compramos de segunda mano” (KLEIN ANDREU, 1981a, p. 298): sistema referencial con referente discontinuo: se conserva la marca morfológica de género para masculino: *le* (tradicionalmente denominado leísmo de cosa).

(51) [– humano; – animado; + masculino; + singular; – continuo]

“**Le** cambiamos la tapicería” (KLEIN ANDREU, 1981a, p. 298): sistema referencial coincide con el sistema casual (etimológico).

(52) [– humano; – animado; + masculino; + singular; +continuo]

“**Lo** tomamos con las comidas (al vino)” (KLEIN ANDREU, 1981a, p. 298): sistema referencial coincide con el sistema casual (etimológico).

(53) [– humano; – animado; + masculino; + singular; + continuo]

a. “Hoy día **le** añaden de todo (al vino)” (KLEIN ANDREU, 1981a, p. 298): sistema casual (etimológico);

b. “Hoy día **lo** añaden de todo (al vino)” (KLEIN ANDREU, 1981a, p. 298): sistema referencial con referente continuo, se anula la concordancia de género y es referido por *lo* (tradicionalmente denominado loísmo).

(54) [- humano; - animado; - masculino; + singular; + continuo]

“(antes) s’encendían con paja, pero duraba mucho la paja. Pero ahora, **esta paja larga lo** metes y a la media hora no hay nada” (KLEIN ANDREU, 1981a, p. 290) sistema referencial con referente continuo, se anula la concordancia de género y es referido por *lo* (tradicionalmente denominado loísmo).

Según Fernández Ordóñez (1993), este estudio le permitió demostrar a Klein Andreu (1980; 1981a) que, en contra de lo observado tradicionalmente, la frecuencia del leísmo con referente masculino plural es más alta que la del leísmo singular, y esto porque la distinción entre continuos y discontinuos no se extiende al plural, ya que solo entidades contables pueden pluralizarse (discontinuos), mientras que en el singular se dividen en discontinuos, referidos por *le*, y continuos, referidos por *lo*. Además de explicar por qué el leísmo de cosa haya sido siempre menos frecuente que el de persona, ya que personas y animales son contables, mientras que las cosas son contables, referidas por *le*, o no-contables, referidas por *lo*.

Este sistema de uso de los pronombres recibe el nombre de *referencial*, en oposición al *etimológico*, donde los pronombres se usan de acuerdo con distinciones funcionales de caso.

Según Fernández Ordóñez (1993), más allá de los nuevos principios propuestos para explicar la variación del uso pronominal y los no pocos interrogantes que deja por resolver, la importancia de la teoría de Klein Andreu (1979; 1980; 1981a; 1981b; 1992) radica principalmente en la metodología aplicada a través de la observación sociolingüística del fenómeno:

Ello le permite probar que existe, entre el sistema “etimológico” y el referencial, uno de compromiso, que caracteriza a la lengua culta peninsular. Ese sistema es básicamente “casual”, con la salvedad de tolerar *le* para objetos directos animados o personales en el masculino singular. Coincide, pues, con lo prescripto por la Real Academia [por aquel entonces RAE (1973)], y es el seguido mayoritariamente por los medios de comunicación, así como por muchos de los hispanohablantes cultos de regiones no-referenciales. Dentro de Castilla, según aumenta el nivel sociocultural de los hablantes, el habla se aproxima proporcionalmente a ese sistema de compromiso (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1993, p. 8).

Klein Andreu (1992a; 1992b) retoma de Cuervo (1895) la hipótesis sobre el sistema de compromiso, que suponía que el sistema hubiera sido creado por gramáticos que, ajenos a las confusiones, reunieron los rasgos comunes a los sistemas *etimológico* y *referencial*, donde *le* es el pronombre de los masculinos contables y *lo* se asocia con los inanimados en el *referencial* y donde *le* es el mayoritario para los animados y *lo* se asocia con masculinos en el *etimológico*, de ahí que se identifique a *le* como pronombre para los animados y a *lo* para los inanimados. Sin embargo, como refiere Fernández Ordóñez (1994, p. 10), esta hipótesis: “no explica todos los datos recogidos en textos antiguos, en los que aparece *leísmo* principalmente singular y asociado a animados, sin *laísmo* ni *loísmo*, mucho antes que existiese el deseo consciente de creación de una norma culta española”.

Ya que el análisis sociolingüístico de una comunidad de hablantes determinada en un período determinado, que tenga en consideración el aspecto socio-cultural de los hablantes, nos permite alcanzar una comprensión más aguda del fenómeno e incluso una teoría explicativa que abarque el fenómeno a nivel local, a diferencia de lo que ocurría con el análisis tradicional y estructural, limitado a fuentes escritas no siempre circunscriptas a una determinada comunidad hablante, y ni siquiera a un período determinado de la historia, y que obviamente no consideraba en lo más mínimo las diferencias diastráticas, como es el caso de Cuervo (1895), Fernández Ramírez (1964; 1987 [1951]) y Lapesa (2000 [1968]), entre muchos otros¹⁷; y ya que, como refiere Fernández Ordóñez (1994), aunque parezca obvio que todos los fenómenos de *leísmo*, *laísmo* y *loísmo* parten de la reorganización de un sistema básico, el llamado *etimológico*: hoy resulta evidente que el reanálisis de ese sistema no obedece a las mismas causas en todos los territorios hispanohablantes. Y es por esto que Fernández Ordóñez (1994; 1999) recomienda que, en contraste con el modo tradicional con el que se ha abordado el *leísmo*, *loísmo* y *laísmo*, en el que se han mezclado fenómenos de muy diverso origen, y más allá de diferenciar el uso pronominal autóctono de cada lugar del uso de la lengua estándar, seguido con mayor o menor fidelidad por el estrato sociocultural más elevado, tanto en la lengua escritura como en la hablada, en el análisis sociolingüístico se deban distinguir en la interpretación de los datos tres situaciones diferentes:

- a) el *leísmo* de las zonas distinguidoras de caso pronominal;
- b) el *leísmo* (y eventualmente un extraño *loísmo*) de las zonas donde el español convive con lenguas no-indoeuropeas carentes de la categoría de género;

¹⁷ Tuten (2003) refiere que las perspectivas internalistas no son suficientes para explicar el desarrollo histórico, tema que discutimos en el capítulo 3.

- c) el leísmo en los lugares en que está acompañado por laísmo y loísmo.

Fernández Ordóñez (2001), en base a todas estas teorías así como a los últimos estudios sociolingüísticos, realiza una revisión crítica sobre el problema del desarrollo histórico de los fenómenos de leísmo, loísmo y laísmo y sus hipótesis explicativas, ya que, según ella, la escuela filológica española, influida por la tradición instaurada por Ramón Menéndez Pidal, sostuvo no sólo que el reunificado reino de Castilla y León hablaba fundamentalmente una misma lengua, el castellano, sino también que esta variedad era en esencia uniforme, y aunque en teoría admitiera la existencia de ciertas diferencias entre el castellano del eje Burgos-Valladolid y el de Toledo o el de Sevilla, no fue capaz de explicar en qué consistían, salvo a respecto de la pronunciación. Fernández Ordóñez (2001) sostiene que la renuncia a explorar la posible variedad dialectal de los cambios gramaticales se debe al hecho de haber privilegiado la lengua de los textos literarios como fuente de datos lingüísticos, lo que según ella no ofrece en general pruebas seguras sobre la variedad que se refleja del texto y acaba por marginar dicho aspecto del análisis lingüístico y por atribuir una supuesta uniformidad dialectal a los datos del corpus:

Éste ha sido el método seguido en la investigación del leísmo, el laísmo y el loísmo, fenómeno aún sujeto a extraordinarias oscilaciones que dependen de la procedencia geográfica del hablante (así como de su ubicación sociológica e incluso personal). Es precisamente la persistencia moderna de una situación de variación asociada a factores geográficos y sociológicos dentro del territorio del antiguo castellano lo que nos permite descubrir la inadecuación del método empleado para su reconstrucción histórica. Esto es, el hecho de que diversos sistemas pronominales sigan compitiendo hoy en el habla de Castilla nos asegura que también probablemente competían en época antigua, aunque no sepamos todavía si eran exactamente los mismos, si habían alcanzado su configuración actual ni si su distribución geográfica era equivalente (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 9).

Para dicha revisión Fernández Ordóñez (2001) parte del principio de que la disposición geográfica actual de las diferentes manifestaciones de un fenómeno lingüístico puede mostrar diferentes estados cronológicos de su evolución así como de su distribución social, considerando que para cualquier hipótesis al respecto es necesario que el mapa dialectal contemporáneo combine con una reconstrucción plausible en función de la teoría del cambio lingüístico y de lo que sabemos sobre la historia lingüística del territorio:

En el caso de los pronombres átonos de tercera persona la disposición geográfica de los sistemas actualmente en uso muestra claramente un área

compacta en que el sistema castellano confundidor del caso (leísta, laísta y loísta) está rodeado, en la mayor parte de su perímetro, por el sistema distinguidor. Pero el límite lingüístico que separa ambas áreas no es nítido, sino que, como es propio de los *continua* dialectales, existen entre ellas zonas de transición en las que los criterios que determinan la selección pronominal se deben en parte a los principios basados en el caso y en parte a los principios castellanos basados en la referencia (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 10).

A partir de dichos datos sobre la distribución geolingüística moderna y de la documentación de épocas anteriores, así como de los instrumentos de reconstrucción lingüística de la lingüística comparada, como el método comparativo entre varias lenguas o dialectos y la reconstrucción interna entre formas que conviven en una misma lengua¹⁸, Fernández Ordóñez (2001) realiza la reconstrucción histórica del leísmo, laísmo y loísmo. De dicho estudio se desprende la siguiente distribución geolingüística moderna, para nada homogénea.

El sistema casual, de selección pronominal basada en el caso (Tabla 2), es el más extendido en el ámbito hispanohablante y en todas las lenguas romances¹⁹.

Tabla 2 Sistema casual (sistema etimológico): selección pronominal basada en el caso (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 10)

ACUSATIVO	Masculino	Femenino	Neutro
	lo(s)	la(s)	lo
DATIVO	le(s)		le

El sistema referencial, de selección pronominal basada en la categorización semántica del referente como continuo o discontinuo (Tabla 3), en el plural masculino presenta tres soluciones diferentes según el pronombre preferido: *les* (A): empleada en el norte (noroccidente de Burgos, Palencia y Valladolid); *los* (B): empleada en el sur (este de

¹⁸ Con relación a estos métodos, Fernández Ordóñez (2001, p. 21) aclara: “Estos métodos, de innegable utilidad para reconstruir fonemas o morfofonemas, no han sido juzgados tradicionalmente, en cambio, de clara aplicación a las relaciones sintácticas, de carácter más abstracto y cuya modificación no siempre se manifiesta en la superficie fónica de la lengua. El escepticismo ante las posibilidades de reconstruir la sintaxis ha sido parcialmente superado por nuevas perspectivas abiertas por la lingüística tipológica y comparada. Hoy son cada vez más los lingüistas que no descartan la reconstrucción sintáctica atendiendo a varios hechos: primero, los patrones morfosintácticos, pese a su carácter abstracto, muestran una variación regular, estrictamente equivalente a la variación regular entre sonidos o secuencias de sonidos; segundo, la orientación o dirección (“directionality”) de ciertos cambios, es decir, el hecho de que los cambios suelen seguir ciertas tendencias universales que establecen una jerarquía de implicación entre las categorías gramaticales, haciendo más esperables unas transformaciones que otras. Aunque el reanálisis, la analogía y el préstamo pueden oscurecer la correspondencia entre patrones morfosintácticos, no por ello debe descartarse de antemano la reconstrucción sintáctica”.

¹⁹ Ver ejemplos en el apartado (2.2): (1) - (27).

Salamanca y Cáceres, Ávila, oeste de Toledo y de Madrid) y *los* alternando con *les* (C): a oriente (este y sur de Burgos, sur de Valladolid, norte y centro de Segovia, oeste de Soria). Los territorios en que se emplea este sistema son: centro y occidente de Castilla, desde el sur de la cordillera cantábrica hasta La Mancha.

Tabla 3 Sistema referencial: selección pronominal basada en la categorización semántica del referente como continuo o discontinuo (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12)

ACUSATIVO Y DATIVO	DISCONTINUOS				CONTINUOS
	Singular		Plural		
	Masculino	Femenino	Masculino	Femenino	lo
	le	la	les (A) los (B) les~los (C)	las	

(55) [± humano; ± animado; + masculino; + singular; – continuo]

a. “**Al niño le** llevaron al hospital y **le** hicieron una radiografía” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: dativo y acusativo masculino singular humano con *le* (leísmo);

b. “**Al cerdo le** clavan el cuchillo para matar**le**” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: dativo y acusativo masculino singular animado con *le* (leísmo);

c. “**El tractor** hace tiempo que **le** vendimos para desguace porque **le** hubiéramos tenido que cambiar el motor” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: dativo y acusativo masculino singular inanimado con *le* (leísmo);

(56) [± humano; ± animado; – masculino; + singular; – continuo]

a. “**A María la** recoge un autobús para llevar**la** al trabajo y **la** dan de comer allí” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: acusativo y dativo femenino singular humano con *la* (laísmo);

b. “**A la oveja** hay que esquil**arla** teniendo cuidado de no dar**la** cortes” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: acusativo y dativo femenino singular animado con *la* (laísmo);

c. “**A esa camisa la** quité el cuello para arreglar**la**” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: acusativo y dativo femenino singular inanimado con *la* (laísmo);

- (57) [- humano; - animado; ± masculino; + singular; + continuo]
- a. “**El embutido** se cura colgándolo para que **lo** dé el aire” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente continuo: acusativo y dativo masculino singular inanimado con *lo* (loísmo);
 - b. “Según recogías **la sangre** del cerdo, **lo** revolvías, ibas dándolo vueltas” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente continuo: acusativo y dativo femenino singular inanimado con *lo* (loísmo);
- (58) [± humano; ± animado; - masculino; - singular; - continuo]
- a. “**A mis nietas las** he explicado bien todas las cosas de antes” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: dativo femenino plural humano con *las* (laísmo);
 - b. “**A las vacas las** dábamos de comer garbanzos y luego **las** sacábamos al campo” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: acusativo y dativo femenino plural animado con *las* (laísmo);
 - c. “**Las patatas, las pelus, las cortas, las** das una vuelta en la sartén y están buenísimas” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: acusativo y dativo femenino plural inanimado con *las* (laísmo);
- (59) [± humano; ± animado; + masculino; - singular; - continuo]
- Sistema A:
- a. “**A los niños les** dan de comer en el colegio. Por la tarde **les** trae un autobús” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: dativo y acusativo masculino plural humano con *les* (leísmo);
 - b. “**Los cerdos les** comprábamos de pequeñitos; para comer, **les** echábamos cebada” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: dativo y acusativo masculino singular animado con *les* (leísmo);
 - c. “**A los colchones** había que sacar**les** la lana para deshacer**les**” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: dativo y acusativo masculino singular inanimado con *les* (leísmo);
- Sistema B:

- d. “Cuando venían **los quintos**, **los** recibían y **los** daban dinero” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: acusativo y dativo masculino plural humano con *los* (loísmo);
- e. “Cuando criaba **conejos**, **los** tenía en jaulas y **los** echaba pienso compuesto” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: acusativo y dativo masculino plural animado con *los* (loísmo);
- f. “**Esos muebles** antiguos **los** llevó al casarse, pero antes **los** quitó el polvo” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 12) sistema referencial con referente discontinuo: acusativo y dativo masculino plural inanimado con *los* (loísmo).

Además de estos dos sistemas extremos, que parecen representar la máxima conservación e innovación, Fernández Ordóñez (2001) reconoce paradigmas pronominales con características de ambos sistemas en las zonas que rodean al sistema referencial.

El sistema Cántabro, que mantiene la distinción casual pero presenta algunos rasgos propios del sistema referencial (Tabla 4). Cantabria, al norte del sistema referencial, donde los pronombres referidos a O.D. singulares se seleccionan según la categorización en continuos o discontinuos, y dentro de los discontinuos, por el género. Los pronombres que refieren O.D. discontinuos, masculinos *le* y femeninos *la*, y continuos *lo* son los mismos del sistema referencial. La marca de continuidad / discontinuidad también existe en el dialecto vecino del astur-leonés centro-oriental, pero en esta variedad los pronombres empleados son: *lu* y *la* para discontinuos masculinos y femeninos, y *lo* para continuos. El sincretismo de la forma *le* para referir a O.D. y O.I. masculinos y discontinuos no implica la pérdida de la categoría del caso.

Tabla 4 Sistema Cántabro: mantiene la distinción casual pero presenta algunos rasgos propios del sistema referencial (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 13)

ACUSATIVO	DISCONTINUOS				CONTINUOS
	Singular		Plural		
	Masculino	Femenino	Masculino	Femenino	
	<i>le</i>	<i>la</i>	<i>los</i>	<i>las</i>	<i>lo</i>
DATIVO	<i>le</i>		<i>les</i>		<i>le</i>

(60) [\pm humano; \pm animado; + masculino; + singular; – continuo]

- a. “Tenemos **un frigorífico nuevo. Le** Hemos puesto aquí” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 13) sistema cántabro con referente discontinuo: acusativo masculino singular inanimado con *le* (leísmo);
- b. “Vimos **ese perro y le** compramos” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 13) sistema cántabro con referente discontinuo: acusativo masculino singular animado con *le* (leísmo);
- c. “**Juan** hace tiempo que no **le** veo” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 13) sistema cántabro con referente discontinuo: acusativo masculino singular humano con *le* (leísmo);

(61) [- humano; - animado; ± masculino; + singular; + continuo]

- a. “Se llevaba **maíz** al molino y allí **lo** molían” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 13) sistema cántabro con referente continuo: acusativo masculino singular inanimado con *lo*;
- b. “En el verano había que recoger **hierba** y traer**lo** a casa para el invierno” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 13) sistema cántabro con referente continuo: acusativo femenino singular inanimado con *lo* (loísmo).

El sistema del País Vasco y del norte de Navarra, en el borde nororiental del sistema referencial (Tabla 5) se caracteriza por el empleo de *le / les* como pronombres que refieren a O.D. animados, con independencia de género, y por el hecho de que se pueda formalizar la referencia a los O.D. inanimados a través de un objeto nulo o mediante los pronombres *lo / los – la / las* como en el sistema casual, al igual que los pronombres de dativo en los objetos inanimados. Comparte con el sistema referencial y con el sistema cántabro el uso de *le* para referir O.D. masculinos animados.

Tabla 5 Sistema del País Vasco y del norte de Navarra (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 14)

ACUSATIVO	ANIMADOS	INANIMADOS		
		Masculino	Femenino	Neutro
	le(s)	Ø / lo(s)	Ø / la(s)	Ø / lo
DATIVO	le(s)	le(s)		le

(62) [\pm humano; + animado; \pm masculino; \pm singular]

a. “**Al hijo le** veo todos los días” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 14) sistema del País Vasco y del norte de Navarra con referente animado: acusativo masculino singular humano con *le* (leísmo);

b. “Miren estaba tan guapa que no podía dejar de mirarle” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 14) sistema del País Vasco y del norte de Navarra con referente animado: acusativo femenino singular humano con *le* (leísmo);

c. “A **los cerdos** el carnicero **les** agarra así y **les** mata” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 14) sistema del País Vasco y del norte de Navarra con referente animado: acusativo masculino plural con *les* (leísmo);

d. “A mí me gustaban mucho **las gatas**; por eso **les** tengo todavía” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 14) sistema del País Vasco y del norte de Navarra con referente animado: acusativo femenino plural con *les* (leísmo);

(63) [– animado; \pm masculino; \pm singular]

a. “**La carta_i** no \emptyset_i he escrito todavía” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 14) sistema del País Vasco y del norte de Navarra con referente inanimado: elisión de pronombre acusativo femenino singular *la*;

b. “¿Qué hace **esto** aquí? No sé, su dueño \emptyset_i trajo para arreglar y no ha vuelto [**un coche_i**]” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 14) sistema del País Vasco y del norte de Navarra con referente inanimado: elisión de pronombre acusativo masculino singular *lo*.

Sistemas Transicionales detectados alrededor de la zona referencial (Tabla 6). Todas las áreas transicionales se caracterizan por el uso de *le* para O.D. masculino singular animado y contable. La Tabla 6 sintetiza los aspectos comunes a dos de las principales áreas transicionales detectadas alrededor de la zona referencial: una al sureste que comprende la esquina noroccidental de Ciudad Real, el oriente de Toledo y el occidente de Guadalajara, y la otra al nordeste: comarca vizcaína de Las Encartaciones y los territorios de la esquina nororiental de Burgos. Cuando el leísmo afecta a la mayoría de las entidades contables masculinas, comienza a aparecer *lo* para referir los O.D. continuos femeninos (así como un cierto laísmo en singular). La única diferencia es la presencia de *les* como pronombre de acusativo masculino plural al norte.

Tabla 6 Sistemas Transicionales detectados alrededor de la zona referencial (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 14)

ACUSA-TIVO	SINGULAR				PLURAL		
	MASCULINO			FEMENINO		MASCU-LINO	FEMENINO
	Animado	Inanimado		Contable	No- contable		
		Contable	No- contable				
	le (< lo)	le (< lo)	lo	la	la (< lo)	los	las
DATIVO	le	le	le	le	les	les	

Fernández Ordóñez (2001) sostiene que en base a las relaciones gramaticales todos los paradigmas muestran flexión asociada al número, pero ofrecen diferencias en la manifestación del caso, la animación, la (dis)continuidad y el género, como podemos ver en la Tabla 7:

Tabla 7 Comparación entre las relaciones gramaticales señaladas por cada sistema (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 21)

	Asturiano	Cántabro	Castellano	Vascuence	Transición	Distinguidor:
CASO	+	+	-	+	+	+
ANIMACIÓN	-	-	-	+	+/-	-
(DIS)CONTINUIDAD	+	+	+	-	+/-	-
GÉNERO	+	+	+	-	+	+

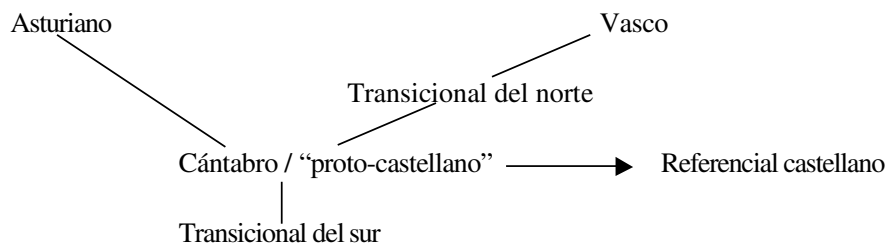
De aquí, Fernández Ordóñez (2001, p. 21-22), desprende que:

- las divergencias entre los paradigmas asturiano y cántabro emergen de la selección de distintos pronombres para señalar las mismas relaciones; desde un punto de vista abstracto, bien puede hablarse de un sistema astur-cántabro;
- el sistema castellano coincide con el asturiano y el cántabro en gran parte de la nómina de categorías pertinentes ((dis)continuidad, género), pero se diferencia en carecer de la categoría de caso;
- el paradigma del romance vascuence no presenta categorías en común con el castellano;
- El sistema transicional parece sensible a todas las categorías, hecho que pareciera situarlo como el más completo y potencialmente como el más antiguo de todos (antigüedad forzosamente aparente, ya que no puede ser anterior al distinguidor del

caso). Restringe las marcas gramaticales de animación y (dis)continuidad exclusivamente al masculino singular.

Según Fernández Ordóñez (2001) los sistemas más antiguos son el distinguidor de caso, de origen latino y presente en todas las lenguas románicas, el del romance en contacto con el vascuence, producto de un bilingüismo plurisecular que remonta a la llegada del latín, y el sistema asturiano, anterior a los sistemas cántabro, de transición y el castellano (y que, de estos, el que ha perdido el caso es el más innovador y por ello debe ser el más moderno):

Esquema 1 Evolución diacrónico dialectal (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 38)



Fernández Ordóñez (2001) refiere que parece natural explicar el paradigma castellano como una evolución a partir del sistema astur-cántabro, paso que se caracterizó por prescindir del caso: ni el sistema cántabro ni el del español vasco ni los de las áreas de transición que rodean al referencial han eliminado totalmente las distinciones casuales. Y sostiene que, desde un punto de vista tipológico-comparativo, hay pruebas de que la pérdida de caso es una evolución documentada con relativa frecuencia en la historia de diferentes lenguas: dadas varias lenguas emparentadas con diferente nómina de casos, es más probable que los sistemas más complejos representen un estado anterior que los más simples. Considera entonces que el sistema referencial representa una innovación respecto del sistema previo. Además sostiene que, comparando las formas pronominales empleadas por cada sistema, se hace evidente que todos los paradigmas que rodean geográficamente al referencial comparten con él un rasgo común: la extensión del *le* dativo al acusativo referido a objetos masculinos singulares animados, único elemento común con todos los sistemas transicionales, y sugiere que dicho leísmo constituye el primer paso que condujo a un proceso de pérdida global de las distinciones de caso en el sistema referencial. Refiere que (a la fecha de su trabajo), hay dos hipótesis que explican el surgimiento de dicho leísmo:

- a) como una reorganización de origen interno cuya motivación sería una extensión de la morfología del dativo destinada a marcar el carácter más animado del O.D., entre otros factores sensibles a la transitividad del evento (formulada por Salvá (1835 [1830]) y Cuervo (1895) en el siglo XIX y retomada por Fernández Ramírez (1964; 1987 [1951]) y Lapesa (2000 [1968]) y que fue la mayoritariamente seguida por la escuela filológica española, agregándose posteriormente incluso nuevos argumentos y reformulando nuevas teorías, como García (1975; 1977; 1983; 1986; 1990; 1992) y Flores Cervantes (1997; 2006), como ya vimos²⁰);
- b) inducido por el contacto lingüístico con el vascuence, de donde el romance hablado en contacto con el vascuence sería el más antiguo (que según Fernández Ordóñez (2001) resulta corroborada por la evidencia del comportamiento semejante del español en contacto con otras lenguas no-indoeuropeas y alejadas de la Península y entre sí, como el quechua ecuatoriano y el guaraní, ya que “todas estas lenguas, pese a la lejanía genética y tipológica entre ellas, ofrecen leísmo, asociado fundamentalmente a objetos animados, masculinos y femeninos, y comparten al menos una característica común: carecer de la categoría de género” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 2001, p. 31)).

²⁰ Fernández Ordóñez (2001, p. 26-27) refiere que dicha hipótesis plantea muchas dificultades: “En primer lugar, es incapaz por sí misma de dar cuenta de las ‘irregularidades’ características de los sistemas de transición o de los textos que se corresponden con ellos, que se complacen en documentar casi exclusivamente leísmo masculino y singular (y apenas femenino ni plural). Desde el punto de vista gramatical, no hay motivos que expliquen por qué *le* pasó de marcar el dativo a referir a los objetos directos sólo masculinos (animados, primero, y discontinuos, después). Si el motivo hubiera sido una extensión de la forma de dativo *le* a los objetos directos que eran semánticamente idénticos a los objetos indirectos, esto es, los objetos animados, sería de esperar que esa extensión hubiera afectado a los objetos tanto masculinos como femeninos siempre que fueran animados, tal como sucede en el romance hablado en contacto con el vasco. Además, esa extensión hubiera tenido lugar también en el plural (*les* en lugar de *los, las*). No hay razones en el sistema casual que expliquen la restricción genérica y de número singular propia de los sistemas transicionales. En segundo lugar, si adoptamos una perspectiva panorámica, hay que destacar que la extensión de la morfología del dativo al acusativo no presenta ningún otro paralelo. En el centro y sur de Italia, en los dialectos en los que también es categórico el empleo de *a* ante objetos directos personales, esto es, en que se dan potencialmente las mismas circunstancias peninsulares, no existe leísmo. Tampoco hay leísmo en ningún dialecto del francés, ni en otras lenguas con acusativo preposicional como el portugués, el catalán, el sardo o el rumano. Es más, desde un punto de vista tipológico está probado que la eliminación progresiva de los casos sigue una jerarquía según la cual son los casos menos marcados o nucleares los que más tarde se pierden. De acuerdo con esta jerarquía, sería de esperar que la pérdida de la oposición entre dativo y acusativo tuviera lugar a favor del acusativo, y no del dativo. Y si observamos el comportamiento del español en las zonas distinguidoras del caso y el de otras lenguas románicas, vemos plenamente colmada esta expectativa. En efecto, en el español del mediodía peninsular, de Canarias y de América (especialmente en el del cono sur, Chile, Argentina, Uruguay, Perú) está teniendo lugar la transitivización de estructuras que en otras áreas distinguidoras de América o de la Península siguen exigiendo morfología de dativo. Y el mismo fenómeno hallamos en el tránsito del francés antiguo al moderno, en el área gallego-portuguesa, en el paso del italiano antiguo al moderno, y en algunos dialectos del sur de Italia y del sardo”.

Con relación a la hipótesis a), Tuten (2003) refiere que ya a partir del siglo XIII hay dos tipos de leísmo firmemente establecidos en la norma castellana, uno basado en la distinción continuo/discontinuo y el otro, menos frecuente, basado en la distinción animado/inanimado, ambos en competición con el sistema etimológico. También refiere que el fenómeno del leísmo singular precedió al leísmo plural (indicios en el siglo XIII), al laísmo (a partir del siglo XIV) y al loísmo (siglo XVI), los que se desarrollaron más tarde. También refiere que los límites geográficos del fenómeno del leísmo permanecieron extremadamente estables a lo largo de los siglos y que no hay evidencias de que se hubiera instalado en Andalucía y sur de España.

Con relación a la hipótesis b), Tuten (2003) refiere que el leísmo se encuentra en muchas variedades del mundo hispanohablante y que en América está presente en las variedades resultantes del contacto con lenguas indígenas como el quechua en la región Andina y el guaraní en Paraguay, y que el leísmo más radical (*“In such varieties le(s) is often used for dative and accusative, masculine and feminine, singular and plural reference”* (TUTEN, 2003, p. 175)) es similar al encontrado también en el español del País Vasco.

Con relación al origen de ambos tipos de leísmo (continuo/discontinuo, animado/inanimado), Tuten (2003) asume la hipótesis de Fernández Ordóñez (2001):

She has argued that internal factors and external factors must be considered in tandem in order to arrive at an explanation for the origin of both types of leísmo. Fernández Ordóñez assumes – and I agree – that leísmo originated in Old Castile with count reference, and that leísmo used for animate reference arose only later [...]. In her view, the first reanalysis of le occurred as a result of language contact in the area that I have labelled primitive Castile, where system T now exists [Transicional del norte (Tabla 6)]. There, Cantabrian speakers using system G [Cántabro (Tabla 4)] entered into contact with Basques using system I [País Vasco y norte de Navarra (Tabla 5)]. As a result of this contact, the Cantabrian speakers borrowed the extensive use of le that they encountered in the Basques' system I (i.e. use of le(s) for masculine and feminine, singular and plural, dative and accusative, animate referents). This borrowing was favored by an internal factor: the ambiguity of sentences structures employed by Basque speaker-learners of Romance (TUTEN, 2003, p. 191).

Según Tuten (2003) dicho préstamo puede verse en el siguiente ejemplo:

- (64) a. “–Q: ¿Devolviste **el libro**[_i] **a Juan**?” (TUTEN, 2003, p. 191) [– humano; – animado; + masculino; + singular; – continuo] y [+ humano; + animado; + masculino; + singular; – continuo];

- b. “-A: Ya **le** [Ø_i] devolví.” (TUTEN, 2003, p. 191) [- humano; - animado; + masculino; + singular; - continuo] y/o [+ humano; + animado; + masculino; + singular; - continuo].

De dónde:

The structure of the answer [(64.b)] would be understood differently by the Basque speaker producing it and the Cantabrian Romance speaker trying to parse it. For the Basque, the le would refer to Juan [(64.a)], and accusative reference to the book [i] would be understood as unexpressed [Ø_i], in accordance with system I [País Vasco y norte de Navarra (Tabla 5)]. On the other hand, for the Cantabrian Romance speaker, the le [(64.b)] would be understood as referring to the direct object [el libro: (64.a)], since direct objects whith specific reference cannot be suppressed in other varieties of Romance, including system G [Cántabro (Tabla 4)]. It was the surface ambiguity in sentences of this type which favored the reanalysis of le within the original Cantabrian system. Moreover, this reanalysis occurred in stages (TUTEN, 2003, p. 191-192).

Según Fernández Ordóñez (2001) la primera etapa está presente en el sistema Transicional del norte (Tabla 6), donde todavía hay alternancia entre animado/inanimado (País Vasco y norte de Navarra (Tabla 5)) y continuo/discontinuo (sistemas Asturiano-Cántabro), y sólo después las adopciones de *le* en otras áreas conducirían a su asociación exclusiva con sustantivos contables como en el sistema Cántabro (Tabla 4).

Tuten (2003) considera que dichos argumentos sean el más serio intento de explicación del origen y evolución del fenómeno del leísmo, aunque no concuerda con la cronología y factores que desencadenaron el leísmo temprano propuesto por Fernández Ordóñez (2001). Tuten (2003) sostiene que el factor desencadenante está en la ambigüedad estructural que surgió como resultado de las apócofes tempranas de los pronombres de objeto (confusión propuesta por Cuervo (1895) y retomada luego por Lapesa (2000 [1968]), Echenique Elizondo (1981) y Sanchis Calvo (1992), como vimos al inicio de este apartado), y que la koinización, en lugar de un estricto contacto lingüístico, jugó un papel clave en el origen del leísmo:

To begin, following Fernández Ordóñez' emphasis on external factors, it is reasonable to suppose that koineization (rather than strict language contact) played the key role in the origin of leísmo, for it arose and remained in the central Castilian areas where demographic and dialect mixing were most intense (TUTEN, 2003, p. 191-192).

Pasamos ahora a la descripción del sistema pronominal átono de tercera persona en el español paraguayo.

2.4 EL SISTEMA PRONOMINAL ÁTONO DE TERCERA PERSONA EN EL ESPAÑOL PARAGUAYO

Según la bibliografía especializada relevada en esta tesis, en el sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo se pueden encontrar los siguientes fenómenos: leísmo, loísmo y elisión de clíticos diferentes del español estándar.

A continuación, describiremos estos fenómenos según lo que refieren los autores que se han ocupado del tema: Herreros (1976), Granda (1982), Fernández Ordóñez (1999), Palacios (2000) y Symeonidis (2013).

2.4.1 El fenómeno del leísmo:

Según Granda (1982) una de las peculiaridades más significativas de la baja estandarización del español paraguayo está claramente representada por el sistema pronominal átono de tercera persona, en el que se produjo una situación de leísmo extremadamente particular, donde la forma *le* es empleada, además de como O.I. singular y plural referida a sustantivos masculinos, femeninos y neutros, también como O.D. singular y plural, masculino y femenino.

Granda (1982) sostiene que el leísmo paraguayo no se da, contra lo que exponen Kany (1969 [1945]) y Herreros (1976), solamente cuando se refiere a persona, a diferencia del leísmo peninsular europeo y americano en general, en el que ésta es la característica principal del fenómeno. Granda (1982) sostiene que el leísmo paraguayo se extiende además a la designación de cosa tanto en singular como en plural y en masculino, femenino o neutro, empleándose en todos los casos la forma *le*. Se trata, en resumen, de un leísmo individualizado por dos rasgos esenciales: su absoluta generalidad, abarcando referentes [\pm humano; \pm animado; \pm masculino; \pm singular], y su invariabilidad formal, ya que el morfema *le* funciona en el español paraguayo como única forma de O.D. y O.I. para la totalidad de los casos posibles sintácticamente, independientemente del género, el número y la caracterización semántica del sustantivo al que es referido.

Según Granda (1982), desde el punto de vista diatópico no hay diferencias en el empleo de la forma *le* como O.D. y O.I. en ninguna zona del país, y desde el punto de vista

diastrático el leísmo paraguayo se encuentra en los isoelectos más distanciados de la norma lingüística regional en la totalidad de sus registros orales y escritos y en los isoelectos medios y superiores en los registros orales fundamentalmente, aunque también se dan casos en el registro escrito, y en circunstancias preferentemente no formales, si bien, en ocasiones normales, se pueden encontrar también casos de leísmo, sobre todo referidos a sustantivos caracterizados por las notas [+ humano; + animado; + singular] independientemente del sexo y edad de los hablantes. Sin embargo, Granda (1982) proporciona sólo cuatro ejemplos pertenecientes a la lengua escrita literaria que extrajo de Appleyard (1973):

- (65) [+ humano; + animado; - masculino; + singular] o [- humano; - animado; + masculino; + singular]

“Y así para lo pasajero, que le desea felí viaje y cuanto pa va a tardar y que tiene teléfono si se quiere llamar a cualquier parte. Y mucho **gente** habla por **teléfono** y también se **le** llama a ello” (APPLEYARD, 1973, p. 40 apud GRANDA, 1982, p. 263).

Aquí *se le llama a ello* se podría interpretar de dos maneras: a) referido al sujeto *gente* o b) referido al complemento circunstancial de instrumento *teléfono*. En la interpretación a) se utiliza el pronombre de tercera persona singular de dativo *le* en lugar de *la*, pronombre de tercera persona femenino singular de acusativo para referirse a *gente*. En la interpretación b) se utiliza el pronombre de tercera persona singular de dativo *le* en lugar de *lo*, pronombre de tercera persona masculino singular de acusativo para referirse a *teléfono*.

- (66) [- humano; - animado; - masculino; + singular]

“...y tiene todo su **torre** iluminada pero cuando yo **le** ví parece que no é tan alta como vo eperá” (APPLEYARD, 1973, p. 40 apud GRANDA, 1982, p. 263).

Aquí se utiliza el pronombre de tercera persona singular de dativo *le* en lugar de *la*, pronombre de tercera persona femenino singular de acusativo para referirse a la *torre*.

- (67) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

“...un **billete** medio viejo ya, pero no etaba roto. Masiado bien me acuerdo que saqué y **le** puse ahí...” (APPLEYARD, 1973, p. 40 apud GRANDA, 1982, p. 263).

Aquí se utiliza el pronombre de tercera persona singular de dativo *le* en lugar de *lo*, pronombre de tercera persona masculino singular de acusativo para referirse al *billete*.

(68) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]

“Y entonces mi primo me recordó que **su mamá** o sea **mi tía** é también **mi maína** y tengo que pascuar por ella... y entonces, a la do de la mañana me subí en el caballo y me juí a la casa y a la do y media por ahí llegué y **le** deperté para pascuarle y ella me abrazó” (APPLEYARD, 1973, p. 40 apud GRANDA, 1982, p. 263).

Aquí se utiliza el pronombre de tercera persona singular de dativo *le* en lugar de *la*, pronombre de tercera persona femenino singular de acusativo para referirse a la *tía*.

Palacios (2000) refiere que cuando el referente es [+ humano; + masculino; ± singular] y [+ humano; - masculino; + singular] el O.D. es pronominalizado mediante la forma *le* y que cuando el referente es [+ humano; - masculino; - singular] la pronominalización del O.D. se realiza mediante la forma de acusativo *la(s)*. No encuentra en el *corpus* ejemplos de objetos pronominalizados mediante *le* con referentes [- masculino; - singular] y refiere que sus informantes paraguayos universitarios le confirmaron que la norma local no admite “*le veo a las niñas sino las veo a las niñas*” (PALACIOS, 2000, p. 128):

(69) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]

“Yo **le** vi al niño” (PALACIOS, 2000, p. 123);

(70) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]

“Yo **le** vi a la niña” (PALACIOS, 2000, p. 123);

(71) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]

“Yo **le** vi a los niños” (PALACIOS, 2000, p. 123);

(72) [+ humano; + animado; - masculino; - singular]

“Yo **la(s)** vi a las niñas” (PALACIOS, 2000, p. 123).

Cuando el referentes es [- humano; - animado; ± masculino] refiere que la pronominalización del O.D. se efectúa mediante la forma *le*, de manera similar a lo que ocurre en las variedades de español de Ecuador y del País Vasco, pero los ejemplos que da en este

último caso los retoma de Granda (1982): (66) y (68), ya que refiere haber encontrado solo dos ejemplos y que tal dificultad obedece a la generalización de la elisión de objeto [-animado].

Desde el punto de vista diatópico y diastrático afirma que el leísmo de persona está muy generalizado, excepto en los objetos cuyos referentes son [- masculino; - singular], y que dicho leísmo afecta a todos los sociolectos, pero parece predominar en los sociolectos medio y medio altos, generalmente con instrucción universitaria, así como parece predominar en la población urbana, a diferencia de la población rural, que utiliza el loísmo, y que esta generalización del leísmo no anula el uso de otras formas pronominales minoritarias. Aclara también que ha encontrado en la muestra de la zona rural loísta una cierta minoritaria variación pronominal leísta, pero no transcribe los ejemplos.

Palacios (2000) trabaja con un *corpus* heterogéneo extraído principalmente de encuestas y grabaciones directas de hablantes paraguayos bilingües guaraní-español (de ambos sexos, de edades entre los 25 y 45 años, de zonas rurales y urbanas de Asunción, con distinto estatus sociocultural e instrucción primaria, secundaria y universitaria) y datos de la lengua escrita extraídos de otros estudios de naturaleza gramatical, así como de textos literarios.

Fernández Ordóñez (1999) refiere que el español paraguayo y de la región guaraníca argentina popular (Corrientes, Misiones y la parte oriental de Chaco y Formosa) utiliza la forma *le* como único clítico de tercera persona para los objetos [+ animados] independientemente de la función sintáctica, género y número del antecedente (73, 74, 75, 76), y que el español paraguayo de nivel socio cultural más elevado introduce la distinción de número distinguiendo *le* y *les* (77, 78, 79) y extendiendo el uso de estos pronombres para referirse a objetos [- animados] (79). Pero los ejemplos que refiere los toma de Vidal de Battini (1964), Herreros (1976), Granda (1982) y Sanicky (1989):

(73) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]

“**Le** lleva **a su hijo** arrastrando de su brazo” (HERREROS, 1976, p. 55 apud FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).

(74) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]

“**Le** saludo **a la señora**” (VIDAL, 1964, p. 161 apud FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).

- (75) [- humano; + animado; + masculino; + singular]
 “Y **le** mataron **al zorro** los perros” (VIDAL, 1964, p. 162 apud FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).
- (76) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]
 “Es la edad más pesada para criar**le a los chicos**” (SANICKY, 1989, p. 190 apud FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).
- (77) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]
 “Yo **les** conozco [**a todos los que están acá**]” (SANICKY, 1989, p. 189 apud FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1349)
- (78) [+ humano; + animado; - masculino; - singular]
 “Viene alguien y **les** lleva [**a las criaturas**]” (SANICKY, 1989, p. 189 apud FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1349).
- (79) [- humano; + animado; - masculino; - singular]
 “Vos **les** tenés que asustar **a las gallinas**” (VIDAL, 1964, p. 162 apud FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1349).
- (80) [- humano; - animado; -+ masculino; + singular]
 “**El patio** estaba seco, **le** regué un poquito” (SANICKY, 1989, p. 190 apud FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1349).

Symeonidis (2013) refiere que en el leísmo del español paraguayo se emplea como única forma el pronombre personal de tercera persona *le* para referentes tanto [\pm singular], y que en los pocos casos en que se utilizan los pronombres estándar de acusativo ocurre solamente en la clase alta²¹.

El *corpus* de Symeonidis (2013) pertenece al *Atlas lingüístico Guaraní-Románico*²² (THUN, 2002), del que refiere haber participado directamente en la recolección de los datos.

²¹ En su investigación se refiere a bilingües con entre 5 y 8 años de escolarización.

²² Zimmermann (2015) refiere que para el atlas fueron escogidos solamente informantes bilingües, que en el cuestionario se consideraron la variación dialingual, diatópica, diastrática, diageneracional, diasexual, diafásica y diareferencial y que se limita a dos clases sociales, alta y baja, según el nivel de escolaridad, y a dos grupos etarios.

Aclara que para su investigación utilizó 86 entrevistas de informantes de Asunción, Tacumbú, Paraguari, Caazapá, Alto Paraná, San Pedro, Amambay, Concepción y Alto Paraguay, divididos en dos clases sociales en función del grado de escolarización: clase baja (Cb), con hasta cuatro años de escolarización, y clase alta (Ca), con entre 5 y 8 años de escolarización (distribución diastrática), y en dos grupos etarios: (GI) de 18 a 36 años y (GII) de más de 50 años (distribución diagenacional). Refiere que para examinar las interferencias en el uso de los pronombres en posición de objeto directo se dio a los informantes 12 frases guaraníes (4 [+ humano], 4 [+ animado] y 4 [- animado]) para que fueran traducidas al español y que para el artículo en cuestión utiliza exclusivamente las de referente [+ humano]:

(81) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]

a. “*Che aikua’a karai Calópe. Che irũ oikua’a ichupe avei*” (SYMEONIDIS, 2013, p. 59-60) fue traducida utilizando *le* (a, b y c) por el 94% de los informantes, y utilizando *lo* (b, c y d) por el 14%, de donde: el 100% que utilizó *lo* pertenece a Ca, no hay diferencia diagenacional significativa ya que de GI el 94% utilizó *le* y el 6% *lo* y de GII el 95% utilizó *le* y el 5% *lo*:

b. “Yo **le** conozco **al señor Carlos**. Mi amigo también **le** conoce”;

c. “Yo **le** conozco **al señor Carlos**. Mi amigo también **lo** conoce”;

d. “Yo **lo** conozco **al señor Carlos**. Mi amigo también **le** conoce”;

e. “Yo **lo** conozco **al señor Carlos**. Mi amigo también **lo** conoce”.

(82) [+ humano; + animado; – masculino; + singular]

a. “*Ña Lola oiko ñanandy rupi. Ahecha ichupe hy’aipa*” (SYMEONIDIS, 2013, p. 60-62) fue traducida utilizando *le* (b) por el 78% de los informantes, y utilizando *la* (a) por el 22%, de donde: del 78% que utilizó *le* el 46% pertenece a Ca y el 54% a Cb, y del 22% que utilizó *la* el 100% pertenece a Ca, de los que utilizaron *le*, el 56% pertenece a GI y el 44% a GII, de los que utilizaron *la*, el 58 % a GI y el 42% a GII:

b. “**Doña Lola** anda por el yuyal/monte/bosque. **La** he visto/vi sudar”;

c. “**Doña Lola** anda por el yuyal/monte/bosque. **Le** he visto/vi sudar”.

(83) [+ humano; + animado; + masculino; – singular]

a. “*Vito ha Kale’i oho mbo’ehaópe. Imbo’ehára ohayhu ichupekuéra*” (SYMEONIDIS, 2013, p. 62-64) fue traducida utilizando *le* (c) por el 63% de los informantes, utilizando *les* (b) por el 25% y utilizando *los* (a) por el 12%, de donde: el

42% que utilizó *le* pertenece a Ca y el 58% a Cb, el 62% que utilizó *les* pertenece a Ca y el 38% a Cb y el 100% que utilizó *los* pertenece a Ca, pertenecen a GI el 52% que utilizó *le*, el 76% que utilizó *les* y el 60% que utilizó *los* y a GII el 48% que utilizó *le*, el 24% que utilizó *les* y el 40% que utilizó *los*:

- b. “**Víctor y Carlos** van a la escuela. Su profesor/maestro **los** quiere”;
- c. “**Víctor y Carlos** van a la escuela. Su profesor/maestro **les** quiere”;
- d. “**Víctor y Carlos** van a la escuela. Su profesor/maestro **le** quiere”.

(84) [+ humano; + animado; – masculino; – singular]

a. “*Sele ha Livo ijukyeterai. Heta kuimba’e oguarahase ichuepe kuera jerokyhápe*” (SYMEONIDIS, 2013, p. 64-66) fue traducida utilizando *le* (c) por el 81% de los informantes, utilizando *les* (b) por el 4% y utilizando *las* (a) por el 15%, de donde: el 41% que utilizó *le* pertenece a Ca y el 59% a Cb, el 100% que utilizó *les* pertenece a Ca y el 92% que utilizó *las* pertenece a Ca y el 8% a Cb, pertenecen a GI el 51% que utilizó *le*, el 100% que utilizó *les* y el 67% que utilizó *las* y a GII el 49% que utilizó *le* y el 33% que utilizó *las*:

- b. “**Celeste y Livoria** son muy lindas. Muchos hombres **las** quieren llevar a la fiesta”;
- c. “**Celeste y Livoria** son muy lindas. Muchos hombres **les** quieren llevar a la fiesta”;
- d. “**Celeste y Livoria** son muy lindas. Muchos hombres **le** quieren llevar a la fiesta”.

2.4.2 El fenómeno del loísmo

Palacios (2000) afirma haber detectado también la coexistencia de un fenómeno de loísmo entendido como la aparición del pronombre *lo* como forma única para referirse a objetos cuyos referentes son [\pm masculino; \pm singular], un sólo caso de [+ humano; - masculino; - singular], y ningún registro de [- animado; + masculino; - singular], y que dicho fenómeno no ha sido mencionado hasta entonces en la bibliografía especializada. Refiere que los datos encontrados corresponden a entrevistas realizadas a personas bilingües español-guaraní de la zona rural de Asunción de estrato social y nivel de escolarización medio-bajo:

(85) [- humano; - animado; - masculino; + singular]

“**La Navidad**, no sé si **lo** habrán celebrado” (PALACIOS, 2000, p. 124).

(86) [+ humano; + animado; - masculino; - singular]

“Hay **comunidadeh indígenah** porque ahora el gobierno **lo** cuida” (PALACIOS, 2000, p. 124).

(87) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

“**Un trabajo de diez personas**, se van a hacerlo” (PALACIOS, 2000, p. 131).

(88) [- humano; + animado; + masculino; + singular]

“La familia a lo mejor prepara **un serdito o un serdo** para matarlo en Navidad” (PALACIOS, 2000, p. 130).

(89) [- humano; + animado; - masculino; + singular]

“El que puede se ha comprado **una vaca** en su época y **lo** va criando” (PALACIOS, 2000, p. 130).

(90) [- humano; + animado; + masculino; - singular]

“Aqllí hay **muchísimoh animaleh** en el monte, muchísimoh, entonse elloh van a cazar porque sabe que en un día o en dos **lo** matan” (PALACIOS, 2000, p. 130).

(91) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]

“**Cualquier persona** que llevan a emplear **lo** emplean allí” (PALACIOS, 2000, p. 130).

(92) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]

“**Eloh** se ponen todah lah plumah, todoh suh collareh, suh flechah y demáh cosah, **lo** sacan fotoh” (PALACIOS, 2000, p. 130).

En (87) y (88) habría que aclarar lo que Fernández Ordóñez (1994) refiere, ya que hay varios casos como estos en zona rural de sociolecto medio-bajo que Palacios (2000) clasifica como de loísmo pero que en realidad se corresponden con el uso estándar:

Hay que puntualizar que una parte no pequeña de quienes han tratado estas confusiones habla de *loísmo* para referirse al uso de *lo* como complemento directo en oposición al *leísmo*, como uso de *le* en la misma función. Así, al hablar de los escritores Andaluces o americanos dicen que son *loístas* porque utilizan el pronombre *lo* para el complemento directo, denominación que

crea desconcierto en torno al contenido del término (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 1).

Palacios (2015, p. 4) refiere que la tendencia a referir objetos directos femeninos mediante la forma pronominal *lo* no se debe a casos aislados que obedezcan a confusiones de concordancia de género y número “sino que se trata de cambios sistemáticos inducidos por contacto con la lengua amerindia”.

2.4.3 El fenómeno de la elisión de clíticos no estándar:

Según Fernández Ordóñez (1999) en el español de Paraguay y de la región guaraníca argentina (Corrientes, Misiones y la parte oriental de Chaco y Formosa) se omiten los clíticos referidos a todo tipo de O.D. [- animado], incluso aquellos obligatorios en el español estándar²³, omisión que ocurre de forma regular en los hablantes bilingües de nivel socio cultural medio y bajo, decreciendo su frecuencia en el habla más culta:

Los referidos a O.D. determinados y al *lo* neutro:

(93) [- humano; - animado; - masculino; + singular]

“¿Llevaste **la mandi**ó_i a tu mamá? –Sí, Ø_i llevé” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).

(94) [- humano; - animado; + masculino; - singular]

“Tomé **los platos**_i y Ø_i puse en la cocina” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).

(95) “**Eso**_i no es verdad. – ¿Quién Ø_i dijo?” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).

Los referidos a O.D. indeterminados (cuya elisión es posible en el español estándar):

(96) [- humano; - animado; - masculino; + singular]

“¿Traés **comida**_i? –Traigo Ø_i” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).

(97) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

²³ Es decir, aquellos que conservan los rasgos gramaticales de la categoría elidida: persona, número y género y que por lo tanto no deberían ser elididos.

“¡Déjame! No necesito **dinero**_i. –Cuando necesites \emptyset _i no te daré \emptyset _i ya más” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).

Anteposición del tema (cuya elisión es posible en el español estándar):

(98) [- humano; - animado; - masculino; - singular]

“Vos sabés, **las cosas de mujeres**_i nadie \emptyset _i entiende” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).

(99) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

“**El lago Ypacaray**_i \emptyset _i contaminaron” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).

Construcciones ditransitivas:

(100) [- humano; - animado; - masculino; + singular]

“¿Esa **ropa**_i era de papá? [...] ¿Le \emptyset _i vas a dar a Kirito?” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).

(101) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

“Me \emptyset _i quitó otra vez [**el juguete**]” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).

Y en oraciones que siguen a aquellas en la que se encuentra el antecedente:

(102) [- humano; - animado; - masculino; - singular]

“No vas a encontrar **las botas**_i en la chacra. –Sí voy a encontrar \emptyset _i. Siempre \emptyset _i encontré cuando \emptyset _i busqué” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).

(103) “– **¿Adónde nos llevarán?**_i –No sé \emptyset _i [...]. Hay que esperar para ver \emptyset _i.” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999, p. 1348).

Palacios (2000) también refiere la existencia de elisión del pronombre átono de tercera persona de acusativo cuando el referente es un objeto [- animado] como un fenómeno ampliamente generalizado y documentado tanto en la lengua hablada como en la escrita sin

restricciones sintácticas o semánticas y que no está relacionada con un sociolecto determinado:

Para la lengua hablada presenta los siguientes ejemplos:

(104) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

a. “Normalmente **el gasto**_i \emptyset _i paga” (PALACIOS, 2000, p. 135);

b. “**El vestido de novia**_i a lo mejor \emptyset _i compra el novio, \emptyset _i compra la novia” (PALACIOS, 2000, p. 135).

(105) [\pm humano; \pm animado; + masculino; + singular]

“Fue cuando empecé a conocer **españoles y qué empresa era de españoles y dónde era**_i, antes no \emptyset _i sabía” (PALACIOS, 2000, p. 135).

(106) [- humano; - animado; - masculino; + singular]

“Él pensaba comercializar con **la energía**_i, vendiendo \emptyset _i a otros países que no tienen energía” (PALACIOS, 2000, p. 135).

(107) [- humano; - animado; - masculino; - singular]

“**Las casas**_i no aguantan [...] Aguantan dos o tres años y luego ya al abandonar \emptyset _i, con los fuertes vientos [...] se pudren todo” (PALACIOS, 2000, p. 135).

Para la lengua escrita presenta los siguientes ejemplos:

(108) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

a. “Los quebracheros tenían que meterse por el monte y elegir **un palo**_i. Cuando \emptyset _i encontraban, se ponían a hachear hasta que \emptyset _i echaban” (PALACIOS, 2000, p. 135);

b. “**El tronco**_i había que arrastrar \emptyset _i hasta la picada” (PALACIOS, 2000, p. 136).

(109) [- humano; - animado; - masculino; + singular]

a. “¿Por qué no podía tener **un poco de plata**_i si la mamá quería darle \emptyset _i” (PALACIOS, 2000, p. 135);

b. “Maliciaba **la desgracia**_i, \emptyset _i sentía” (PALACIOS, 2000, p. 135).

(110) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]

“Antes no teníamos **policía_i**, ni tampoco \emptyset_i necesitábamos. Cuando comenzamos a necesitar \emptyset_i ya no servía” (PALACIOS, 2000, p. 136).

- (111) a. “¿**Cómo hizo él para sentarse a la mesa de ella?**_i Aquella parte no \emptyset_i había visto” (PALACIOS, 2000, p. 135);
- b. “Sí, Claudia nos \emptyset_i contaba a los hermanos, ya teníamos que intervenir” (PALACIOS, 2000, p. 135);
- c. “Tuvo la mala idea de contarle \emptyset_i a la directora” (PALACIOS, 2000, p. 135).

Para la lengua literaria agrega también dos ejemplos extraídos de la novela *Hijo de hombre* de Roa Bastos (1989):

- (112) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

“–Dame sí un **jarro_i** bien lleno de tu aloja.

–Sí. Te \emptyset_i voy a dar. Pero me vas a dejar dar \emptyset_i también a los presos” (ROA BASTOS, 1989, p. 216 apud PALACIOS, 2000, p. 124).

- (113) [- humano; - animado; - masculino; + singular]

“Pero en cada **revolución_i**, mueren más particulares que milicos. Después de todo, si no le gusta puede dejar \emptyset_i ” (BASTOS, 1989, p. 92 apud PALACIOS, 2000, p. 124).

2.5 INFERENCIAS FINALES

Si bien en el español estándar actual según Fernández Soriano (1999) y RAE (1999), entre otros, los pronombres átonos de tercera persona derivan del demostrativo latino de acusativo y dativo, como se puede apreciar en la Tabla 1, como hemos visto en este capítulo existen en el español realizaciones no distinguidoras de caso en muchísimas variedades peninsulares y americanas ya desde su nacimiento y a lo largo de su historia, muchas de las cuales aún perduran, como indicaron Salvá (1835 [1830]), Bello (1995 [1847]), Cuervo (1895), Fernández Ramírez (1964; 1987 [1951]), Lapesa (2000 [1968]), García (1975; 1977; 1983; 1986; 1990; 1992), Marín (1978), García González (1978; 1979; 1981), Klein Andreu (1979; 1980; 1981a; 1981b, 1992), Echenique Elizondo (1981), Álvarez Martínez (1986), Fernández Ordóñez (1993; 1994; 1999; 2001) y Martínez (2010), entre otros. Estas realizaciones no distinguidoras de caso conforman los fenómenos de leísmo, laísmo y loísmo

en función de los cuales, como hemos visto, fueron propuestas diferentes teorías explicativas en los últimos siglos. Sin embargo, según Fernández Ordóñez (1993; 1994; 1999), ni en época antigua ni durante el siglo pasado se han elaborado hipótesis que expliquen satisfactoriamente la totalidad de estos fenómenos debido al hecho de que no se ha dado suficiente importancia a la diversidad de situaciones de uso pronominal existentes en el mundo hispanohablante.

De los trabajos de Fernández Ordóñez (1994; 1999; 2001) se desprende que el fenómeno del leísmo en el español peninsular habría sido inducido por el contacto lingüístico con el vascuence, y que el romance hablado en contacto con el vascuence sería el más antiguo. Tanto de los trabajos de Fernández Ordóñez (1994; 1999; 2001) como de Tuten (2003) se desprende que el leísmo se encuentra en muchas variedades del mundo hispanohablante y que en América está presente en las variedades resultantes del contacto con lenguas indígenas como el quechua en la región Andina y el guaraní en Paraguay, y que el leísmo más radical es similar al encontrado también en el español del País Vasco (lo que resultaría corroborado por la evidencia del comportamiento semejante del español en contacto con lenguas no-indoeuropeas y alejadas de la Península y entre sí, ya que todas estas lenguas ofrecen leísmo asociado fundamentalmente a objetos animados masculinos y femeninos y comparten una característica común: carecer de la categoría de género). Ambos autores coinciden en que el origen del leísmo radica tanto en factores externos como internos: en procesos de koinización entre diferentes dialectos y por el contacto lingüístico entre el español y el vascuence.

Según Herreros (1976), Granda (1982), Fernández Ordóñez (1999), Palacios (2000) y Symeonidis (2013), en el sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo, país bilingüe donde el español y el guaraní son lenguas oficiales y ampliamente utilizadas, se pueden encontrar los fenómenos de leísmo, loísmo y elisión de clíticos.

Considerando lo hasta aquí referido, nos encontramos en la necesidad de verificar si el leísmo (y eventualmente el loísmo) del español paraguayo se ha producido o no por contacto del español con el guaraní, por un proceso de koinización entre dialectos españoles durante el período de colonización del territorio paraguayo, o por ambos motivos, cuestiones que se desarrollan en el capítulo 3, así como verificar si hoy en día dichos fenómenos están todavía presentes en la medida presentada por dichos autores, cuestión que se desarrollará en el capítulo 4.

3 SITUACIÓN SOCIO HISTÓRICA LINGÜÍSTICA DE PARAGUAY

La presente tesis estudia las características morfosintácticas y usos de los pronombres átonos de tercera persona y ciertos fenómenos como el leísmo, el loísmo y la elisión de clíticos en el español de Paraguay, así como las actitudes lingüísticas de los hablantes paraguayos de lengua española, bilingües o no. La ocurrencia de dichos fenómenos lingüísticos en el español paraguayo son un caso especial en el mundo hispanohablante, y esto es debido, por una parte, a que en Paraguay el español ha estado en contacto con el guaraní desde la fundación de las primeras colonias españolas, a principios del siglo XVI, en la cuenca del Río de la Plata y posteriormente en lo que hoy es Paraguay, con la fundación de Asunción, en 1537. Como refieren Zajícová (2009a; 2009b) y Chiquito y Saldívar Dick (2014), el guaraní tiene una larga historia como lengua vernácula de Paraguay y de una extensa zona que rebasa sus fronteras y se extiende por el norte de Argentina, sur de Bolivia y oeste de Brasil. En la época colonial los Jesuitas prefirieron el guaraní al español en la educación y como medio de transmisión de la religión católica, situación que se mantuvo hasta 1767, cuando fueron expulsados del país y dejaron las misiones jesuíticas y las instituciones educativas dedicadas a evangelizar y educar a la población indígena y mestiza. El contacto entre ambas lenguas ha sido desde siempre diglósico en el sentido de que el español ha sido la lengua de los conquistadores y luego del Estado mientras que el guaraní ha sido y es la lengua del hogar y de la vida social desde la conquista y hasta el presente.

En 1967 el guaraní fue declarado idioma nacional, pero sólo se convirtió en idioma oficial a la par del español a partir de la Constitución de 1992²⁴, la cual estableció también un sistema de gobierno democrático después de muchos años de aislamiento y dictadura. Esta situación de aislamiento, que se extiende desde la conquista y en cierto sentido hasta el final de las dictaduras con algunas breves interrupciones, es otro de los motivos por el que la ocurrencia de dichos fenómenos lingüísticos en el español paraguayo sea un caso especial en el mundo hispanohablante. A partir de la nueva Constitución de 1992 se aprobaron entre 1992 y 1998 varias leyes y resoluciones con el objetivo de fortalecer tanto la educación bilingüe de los dos idiomas oficiales, en especial la enseñanza del guaraní en todo el sistema educativo, como su uso en las esferas oficiales. En 1995 el Mercosur declara el guaraní Lengua Histórica reconociendo así su identidad de idioma común de los países que abarca dicho tratado

²⁴ Constitución de la República del Paraguay sancionada el 20 de junio de 1992, Parte II, Título I, Capítulo I, Artículo 140: “El Paraguay es un país pluricultural y bilingüe. Son idiomas oficiales el castellano y el guaraní. La ley establecerá las modalidades de utilización de uno y otro. Las lenguas indígenas, así como las de otras minorías, forman parte del patrimonio cultural de la Nación”.

comercial. La oficialización del guaraní a nivel nacional y regional, con la promulgación de la Ley de lenguas, Ley No. 4251, del 29 de diciembre de 2010, con 52 artículos que reglamentan los artículos 77 y 140 de la Constitución Nacional, que definen la situación lingüística del Paraguay, la creación de la Secretaría de Políticas Lingüísticas y de la Academia de la Lengua Guaraní, desde entonces autoridad máxima en cuestiones normativas del idioma y que se ocupa de estandarizar su grafía para fortalecerlo como idioma escrito en todas las actividades educativas, culturales y políticas del país, marca una nueva etapa en la historia del idioma vernáculo de Paraguay.

Sin embargo, como refiere Verón (2017), aunque el guaraní es el único idioma nativo del continente americano hablado por una población no indígena, el único que ha logrado el estatus de lengua oficial de un Estado, el único reconocido como idioma no oficial del Mercosur y que cuenta con un intérprete guaraní-español en el Parlamento del Mercosur (Parlasur), en Paraguay, en la práctica, su uso oficial y formal es todavía muy escaso.

En este capítulo abordamos todas estas cuestiones que entretienen la problemática sociohistórica de aislamiento periférico iniciada a partir de la conquista y que perduró incluso después de la formación del Estado Nacional, la problemática social y lingüística del contacto del español con las lenguas amerindias presentes en Paraguay, la situación de monolingüismo / plurilingüismo real y bilingüismo oficial, problemáticas y situaciones que en su conjunto determinaron y determinan la situación sociohistórica lingüística de Paraguay así como la configuración del español paraguayo actual y sus divergencias con el español estándar. De esta forma, la finalidad de este capítulo es entonces la de analizar, elucidar y evidenciar cómo y hasta qué punto los aspectos particulares de la realidad sociohistórica de Paraguay influyeron e influyen en la conformación actual del sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo.

En (3.1) describimos la situación demográfica y la conformación del tejido social paraguayo contemporáneo; en (3.1.1 y 3.1.2) presentamos y describimos algunos datos estadísticos demográficos sobre el tejido social paraguayo contemporáneo según datos oficiales de los últimos censos nacionales; en (3.1.3) describimos la conformación y situación actual de los pueblos indígenas paraguayos; en (3.1.4) describimos la evolución demográfico lingüística entre 1950 y 2019; en (3.2) abordamos el problema de la situación sociohistórica de Paraguay y del aislamiento periférico así como sus implicaciones en la configuración actual del español paraguayo; en (3.3) abordamos el problema del contacto entre lenguas y su relación con la variación lingüística en el marco de la teoría de koinización y estandarización así como sus implicaciones en la configuración actual del español paraguayo; en (3.3.1) y

(3.3.2) abordamos el problema del contacto del español con lenguas no indoeuropeas y su relación con la variación lingüística así como sus implicaciones en la configuración de una determinada variedad lingüística; en (3.3.3) abordamos el problema del contacto del español con el guaraní y su relación con la variación lingüística así como sus implicaciones en la configuración del español paraguayo; en (3.4) presentamos nuestras conclusiones acerca de los fenómenos de variación lingüística presentes en el sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo en relación a su situación socio histórica lingüística.

3.1 DEMOGRAFÍA Y TEJIDO SOCIAL PARAGUAYO ACTUAL

En Paraguay, según la DGEEC²⁵ (2004; 2014; 2015; 2016a; 2016b, 2018a; 2018b; 2018c), conviven hoy en día varios grupos socioculturales además del grupo mestizo mayoritario: existen unas veinte etnias indígenas y varios grupos de inmigrantes, lo que conforma una alta diversidad cultural en un terreno poco poblado y con diferencias sociales muy pronunciadas, situación que genera una coexistencia cargada de conflictos interculturales en la que existe una relación desigual de contacto entre el castellano y el guaraní en un contexto que además de bilingüe es multilingüe. Según datos de la DGEEC (2004; 2014; 2015; 2016a; 2018; 2018c), en el país hay unos veinte pueblos indígenas compuestos de varias etnias que hablan sus propios idiomas y sus respectivas variedades o dialectos. El multiculturalismo y el plurilingüismo son factores que sin duda condicionaron y condicionan las características y usos del español paraguayo así como las actitudes lingüísticas del complejo tejido social paraguayo: en un país bilingüe como éste es difícil, si no imposible, aislar las actitudes lingüísticas hacia uno de los dos idiomas sin tener presentes las actitudes hacia ambas lenguas oficiales, sobre todo en una etapa en la que la política lingüística del país tiene como objetivo establecer a todo nivel la enseñanza bilingüe. La mayoría de los autores que han abordado el problema sociolingüístico de Paraguay enfatizan la existencia de diferentes y contrastantes actitudes lingüísticas entre los diferentes y complejos estratos socioculturales del país, donde existen hablantes plurilingües, bilingües y monolingües de ambas lenguas oficiales y/o de las demás lenguas indígenas y/o extranjeras minoritarias en un entramado sociocultural complejo en el que existen significativas diferencias entre el componente urbano y rural, mestizo e indígena, escolarizado y no escolarizado que condicionan el uso y la percepción de prestigio de una y otra lengua.

²⁵ Dirección General de Estadísticas, Encuestas y Censos.

3.1.1 Información general

Presentamos aquí algunos datos sobre Paraguay extraídos del *Anuario Estadístico del Paraguay 2016* (DGEEC, 2018a), cuya finalidad es dar carácter oficial a la información estadística producida por la DGEEC y por otras instituciones públicas.

La República del Paraguay se sitúa en el hemisferio sur del continente americano, está comprendida entre los paralelos 19° 18' y 27° 3' de latitud sur y entre los meridianos 54° 15' y 62° 38' al oeste de Greenwich, y tiene una superficie de 406.752 km². Sus límites son: al norte Brasil y Bolivia, al este Brasil y Argentina, al sur Argentina y al oeste Bolivia y Argentina. El país está dividido por el río Paraguay en 2 regiones naturales: la Región Oriental y la Occidental o Chaco. Política y administrativamente está dividido en 17 departamentos, de los cuales 14, además de Asunción, que es la capital, se encuentran en la Región Oriental: Concepción, San Pedro, Cordillera, Guairá, Caaguazú, Caazapá, Itapúa, Misiones, Paraguari, Alto Paraná, Central, Ñeembucú, Amambay, Canindeyú, y 3 en la Región Occidental: Presidente Hayes, Boquerón y Alto Paraguay, los que a su vez se subdividen en distritos y localidades, como se puede observar en el Mapa 1.

Mapa 1 División política y administrativa de Paraguay según DGEEC (2016a, p. 15)



Paraguay es una República Democrática, Unitaria y Representativa, regida por la Constitución Nacional promulgada el 20 de junio de 1992. El Gobierno consta de tres poderes: Legislativo, Ejecutivo y Judicial. El Poder Legislativo reside en el Congreso Nacional compuesto de dos Cámaras: la de Senadores con 45 miembros y la de Diputados con 80 miembros. El término del mandato parlamentario es de 5 años.

Paraguay es un país pluricultural y bilingüe, los idiomas oficiales son el castellano y el guaraní.

3.1.2 Datos demográficos

Presentamos aquí algunos datos demográficos de Paraguay extraídos del *Atlas Demográfico del Paraguay 2012* (DGEEC, 2016a), del *Anuario Estadístico del Paraguay 2016* (DGEEC, 2018a) y de la *Encuesta Permanente de Hogares 2017*²⁶ (DGEEC, 2018b) que ofrece información estadística según fuentes provenientes de los Censos Nacionales de Población y Viviendas de los años 1982, 1992, 2002 y 2012²⁷ y de otras instituciones públicas.

En las últimas décadas la población de Paraguay ha experimentado un crecimiento²⁸ muy importante. De acuerdo con los censos de la República, en 1950 la población del Paraguay era de 1.328.452 habitantes, en 1962 de 1.819.103, en 1972 de 2.357.955, en 1982 de 3.029.830, en 1992 de 4.152.588 y en 2002 de 5.163.198. Según las proyecciones del último censo realizado en el 2012, la población paraguaya estimada para el año 2016 ascendió a 6.854.536 habitantes, con una densidad de 16,9 habitantes por kilómetro cuadrado y un ritmo de crecimiento en la década 2006-2016 del 1,55%, inferior al del decenio anterior, que fue del 1,82% (ver Mapa 2). La esperanza de vida al nacer²⁹ es de 73,80 años (hombres 70,98 años y mujeres 76,76 años).

²⁶ “La muestra total de la EPH 2017 fue de 13.056 hogares y su objetivo principal es obtener información a nivel nacional sobre la situación socioeconómica de las personas y sus hogares en temas como: la tenencia de vivienda y sus características, el acceso de las personas a la educación y al seguro social, así como la población que trabaja y las condiciones laborales, entre otros” (DGEEC, 2018b, p. 7).

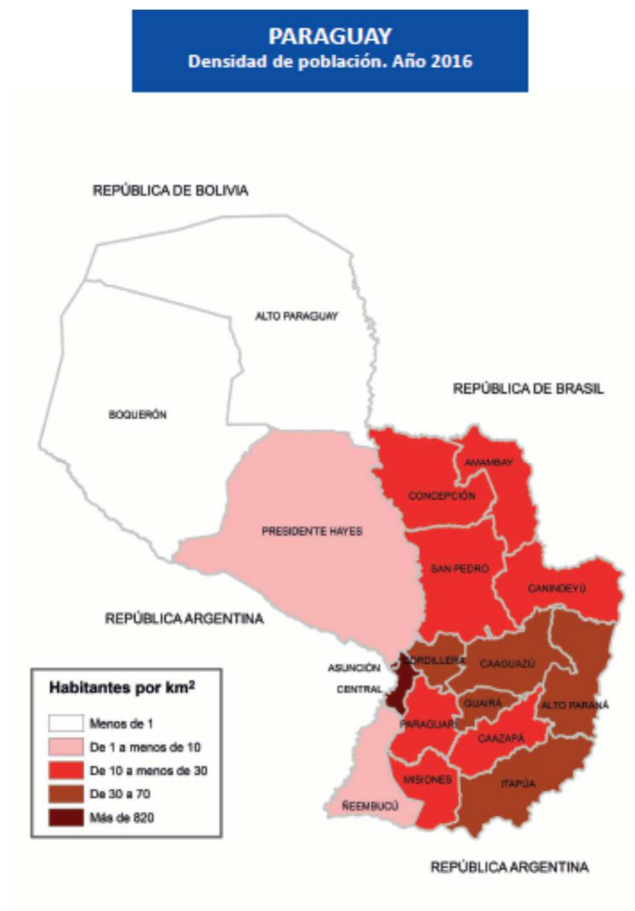
²⁷ El Censo Nacional 2012 tuvo una cobertura poblacional aproximada del 74,4% a nivel nacional que resulta de comparar la población censada con la población estimada para 2012. En términos de viviendas, la cobertura fue del 87,1%, que resulta de la relación de la cantidad de viviendas censadas en el 2012 respecto a la cantidad de viviendas pre-censadas, según DGEEC (2016a).

²⁸ “Tasa de Crecimiento Anual: suma algebraica de la tasa de crecimiento natural y la tasa de migración. Puede definirse también como el cociente entre la diferencia de la población en un año (nacimientos – defunciones + inmigrantes – emigrantes) y la población estimada a mitad de ese año” (DGEEC, 2016a, p. 132)

²⁹ “Esperanza de Vida al Nacer: es el número de años de vida que en término medio se espera que viva un recién nacido, de no variar la tendencia en la mortalidad” (DGEEC, 2016a, p. 132).

Las proyecciones de población determinan un total de 6.854.536 habitantes para 2016, aumentando en poco más del doble de la población con relación al año 1982. La distribución proporcional por sexo deja ver mínimas diferencias entre hombres y mujeres, 50,5% versus 49,5%. Los departamentos con mayor cantidad de habitantes son Central y Alto Paraná, que sumado a la población de Asunción concentran cerca de la mitad de la población del país. La población que habita en las ciudades supera a la del campo, con 59,2% en el área urbana³⁰ y 40,8% en el área rural³¹. Según el tríptico de 2019 (DGEEC, 2019) hoy en día la población es de alrededor de 7.152.703 de personas³².

Mapa 2 Densidad demográfica de Paraguay según DGEEC (2018a, p. 25).



³⁰ “Área Urbana: constituyen todas las cabeceras de distritos oficiales, definidas conforme a las leyes administrativas, presentan forma amanzanada, sin tener ninguna otra consideración especial” (DGEEC, 2016a, p. 129).

³¹ “Área Rural: todo territorio situado fuera de las cabeceras distritales es considerado rural, en las mismas las viviendas se encuentran dispersas en el territorio y por lo general están rodeadas de cultivos y campos” (DGEEC, 2016a, p. 129).

³² Según proyecciones en base a los censos anteriores.

La estructura por edad muestra que en el último período censal hubo un paulatino descenso de la proporción poblacional de niños y adolescentes de 0 a 14 años (de 37,1% bajó a 31,9%), por consiguiente, existió un aumento relativo en las franjas etarias que comprenden a los jóvenes y adultos de 15 a 59 años de edad (de 55,8% pasó a 59,9%), y a los adultos mayores de 60 años (de 7,1% pasó a 8,2%). En cuanto a la documentación, el Censo Nacional de Población y Viviendas 2012 muestra que el 97,7% de los habitantes han registrado su nacimiento en el Registro Civil, y el 90,5% cuenta con cédula de identidad.

Otro aspecto importante captado en el último censo es el uso de tecnologías de informaciones y comunicaciones (TIC)³³ del que se desprende que el 78,6% de la población mayor de 5 años utiliza al menos una TIC (teléfono celular, computadora, internet). Hogares con televisor 89,60% (94,72% zona urbana, 81,54% zona rural), Tv por cable 47,47% (56,38% zona urbana, 33,44% zona rural), teléfono móvil 96,57% (97,81% zona urbana, 94,62% zona rural), computadora/notebook 24,52% (33,65% zona urbana, 10,14% zona rural) y acceso a internet 20,38% (28,79% zona urbana, 7,12% zona rural).

Respecto a los indicadores educativos, el porcentaje de personas de más de 5 años de edad sin instrucción ha disminuido en los últimos 20 años de 11,8% en 1992 a 5,0% en 2012, además se observa una mejoría en la cobertura de la enseñanza secundaria: la proporción de los que tienen aprobado algún grado o curso del nivel secundario, que actualmente comprende al 1°, 2° y 3° año de la educación media, de 8,3% registrado en el año 1992 aumentó a 20,3% en el 2012. Asimismo, se ve la disminución en la proporción de la población analfabeta (personas de más de 15 años de edad que no tienen el segundo grado aprobado) en el período 1982-2012, de 21,2% bajó a 6,3%. En cuanto al promedio de años de estudio de la población de más de 15 años de edad también muestra una tendencia favorable, visto que según el censo de 1982 el promedio de años de estudio de este grupo poblacional era menos de 6 años y en 2012 alcanzó 8,4 años de estudio. La educación escolar básica³⁴ es obligatoria y gratuita. Durante el año 2014 funcionaron 7.793 instituciones de educación escolar básica y 2.590 de educación media³⁵, además de las universidades Nacional y Católica con sus respectivas

³³ “Tecnología de la Información y la Comunicación (TIC): se refiere al volumen de la población de 5 años y más de edad que haya utilizado alguna tecnología de la información y la comunicación; específicamente el teléfono celular, la computadora y el internet, ya sea, dentro o fuera de la vivienda al menos una vez durante los últimos tres meses anteriores al censo” (DGEEC, 2016a, p. 129).

³⁴ Educación Primaria (1° y 2° ciclo): corresponde a los grados desde el 1° hasta el 6° grado y en el sistema de educación actual se denomina Educación Escolar Básica, según DGEEC (2016a, p. 130).

³⁵ Comprende: a) Educación Primaria (3° ciclo): comprende los grados desde el 7° hasta el 9°. En el sistema de educación anterior estos grados eran conocidos como 1er, 2do y 3er curso de la Secundaria o Ciclo Básico, y b) Educación Secundaria: corresponde a la educación impartida entre el 1er., 2do. y 3er. año de la Educación Media Científica y Técnica. En el sistema de educación anterior eran consideradas como 4to, 5to y 6to curso del Bachillerato Humanístico, Comercial y Técnico, según DGEEC (2016a, p. 130).

facultades y filiales en el interior y otras privadas actualmente reconocidas en el país. El número de alumnos matriculados en el año 2014 en la educación escolar básica fue de 1.086.848, y en la educación media de 256.306. La educación escolar básica indígena contó para el año 2014 con 25.642 alumnos matriculados. En el año 2016 la Universidad Nacional de Asunción contó con 48.093 alumnos matriculados y la Universidad Católica de Asunción con 19.060.

La población de más de 10 años de edad económicamente activa³⁶ representa el 48,8% de la población, de las cuales el 98,0% de éstas están ocupadas³⁷. En los últimos 30 años se ha observado una disminución de la población económicamente activa perteneciente al sector primario (actividades agropecuarias), pasando del 42,9% en el año 1982 al 21,4% en el año 2012, en cambio la proporción de ésta que pertenece al sector terciario (comercio y servicios) ha ido en aumento, pasando de 30,0% en el año 1982 a 57,4% en el año 2012.

La población paraguaya se compone de descendientes de españoles y guaraníes y de inmigrantes europeos y es de tez blanca o ligeramente cobriza y de estatura mediana. En 1982 la población indígena³⁸ era de 38.703 personas, mientras que en 2012 comprende 120.514 personas según DGEEC (2014; 2015; 2018b, 2018c). La población afrodescendiente³⁹ en 2012 era de 3.867 personas.

3.1.3 Pueblos indígenas

Según Zanardini y Biedermann (2001) y la investigación sobre la diversidad sociocultural en Paraguay realizada por Santa Cruz (2012) para el Sistema Nacional de Información Cultural de la Secretaría Nacional de Cultura de Paraguay (SNC), creada en 2006 con rango ministerial, y de los *Resultados Finales del Censo de Comunidades de los Pueblos Indígenas 2012* (DGEEC, 2014; 2015) y de la *Encuesta Permanente de Hogares de la*

³⁶ “Población económicamente activa (PEA): abarca a las personas de 10 años y más de edad que desde las cuatro semanas anteriores al día del censo estaban ocupadas, o desocupadas buscando empleo” (DGEEC, 2016a, p. 131).

³⁷ “Población Ocupada: es el conjunto de personas de 10 años y más de edad que trabajaron con o sin remuneración por lo menos una hora en la semana anterior al censo, o aunque no hubieran trabajado, tenían empleo pero estuvieron ausentes por motivos circunstanciales (enfermedad, licencia, vacaciones, paro, beca, etc.)” (DGEEC, 2016a, p. 131).

³⁸ “Población indígena: comprende a las personas originarias del país. Se denomina indígena a la persona que declara pertenecer a una etnia o pueblo originario y se manifiesta miembro de una comunidad, núcleo de familias o barrio indígena, independientemente de que siga hablando o no la lengua de origen” (DGEEC, 2016a, p. 129).

³⁹ “Población afrodescendiente: hace referencia a las personas que por sus rasgos físicos, por las prácticas culturales o las tradiciones propias de este grupo, se considera afro descendiente” (DGEEC, 2016a, p. 129).

población indígena 2016 -2017⁴⁰ (DGEEC, 2018c), existen hoy en día en Paraguay 20 pueblos indígenas, 493 comunidades y 218 aldeas o barrios, que totalizan 711 comunidades, aldeas o barrios, distribuidos en 19 pueblos, pertenecientes a cinco grupos lingüísticos (Tabla 8), que habitan en 13 departamentos del país y en Asunción (Mapas 1-20).

Tabla 8 Pueblos indígenas de Paraguay clasificados por familia lingüística y cantidad de individuos según DGEEC (2014; 2015; 2018c)

PUEBLO	FAMILIA LINGÜÍSTICA Y CANTIDAD DE INDIVIDUOS ⁴¹				
	Guaraní	Mataco-Mataguayo	Zamuco	Lengua Maskoy	Guaicurú
Paî Tavyterâ	15.494				
Aché	1.884				
Avá Guaraní	17.921				
Mbyá Guaraní	20.546				
Ñandéva	2.470				
Guaraní Occidental	3.587				
Nivaclé		14.768			
Manjui		582			
Maká		1.888			
Ayoreo			2.461		
Ishir Ybytoso			1.915		
Ishir Tamaráho			152		
Toba Maskoy				2.072	
Enlhet				8.167	
Enxet				7.284	
Guaná				393	
Angaité				5.992	
Sanapaná				2.866	
Toba Qom					1.939
TOTAL:	61.902	17.238	4.528	26.774	1.939

Familia lingüística Guaraní:

1) Pueblo *Paî Tavyterâ* o *Paî* (*Paî* es el título que emplean los dioses al dirigirse la palabra y *Tavyterâ* significa habitantes de la ciudad del centro de la tierra). Lengua hablada: *Paî Tavytera* o *Paî-tavyterä*, contiene los dialectos *Teüi*, *Tembekúá* y *Kaiwá*. Vitalidad de la lengua: 40,48 % de población utiliza su lengua propia. Habitan los departamentos de Amambay, Canindeyú, Concepción y San Pedro (Mapa 3). Están divididos en tres grandes

⁴⁰ Estas encuestas se llevaron a cabo durante los meses de octubre a diciembre de 2016-2017. La muestra total de la EPH 2016 y EPH 2017 fue de 13.000 hogares para cada año, de los cuales 1.020 hogares correspondieron a la población indígena, según DGEEC (2018c).

⁴¹ Existe mucha divergencia en la literatura consultada sobre la jerarquía de clasificación: familia, subfamilia, grupo, sub-grupo, etc., por lo que hemos adoptado la referida por la Secretaria de políticas Lingüísticas de Paraguay.

grupos: *Yvypytegua* y *Mberyogua* en la margen derecha del río Mberyo o Aquidabán, siendo los más numerosos, y *Yvypopygua*, en la margen izquierda de dicho río, que incluye a los *Paĩ* del lado brasileño. Total de habitantes: 15.494.

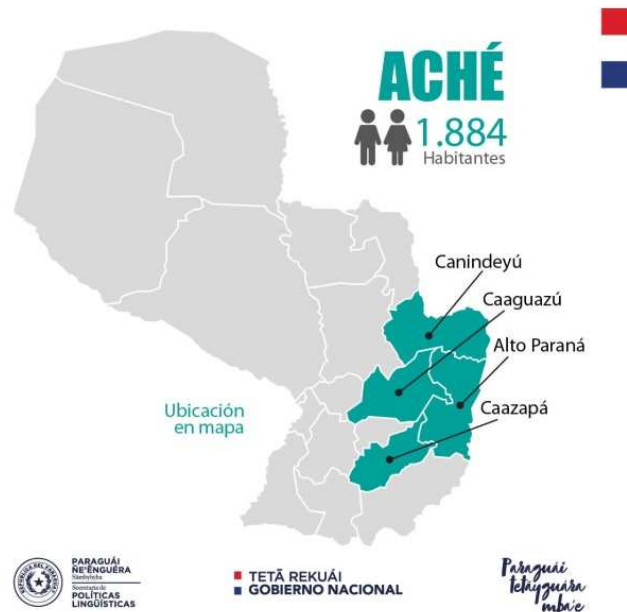
Mapa 3 Distribución geográfica del pueblo *Paĩ Tavyterã* (SLP, 2018)



2) Pueblo *Aché* (persona verdadera), también llamados despectivamente *Guayakí* (ratón del monte). Grupo indígena de piel blanca, ojos claros y barba en los hombres, muy resistente al contacto con los blancos y que fue brutalmente perseguido por los paraguayos (Chase Sardi (1995) refiere que según el antropólogo Luigi Miraglia en 1941 para los peones paraguayos del este matar a un *Guayakí* no sólo no constituía un delito, sino que era una acción digna de elogio, como cazar un jaguar). Existen dos hipótesis sobre su origen: que sean originariamente guaraníes y se desarrollaran por cuenta propia o que se trate de un grupo étnico diferente que fue sometido culturalmente en tiempos remotos por indígenas guaraníes. Lengua hablada: *Aché*. Vitalidad de la lengua: 90,23 % de población utiliza su lengua propia. Habitan los departamentos de Canindeyú, Caazapá, Caaguazú y Alto Paraná (Mapa 4). Tras el proceso colonizador, la esclavitud, las agresiones y represalias de los campesinos⁴² fueron reducidos a unos 1.884 habitantes.

⁴² Santa Cruz (2012, p. 7) refiere: “El presidente de la AIP [Asociación Indigenista Paraguaya], Luis Albospino, denunciaba en los años 59 y 60, al pueblo paraguayo, la grave situación de los *Aché*, por la persecución despiadada de los “civilizados” y por la situación de hambruna y enfermedades que los acechaban. Según

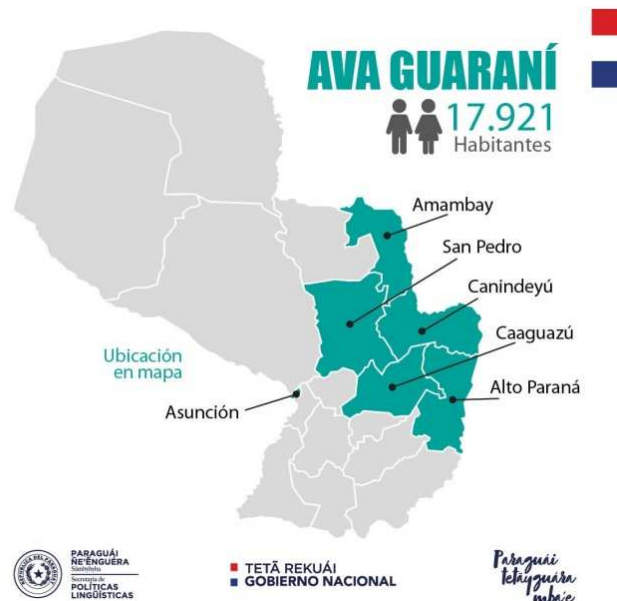
Mapa 4 Distribución geográfica del pueblo Aché (SLP, 2018)



3) Pueblo *Avá Guaraní* (hombre guaraní), conocidos también como *Chiripa*, *Avá Chiripá* o *Chiripá-Guaraní*. Lengua hablada: *Ava*. Denominan a su lengua *Ava Ñe'e*, la que no utilizan con las demás comunidades, con las que hablan *jopará* o *Chorotí*. Vitalidad de la lengua: 5,84 % de población utiliza su lengua propia. Habitan los departamentos de Canindeyú, Alto Paraná, Caaguazú, San Pedro, Asunción y Amambay (Mapa 5). Su hábitat fue deforestado en la década de los sesenta y sus tierras fueron enajenadas a favor de grandes empresas brasileñas, en especial cultivadores de soja, así como por la construcción de la ruta Coronel Oviedo-Río Paraná, la fundación de Ciudad del Este, la construcción del puente “De la Amistad” entre Paraguay y Brasil y finalmente la represa hidroeléctrica de Itaipú. Los *Avá Guaraní* de la zona de Canindeyú y Alto Paraná fueron esclavizados en los yerbatales de la Industrial Paraguaya S.A. a partir de fines del siglo XIX. Según Cadogán (1959) los *Avá Guaraní* son el pueblo más “paraguayizado” debido a su forma de hablar guaraní, a sus rasgos fisonómicos, su indumentaria, los trabajos que realizan y por su forma de relacionarse con la sociedad envolvente. Total de habitantes: 17.921.

Albospino, habría dos causas que explican la crueldad de los campesinos contra los Aché. Uno sería el complejo anti indígena que nos viene de los orígenes mismos de nuestra nacionalidad, cuando el mestizo, despreciado por los españoles, cuyo mundo social no podía formar, despreció a su vez al indígena. Y la otra causa radicaría, en una especie de etnocentrismo religioso, que considera a los no bautizados como seres inferiores”.

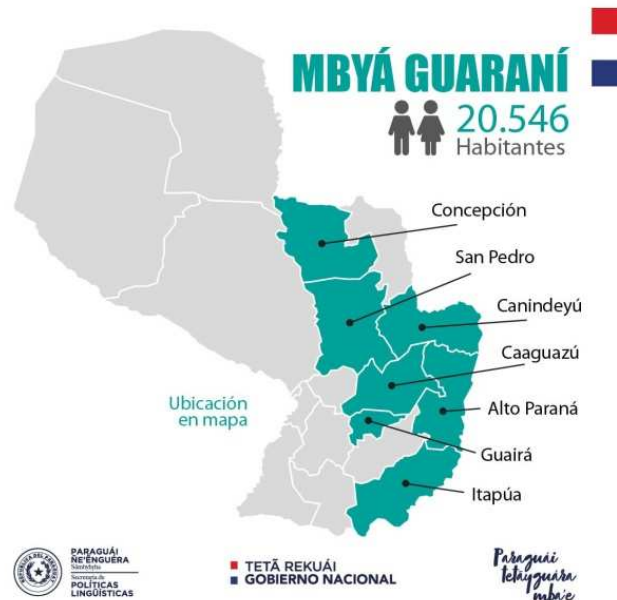
Mapa 5 Distribución geográfica del pueblo *Avá Guaraní* (SLP, 2018)



4) Pueblo *Mbyá Guaraní* o *Jeguakáva Tenonde Porangue'i* (los primeros escogidos en llevar el adorno de plumas). Lengua hablada: *Mbyá*. Vitalidad de la lengua: 38,69 % de población utiliza su lengua propia. Su variedad contiene numerosas voces de las que carece la llamada lengua general o guaraní clásico, y el hecho de desconocer ellos también un número elevado de voces de la lengua general presume que su idioma ocupa un lugar intermedio entre una lengua madre y la rama más desarrollada del guaraní. Además del vocabulario corriente existe el religioso, llamado *Ñande ary guá ñe'é* (palabras de los situados encima de nosotros) o *Ñe'e porá* (palabras hermosas), empleado exclusivamente en las plegarias, himnos sagrados y mensajes divinos. Habitan los departamentos de Concepción, San Pedro, Guairá, Caaguazú, Itapúa, Alto Paraná y Canindeyú (Mapa 6). Algunos grupos *Mbyá* que se quedaron por siglos escondidos en las selvas de la región oriental fueron obligados a salir de su hábitat a causa de la deforestación, de la expulsión y de la ocupación de sus territorios por parte de los campesinos sin tierra. Cadogán (1959) refiere un pacto entre estos indígenas y los conquistadores por el cual los conquistadores se habrían quedado con los campos y los indígenas con la selva. Obviamente este pacto no fue cumplido, los paraguayos y extranjeros invadieron los bosques y los talaron para practicar la ganadería intensiva y sembrar cultivos industriales. Desde finales del siglo XIX encontramos a los *Mbyá* de Alto Paraná como obreros en la explotación forestal y en los yerbales de la región de Hernandarias-Ytakyry.

Indígenas de varios grupos étnicos, en especial de grupos *Avá Guaraní* y *Mbyá*, se juntaron a través de relaciones conyugales con peones paraguayos. Total de habitantes: 20.546.

Mapa 6 Distribución geográfica del pueblo *Mbyá Guaraní* (SLP, 2018)



5) Pueblo *Guaraní Ñandéva* o *Tapieté*: culturalmente pertenecen al Chaco, pero hablan la lengua *Ñandéva* (*Ava Ñe'ê*), parecida a la de los Guaraní Occidentales (*Guarayo*), pero distinta del guaraní de la región oriental. En Laguna Negra hablan casi exclusivamente en su lengua, en las otras comunidades hablan además *jopará* y *Chorotí*. Algunos autores sugieren que son descendientes de los *Chané*, vasallos de los Guaraní, otros, que podrían ser de origen *Mataco*. Su territorio tradicional abarcaba ambos lados de la frontera con Bolivia, divididos en dos grandes grupos: las comunidades del norte *Ñuguaréta*, en Nueva Asunción, y las del sur *Yvokaguaréta*, en Infante Rivarola. Actualmente viven en el departamento Boquerón. Durante la Guerra del Chaco ayudaron al Ejército Paraguayo y fueron apoyados por éste para establecerse en la zona de Nueva Asunción y así crear una población fronteriza que defendiera la frontera con Bolivia, pero una vez cesada la asistencia oficial migraron hacia las zonas laborales del mercado Menonita. Total de habitantes: 2.470.

6) Pueblo Guaraní Occidental o Guaraní, también llamado *Ava*, *Mbyá*: son el grupo más grande de la familia lingüística *Tupi Guaraní* del Chaco Paraguayo, todavía hoy extendida por Brasil, Paraguay, Bolivia y Argentina. Lengua hablada: Guaraní. Vitalidad de la lengua: 19,96

% de población utiliza su lengua propia. Habitan los departamentos de Boquerón y San Pedro (Mapa 7). La primera migración de los guaraníes hasta la frontera oriental del imperio incaico fue durante el mando del inca Yupanqui (1471-1476). En esas migraciones se mezclaban varias intenciones, desde las religiosas (búsqueda de la “tierra sin mal”) hasta las políticas y belicosas. Entre 1513 y 1523 ocurrieron varias expediciones guerreras de los guaraníes cruzando el Chaco, que en aquel tiempo tenía varias rutas comerciales entre el occidente Incaico y el oriente Guaraní. Su historia está relacionada con los españoles desde el inicio de la conquista, como veremos más adelante, sobre todo por las noticias de los tesoros incaicos, de las piedras preciosas, del oro y de la plata, que promovieron las expediciones españolas y portuguesas, que utilizaban a los guaraníes como acompañantes y guerreros. Total de habitantes: 3.587.

Mapa 7 Distribución geográfica del pueblo Guaraní Occidental (SLP, 2018)

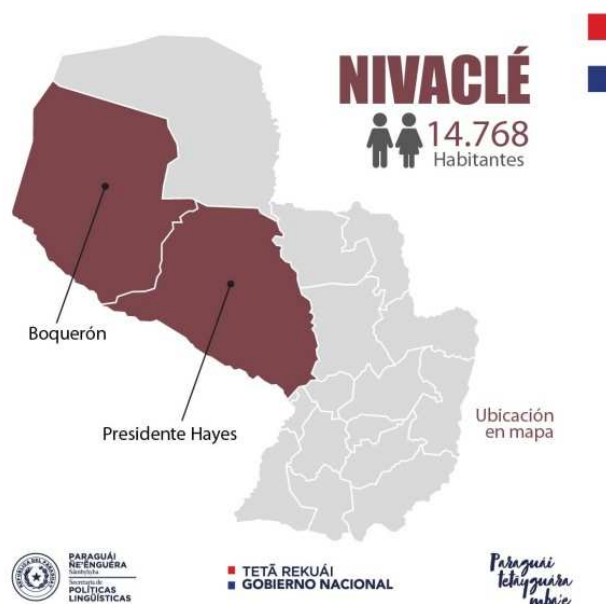


Familia lingüística Mataco-Mataguayo:

7) Pueblo *Nivaclé* (hombre, ser humano). Lengua hablada: *Nivaclé*. Vitalidad de la lengua: 99,40% de población utiliza su lengua propia. Históricamente se dividían por zonas de procedencia: los *Tovoc Ihavos* (gente del río), divididos en *Chishamnee Ihavos* (los de agua arriba) y *Schichaam Ihavos* (los de agua abajo), y los *Yital havos* (los del monte), divididos en *C'utjan Ihavos* (gente de espinas), *Jotoi Ihavos* (gente del espartillar) y *Tavashai Ihavos*

(gente del campo). La primera mención del pueblo *Nivaclé* data del año 1673, a partir de que gobernadores, expediciones y etnógrafos tuvieron varios contactos con ellos. La conquista del territorio *Nivaclé* comenzó con la ocupación militar argentina, boliviana y paraguaya, la que se refleja en una serie de mitos. Desde 1920 migraban periódicamente a los ingenios azucareros de Salta y Tucumán, sobre todo durante el invierno, donde adoptaban el trabajo asalariado ante la escasez de alimentos. Con el declive de los ingenios, el Pueblo *Nivaclé* migró hacia las colonias menonitas en búsqueda de trabajo. La pérdida de sus tierras originales ocurrió por el contacto intensivo con otros grupos indígenas en las migraciones a los ingenios, por la penetración militar y colonizadora boliviana, por la guerra del Chaco, por la influencia de los misioneros de los Padres Oblatos, por la colonización estanciera-criolla paraguaya de la postguerra y por la atracción de los centros de trabajo Menonitas. Habitan los departamentos de Boquerón y parte de Presidente Hayes (Mapa 8). Total de habitantes: 14.768.

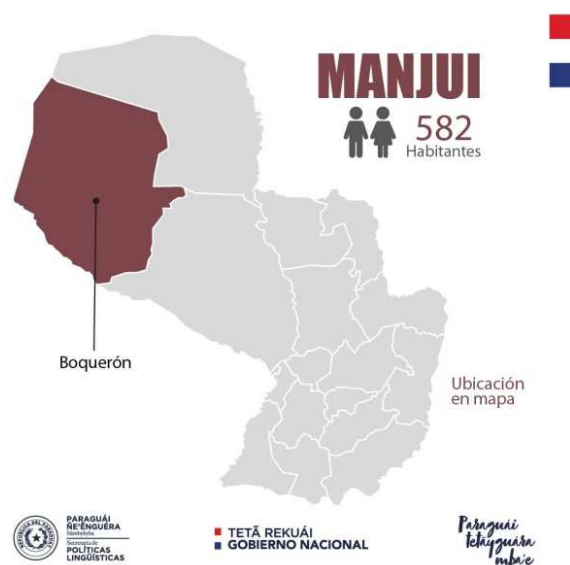
Mapa 8 Distribución geográfica del pueblo *Nivaclé* (SLP, 2018)



8) Pueblo *Manjui* (gente del monte). Lengua hablada: *Manjui*. Vitalidad de la lengua: 83,33% de la población utiliza su lengua propia. Su lengua posee diferentes dialectos: el grupo de *Wanta* (Santa Rosa) habla un estilo más tradicional, el *Lumna Wos* (idioma de la gente del Norte), el más abierto y generalizado es el *Lawaa Lele* (afuereño). Antiguamente tenían abierta hostilidad hacia los *Nivaclé* y los *Mataco* de Argentina. Vivían en la zona fronteriza

entre Argentina, Paraguay y Bolivia. Habitan en el departamento de Boquerón (Mapa 9). Hay tres grupos sobre la ribera derecha del río Pilcomayo y otros dos que están en el Chaco Boreal, llamados también “los que están afuera” o “los monteses”, los *Thlawaaathlele* (donde hay viento oeste) y los *Wikinawos* (los que hacen el viento norte). Existen *Manjui* que viven mimetizados en comunidades *Nivaclé*, intentando así adquirir un mayor status. Total de habitantes: 582.

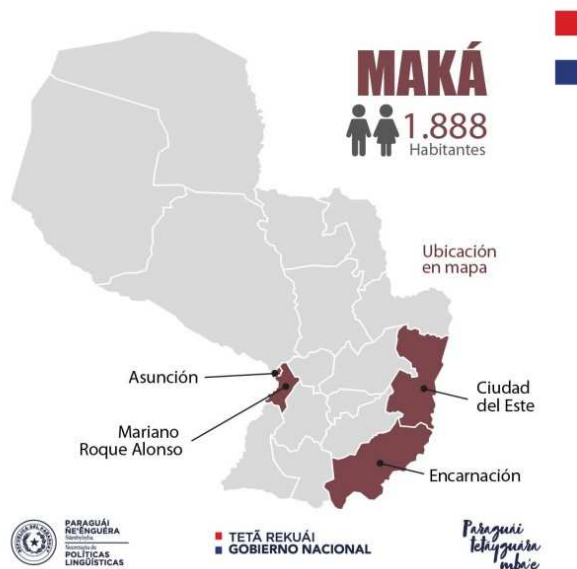
Mapa 9 Distribución geográfica del pueblo *Manjui* (SLP, 2018)



9) Pueblo *Maká* (propriadamente nuestro), emparentados a los antiguos *Enimaga* o *Inimaka*. Lengua hablada: *Maká*. Vitalidad de la Lengua: 97,25% de la población utiliza su lengua propia. Habitaban en el Chaco, en Cuatro Vientos, Nanawa y Laguna Guasú, en el departamento de Presidente Hayes. Había tres grupos *Maká* que se caracterizaban por las especies arbóreas que poblaban el lugar: el primer grupo eran los *Fisketleylets*, el lugar donde abundan los palmares, grupo en estrecha relación con los *Toba* y los *Nivaclé*, el segundo grupo, los *Aseptiketleylets*, vivían más al sur, donde predomina el árbol llamado cina-cina, en contacto con los *Pilagá*, y el tercer grupo, los *Tefeyax*, que habitaba en Montelindo superior y que estaba relacionado con los Lengua *Maskoy*. Estos tres grupos probablemente hablaban tres variedades de *Maká* fácilmente inteligibles entre sí. Antes de la guerra con Bolivia el Estado Mayor del Ejército Paraguayo contrató al general ruso Juan Belaieff para el levantamiento topográfico del Chaco. Los *Maká* se volvieron sus baqueanos y exploradores y ganaron el cariño del militar, que consiguió para la etnia una reserva de tierras sobre la ribera

occidental del río Paraguay que se denominó Colonia Indígena Fray Bartolomé de las Casas. Juan Belaieff aprendió su lengua y tuvo una profunda influencia sobre estos cazadores nómades y a instancias de él dejaron sus costumbres guerreras sin abandonar totalmente la caza y la pesca, que trocaron en gran medida por la explotación de la curiosidad de los turistas. De esta manera la etnia *Maká* se adaptó al mundo occidental sin perder su cultura, logrando su subsistencia, independencia y autonomía mediante la venta de artesanías en Asunción, Ciudad del Este, Encarnación y otras ciudades del interior. Son la etnia que más se adaptó al mundo occidental sin perder su cultura y también la más conocida en Paraguay por los turistas. En 1985, a causa de las inundaciones, tuvieron que abandonar la Colonia Indígena Fray Bartolomé de las Casas y fueron trasladados a la Colonia Indígena *Maká* en la localidad de Mariano Roque Alonso. Actualmente Habitan las ciudades de Asunción, Ciudad del Este y Encarnación, Mariano Roque Alonso (Mapa 10). Total de habitantes: 1.888.

Mapa 10 Distribución geográfica del pueblo *Maká* (SLP, 2018)

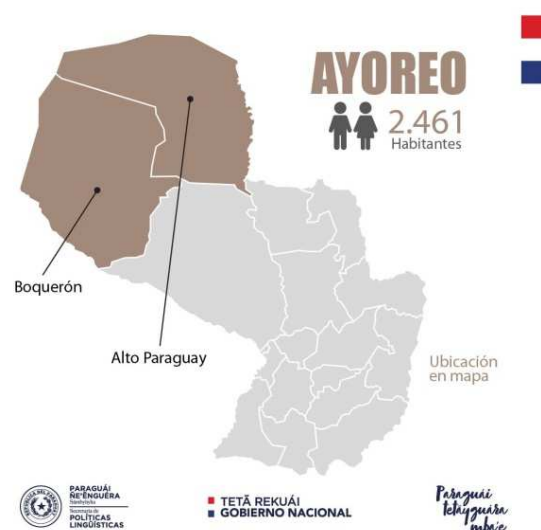


Familia lingüística Zamuco:

10) Pueblo *Ayoreo* (hombre, persona, ser humano, gente verdadera), también llamados Moros o *Pyta Jovái* (doble talón) a causa del calzado de piel de tapir de forma rectangular. Se sienten orgullosos de su etnia y se consideran superiores a los demás grupos étnicos. Existen siete clanes o apellidos que se transmiten patrilinealmente: *Chiquénoi*, *Picanerai*, *Etacori*, *Dosapei*, *Cutamorajai*, *Posorajai* y *Jnurumini*. Lengua hablada: *Ayoreo*. Vitalidad de la

lengua: 98,5% de población utiliza su lengua propia. Su lengua se divide en tres dialectos: *Guidaigosode* (los que viven en las aldeas), *Garaigosodes* (los habitantes de los campos bajos) y *Totobiegosode* (los del lugar donde abundan los pecarí). Inicialmente ocupaban el norte del Gran Chaco y una pequeña porción de la Chiquitanía boliviana. Actualmente se encuentran en los departamentos Boquerón y Alto Paraguay (Mapa 11). Existe todavía un reducido grupo silvícola nómada deambulando en el Chaco de manera tradicional. Fueron los más temidos del Chaco paraguayo debido a muchas leyendas que los consideraba caníbales, matones, traicioneros, vengativos, etc. Fueron un pueblo guerrero donde el coraje y la valentía tenían un lugar preponderante y resistieron el encuentro con los blancos hasta el final. Son los que más resistieron su integración a la sociedad paraguaya: desde la Guerra del Chaco hasta los años 60 los contactos eran esporádicos ya que se refugiaban en regiones aún libres del proceso de intensa colonización del territorio. A partir de 1957, con la entrada de las compañías petrolíferas, tuvieron varios enfrentamientos armados con soldados y obreros, causando varias muertes, y durante las décadas de 1950 y 1960 fueron contactados por misioneros religiosos estadounidenses⁴³ tanto en Bolivia como en Paraguay con el objetivo de sedentarizarlos y evangelizarlos para poder apropiarse de su territorio sin su consentimiento, produciéndose en el contacto varias muertes por epidemias e inanición cultural. Total de habitantes: 2.461.

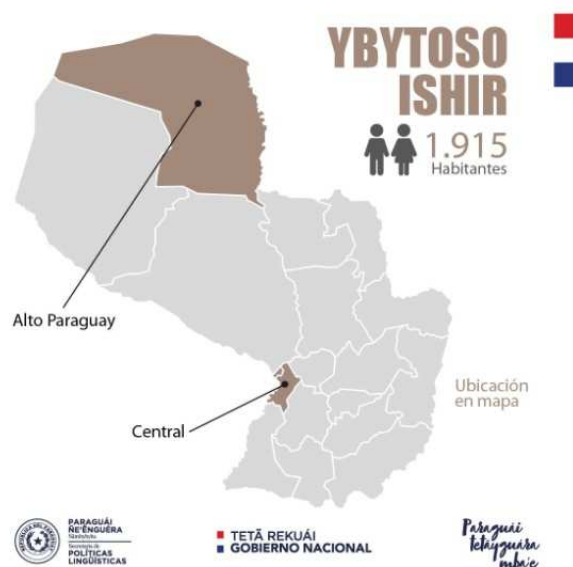
Mapa 11 Distribución geográfica del pueblo *Ayoreo* (SLP, 2018)



⁴³ Misiones estadounidenses South American Indian Mission (SAIM) y New Tribes Mission (NTM) que contactaron con los grupos *Ayoreo* en Bolivia y luego en Paraguay, con la complicidad de las colonias mennonitas.

11) Pueblo *Ishir Ybytoso* o *Ishir* (los verdaderos hombres), también conocidos como *Chamacoco*. Lengua hablada: *ybytoso*. Vitalidad de la lengua: 97,1% de población utiliza su lengua propia. Su lengua está compuesta por los idiomas de los *Ayoreode-moro*, de los *Ybytoso* (*Yxyroahwoso*) y de los *Tomárâho* (*Yxyrohúlo*) y comprende los dialectos *Tomárâho* o *Tomaraxa*, *Ybytoso* o *Ebitoso*, y *Ório*. La lengua *Ishir* está considerada en peligro por la UNESCO y podría desaparecer en unas pocas generaciones bajo la presión de las lenguas culturalmente dominantes. Históricamente se distinguían los Chamacoco bravos o *Tomárâho*, que vivían retirados del mundo blanco, y los Chamacoco mansos o *Ybytoso*, que eran los que tenían contacto con los blancos. El territorio tradicional *Chamacoco* comprendía grandes extensiones del Chaco Paraguayo. Hoy en día los grupos descendientes de los llamados *Ishir* están diferenciados en las etnias *Ybytoso* y *Tomárâho*. Hasta mediados del siglo XX los contactos con el hombre blanco se limitaron a intentos puntuales de colonización por parte de la iglesia anglicana⁴⁴ y a las migraciones estacionales a los ingenios azucareros del noroeste argentino. Con la Guerra del Chaco entre Paraguay y Bolivia (1932-1935) y con la instalación a partir de la década de los 50 de las industrias tanineras en la región se inicia el declive de la autonomía tradicional y se profundiza la exclusión de la población indígena de la región, anexándose la casi totalidad de territorio al Estado Paraguayo. Habitan principalmente en los departamentos de Alto Paraguay y Central (Mapa 12). Total de habitantes: 1915.

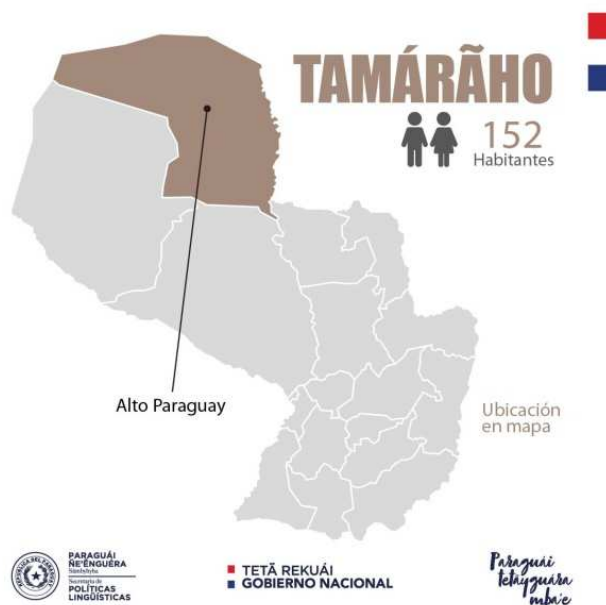
Mapa 12 Distribución geográfica del pueblo *Ishir Ybytoso* (SLP, 2018)



⁴⁴ Santa Cruz (2012, p. 41) refiere: “Los indígenas Ybytoso de hoy todavía recuerdan con tristeza, de qué manera los pastores norteamericanos prohibían a los Chamacoco realizar sus ceremonias, acusándolos de practicar ritos de connotación diabólica”.

12) Pueblo *Ishir Tomárâho* (subgrupo de los *Chamacocos*). Lengua hablada: *Tamárãho*. Vitalidad de la lengua: 100% de población utiliza su lengua propia. Adoptaron el guaraní y el español para poder negociar con los guaraníes y los blancos. El territorio tradicional de los *Tomárâho* estaba ubicado en el Chaco Paraguayo. A fines del siglo XIX fueron prácticamente esclavizados por la empresa Casado, reconocida por la explotación irracional de madera de quebracho, de origen anglo-argentino. En 1986, a causas de las muertes por enfermedades, la etnia fue reducida a 85 personas, por lo que ya no era rentable su fuerza laboral como hacheros para la empresa. Actualmente viven en el departamento Alto Paraguay, en la comunidad de Puerto María Elena-Pitiantuta del distrito de Fuerte Olimpo (Mapa 13). Total de habitantes: 152.

Mapa 13 Distribución geográfica del pueblo *Ishir Tomárâho* (SLP, 2018)

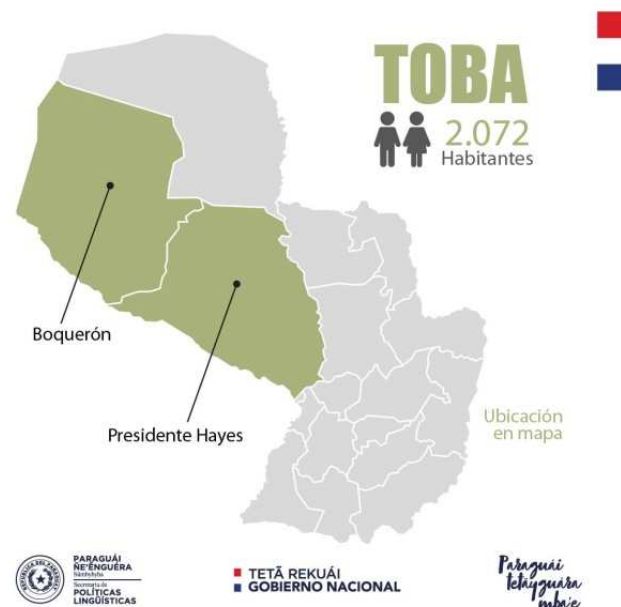


Familia lingüística Lengua Maskoy:

13) Pueblo *Toba Maskoy*, también conocidos como *Maskoy* o *Enenlhet*. Se formó hacia 1870, cuando algunos caciques *Toba* de la Argentina huyeron de su territorio y se trasladaron al Alto Paraguay, asentándose a lo largo del Riacho Mosquito, donde tuvieron contacto con los *Maskoy* y se mezclaron cultural y lingüísticamente convirtiéndose en *Toba-Maskoy*. Lengua hablada: *Maskoy*. Vitalidad de la lengua: 73,45% de población utiliza su lengua propia.

Prácticamente todos los *Maskoy* continúan hablando la lengua *Enenlhet* o Lengua y la gran mayoría habla también español y *Plattdeutsch* o *Plautdietsch*⁴⁵. El alcoholismo, la sífilis, la tuberculosis y otras enfermedades de los blancos hicieron estragos entre los indígenas de esta etnia. En 1983, un informe médico indicaba que el 90% de la población mayor de 15 años había ya tenido contacto con el bacilo de Koch (tuberculosis), que el 70% de los niños de 10 años padecía desnutrición en diferentes grados y que el 50% estaba afectado por parasitosis. La dieta del monte, rica en vitaminas, proteínas y minerales, se había empobrecido drásticamente, convirtiéndose casi exclusivamente en hidratos de carbono. La relación obrero-fábrica destruyó las diferentes formas de solidaridad instaurando un nuevo tipo de persona desarticulada de su comunidad, individualista, competitiva y clientelista. Habitan los departamentos de Presidente Hayes, Boquerón y Alto Paraguay (Mapa 14). Total de habitantes 2.072.

Mapa 14 Distribución geográfica del pueblo *Toba Maskoy* (SLP, 2018)



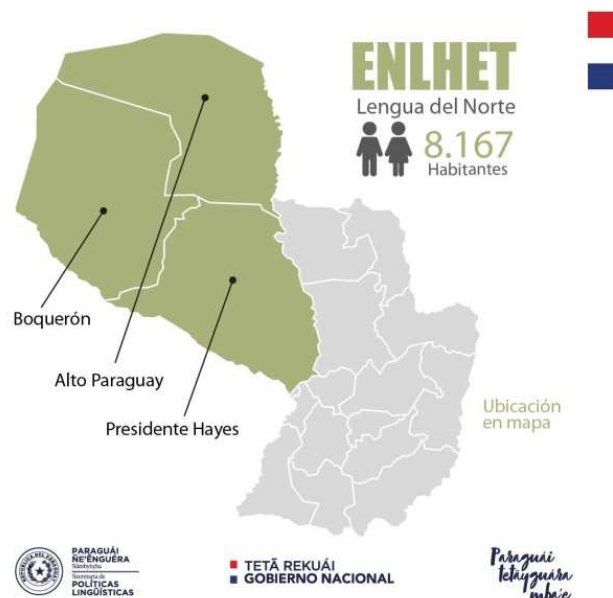
Los Pueblos conocidos como Lengua, cuya población total en 2012 era de 15.451 personas, localizados en los departamentos Alto Paraguay, Boquerón y Presidente Hayes, se dividen en 3 grupos, de los cuales los dos grupos *Enenlhet* suelen considerarse como Lenguas del norte y los *Enxet* como Lenguas del sur.

⁴⁵ Un dialecto alemán hablado por los menonitas inmigrantes al Chaco.

14) Pueblo *Enenlhet*, también llamados *Toba*, *Toba-maskoy*, *Toba-lengua*. Se refieren a su lengua como *Enenlhet apayvoma* o *Tova payvoma*. Muchos *Toba* (especialmente aquellos que ya no hablan *Toba*) se hacen figurar como *Maskoy*, por eso el porcentaje de hablantes de *Toba* es mucho menor. Muchos hombres hablan también español y algo de *Plattdeutsch*. Las mujeres generalmente hablan solo *Enenlhet*. Hay también un considerable bilingüismo *Enenlhet-toba* y *Enlhet* (lengua norte).

15) Pueblo *Enlhet* o *Powok Eenthlit* (pariente, prójimo). Lengua hablada: *Enlhet*. Vitalidad de la lengua: 97,40% de población utiliza su lengua propia y son uno de los pueblos con mayor presencia en la zona urbana. La familia lingüística Lengua Maskoy o *Enlhet-enenlhet*⁴⁶ se compone de seis idiomas: *Enlhet*, *Enxet*, *Angaité*, *Sanapaná*, *Guaná* y *Toba*, y abarca la parte centro-este del Chaco Paraguayo. Tradicionalmente existían amplios grupos bilingües *Enlhet Nivaclé* y se encuentran varios préstamos *Nivaclé* en el *Enlhet* y viceversa. Muchos *Enlhet* hablaban el *Plautdietsch*. Habitan los departamentos de Presidente Hayes, Boquerón y Alto Paraguay (Mapa 15). Total de habitantes: 8167.

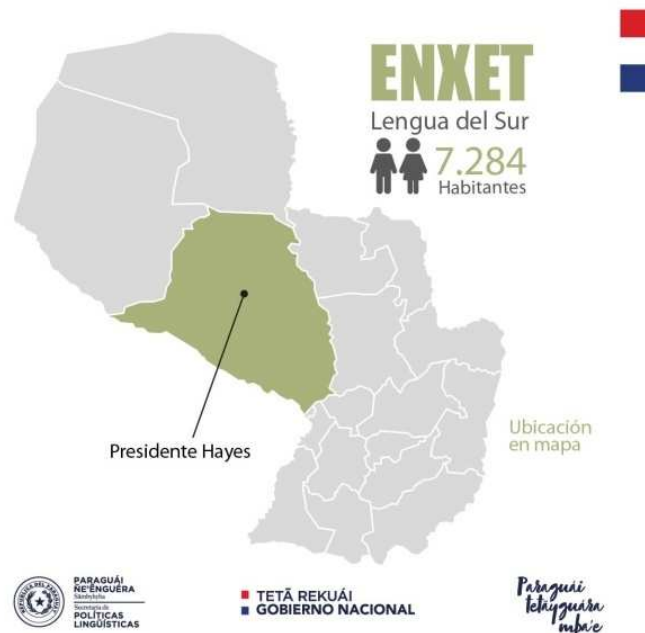
Mapa 15 Distribución geográfica del pueblo *Enlhet* (SLP, 2018)



⁴⁶ Santa Cruz (2012, p. 20) refiere: “Aunque la reunión de los dos grupos enlhet (lengua norte) y enxet (lengua sur) bajo el nombre Lengua es absolutamente usual, desde el punto de vista lingüístico se considera problemático, ya que sus respectivas maneras de hablar no permiten un fácil entendimiento mutuo”.

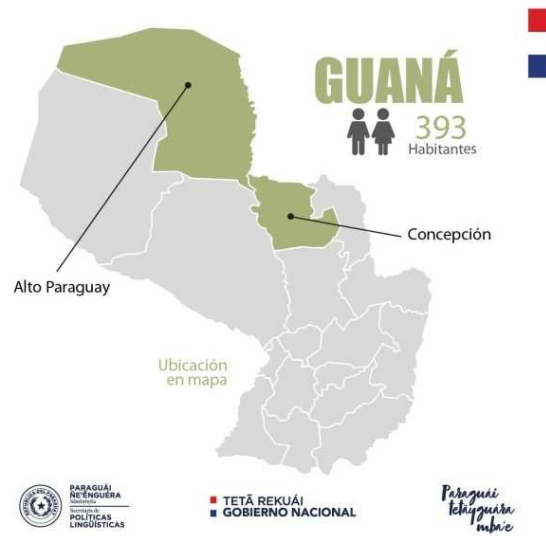
16) Pueblo *Enxet* (hombre, persona, gente) también conocidos como Lengua, al igual que los *Enlhet*, con los que comparten varias características similares, aunque se trata de dos lenguas diferentes. Lengua hablada: *Enxet*. Vitalidad de la lengua: 49,75% de población utiliza su lengua propia. Siguen sus prácticas de cazadores y recolectores, aunque han disminuido enormemente en los últimos años con la tala de los bosques de su territorio tradicional. Habitaban la región central del Chaco Paraguayo. En las primeras décadas del siglo XX misioneros ingleses los evangelizaron, ya que su cultura tradicional era vista como un estorbo al progreso. Habitan el departamento de Presidente Hayes (Mapa 16). Total de habitantes: 7.284.

Mapa 16 Distribución geográfica del pueblo *Enxet* (SLP, 2018)



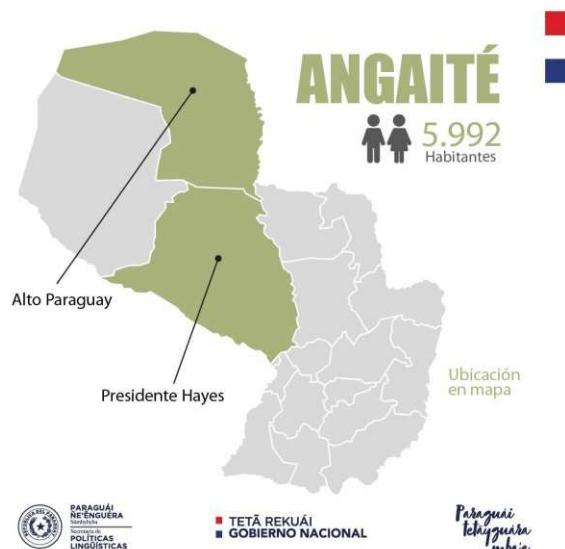
17) Pueblo *Guaná* o *Kashiha*. Lengua hablada: *Guaná*. Vitalidad de la lengua: 1,01% de población utiliza su lengua propia. Su lengua comprende tradicionalmente los dialectos *Layana* o *Niguecactemigi* y *Echoaldi* o *Echonoana*, y es una de las cinco lenguas indígenas en peligro de extinción según el Censo Nacional Indígena 2002 (DGEEC, 2003). Son uno de los grupos más destribalizados del Chaco por de su inserción laboral en las empresas tanineras del Alto Paraguay, de la empresa cementera de Vallemí y de otras caleras sobre la ribera oriental del Río Paraguay, en Concepción. Habitan los departamentos de Concepción y Alto Paraguay (Mapa 17). Total de habitantes: 393.

Mapa 17 Distribución geográfica del pueblo *Guaná* (SLP, 2018)



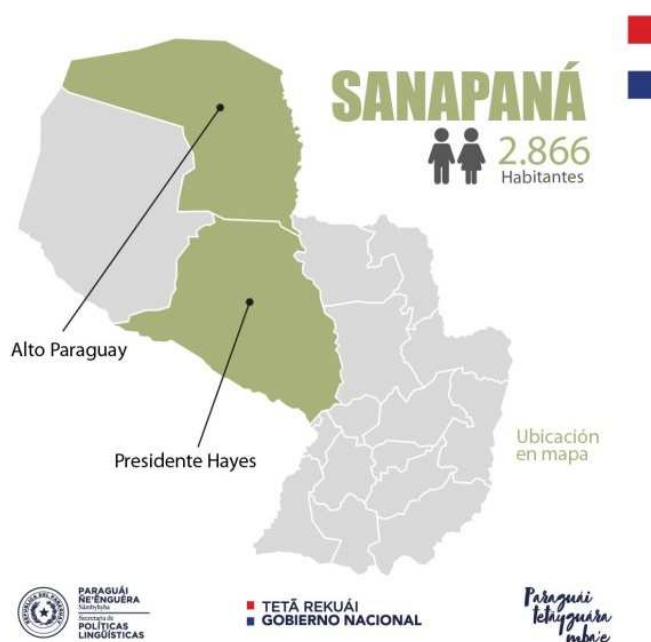
18) Pueblo *Angaité* (alma verdadera) o *Enlhit*. Formado por tres grupos preexistentes a la colonización y que poseen diferencias idiomáticas entre sí: los *Koahlvok*, los *Koieteves* y los *Konjanava*. Lengua hablada: *Angaité*. Vitalidad de la lengua: 9,69% de población utiliza su lengua propia. Hoy en día muchos perdieron su lengua materna y hablan jopará debido a la larga historia del contacto con misioneros que los acostumbraron al uso del guaraní así como por su posterior incorporación al trabajo asalariado. Inicialmente ocupaban el noroeste del Chaco. Habitan los departamentos de Presidente Hayes y Alto Paraguay (Mapa 18). Total de habitantes: 5.992.

Mapa 18 Distribución geográfica del pueblo *Angaité* (SLP, 2018)



19) Pueblo *Sanapaná*, también llamados *Nenlhet*. Lengua hablada: *Sanapaná payvoma*. Vitalidad de la lengua: 42,95% de población utiliza su lengua propia. Los *Sanapaná* vivían entre Laguna Castilla y Puerto Victoria en dos subgrupos: *Sapukí* y *Sanapaná* o *Kyisapang*. Habitaban el sureste del Chaco, en el *Hlampop Casic* (lugar de cotorra). En la época de las empresas tanineras del Alto Paraguay se encontraban en gran número en Puerto Pinasco, Puerto Casado y en los obrajes, que eran lugares en el monte donde se cortaba el quebracho colorado, donde no escaparon de la explotación y maltrato que vivieron los otros pueblos. Tras el cierre de las fábricas de tanino, a finales del siglo XIX y comienzos del XX, se dispersaron en estancias particulares de la zona menonita y en las misiones religiosas anglicanas y católicas. Habitan los departamentos de Presidente Hayes y Alto Paraguay (Mapa 19). Total de habitantes: 2.866.

Mapa 19 Distribución geográfica del pueblo *Sanapaná* (SLP, 2018)

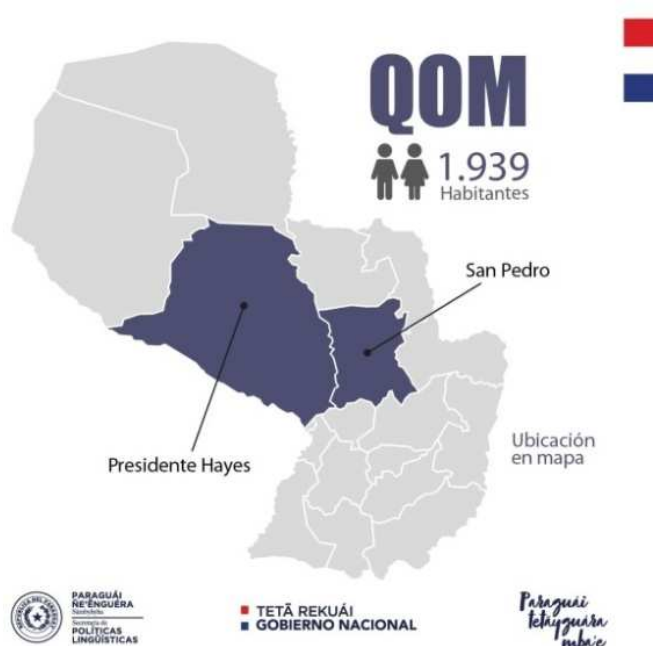


Familia lingüística Guaicurú:

20) Pueblo *Toba Qom* (ser humano). Últimos descendientes de la familia lingüística *Guaicurú* de origen pámpido-patagónico. Lengua hablada: *Qom*. Vitalidad de la lengua: 80,87% de población utiliza su lengua propia. Algunos migraron desde el sur del Chaco hasta el Alto Paraguay, fusionándose culturalmente con los *Maskoy*. Otros, en el siglo XVIII, cruzaron el

río Pilcomayo hacia el norte del Chaco Paraguayo y atacaron en 1741 a la Misión de San Ignacio de los Zamucos. Los descendientes de esos grupos serían los actuales *Toba-qom* o *Qom-lik*. Los españoles los llamaron Frentones y los guaraníes *Toba* por su costumbre de raparse el cabello y ostentar una frente prominente. Están también en el Chaco argentino, donde son llamados *Takshika*. Habitan los departamentos de Presidente Hayes y San Pedro (Mapa 20). Total de habitantes: 1.939.

Mapa 20 Distribución geográfica del pueblo *Toba Qom* (SLP, 2018)



3.1.4 Idioma, demografía y evolución 1950 - 2019

Según datos del censo de 2002 (DGEEC, 2003) a nivel país el idioma usualmente hablado en la mayoría de los hogares es el guaraní, con el 59,2% contra el 35,7% donde el idioma predominante es el español, y un 5,1% restante donde se hablan otros idiomas (Gráfico 1). No hay una asimetría significativa por sexo. Existe sí una gran asimetría por zona geográfica: en las zonas urbanas el español alcanza el 54,7% de hogares, el guaraní el 49,2% y otros idiomas el 2,4%, mientras que en las zonas rurales el guaraní es el idioma predominante, con el 82,7% de los hogares (Tabla 9), el español apenas con el 8,4%, superado incluso por la sumatoria de los otros idiomas, que llegan al 8,9%: la zona rural puede ser considerada casi monolingüe guaraní.

Gráfico 1 Idioma del hogar (DGEEC, 2003, p. 30)

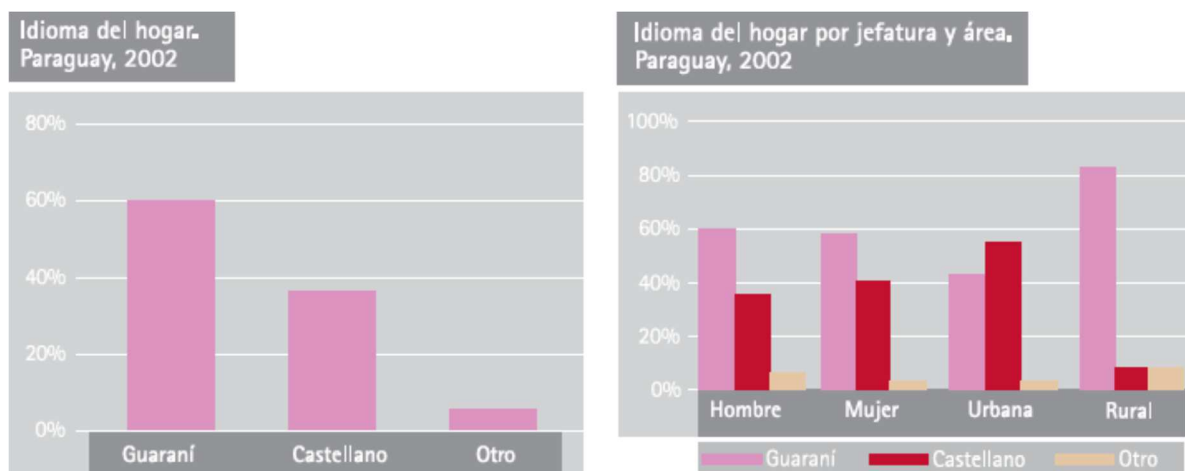


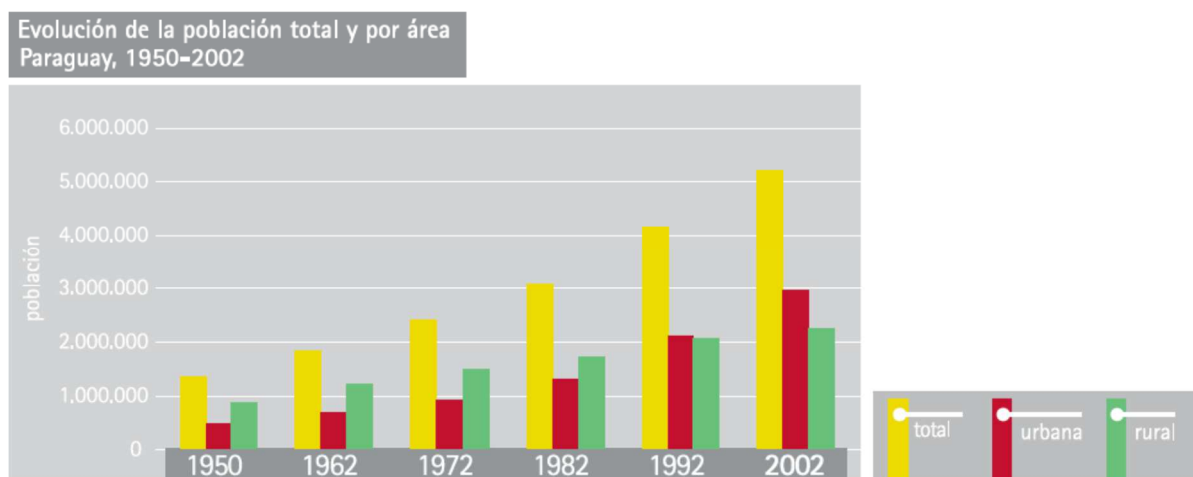
Tabla 9 Idioma del hogar por sexo y área (DGEEC, 2003, p. 30)

Paraguay: Idioma del hogar, 2002					
	2002	Jefe	Jefe	Jefe	Jefe
	País	Hombre	Mujer	Urbana	Rural
Total	1.117.398	830.795	286.603	659.174	458.224
Guaraní	661.589	495.466	166.123	282.677	378.912
Castellano	398.741	286.129	112.612	360.310	38.431
Otro	56.858	49.000	7.858	16.058	40.800
No informado	210	200	10	129	81
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%
Guaraní	59,2%	59,6%	58,0%	42,9%	82,7%
Castellano	35,7%	34,4%	39,3%	54,7%	8,4%
Otro	5,1%	5,9%	2,7%	2,4%	8,9%
No informado	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%	0,0%

Paraguay cuadruplicó su población entre 1950 y 2002. En 1950 contaba con 1.328.452 habitantes y según el censo de 2002 (DGEEC, 2003) contaba con 5.183.080 de personas. Este aumento de la población total del país se vio acompañado por una redistribución geográfica

de la población desde las zonas rurales a las zonas urbanas, ya que en 1950 la población urbana era del 34,6% mientras que en 2002 alcanzó el 56,7 % (Gráfico 2).

Gráfico 2 Evolución de la población por zona geográfica (DGEEC, 2003, p. 34)



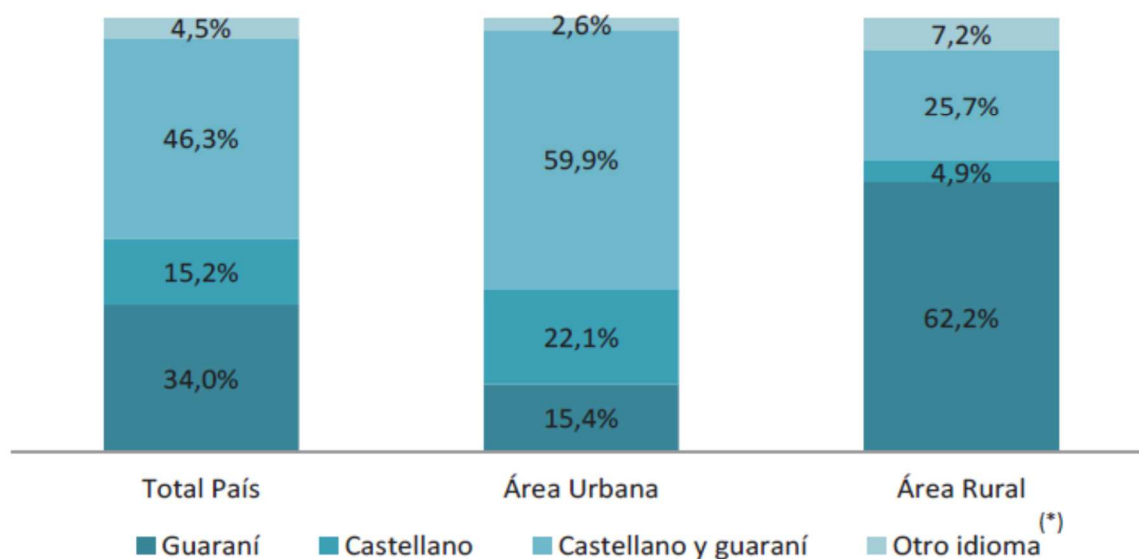
Dicha redistribución produjo una reducción de la población de las zonas rurales del 65,4% al 43,3%, entre 1950 y 2002, donde aún se hablaba casi exclusivamente guaraní (82,7%), y un aumento significativo de la población en las zonas urbanas del 34,6% a 56,7%, donde se habla preferentemente español (54,75), lo que llevó a un aumento del uso de la lengua española por parte de la población rural emigrada hacia la zona urbana con una consiguiente disminución del monolingüismo guaraní en función de un aumento del bilingüismo español-guaraní, como se puede verificar en los datos del censo de 2012 (DGEEC, 2016b).

Según los datos del censo de 2012 (DGEEC, 2016b) a nivel país en 2012 el 46,3% de los hogares utilizaba la combinación castellano-guaraní como idioma de comunicación entre sus miembros, el 34,0% de los hogares sólo se comunicaba en guaraní y el 15,2% sólo en español. Entre el censo de 2002 y el de 2012 vemos un aumento significativo del uso de español a nivel país, sin embargo, si observamos los resultados por distribución geográfica de la población, observamos que se mantiene la asimetría urbano-rural, donde el idioma más utilizado en los hogares urbanos también corresponde a la combinación español-guaraní (59,9%), seguido de sólo español (22,1%), lo que difiere del área rural, donde el 62,2% de los hogares rurales sólo se comunican en guaraní y el 25,7% utiliza la combinación español-guaraní (Gráfico 3). Vemos entonces que en sólo 10 años el porcentaje de monolingües

guaraní de la zona rural pasó del 82,7% al 62,2%, y el uso de español de la zona rural aumentó del 8,4% al 25,7%.

Gráfico 3 Idioma del hogar por área urbana-rural (DGEEC, 2016b, p. 34)

Paraguay. Idioma predominante en el hogar, según área urbana-rural, 2012.



El aumento de la población pasó de 5.183.080 personas, según el censo de 2002 (DGEEC, 2003), a 6.461.041 personas, según el censo de 2012 (DGEEC, 2016a), y se estima que hoy la población es de 7.152.703 personas según el tríptico de 2019 (DGEEC, 2019).

La redistribución geográfica de la población desde las zonas rurales a las zonas urbanas evolucionó de la siguiente manera: de 34,6% en 1950 a 56,7 % en 2002 y 59,2% en 2012, con una proyección estimada del 62,1% para 2019, prácticamente la situación inversa a 1950.

En relación a las principales lenguas habladas en Paraguay, según el censo de 2012 (DGEEC, 2016b), se verifica que hubo una evolución de la supremacía monolingüe guaraní en función del bilingüismo guaraní-español, que en 2012 alcanzaba el 46,3% de la población, con un 34% de monolingüismo guaraní y un 15,2% de monolingüismo español, además de la presencia significativa de otras lenguas como portugués, con el 2,0%, que supera incluso a las demás lenguas indígenas, con el 1,2% (Tabla 10).

Tabla 10 Idioma predominante del hogar (DGEEC, 2016b, p. 34)

Paraguay. Hogares particulares por área urbana-rural, según idioma predominante en el hogar, 2012.

Idioma predominante en el hogar	Área de residencia					
	Total País		Urbana		Rural	
	Cantidad	Porcentaje	Cantidad	Porcentaje	Cantidad	Porcentaje
Total hogares	1.232.496	100,0	741.455	100,0	491.041	100,0
Guaraní	419.265	34,0	113.923	15,4	305.342	62,2
Castellano	187.951	15,2	163.752	22,1	24.199	4,9
Castellano y guaraní	570.685	46,3	444.336	59,9	126.349	25,7
Portugués	24.318	2,0	9.840	1,3	14.478	2,9
Alemán	9.017	0,7	2.586	0,3	6.431	1,3
Idioma indígena	14.192	1,2	1.177	0,2	13.015	2,7
Otro idioma	1.889	0,2	1.378	0,2	511	0,1
No habla	174	0,0	107	0,0	67	0,0
No informado	5.005	0,4	4.356	0,6	649	0,1

Del análisis de los datos de los censos nacionales desde 1950 a 2019 se ve un claro aumento del bilingüismo español-guaraní en detrimento del monolingüismo guaraní, el que podríamos suponer debido principalmente a la redistribución geográfica de la población desde el área rural mayoritariamente monolingüe guaraní al área urbana donde conviven casi en una relación de paridad tanto el español como el guaraní, sin olvidar los demás índices mencionados anteriormente relacionados al aumento de los índices de escolarización y de acceso a tecnologías de informaciones y comunicaciones (TIC).

3.2 EL CONTEXTO SOCIO HISTÓRICO Y EL AISLAMIENTO PERIFÉRICO

Como anticipamos en la introducción de este trabajo, para Fontanella de Weinberg (1993) el origen de las variedades del español americano se explica, entre otros motivos ya mencionados como la influencia del sustrato, por el contacto que existió entre hablantes de diferentes dialectos procedentes de diferentes regiones de la Península Ibérica como consecuencia del proceso migratorio de conquista y colonización, sobre todo durante la primera centuria, en la que convivieron dialectos peninsulares con diferentes sistemas fonológicos, entre otras diferencias, pero que fue continuo a lo largo de los siglos por el flujo constante de oleadas migratorias, situación que no se dio en Paraguay ni durante el primer siglo de la conquista ni durante el período que siguió hasta la formación del Estado Paraguayo. Para Fontanella de Weinberg (1993), dada la extensión territorial del continente

americano, el factor temporal de los diferentes procesos migratorios de conquista y colonización y la composición de los grupos migrantes, la koinización no fue un proceso general en todo el continente, sino regional, simultáneo y continuo de koinización-estandarización, lo que explica las diferencias existentes entre las variedades americanas. Otro factor importante para Fontanella de Weinberg (1993) fue el de la mayor o menor relación que mantuvieron en el tiempo las diferentes regiones americanas con las diferentes regiones ibéricas, situación que en el caso de Paraguay fue prácticamente nula. En cuanto a los procesos de estandarización, Fontanella de Weinberg (1993) considera que, como afirman Garvin y Mathiot (1974), están directamente relacionados al grado de urbanización, y que ocurrieron independientemente en diferentes regiones y en tiempos notablemente diferentes. Así, coloca a México y Paraguay como paradigmas en los extremos de una gama de situaciones intermedias para las variedades americanas, donde México corona el ápice de la rápida urbanización y estandarización y Paraguay el contrario, ya que, además de haber quedado aislado muy tempranamente por la corona en los procesos de colonización y urbanización, fue y es por excelencia un país bilingüe, lo que produjo una baja estandarización con acumulación de rasgos no estándar.

Kallfell (2016) refiere que cuando los españoles llegaron a Paraguay al mando de Juan de Ayolas, quien ordenó a Juan de Salazar de Espinoza la fundación del fuerte de la Asunción a orillas del río Paraguay en 1537, los indios guaraníes no opusieron ninguna resistencia por considerarlos semidioses y ver en ellos a un buen aliado contra las tribus vecinas. Refiere que entonces los guaraníes les dieron tierras y mujeres en abundancia con la idea de emparentarse, tanto que el que menos, contaba con cinco o seis, mientras había quien llegaba incluso a setenta mujeres. De allí nació la prole de los llamados *mancebos de la tierra*, mestizos bilingües que hablaban un español limitado sobre todo a lo concerniente a la administración y a lo militar y que constituyó la base del español paraguayo actual. Así se desarrolló poco a poco una sociedad constituida en su mayor parte por mestizos, de cuya élite participaban los que podían enorgullecerse de su ascendencia hispánica, lo que produjo que el prestigio del español creciera enormemente y asegurara así su supervivencia. Desde entonces, las dos lenguas, el español (*karaiñe'ẽ* o lengua de los señores) y el guaraní (*avañe'ẽ* o lengua de los indios), fueron inseparables y mutuamente relacionadas. Refiere también que hubo interferencias tanto del guaraní al español como a la inversa, y que aunque la mayoría hablaba el *avañe'ẽ*, lengua tribal hoy casi desaparecida por su alto grado de hispanización, y que sólo utiliza actualmente el pueblo *Avá Guaraní*, el influjo del español en la lengua autóctona fue mucho mayor por vía de los *mancebos de la tierra*, que, como capa más influyente de la

población, se familiarizaron con ambas lenguas e introdujeron inconscientemente nuevos elementos en la lengua indígena que se extendieron después también a los hablantes monolingües.

Según Granda (1982), Paraguay, además de ser un país bilingüe por excelencia, atravesó una situación histórico-político-económica única en América. Sostiene que el Paraguay fue condenado al aislamiento periférico ya desde el inicio de la conquista tras una serie de frustradas expediciones que llevaron a la Corona Española a convencerse de que allí no existían riquezas, y que los pobladores, abandonados por la metrópoli, prácticamente incomunicados con el Alto Perú, de cuya Audiencia de Charcas dependían, lejos de la costa atlántica y de sus puertos, debieron limitarse a una ganadería escasamente productiva y a una agricultura de mera subsistencia hasta el siglo XVII, con el auge de la yerba mate. Y que todo esto, sumado a la continua situación de guarnición fronteriza continuamente amenazada por los indios chaqueños por el oeste y por las incursiones de los portugueses por el este, produjo una situación de pobreza general que se mantuvo hasta finales del siglo XVIII, tras la apertura oficial al tráfico marítimo del puerto de Buenos Aires, la diversificación de cultivos y la desaparición de la competencia para el cultivo de yerba mate, lo que mejoró claramente la situación económica de Paraguay. Refiere que sólo superaría su situación de extremo subdesarrollo en la breve etapa de gobierno de Carlos Antonio López (1844-1862) y de su hijo el Mariscal Francisco Solano López (1862-1870), pero que la Guerra Grande o *Guerra Guasú* (Guerra de la Triple Alianza entre Brasil, Argentina y Uruguay contra Paraguay entre 1864 y 1870) lo volvería a sumir en la pobreza.

Granda (1982) refiere que la educación suministrada en Paraguay desde el siglo XVI se limitaba al nivel primario y a las escasas enseñanzas de las casas religiosas de la Provincia, y que era tan mediocre que:

[...] en 1625 y en 1753, por ejemplo, el Cabildo de Asunción tuvo que dirigirse al Rey exponiendo el peligro de que los hijos de los conquistadores adquirieran las costumbres de los indios y solicitando en vano, la fundación de un colegio en la capital de la Provincia (GRANDA, 1982, p. 276),

y que en 1650 y 1678 el Cabildo Catedral informó oficialmente que los sacerdotes ordenados por el Obispo Cárdenas apenas sabían leer. Refiere que en 1700 sólo tres paraguayos contaban con el título de Doctor debido a la pobreza y a la gran distancia entre Asunción y Córdoba o Chuquisaca, sedes de las Universidades más cercanas, y que sólo en 1783 se inauguró en Asunción el Real Colegio Seminario de San Carlos, que fue suprimido en 1822 por órdenes

del Doctor Francia, por lo que Paraguay no tendría otros centros de enseñanza media y superior hasta el gobierno de Carlos Antonio López.

Por todas estas cuestiones y por el hecho de haberse desarrollado en un aislamiento total prácticamente hasta el siglo XIX –lo que lo llevó a que fuera denominado el Tíbet de América–, y por la falta del peso normativo de un centro cultural de referencia, Paraguay alcanzó una prácticamente nula estandarización lingüística que según Fontanella de Weinberg (1993) llevó a los hablantes a una relajación extrema por ausencia de modelos de prestigio lingüístico.

3.2.1 El aspecto sociolingüístico

Granda (1982) coloca así a Paraguay en la categoría de área periférica tanto en el ámbito socio histórico como lingüístico y propone la hipótesis de la causación múltiple para explicar el particular fenómeno del leísmo del español paraguayo, lo que está en línea con la hipótesis de Fontanella de Weinberg (1993): una serie de diferentes factores actuando en conjunto y configurando una serie determinada de características, ya que, por más que la interferencia de la lengua indígena de sustrato tenga un peso tan significativo por tratarse de una realidad única de bilingüismo sostenido en el tiempo, dicha interferencia no excluye otros factores como el peso demográfico y social de los actores involucrados en un proceso secular de interacciones, sobre todo considerando que por casi dos siglos no se verificó en Paraguay la llegada de nuevos contingentes de colonizadores españoles, lo que produjo, en el caso del leísmo paraguayo, la persistencia del fenómeno específico desde el siglo XVI hasta finales del siglo XVIII.

Sin embargo, hay autores como Melià (1995) y Verón (2017) que cuestionan el supuesto *bilingüismo por excelencia* que refieren Granda (1982) y Fontanella de Weinberg (1993).

Verón (2017) sostiene que a la llegada de los europeos a América del Sur el guaraní-tupí, con sus distintas denominaciones, era casi la única lengua de Paraguay y varias regiones de Sudamérica, particularmente de los territorios que actualmente comprenden Paraguay, Brasil, Argentina, Bolivia, Uruguay y, en menor grado, Perú, Ecuador y Guayanas, tierras pobladas por guaraníes y por otros pueblos de diferentes lenguas pero que aceptaban el guaraní-tupí como lengua franca por gozar de mayor prestigio cultural y que por este motivo se extendió desde el núcleo central del hábitat de los Guaraní-Tupí prácticamente a toda América del Sur, llegando a ser la lengua más extendida en esta parte del continente, al punto

de que los conquistadores y colonizadores que entraban por la costa atlántica la reconocían como la lengua más usada en la costa de Brasil, la lengua *geral*.

Verón (2017) refiere que la Iglesia católica asumió desde el inicio el idioma guaraní como lengua oficial de la conquista espiritual en el Río de la Plata ya que sin su uso hubiera sido imposible dicha empresa puesto que los nativos se negaban a usar otra lengua que no fuera la suya. Refiere que El Sínodo Diocesano de Asunción del mes de octubre de 1603, reunido bajo la presidencia del Fray Martín Ignacio de Loyola, Obispo del Río de la Plata, resolvió adoptar oficialmente el idioma guaraní para la enseñanza de la doctrina cristiana por ser la lengua más clara y hablada en todas las provincias, siendo su conocimiento obligatorio para los curas encargados de la enseñanza. Refiere también que durante el período colonial no solamente se extendió el uso oral del guaraní sino también el escrito, abandonado sólo después de la independencia, y que la escritura guaraní en la segunda mitad del siglo XVIII era un fenómeno cultural bastante arraigado en la vida civil de los misioneros, donde acuerdos y acontecimientos se documentaban oficialmente en idioma guaraní, y no solamente en Paraguay, sino en toda la región, en forma oral y escrita, a tal punto que el primer gobernador criollo del Río de la Plata, Hernando Arias de Saavedra (Hernandarias), a fines del siglo XVI e inicio del siglo XVII, mandaba pregonar todos los actos de su gobierno en guaraní y en castellano. Refiere que otro caso muy significativo del uso oficial del guaraní fue el protagonizado por el general Manuel Belgrano, enviado a Paraguay por la Junta Provisional Gubernativa de las Provincias del Río de la Plata, que luego se convertiría en la República Argentina, a fin de persuadir a los paraguayos para que se unieran a dichas provincias, y que Belgrano, antes de entrar a Paraguay, en diciembre de 1810, remitió cartas en guaraní y castellano a las autoridades políticas, militares, eclesiásticas y a la población en general. Refiere que incluso los cabildos de pueblos indígenas se comunicaban en guaraní, tanto en forma oral como escrita, y que enviaban notas redactadas en guaraní a las autoridades, incluidos los reyes, para manifestar sus inquietudes, y que los textos eran traducidos al castellano por las autoridades locales antes de ser remitidos a la corona.

Verón (2017) sostiene que, por lo expuesto, no se pueda hablar de bilingüismo durante dicho período, cuando lo que realmente hubo fue un monolingüismo guaraní ampliamente generalizado en todas las esferas, social, eclesiástica, militar y política, de la época. Refiere que el guaraní, que en realidad era la lengua *española* de Paraguay, la lengua en la que se había defendido tantas veces el territorio y el dominio español, aunque no de un día para el otro, dejó de ser lengua política y de la política. Según Verón (2017) existe un mito acerca del bilingüismo guaraní-castellano de Paraguay, dado que muchos autores afirman que el país fue

bilingüe desde la llegada de los españoles, pero que esto no es cierto. Sostiene que el desarrollo del español se produjo sólo después de la emancipación nacional y que durante el período colonial el guaraní fue la lengua casi única del territorio hoy ocupado por Paraguay y en gran medida también de los países fundadores del Mercosur, como también sostiene Meliá (1995, p. 132): “La historia lingüística de la sociedad mayoritaria de Paraguay es la de un monolingüismo guaraní que viene desde los tiempos prehispánicos y se prolonga hasta principios del siglo XX”.

Verón (2017) refiere que luego de la independencia nacional, a partir de la Revolución de Mayo de 1811, paradójica e irónicamente se enraizó el paradigma eurocentrista y de la modernidad que desprecia toda manifestación cultural no europea y que por lo tanto la lengua guaraní, al igual que otros idiomas genuinamente americanos, fue dejada de lado por el castellano y otras lenguas europeas. Refiere que el 15 de febrero de 1812, la Junta Superior Gubernativa aprobó el documento *Instrucción para Maestros de Primeras Letras* en el que se estableció la necesidad de eliminar el guaraní de las escuelas e impartir la enseñanza solamente en castellano. Refiere que, si bien no se cuenta con datos estadísticos sobre el uso de las lenguas en esos años, muchos investigadores afirman que todos los habitantes del país hablaban guaraní, incluidos los españoles, y que la lengua castellana la sabía manejar no más del 5% de la población. Refiere que desde entonces el guaraní escrito fue paulatinamente abandonado después de la independencia y durante el gobierno del Dr. Francia a pesar de que el *Karai Guasu* (Gran Señor), como era llamado, lo usara cotidianamente y promoviera su uso a tal punto que hasta mandó redactar en guaraní el primer himno nacional, el *Tetã Purahéi*, pero que a pesar de todo abandonó su uso escrito en la Administración del Estado. Proceso de desvalorización de la lengua guaraní que se profundizó luego durante el gobierno de Carlos Antonio López, donde toda forma de manifestación de la cultura indígena fue censurada a tal punto que hasta fueron cambiados los nombres y los apellidos de los nativos y se tradujo al castellano la letra del himno nacional. Refiere que en dicho período se implantaron políticas orientadas a la asimilación compulsiva de los nativos a la población *civilizada* como testimonia el decreto del 7 de octubre de 1848 que convirtió en ciudadanos de la República a los nativos de los pueblos de indios y al mismo tiempo los despojó de sus tierras y ganado.

Verón (2017) refiere que, sin embargo, el guaraní escrito se recuperó durante la guerra de la Triple Alianza, en la que se publicaron periódicos de trincheras en guaraní o bilingües guaraní-castellano, y donde el guaraní fue el idioma oficial, el arma fundamental que tuvo Paraguay para enfrentar la ocupación extranjera que eliminó más del 70% de la población paraguaya, pero que a su fin y por imposición de los vencedores se inició la total negación de

la lengua guaraní y toda manifestación de identidad paraguaya. Refiere que el 15 de agosto de 1869, antes de que culminara el denominado *Genocidio americano*, los ejércitos de ocupación impusieron un triunvirato como gobierno en un acto realizado en la catedral de Asunción en el que los principales oradores coincidieron en que para *regenerar* Paraguay había que concretar dos objetivos: olvidar para siempre el nombre de Francisco Solano López, entonces presidente del Paraguay, que estaba peleando en el interior del país, y matar la lengua guaraní. Verón (2017) refiere que entonces, tras el asesinato de Francisco Solano López el 1 de marzo de 1870 y el final de la guerra, el 7 de marzo, el Gobierno impuesto por los ejércitos de ocupación firmó el decreto que prohibía el uso del guaraní en las escuelas, iniciando la batalla contra la identidad nacional y la lengua guaraní, elemento indiscutible de cohesión social y de resistencia del pueblo paraguayo. Según Melià (2006), a partir de entonces se desarrolló una mentalidad unilingüista que, si no se hizo más potente, fue por la lealtad lingüística de la población a su tradición y por las escasas condiciones de posibilidad de aprender realmente el castellano.

Verón (2017) refiere que luego, con la guerra del Chaco (1932-1935) o, como la califican algunos historiadores, guerra de los soldados desnudos, promovida por empresas petroleras internacionales, las autoridades volvieron a acordarse del guaraní por cuestiones estratégicas, y que la lengua fue reivindicada cuando en 1933 el comandante del Ejército paraguayo la declaró idioma oficial mediante la Orden General N° 51, que obligaba a las tropas a usar el idioma guaraní en todas las comunicaciones, prohibiendo el uso del castellano, pero que, culminada la guerra, fue nuevamente proscripta y con ella los derechos de sus hablantes, el 98% de la población, hasta que en 1944, por primera vez desde la independencia, el guaraní volvió a entrar en las aulas de la universidad pública como materia en la carrera de Letras.

3.3 EL CONTACTO ENTRE LENGUAS Y LA VARIACIÓN LINGÜÍSTICA

En todo proceso de contacto lingüístico ocurre una compleja interacción de lo individual con lo colectivo y de lo lingüístico con lo extralingüístico puesto que intervienen una multiplicidad de factores tanto internos como externos a las lenguas y que afectan al individuo en su subjetividad y en su relación con los otros, a los grupos sociales, a las representaciones sociales y culturales que se tienen de las lenguas en contacto y que dependen de las condiciones históricas, políticas, económicas, demográficas y sociales de las lenguas

implicadas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006 [1968]; LABOV, 1994; 2001;). El contacto lingüístico se produce cuando una o más lenguas o variedades entran en contacto a través de diferentes procesos socio históricos, como la expansión de un territorio sobre otro con el consiguiente proceso de conquista y colonización o como a través de las migraciones en masa por cuestiones políticas, económicas o religiosas (WEINRICH, 1968 [1953]); TRUDGILL, 1986; 2002; MEDINA LÓPEZ, 1997; MORENO FERNÁNDEZ, 2015).

La necesidad de estudiar las relaciones entre lenguas o variedades e individuos y sociedades en contacto llevó a diferentes investigadores a analizar estas situaciones desde perspectivas y marcos teóricos diferentes.

Weinrich (1968 [1953]), al analizar los efectos del contacto, la difusión o aceptación de los cambios lingüísticos que se producen en el habla de los individuos de una comunidad advirtió la necesidad de tener en cuenta factores sociales como el prestigio de las lenguas implicadas, la cantidad de miembros que conforman el grupo, las actitudes lingüísticas de cada comunidad, entre otros. Granda (1994) advirtió sobre las divergencias teóricas y metodológicas que surgen de la disparidad del material lingüístico y sociocultural investigado, de la ausencia de una terminología y categorías de análisis unificadas, de las reformulaciones de los conceptos teóricos utilizados que llevan a una confusión terminológica y conceptual con significados poco precisos, confusos, cuando no divergentes de un autor a otro. Palacios (2004) advirtió sobre la falta de acotación del campo de estudio, así como sobre la escasez de estudios basados en trabajos de campo con informantes de las zonas de contacto realizados con rigurosidad y seriedad. Estas divergencias dentro de la lingüística de contacto, tanto teóricas como metodológicas, reflejan la ausencia de un marco teórico y metodológico propio, homogéneo y claramente definido, aún más cuando se consultan autores de diferentes períodos en donde muchas veces lo que pueda parecer obvio a la sociolingüística contemporánea no lo era de hecho 50, 30, e incluso 20 años atrás. Es por este motivo que en (3.3.1) vamos a definir algunos de los principales conceptos relacionados al contacto y a la variación lingüística en el sentido en que los utilizamos aquí para abordar las cuestiones específicas de esta investigación sobre el uso de los pronombres átonos de tercera persona del español paraguayo y sus divergencias con relación al español estándar.

3.3.1 Algunos conceptos sobre la temática del contacto y la variación lingüística abordados en esta investigación

A continuación, vamos a definir algunos de los principales conceptos sobre la temática del contacto y sus fenómenos derivados (interferencia, convergencia, préstamo y calco) y la variación lingüística abordados en esta investigación⁴⁷:

a) *Contacto*:

Weinrich (1968 [1953]) refiere que cuando dos o más lenguas son usadas alternativamente por los mismos individuos se puede decir que dichas lenguas están en *contacto*.

Moreno Fernández (2015) refiere que se habla de situaciones de lenguas en *contacto* cuando dos o más lenguas están en contacto en cualquier situación.

b) *Bilingüismo*:

Weinrich (1968 [1953]) define *bilingüismo* como el uso de dos lenguas alternativamente.

Medina López (1997, p. 18) define *bilingüismo* como “el uso de dos lenguas por parte de un hablante o comunidad”.

Moreno Fernández (2015) define el *bilingüismo* como una situación en la que coexisten dos o más lenguas y clasifica el *bilingüismo* en dos categorías, el *bilingüismo individual* y el *bilingüismo colectivo o social*. En el caso del *bilingüismo colectivo o social*, refiere que es muy común que esté acompañado de *diglosia* entendida como una desigualdad funcional de las lenguas dependiente de factores culturales, sociopolíticos y lingüísticos y que ocurre en ciertos contextos que denomina *ámbitos* o *dominios*, para los cuales el uso de una determinada variedad o lengua es más adecuado que el uso de otra.

c) *Plurilingüismo o multilingüismo*:

Medina López (1997) define *Plurilingüismo o multilingüismo* como el uso de tres o más lenguas por parte de un hablante o comunidades de hablantes.

d) *Diglosia*:

Medina López (1997) define *diglosia* como el empleo de dos o más modalidades, registros, dialectos o variedades de una misma lengua o de lenguas diferentes en diferentes

⁴⁷ No nos interesa para esta investigación discutir los diferentes matices dados a estos conceptos por los diferentes autores que los propusieron o los discutieron, sino simplemente aclarar en qué sentido los estamos utilizando aquí.

niveles diastráticos (estratos socioculturales) según situaciones más o menos formales o de prestigio.

Moreno Fernández (2015) define *diglosia* como el uso funcional y socialmente diferenciado de dos variedades de una misma lengua.

e) *Intercambio de códigos o alternancia lingüística:*

Medina López (1997) define *intercambio de códigos* o *alternativa lingüística* como la alternancia de ciertas estructuras de dos o más lenguas o variedades en un mismo discurso y que dicho fenómeno podría ocurrir tanto a nivel intraoracional como interoracional.

Para Moreno Fernández (2015, p. 259) consiste en: “la yuxtaposición de oraciones o fragmentos de oraciones de lenguas diferentes en el discurso de un mismo hablante; en este fenómeno, cada oración está regida por las reglas morfológicas y sintácticas de la lengua correspondiente”. Refiere que esto sucede en los hablantes o grupos sociales bilingües que dominan ambas lenguas.

f) *Sustrato, superestrato y adstrato:*

Moreno Fernández (2015) en relación con los fenómenos de contacto, define *sustrato* como el influjo de una lengua perdida sobre otra que se ha impuesto, define *superestrato* como el influjo de una lengua conquistadora que no llega a sustituir a la conquistada, pero que la traspasa de rasgos lingüísticos, define *adstrato*⁴⁸ como el influjo recíproco entre dos lenguas vecinas o que un tiempo lo fueron. Aquí también podemos encontrar un problema con la terminología dado que los autores citados se refieren muchas veces a *sustrato* y *adstrato* como si fueran términos equivalentes, cuando lo más adecuado, en el caso de la problemática lingüística de Paraguay, sería utilizar el término *adstrato* en relación al hipotético influjo del guaraní sobre el español (situación similar a la del vascuence sobre el español en la península⁴⁹) y *superestrato* al hipotético influjo del español sobre el guaraní, pero no *sustrato* en ninguno de estos casos, como sucede en muchos autores aquí citados.

g) *Interferencia y transferencia:*

Weinrich (1968 [1953]) introduce el concepto de *interferencia* cuando, dado el contacto entre las lenguas A y B, la lengua B comienza a mostrar o asimilar signos (fonético, léxicos, gramaticales o sintácticos) o estructuras de la lengua A, generando una estructura

⁴⁸ “Desde un punto de vista histórico se entiende por adstrato las relaciones que se establecen entre lenguas que comparten un espacio histórico, lenguas que pueden ser dos o más de dos” (ECHENIQUE ELIZONDO, 2000, p. 210)

⁴⁹ “[...] se debe entender por adstrato una situación de convivencia lingüística en un segmento temporal de duración variable, que puede incluso haber tenido continuidad hasta el presente (sería el caso del vascuence en las zonas en las que se ha conservado hasta épocas tardías)” (ECHENIQUE ELIZONDO, 2000, p. 209).

agramatical para su propia norma, la que puede ser: interferencia a nivel del habla (fenómenos individuales) o a nivel de la lengua (fenómenos que afectan a todo el conjunto de hablantes).

Según Medina López (1997) y Moreno Fernández (2015) algunos autores prefieren el término *transferencia*⁵⁰ en lugar de *interferencia* por encontrar en él connotaciones negativas ya que el término supone un mal uso del bilingüismo, dando la idea de contaminación o deterioro de la lengua B. Según Moreno Fernández (2015), *transferencia* se definiría entonces para dichos autores como la influencia que la lengua A ejerce sobre la lengua B en el sentido del uso de un rasgo característico de la lengua A en la lengua B. Pero aclara que, de todas formas, en el terreno de la gramática, tal uso daría un resultado agramatical en la lengua B, y, por lo tanto, conduciría a una reestructuración del sistema de dicha lengua:

Por lo general, las transferencias afectan al orden de palabras, a las funciones sintáctico-semánticas, a la desaparición de categorías obligatorias y a la frecuencia de las categorías que se manifiestan de un modo variable. Asimismo, el contacto entre lenguas diferentes favorece que se produzcan simplificaciones de categorías gramaticales y de oposiciones léxicas [...], que se generalicen modelos simplificados y que se desarrollen soluciones perifrásticas de muy diversos tipos (MORENO FERNÁNDEZ, 2015, p. 255).

Con relación a la *interferencia gramatical*, Moreno Fernández (2015) retoma a Weinrich (1968 [1953]), y refiere:

[...] Weinrich considera que las unidades gramaticales están distribuidas a lo largo de dos ejes: uno representa los grados de *obligatoriedad* de su aparición en la construcción lingüística y otro representa los grados de *integración estructural y sintagmática* de unas formas en otras, es decir, la capacidad de las unidades gramaticales para aparecer libres o unidas formalmente a otras categorías. Partiendo de esta distinción elemental, las lenguas pueden interferirse en los dos niveles de forma prácticamente ilimitada (MORENO FERNÁNDEZ, 2015, p. 253).

Moreno Fernández (2015) refiere que actualmente el término *interferencia*:

[...] para describir fenómenos aislados, superficiales, que pueden ser impredecibles, involuntarios y, efectivamente, desviados de las normas de una comunidad: es la situación de los estudiantes de una lengua extranjera, en la que afloran las interferencias como consecuencia de su impericia, probablemente transitoria, en el uso de una nueva lengua (MORENO FERNÁNDEZ, 2015, p. 256).

⁵⁰ Clyne (1967) propuso para el ámbito gramatical que se generalizara este término (MORENO FERNÁNDEZ, 2015, p. 255).

En esta investigación consideramos los dos términos, *interferencia* y *transferencia*, como equivalentes, ya que los autores citados con relación a los usos de los pronombres átonos de tercera persona del español paraguayo hacen uso de uno y otro término, a veces sin distinción, y por lo tanto en sentido equivalente.

h) *Convergencia*:

Medina López (1997) define *convergencia* como un influjo de la lengua A sobre la lengua B pero sin resultados agramaticales para la norma de dicha lengua B. Refiere que las situaciones más claras donde pueden advertirse fenómenos de *transferencia* y *convergencia* se dan en las áreas geográficas en donde el contacto de dos o más lenguas o variedades se da por períodos prolongados.

Para Moreno Fernández (2015) el término *convergencia* se refiere a las transferencias de estructuras gramaticales de una lengua a otra y cuyo resultado no es agramatical:

[...] consiste en una aproximación de determinados elementos de la gramática de la lengua B a la gramática de la lengua A [...] La convergencia se diferencia del préstamo en que aquí no se da una adaptación de los rasgos de la otra lengua, sino la generalización o la intensificación de unos esquemas que ya existen en el sistema de la lengua receptora (MORENO FERNÁNDEZ, 2015, p. 256).

i) *Préstamo*:

Moreno Fernández (2015) define *préstamo* como un tipo de *transferencia*, la *transferencia directa*, en el que una forma de la lengua B es sustituida por una forma de la lengua A, o en que una forma de la lengua A inexistente en la lengua B se incorpora a dicha lengua B.

j) *Lengua franca*:

Moreno Fernández (2015, p. 267) define *lengua franca* como “la variedad lingüística utilizada para la comunicación entre personas que no la tienen como lengua materna”.

k) *Koiné*⁵¹:

Siegel (1985) define *koiné* como el resultado estable de la *mezcla de subsistemas lingüísticos*, tales como dialectos regionales o literarios, que suele servir como *lengua franca* entre hablantes de diferentes variedades y que se caracteriza por la mezcla de rasgos y más

⁵¹ “Koine is a term with a long history and a wide variety of interpretations. It has its origin in the name of a variety of ancient Greek that became the common language of the Mediterranean. Subsequent metaphorical or technical use of the term has referred to a broad range of language varieties that some or all of the characteristics of the original Greek Koine” (TUTEN, 2003, p. 9).

frecuentemente por la *reducción* o *simplificación* de sus elementos. Afirma que una *koiné* tiene los siguientes rasgos característicos: a) confluencia de distintas variedades de una misma lengua (aunque se base primordialmente en una de esas variedades), b) reducción y simplificación de rasgos, c) uso como lengua franca regional, d) surgimiento de hablantes nativos y e) estandarización:

Thus, a koine is the stabilized result of mixing of linguistic subsystems such as regional or literary dialects. It usually serves as a lingua franca among speakers of the different contributing varieties and is characterized by a mixture of features of these varieties and most often by reduction or simplification in comparison (SIEGEL, 1985, p. 363).

Medina López (1997) define *koiné* como una *lengua común* resultante del *contacto* prolongado entre diferentes variedades de una misma lengua o de diferentes lenguas y reconoce dos tipos, la *Koiné regional*, que se da entre diferentes dialectos o variedades de una misma lengua en una misma región, y la *Koiné inmigrante*, que se da entre diferentes dialectos o variedades de una misma lengua pero donde la *mezcla* no ocurre en la región donde se originan los dialectos y generalmente se da entre comunidades inmigrantes⁵². Define también la *koinización* como un proceso dinámico de *mezcla de dialectos y estabilización* (regularización o acomodación lingüística).

Tuten (2003) realiza un relevamiento del término *koiné* a lo largo del tiempo y refiere que el primero a hacer un “*Modern metaphorical or technical*” (TUTEN, 2003, p. 13) uso fue Meillet (1930 [1913])⁵³, que se refirió a la *koiné* como a una especie de equilibrio constantemente variable, entre la fijación y la evolución, no solamente referido a la *koiné* griega sino también al latín vulgar y a otras lenguas, iniciando así su uso más general como medio para categorizar variedades de idiomas. A partir de allí “*ce terme commode et nécessaire*” (MEILLET, 1930 [1913], p. 244) fue retomado por otros autores, muchas veces

⁵² Ver Siegel (1985, p. 363-364): “*It is necessary to distinguish between two types of koines, depending on where they are spoken. The first is the regional koine, which usually results from the contact between regional dialects of what is considered a single language. This type of koine remains in the region where the contributing dialects are spoken, although it may be used outside the region as a trade language with other linguistic groups*”.

⁵³ “*Quand on parle de koivḗ, on pense donc à la fois aux deux choses; et ce n'est pas l'effet d'une insuffisance de clarté ou d'analyse dans la pensée des linguistes qui emploient ce terme commode et nécessaire. Le terme est trouble parce qu'il désigne une langue où une tradition puissante a été en lutte durant de longs siècles contre les tendances de l'évolution linguistique et où, suivant le degré de culture de chaque individu et suivant la force de la tradition à chaque moment, l'emporte soit la tradition antique soit les tendances nouvelles au développement. Ce n'est pas la faute des linguistes si, dans les textes, l'on rencontre ici une réalisation presque parfaite des règles traditionnelles, là un grand nombre de nouveautés conformes aux tendances du développement de la langue, et le plus souvent un compromis entre les deux forces antagonistes. La koivḗ n'est pas une langue fixée, ce n'est pas non plus une langue qui évolue en obéissant régulièrement à certaines tendances; c'est une sorte d'équilibre constamment variable, entre fixation et évolution*” (MEILLET, [1913] 1930, p. 244).

utilizándolo para referirse a dialectos utilizados como *lingua franca*, a variedades resultantes de *mezclas* de lenguas, y otras diferentes interpretaciones, hasta que fuera retomado por Siegel (1985), quien lo redefine y lo sistematiza:

The different interpretations given to the term have produced a situation in which its use often produces more confusion than clarity. Siegel (1985, p. 363) sets out to resolve this problem by specifying a technical meaning for the term. He claims that the concept of dialect mixing is fundamental, and specifies that the contributing varieties must be language varieties that are either a) mutually intelligible or b) share the same genetically-related superposed languages (1985: 375-376). These may include regional dialects, sociolects, and “literary dialects” (TUTEN, 2003, p. 17).

Tuten (2003, p. 18) refiere que tal definición conlleva el problema de los hablantes no nativos en la mezcla demográfica y se pregunta: “*should learner interlanguages be included among the contributing varieties of a koiné?*”. Refiere que varios autores sostienen la importancia de los hablantes no nativos en el desarrollo de una *koiné* y que el rango de variedades o subsistemas contribuyentes tiene que incluir también a las variedades de interlenguas de los aprendices de una segunda lengua. También refiere que estudios de Kerswill y Williams (2000) muestran que hay casos de *koinización* sin *simplificación* en el caso de dialectos mutuamente inteligibles y con una estructura similar, y que casos como éste estarían en uno de los extremos de una escala de *koinés* que abarcaría casos de poca o nula *simplificación* a casos de extrema *simplificación* a depender de la similitud de las estructuras de los dialectos involucrados. Considera además que hablar de un “*current developmental stage*”, como refiere Siegel (1985, p. 363)⁵⁴, sea problemático, ya que implicaría que la *koiné* una vez formada continúa a ser de alguna manera identificable como tal, cuando debería serlo solamente en sentido histórico. Con relación a que “*It usually serves as a lingua franca among speakers of the different contributing varieties*” (SIEGEL, 1985, p. 363) Tuten (2003) refiere que la *koiné* podría servir como *lingua franca* solamente para los hablantes no nativos ya que para los hablantes nativos serviría como lengua principal o incluso como única lengua. Refiere que el uso como *lingua franca* sería importante en el desarrollo de *koinés* regionales, pero que éstas, sin hablantes nativos, serían muy inestables, y que solo podrían configurar una variedad claramente definida con el surgimiento de hablantes nativos, ya que finalmente alcanzaría un grado de *estandarización*, punto en el cual dejaría de ser una *koiné*: “*Hence,*

⁵⁴ “Finally, it can be said that most koines are characterized by reduction or simplification to some extent. However, requiring a koine by definition to exhibit these features would be too restrictive, as the amount of reduction or simplification may differ between koines according to both the conditions under which they developed and their current developmental stage” (SIEGEL, 1985, p. 363).

koiné has become, in its technical sense, merely a convenient label for those languages varieties and states that result from the social and linguistic processes of koineization” (TUTEN, 2003, p. 21).

1) *Koinización:*

Tuten (2003) aclara que, aunque hubo otros autores que hicieron referencia al proceso de lo que hoy es llamado koinización, este término fue introducido por primera vez por Samarin (1971):

Samarin (1971) was only indirectly concerned with koineization, but he suggested use of the term as a means of differentiating a unique process, distinct from dialect leveling or borrowing, that leads to the formation of a new dialect. Samarin [...] also emphasized that koineization involves the suppression of localisms or prominent stereotypable features as speakers of different dialects mix together in new social contexts, particularly in cases of migration (TUTEN, 2003, p. 22).

También refiere que el más conocido y tradicionalmente influyente trabajo sobre *koinización* es el de Siegel (1985), en el que sintetiza nociones sobre *koinés* y *koinización* de estudios precedentes y alcanza la definición técnica de dichos términos además de proponer un modelo de *koinización*.

Siegel (1985) concluye que:

Koineization is the process which leads to mixing of linguistic subsystems, that is, of language varieties which either are mutually intelligible or share the same genetically related superposed language. It occurs in the context of increased interaction or integration among speakers of these varieties. A koine is the stabilized composite variety which results from this process. Formally, a koine is characterized by a mixture of features from the contributing varieties, and at an early stage of development, it is often reduced or simplified in comparison to any of these varieties. Functionally, a koine serves as a lingua franca among speakers of the different varieties. It also may become the primary language of amalgamated communities of these speakers (SIEGEL, 1985, p. 375-376).

El modelo propuesto por Siegel (1985, p. 373-374) -etapas que no necesariamente ocurren en todos los casos de koinización- y resumido por Tuten (2003, p. 23) es el siguiente:

1) *Prekoine. “This is the unstabilized stage at the beginning of koineization. A continuum exists in which various forms of the varieties in contact are used concurrently and inconsistently. Levelling and some mixing has begun to occur, and there may be various degrees of reduction, but few forms have emerged as the accepted compromise”.*

- 2) *Stabilized Koine*. “Lexical, phonological, and morphological norms have been distilled from the various subsystems in contact, and a new compromise subsystem has emerged. The result, however, is often reduced in morphological complexity compared to the contributing subsystems”.
- 3) *Expanded Koine*. A stabilized koine “may become a literary language or the standard language of a country. This extension of use is often accompanied by linguistic expansion, for example, in greater morphological complexity and stylistic options”.
- 4) *Nativized Koine*. “A koine may become the first language for a group of speakers... This stage may also be characterized by further linguistic expansion (or elaboration), but here some of it may be the result of innovations which cannot be traced back to the original koineized varieties” (SIEGEL, 1985, p. 373-374 apud TUTEN, 2003, p. 23).

3.3.2 Variaciones del sistema pronominal átono de tercera persona del español en contacto con lenguas no indoeuropeas

Para Fernández Ordóñez (1993; 1994; 2001) el contacto del español con lenguas no indoeuropeas que no poseen la categoría gramatical de género y difieren en la expresión de las categorías de número y de caso puede producir alteraciones en el comportamiento de los clíticos de tercera persona que nada tienen que ver con el leísmo de las áreas *etimológicas* ni con el *sistema referencial*.

Según Fernández Ordóñez (1993; 1994) en el español hablado en el País Vasco y en el norte de Navarra existe leísmo generalizado para los objetos [+ animado; ± masculinos; ± singular], donde los bilingües cuya lengua materna es el vasco omiten regularmente los clíticos de acusativo salvo cuando el referente es [+ animado], caso en que emplean exclusivamente *le, les*. Este uso no obedece a las reglas sintácticas que caracterizan a las distintas soluciones *referenciales* o *etimológicas* del resto de la península, y su origen estaría relacionado en el contacto secular del español con el eusquera:

En efecto, los bilingües cuya primera lengua es el eusquera emplean los clíticos de acuerdo con el siguiente sistema: *le* es el único clítico empleado con independencia de la posición sintáctica y el género del referente. La presencia de *le* se rige, no obstante, por ciertas normas. Es obligatoria si el referente ha recibido caso dativo o si es animado (aunque el objeto reciba caso acusativo). En cambio, si el referente es inanimado, los clíticos de acusativo se omiten regularmente. Este sistema se modifica ligeramente en los monolingües en español de la región. *Le, les* continúan funcionando como pronombres de dativo y de acusativo para objetos animados, pero *lo, los, la, las* pueden emplearse como clíticos de acusativo para referir a objetos inanimados. La elisión de los clíticos de objeto observada en el romance hablado en contacto con el eusquera, se explica, al igual que en el caso del quechua y del guaraní, porque en vasco también se integran como

morfemas de la raíz verbal [...]. Sin embargo, no encuentro motivos en la estructura sintáctica del eusquera que aclaren por qué la omisión afecta exclusivamente a los objetos inanimados (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1993, p. 17).

Fernández Ordóñez (1994) refiere que los bilingües⁵⁵ cuya primera lengua es el eusquera suprimen sistemáticamente los clíticos de acusativo y que dicha elisión afecta a todo tipo de referentes [\pm animado; \pm masculinos; \pm singular; \pm continuo], incluso al *lo* neutro, que raramente se suprimen los pronombres de dativo y que en la tercera persona suelen ser reducidos a la única forma *le*:

- (1) [+ humano; + animado; \pm masculino; + singular]
 - a. “Tienes allí **una mujer**_i que es viuda y no queremos que \emptyset _i [la] trates mal ¿eh?” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 38-39);
 - b. “Antes no había esa cosa de autobuses, yo \emptyset _i [lo] he tenido cinco años interno en Universidad de Deusto... un año que no podía entrar, \emptyset _i [lo] tuve donde la prima y luego cuatro años allí en colegio, en Deusto (**al hijo**_i)” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 39);

- (2) [- humano; + animado; - masculino; + singular]
 - a. “**La gallina**_i, pues ya, cuando era mayor, \emptyset _i [la] comías en casa” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 38);

- (3) [- humano; - animado; \pm masculino; \pm singular; \pm continuo]
 - a. “Cuando me tocaba **guardia**_i, me \emptyset _i [la] solía hacer uno de Briviesca” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 39);
 - b. “Ni merece la pena de guardar[la] \emptyset _i hasta que venga el traperero.... yo \emptyset _i [la] tiré a la basura, por cincuenta pesetas que vas a tener ¿dónde \emptyset _i [la] vas a tener? (**la lana**_i)” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 39);
 - c. “Cogemos **las vainas**_i en la huerta, \emptyset _i [las] llevamos a casa..., cuando \emptyset _i [las] echas al puchero, ‘hirve’, cuando está hirviendo, cinco minutos y fuera, \emptyset _i [las] echas

⁵⁵ “El empleo de los pronombres átonos de tercera persona en el romance hablado por los monolingües castellanos en el País Vasco y en territorios vascófonos ha sido condicionado por el de los bilingües. Como fruto de esa secular convivencia lingüística, su sistema pronominal se distingue del “etimológico” de las vecinas Aragón, Navarra y Rioja por una reorganización regional caracterizada por preferir *le*, *les* como pronombres de acusativo con referente animado” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 43).

encima de la mesa..., cuando están secas, Ø_i [las] metes en la bolsa, al frigorífico” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 39);

d. “Yo tenía en Elorrio **un piso**_i..., antes de venir aquí Ø_i [lo] tenía cogido, ya sabía yo que íbamos a casar y ya Ø_i [lo] tenía cogido” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 39)

e. “También tienes **pan**_i de borona, Ø_i [lo] tienes vendiendo, y semana pasada también Ø_i [lo] trajo mi mujer de Durango y Ø_i [lo] comimos en casa” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 39);

f. “Como hay congeladores, Ø_i [los] metes a un congelador en bolsas y ya está (**los chorizos**_i)” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 39);

(4) a. “Todo **lo que tenías aquí**_i ya Ø_i [lo] tenías vendido” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 39);

b. “**Y eso**_i ¿por qué Ø_i [lo] hacen?” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 39);

(5) [+ humano; + animado; ± masculino; ± singular]

a. “Bueno, basta, Pedro, **déjale, déjale** ahí (**a un hombre**)” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 40)

b. “Pedir ayuda con **la hermana, o la mujer o la madre**, lo que sea, llamar**le** pa atender a la gente” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 40)

c. “**Le** encontramos **a la gente** y no podemos venir a casa” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 40)

d. “Ahora, sin embargo, **los que vendían leche** han estao vendiendo, pa no tener vacas lecheras **le[s]** han dao el dinero y han puesto vacas de carne” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 39);

e. “**Y le miro a ellas** y les digo en vasco...” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 40);

(6) [- humano; + animado; ± masculino; ± singular]

a. “**Y el salchichero** te está esperando allí, **le** pone echao y ¡ya!... un gancho grande tiene así, suele tener, y ¡tra! **le** [se lo] mete por aquí y ya se empieza a sangrar... y luego pues, ya cuando deja el cuerpo, **le** llevan a las estas, a la paja, **le** queman y luego pues **le** cortan por en medio (**el cerdo**)” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 40);

b. “Si ‘quiés’ algo ordeñar, tienes que **darle[s]** pienso (**a las vacas**)” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 39);

(7) [- humano; - animado; ± masculino; + singular]

- a. “Yo tenía en Elorrio **un piso** pagándole” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 40);
- b. “Sí, cuando se está matando, pues una [la] está cogiendo y meneándole para que no se escape (**la sangre**)” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 40).

Fernández Ordóñez (1994) refiere que en el español del País Vasco el leísmo de persona está extendido también al femenino, quizá como consecuencia de que no existe formalmente oposición de género en el vascuence, situación que también se comprueba en determinantes y adjetivos, generalmente a favor de la forma no-marcada, la masculina, y con sustantivos procedentes de la tercera declinación latina, afectando también a *lo* neutro:

“el sal, el sangre, el piel, el leche, el carne, el costumbre, el ikastola” [...] “la orden de la casa” [...] “la zanahoria, si quieres entero, y si quieres picar, picao” [...] “la lana colgao pa secarse”, “picar la piedra con unos hierros, ¿no?, son aquello picaba la piedra y [la] dejaba limpio y [la] colocaba otra vez”, “tomate que ya está nacida” [...] “el único picante” (lo único), “y el único ¿sabes lo que hacen” (lo único), “lo ordinario se quedaba aquello pal ganao y el fino pa hacer pan” (la harina y el salvao) [...] “esas dos cosas hay pocos como aquí”, “esos mantillas negras”, “del mismo molino te traen ya quitao la cáscara y todo”, “había uno que es más fino y el otro más, más ordinaria” (el maíz), “el menos peligroso” (lo menos), “lo de los domingos” (el [traje] de los domingos) [...] “una unión muy bárbaro”, “la agricultura era esclavo”, “la reúma”, “la salvao”, “mucho más educación que ahora” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 40)

Fernández Ordóñez (1994; 2001) refiere que en las variedades americanas el sistema pronominal átono de tercera persona suele seguir el modelo estándar distinguidor de caso a excepción de las regiones que están en contacto con lenguas amerindias. En el noroeste de la Argentina que limita con Paraguay, y Paraguay principalmente, donde existe contacto del español con el guaraní, el sistema pronominal átono de tercera persona es principalmente leísta. En la zona Andina, desde Argentina hasta Ecuador, donde existe contacto con quechua, el sistema pronominal átono de tercera persona es principalmente loísta:

Ante la dificultad de establecer correctamente la referencia pronominal por un escaso dominio del género, el hablante inseguro del español opta por extender al acusativo el empleo de *le*, única forma sin género del paradigma. Este leísmo puede acompañarse en las zonas hispano-quechuas del extraño uso de *lo* como único pronombre para toda referencia dativa o acusativa, masculina o femenina, singular y plural, empleo que parece corresponder al primer estadio del aprendizaje del español por los indígenas (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1994, p. 5).

Fernández Ordóñez (2001) sostiene que no existe leísmo en ninguna lengua romance a excepción del español, así como tampoco en ningún dialecto de las diferentes lenguas romances⁵⁶. Y también que:

[...] la eliminación progresiva de los casos sigue una jerarquía según la cual son los casos menos marcados o nucleares lo que más tarde se pierden. De acuerdo con esta jerarquía sería de esperar que la pérdida de la oposición entre dativo y acusativo tuviera lugar a favor del acusativo, y no del dativo (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ; 2001, p. 26).

Lo que para Fernández Ordóñez (2001) se comprueba en el devenir de lenguas romance como el francés, el gallego-portugués, el italiano y muchos de sus dialectos del sur y el sardo y en la actualidad también en el español de las zonas distinguidoras de caso: en el sur de España, Canarias, Argentina, Chile, Uruguay y Perú, donde está ocurriendo una transivitización de estructuras que en otras partes siguen exigiendo morfología de dativo. Fenómeno que también se observa en algunas zonas de contacto como por ejemplo la del español con el quechua andino. El leísmo, o sea, el desplazamiento de la morfología de acusativo por la de dativo en verbos de un solo objeto, no ocurre en ninguna otra lengua romance, lo que lo convierte en un hecho insólito⁵⁷. A raíz de estas evidencias se ha planteado la hipótesis de que el leísmo tenga un carácter exógeno, es decir, que haya sido inducido en el español peninsular por contacto lingüístico con el euskera⁵⁸, ya que el más antiguo de los paradigmas que rodean al sistema referencial es el dialecto hablado en contacto con el vascuence, que se comportaría de la misma manera que las variedades del español en contacto con lenguas amerindias, como el quechua ecuatoriano y el guaraní:

⁵⁶ Hay varios autores que refieren también la existencia de leísmo en el portugués brasileño, como Ramos (1999), que menciona la alternancia entre dativo y acusativo del pronombre de dativo de tercera persona *lhe* en el portugués brasileño de ciudades como Salvador, Maceió, Recife y João Pessoa, o Almeida (2011, p. 2406), que refiere que: “*a função do pronome lhe no português brasileiro não se restringe àquela estabelecida pela tradição gramatical, podendo aparecer em todo o Brasil como objeto direto, porém com maior incidência em estados do Nordeste*”, pero ese *lhe*, a diferencia del leísmo español, en portugués brasileño, se refiere al acusativo de segunda persona.

⁵⁷ “[...] si adoptamos una perspectiva pan-románica, hay que destacar que la extensión de la morfología del dativo al acusativo no presenta ningún otro paralelo. En el centro y sur de Italia, en los dialectos en los que también es categórico el empleo de *a* ante objetos directos personales, esto es, en que se dan potencialmente las mismas circunstancias peninsulares, no existe leísmo. Tampoco hay leísmo en ningún dialecto del francés, ni en otras lenguas con acusativo preposicional como el portugués, el catalán, el sardo o el rumano” (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ; 2001, p. 25).

⁵⁸ “Es la única lengua que sobrevivió al proceso de latinización de Hispania, así como a la romanización y su contacto posterior con lenguas neolatinas, de tal forma que ha sido sustrato en algunas zonas del castellano y románico de los Pirineos, y adstrato continuado del castellano a lo largo de dos siglos; de hecho, constituye el único resto de lengua preindoeuropea de Europa occidental, cuya extensión en otros tiempos fue mayor a la actual, aunque haya más o menos acuerdo sobre los límites precisos de tal extensión” (ECHENIQUE ELIZONDO, 2000, p. 205).

[...] parece obvio que estos leísmos surgieron de emplear *le*, prototípicamente animado y sin género, para referir a los objetos directos animados ante la dificultad de establecer su género por parte de hablantes bilingües. En este sentido, no hay que olvidar que la generalización de *le* para marcar a los objetos animados en el romance vascuence indudablemente se inscribe dentro de una tendencia universal bien identificada de hacer congruente la morfología flexiva con el tipo de argumentos prototípicos de cada caso: como la morfología de dativo va unida a argumentos animados, se extiende a todos los argumentos animados, aunque funcionen como objetos directos. En realidad, el leísmo del romance del País Vasco, asociado a entidades animadas, masculinas o femeninas, singulares o plurales, colma plenamente las predicciones de la hipótesis basada en la distinción animado / inanimado. El problema emerge del hecho de que el desencadenante parece ser externo al sistema, y no residir en motivaciones internas que, si bien pudieron coadyuvar y configuran un punto de partida, son en el fondo débiles como causa única según muestra la comparación interlingüística y panrománica (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ; 2001, p. 31-32).

Podríamos a este punto afirmar que el cambio lingüístico en lo que se refiere al sistema pronominal átono de tercera persona en el español haya sido inducido después de todo por causas externas y no internas a la lengua, es decir, por el contacto secular con una lengua no indoeuropea como el vascuence. Podríamos entonces también afirmar que, una vez llegado a América, seguramente preñado de tales características (como veremos en 3.3.3), al entrar nuevamente en contacto con lenguas no indoeuropeas como las amerindias, y con el guaraní en particular, tales características hayan encontrado un terreno fértil en el que continuar a desarrollarse. Es por estos argumentos que defendemos la influencia de los factores externos, sociohistóricos y sociolingüísticos, en los procesos de cambio lingüístico ocurridos en el español en general y en el español paraguayo en particular por encima de los internos, al menos en lo que se refiere al sistema pronominal átono de tercera persona. Como refiere Tuten (2003, p. 1):

Approaches to the study of language change have long been characterized as following in one of two tracks. The focus might be the external aspects of the status and use of language, or, in line with what was considered more properly linguistic, the internal structural features and the change they undergo. Little relationship was seen to exist between the external (social and cultural) and the internal (structural), and an exclusive focus on the internal features of language came to characterize linguistic research, whether synchronic or diachronic. Although some scholars questioned the value of this approach, they lacked the theoretical base to counter the views of others who believed and believe still that the sole object of linguistic study should be the internal structure of the language.

Desde una óptica generativista, para Roberts (2007), el cambio sintáctico que ocurre de una generación a otra durante la adquisición es el resultado de factores extra sintácticos (entendidos como cambios fónicos, morfológicos, o por contacto lingüístico) es decir, externos, disparado por los inputs ofrecidos por las diferentes gramáticas en juego por un mecanismo mediante el cual el hablante durante la fase de adquisición elegiría la solución sintáctica más simple de entre las disponibles para marcar un determinado parámetro:

We can define opacity in terms of complexity (see Lightfoot (1979)). Following an idea developed in Clark and Roberts (1993), let us assume that learners are conservative in that they have a built-in preference for relatively simple representations [...] If a given piece of PLD is P-ambiguous, there will be at least two representations for it, each corresponding to a different grammar, i.e. representing systems with distinct parameter values. Assuming that any two representations differ in complexity and therefore opacity, the learner will choose the option that yields the simpler representation. The more complex representation will be both opaque (in virtue of being more complex than the other available representation(s)) and ambiguous (by definition). Therefore it is inaccessible to the learner, i.e. it is effectively unlearnable. The Inertia Principle tells us that the strong P-ambiguity of the trigger (and therefore the relative opacity, assuming that any two alternative representations differ in overall complexity) arises through either extra-syntactic factors or as the consequence of an independent syntactic change (ROBERTS, 2007, p. 233).

Esto sería posible porque el cambio lingüístico acontece o por un cambio en la fonología, la fonética o la morfología o por un cambio resultante por el contacto lingüístico. En el caso del contacto de lenguas, cuando dos lenguas tan separadas filológicamente como una lengua indoeuropea, el español, y una lengua amerindia, el guaraní, entran en contacto, los hablantes nativos guaraníes en fase de adquisición que recibieran inputs de ambas lenguas acabarían realizando una simplificación. Desde esta óptica podríamos suponer que durante la fase de adquisición el hablante que recibiera inputs desde el español y desde una lengua no indoeuropea como el vascuence o el guaraní, delante de una gran ambigüedad dada por los gatillos o inputs de cada una de estas lenguas, siguiendo el principio de inercia, opacaría la opción más compleja y elegiría la opción más simple, que en este caso podría ser el sistema pronominal leísta.

3.3.3 Variaciones del sistema pronominal átono de tercera persona del español en contacto con el guaraní

Como hemos visto, en Paraguay han convivido y conviven históricamente el español y el guaraní desde la conquista y hasta el presente, además de otras tantas lenguas indígenas y sus respectivos dialectos. La hipótesis que la gran mayoría de los autores ha utilizado para explicar el fenómeno del leísmo en el español paraguayo ha sido la de la influencia de la lengua indígena de sustrato⁵⁹ (adstrato), en este caso el guaraní.

Granda (1982) refiere la coexistencia en Paraguay del guaraní tribal, del guaraní clásico o misionero, hablado por los indios guaraníes, en donde no se dan hispanismos, del español y del *jopará*, el guaraní paraguayo coloquial actual, hablado por la población mestiza y que presenta varios préstamos del español (superestrato).

Palacios (2003) sostiene que la situación lingüística de Paraguay se caracteriza por la coexistencia de dos lenguas alejadas genética y estructuralmente: el guaraní, lengua indoamericana, y el español, lengua románica. Y que dicha convivencia ha permitido que el español paraguayo se vea influenciado por el guaraní a nivel lexical, morfosintáctico y sintáctico y que las consecuencias inmediatas se reflejan en la variación de ciertas estructuras lingüísticas del español por influencia del guaraní, con tal incidencia que:

[...] se puede afirmar que algunas de estas variantes locales han sido elevadas al rango de norma y son empleadas como español estándar por los distintos estratos poblacionales. Así, esa norma local se ha superpuesto y sustituido a lo que entendemos como norma estándar culta (PALACIOS, 2003, p. 808).

Y sostiene incluso que dichas variantes son socialmente prestigiosas y que podemos encontrarlas en diferentes ámbitos, desde el coloquial, al universitario, o hasta en los medios de comunicación, e incluso en la lengua escrita.

⁵⁹ Como indicado en 3.3.1: *adstrato*: “Moreno Fernández (2015) en relación con los fenómenos de contacto, define *sustrato* como el influjo de una lengua perdida sobre otra que se ha impuesto, define *superestrato* como el influjo de una lengua conquistadora que no llega a sustituir a la conquistada, pero que la traspasa de rasgos lingüísticos, define *adstrato* como el influjo recíproco entre dos lenguas vecinas o que un tiempo lo fueron. Aquí también podemos encontrar un problema con la terminología dado que los autores citados se refieren muchas veces a *sustrato* y *adstrato* como si fueran términos equivalentes, cuando lo más adecuado, en el caso de la problemática lingüística de Paraguay, sería utilizar el término *adstrato* en relación al hipotético influjo del guaraní sobre el español (situación similar a la del vascuence sobre el español en la península) y *superestrato* al hipotético influjo del español sobre el guaraní, pero no sustrato en ninguno de estos casos, como sucede en muchos autores aquí citados”.

Kallfell (2016) refiere que hoy en día más de la mitad de los paraguayos son bilingües y que casi el 90% de la población paraguaya habla en mayor o menor grado el guaraní, el que, sobre todo en las zonas rurales, es con frecuencia el único medio de comunicación. Refiere que después de casi quinientos años de bilingüismo con un permanente influjo recíproco se ha alcanzado:

[...] una convergencia lingüística duradera en esa situación llamada de *interestrato*. Se ha constituido así, por una parte, el español paraguayo con sus características, y por otra, el guaraní hablado, que en todos sus campos lingüísticos presenta fuertes interferencias con el español o bien con la permanente presencia de ambas lenguas. Como resultado nos encontramos con un “hablar con dos lenguas”, que los paraguayos en su lengua autóctona llaman *jopara* (<*jo-pará* ‘penetración recíproca’ = ‘mezcla’). A esto se contraponen el *guaraniete* (<*guaraní + eté* [gwaranie' te] ‘verdadero/puro’ guaraní), que hoy solamente se presenta en la lengua escrita (KALLFELL, 2016, p. 9).

Según Herreros (1976) la causa del leísmo en el español paraguayo es la interferencia sobre el sistema pronominal personal átono de tercera persona de la forma guaraní *ichupe* y su correspondiente plural *ichupekuéra*, que en guaraní funcionan como O.D. y O.I. pronominal personal de tercera persona. Para Herreros (1976) la invariabilidad en guaraní de *ichupe / ichupekuéra* ha podido determinar, por un proceso de interferencia, el empleo de las formas *le* y *les* como pronombres de O.D. y O.I., de modo paralelo al guaraní, originándose así el actual leísmo del español paraguayo.

Granda (1982) rechaza dicha hipótesis como factor causal primario por razones que considera internas o estructurales y por razones externas. Considera que la atribución primaria del influjo guaraní sobre el leísmo paraguayo choca con la existencia de otras áreas hispanoamericanas en las que existe igualmente leísmo y en las que no se habla guaraní y que por lo tanto han debido actuar otros factores causales en la producción del fenómeno, lo que para nosotros no quita que, en el caso concreto de Paraguay, la interferencia del guaraní también haya participado en la formación del leísmo local. Critica también que Herreros (1976) considere que el leísmo paraguayo derive de un proceso evolutivo que haya llevado al sistema pronominal personal átono de tercera persona del castellano a calcar el del guaraní, compuesto solamente por dos elementos morfológicos, el singular *ichupe* y el plural *ichupekuéra*, utilizados tanto para referirse a O.D. como a O.I. Sostiene que Herreros (1976), quizá influenciada por Kany (1969), cree que, en Paraguay, al igual que en Ecuador, se utilicen los dos morfemas *le* y *les*, y, basándose en este dato, haya deducido que en esta

dualidad reproduce la dualidad paralela existente en guaraní *ichupe / ichupekuéra*. Granda (1982) sostiene que esto no ocurre, ya que, salvo en los casos derivados de la presión de la enseñanza escolar o del prestigio de las normas rioplatense o europea, el leísmo del español paraguayo está representado por un sólo morfema pronominal átono *le*, utilizado tanto para el singular como para el plural, con lo que no se produce el paralelismo pretendido por Herreros (1976) entre los paradigmas del español paraguayo y del guaraní, y que de este modo desaparece la posibilidad de que haya sido la interferencia del guaraní sobre el español local la causante primaria del fenómeno.

La hipótesis de Granda (1982), que define como de *causación múltiple* y que coincide con la hipótesis de Fontanella de Weinberg (1993) en relación a la importancia de los actores y procesos históricos involucrados en la génesis de las diferentes variedades, es que las causas genéticas del fenómeno se encuentran: a) ya sea en la base dialectal peninsular europea del español que llegó a Paraguay de la mano de los conquistadores, como en b) la interferencia del guaraní paraguayo coloquial o *jopará* y del guaraní clásico, c) la simplificación periférica, d) el resultado de la convivencia de diferentes sistemas lingüísticos en contacto y, finalmente, e) la actuación secular de tendencias internas dentro de los paradigmas morfosintácticos del español colonial de Hispanoamérica.

Granda (1982) sostiene la presencia de leísmo en el español de los primeros núcleos europeos fundadores de agrupaciones urbanas en Paraguay, leísmo similar al que, en los siglos XV y XVI, se manifestaba en las áreas norteñas peninsulares, y que hubiera sido perfectamente posible que los primeros conquistadores y colonizadores lo hubiesen transportado consigo dentro de los rasgos lingüísticos del español originario. Sostiene además que tanto en la expedición de Pedro de Mendoza en 1535 como en las posteriores, de Cabeza de Vaca en 1543, de Diego de Sanabria en 1547 y de Ortiz de Zárate en 1571, que constituyeron en conjunto el aporte humano básico de origen europeo a la población de la Gobernación del Paraguay durante los siglos XVI y XVII, se encontraban conquistadores y colonizadores de origen vasco y castellano norteño, en especial burgaleses, todos de áreas leístas, según datos recopilados por Machaín (1937)⁶⁰.

⁶⁰ Presencia e influencia aceptada y referida también por Echenique Elizondo (1980): “Si a esto sumamos el hecho de que, del porcentaje del 5% de pobladores vascos, hay buena muestra de capitanes y gobernadores, esto es, gentes revestidas de cierto prestigio, y, al mismo tiempo, hacemos nuestra la idea de que lo que incide en la aceptación de un cambio lingüístico no es el predominio numérico de los hablantes que lo practican sino su peso como grupo social, tal como ha sido expuesto por Weinreich, Labov y Herzog [(1968], 2006)], llegaremos al convencimiento de que los núcleos vascos pudieron constituir grupos homogéneos que, a su vez, influyeron en el resto de los pobladores con su seseo, puesto que tales grupos se caracterizaban por el prestigio que les conferían los cargos desempeñados”.

Con relación a la interferencia del guaraní paraguayo coloquial o *jopará*, que es hablado por la población mestiza bilingüe, Granda (1982) refiere que presenta varios préstamos del español, como por ejemplo los morfemas *la* y *lo*, que son utilizados como artículos singular y plural, respectivamente, y también, en el caso de *la*, como equivalente a: *lo que, la que, los que, las que, que* y a diferentes locuciones adverbiales. Por lo que sugiere que, en el uso del español, hayan seleccionado las formas *le/les*, que se encontraban *vacantes* en el paradigma guaraní, con preferencia a *lo* y *la*, como pronombre átono de O.D. de tercera persona, para evitar ambigüedad funcional y semántica entre ambas lenguas.

En cuanto a la simplificación periférica y a las interferencias de sistemas coloca como ejemplo la desmorfologización de la forma *les* en *le* por el principio de economía morfológica y la tendencia fonética hacia la debilitación o eliminación de *s* final en el área paraguaya, reforzada por la estructura fonética de la sílaba guaraní que sólo admite como elemento implosivo postnuclear la consonante nasal.

Palacios (2000) refiere que el guaraní carece de un sistema pronominal personal átono de tercera persona por lo que no tiene equivalentes para los pronombres de dativo y de acusativo del español, y que la construcción pronominal guaraní exige la presencia de un pronombre tónico de tercera persona en un sintagma preposicional tal que no admite diferencia formal entre la función de O.D. y O.I., como se puede ver en las siguientes oraciones:

- (8) [+ humano; + animado; + masculino; + singular] acusativo:

“*Che sy o-hecha-kuri ichu-pe*

Mi madre 3s.-ver-pasado él-a

‘Mi madre vio a él’” (PALACIOS, 2000, p. 137);

- (9) [+ humano; + animado; + masculino; + singular] dativo:

“*Che sy o-me'ë jopói ichú-pe*

Mi madre 3s.-dar regalo él-a

‘Mi madre le dio un regalo’” (PALACIOS, 2000, p. 137).

Refiere además que el guaraní no tiene marcas gramaticales de género entre los pronombres ya que el género no está gramaticalizado, y que el plural de tercera persona se crea agregando *kuéra* al sintagma preposicional *ichu-pe*: *ichupekuéra*, pero que en la práctica habitual de la lengua hablada tampoco hay gramaticalización de número.

Palacios (2000) sostiene que el leísmo americano se explique por el contacto de lenguas, a diferencia del leísmo peninsular, que afecta a la neutralización del rasgo de caso en favor de la potenciación del rasgo de género⁶¹, y que simplifica por medio de los siguientes ejemplos: “*Le vi a Pedro / La vi a María / Le di un regalo a Pedro / La di un regalo a María*” (PALACIOS, 2000, p. 125-126), de donde deduce que *le* y *la* funcionan como objeto directo e indirecto sin que la función sintáctica (caso) sea relevante y que la elección del pronombre dependa del género del referente. Palacios (2000) sostiene que las tres características del sistema pronominal paraguayo: leísmo, loísmo y elisión de objeto son producto del contacto del guaraní con el español por el mecanismo de convergencia lingüística, y que se debe “*a las características estructurales de las lenguas amerindias que permiten, activan y fomentan la aparición de un sistema pronominal distinto al resto de las modalidades del español*” (PALACIOS, 2000, p. 133), como sostiene que ocurre en las demás zonas americanas de contacto de lenguas, como en Ecuador y en la sierra peruana en el caso del quechua y las zonas de contacto con el mapuche, según retoma de Kany (1969). Sostiene que ambos fenómenos, el leísmo y el loísmo del español paraguayo, son el resultado de un proceso de reestructuración del sistema pronominal español que, en cuanto al loísmo, consiste en la neutralización de los rasgos de género y número, y en cuanto al leísmo, en la neutralización de los rasgos de género, número y caso, lo que supone la invariabilidad pronominal hacia una forma única *le* o *lo*. Palacios (2000, p. 140-141) sostiene entonces que: “*En definitiva, estamos ante un caso de convergencia lingüística de las estructuras morfosintácticas pronominales del guaraní y del español y no ante un caso de calco sintáctico*”, y que por este motivo no debería hablarse de leísmo del español paraguayo y si de “*tendencia hacia la invariabilidad pronominal, que puede aparecer como le, pero también como lo*”.

Sin embargo, nosotros consideramos que haya ciertas contradicciones en la argumentación de Palacios (2000), además de una interpretación ligeramente tendenciosa de los datos en función de su hipótesis, ya que, según sus datos, aparecen muchos casos de utilización del pronombre átono *lo* completamente encuadrados en el marco de la norma estándar y que ella incluye dentro de los casos de loísmo, como, por ejemplo, los ya mencionados en (87) y (88) de (2.4.2.)⁶² y estos también:

⁶¹ Que como vimos en 2.3.4 y 3.3.2 tampoco puede ser simplificado de esta manera, ya que también puede ser atribuido al contacto del español peninsular con el vascuence.

⁶² Y que como señala Fernández Ordóñez (1994, p. 1): “Hay que puntualizar que una parte no pequeña de quienes han tratado estas confusiones habla de loísmo para referirse al uso de *lo* como complemento directo en oposición al leísmo, como uso de *le* en la misma función. Así, al hablar de los escritores Andaluces o americanos dicen que son loístas porque utilizan el pronombre *lo* para el complemento directo, denominación que crea desconcierto en torno al contenido del término”.

(10) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

“Llevan bebida de todo, se emborrachan bien, hasta que **lo** gaste todo [**el dinero**]”
(PALACIOS, 2000, p. 131)

(11) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

“Todo el mundo tiene **melón** y si no tiene, pues te **lo** da la dueña fulana, la vesinita te manda de regalo” (PALACIOS, 2000, p. 131)

(12) [- humano; - animado; + masculino; + singular]

“**Lo** vah a ver varia, varia, mujere”⁶³ (PALACIOS, 2000, p. 130)

Y los incluye porque simplemente define al loísmo como: “*entendido como la pronominalización de objetos mediante la forma lo, como única forma pronominal sin que los rasgos de género o número sean relevantes*” (PALACIOS, 2000, p. 128-129), metiendo en la misma bolsa a los casos que respetan la utilización estándar, lo que, obviamente, altera las estadísticas de los datos relevados.

Además de esto, no podemos olvidar que los fenómenos de leísmo, loísmo y de elisión del pronombre átono de tercera persona están presentes tanto en las variedades del español europeo como americanas, por lo que no es correcto concluir, como concluye Palacios (2000, p. 124), que “*son producto del contacto del guaraní con el español*” cuando en realidad lo que sí se podría suponer que sucedió, desde nuestro punto de vista, es que las características intrínsecas del guaraní hayan potenciado dichos fenómenos en el español paraguayo.

Más allá de estas observaciones, lo interesante en los datos de Palacios (2000) es la relevancia del uso de otros pronombres de tercera persona además de *le*, lo que significa que la situación del sistema pronominal de complementos de tercera persona del español paraguayo, a la fecha de publicación de Palacios (2000), no se restringe exclusivamente al uso del pronombre *le*, como indicaron Herreros (1976) y Granda (1982).

Symeonidis (2013) adhiere a la hipótesis de la influencia del guaraní sobre el español paraguayo, pero sin dar demasiadas explicaciones a no ser por el hecho de que el guaraní no posee marcas gramaticales para diferenciar el género de los pronombres tónicos en función de objeto. Refiere que las características del leísmo del español paraguayo son: a) la elisión del

⁶³ Esta frase es ambigua ya que no refiere el antecedente.

pronombre de tercera persona cuando el referente es inanimado y b) el uso generalizado del léísmo cuando el referente es animado. Refiere que en guaraní no hay pronombres átonos para la función de objeto que se diferencien de los tónicos y que por lo tanto no hay como referenciar objetos inanimados, que no hay diferencia formal entre el objeto pronominal en función de O.D. y O.I. ya que el sistema pronominal de objeto del guaraní no discrimina las funciones sintácticas de O.D. y O.I.

Para Fernández Ordóñez (1993) la síntesis de los clíticos de tercera persona del español paraguayo en la forma *le* no ocurrió solamente por influjo del guaraní sino también por otros motivos determinantes como la procedencia norteña, castellana y vasca de los primeros pobladores españoles, el aislamiento y la situación socio cultural que caracterizaron la vida del país durante varios siglos, como sostiene Granda (1982). Sin embargo, considerando que las mismas o parecidas circunstancias históricas no se repitieron en todos los territorios americanos en que aparece la tendencia a la generalización de *le* o de *lo*, y que en todos ellos el factor común sea el contacto del español a lo largo de los siglos con lenguas indígenas que no distinguen el género, ritiene que no sea difícil de explicar el reanálisis que hace preferir el pronombre *le* para establecer la referencia por parte de un individuo que aprende español como segunda lengua partiendo de una lengua materna que no distingue género:

Le es el único clítico de tercera persona que puede referir tanto a entes masculinos como femeninos; ante la dificultad de establecer correctamente la referencia en el acusativo cuando no se domina el género, se evita ese problema extendiendo al acusativo el clítico de dativo *le*, extensión reforzada por el paralelismo analógico con los clíticos de primera y segunda personas, *me*, *te*, que, a diferencia de los de tercera, no distinguen género ni caso (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1993, p.17).

3.4 INFERENCIAS FINALES

Consideramos que el hecho de que Meliá (1995; 2006) y Verón (2017) afirmen que el pueblo paraguayo haya sido prácticamente monolingüe guaraní hasta finales del siglo XIX y consideren un mito el bilingüismo guaraní-español desde la conquista y hasta el presente, refuerza el hecho de que Granda (1982), Fontanella de Weinberg (1993) y Fernández Ordóñez (1993) consideren a Paraguay en un contexto de área periférica en relación al contexto hispanohablante americano, ya que una hipótesis no excluye la otra, sino que la complementa. Consideramos innegable también la situación de aislamiento periférico que caracterizó el contexto socio histórico de Paraguay, el que, sumado al hecho de haber sido prácticamente

monolingüe guaraní funcional desde la conquista y hasta prácticamente finales del siglo XIX, refuerza la hipótesis de la baja estandarización del español paraguayo defendida por Fontanella de Weinberg (1993), así como la teoría de que haya ocurrido un proceso de koinización - estandarización (también referida por Tuten (2003)), entre diferentes dialectos españoles leístas durante el período de colonización, en este caso del territorio paraguayo, como sugerido también por Fernández Ordóñez (1993).

Herreros (1976), Fernández Ordóñez (1993), Palacios (2000) y Symeonidis (2013) coinciden en que el leísmo, (y eventualmente el loísmo: Fernández Ordóñez (1993), Palacios (2000)), del español paraguayo se haya producido principalmente por contacto del español con el guaraní por procesos como el *calco sintáctico* (Herreros (1976)), el *reanálisis* (Fernández Ordóñez (1993)) o la *convergencia lingüística* (Palacios (2000)), situación que nos lleva a reconocer la relevancia de la influencia de la lengua de adstrato en las características del sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo.

Nos queda entonces verificar si hoy en día dichos fenómenos están todavía presentes en la medida relevada por estos autores, cuestión que se desarrollará en el capítulo 4.

4 METODOLOGÍA, CORPUS Y ANÁLISIS DE LOS DATOS

En este capítulo presentamos y describimos la metodología, el *corpus* seleccionado y sus características (4.1) y el análisis de los datos (4.2); finalmente, presentamos nuestras conclusiones (4.3).

4.1 METODOLOGÍA Y CORPUS

En la bibliografía hasta aquí estudiada y citada sobre las características morfosintácticas y usos de los pronombres átonos de tercera persona en la variedad del español paraguayo los datos utilizados provienen principalmente de una serie de *corpus* de origen literario y/o de entrevistas no siempre realizadas *ad hoc* en las principales ciudades y zonas rurales durante la segunda mitad del siglo pasado e inicios de este siglo, es decir, provenientes de entrevistas realizadas con la intención de relevar características generales sobre la variedad del español paraguayo, que incluyen principalmente aspectos fonéticos, fonológicos y léxicos y en menor grado morfosintácticos. No encontramos evidencias en la bibliografía de un relevamiento de datos lingüísticos específico para el análisis de las características morfosintácticas y usos de los pronombres átonos de tercera persona y de los fenómenos de leísmo, loísmo, laísmo y elisión de clíticos a no ser por algunas entrevistas realizadas por Palacios (2000). Es por esto que, a la hora de definir el *corpus* para esta investigación, resolvimos apelar a internet como fuente para poder recoger datos recientes y de amplia distribución geográfica. Estamos plenamente conscientes de las limitaciones derivadas de esta metodología de recolección como de la imposibilidad muchas veces de acceder al discurso directo de los sujetos y de la imposibilidad en gran parte de los casos de identificar las características demográficas y sociales de éstos, como sexo, edad, procedencia geográfica, nivel de escolarización, estrato social, ausencia o presencia de bilingüismo y grado de dominio de ambas lenguas, etc. Pero, más allá de estas restricciones, consideramos de todas formas que internet sea una fuente válida para la recolección de datos significativos y la creación de un *corpus* para el análisis específico de las características morfosintácticas y usos de los pronombres átonos de tercera persona y de los fenómenos de leísmo, loísmo, laísmo y elisión de clíticos en el español paraguayo. De esta forma, el presente *corpus* lingüístico fue relevado por internet y procede principalmente de periódicos en red.

El análisis de los datos del *corpus* es cuantitativo, cualitativo, sincrónico y contrastivo y aborda las características morfosintácticas y usos de los pronombres átonos de tercera

persona, así como los fenómenos de leísmo, loísmo, laísmo y elisión de clíticos en la variedad del español paraguayo.

4.1.1 Metodología

Esta es una investigación exploratorio-descriptiva sobre las características morfosintácticas y usos de los pronombres átonos de tercera persona del español paraguayo realizada en base al análisis de los datos de un *corpus*. El análisis de los datos del *corpus* es cuantitativo y cualitativo, sincrónico y contrastivo y analiza las características morfosintácticas y usos de los pronombres átonos de tercera persona en la variedad del español paraguayo.

De los datos del *corpus* relevamos evidencias lingüísticas sobre las diferencias morfosintácticas existentes entre los pronombres átonos de tercera persona entre la variedad del español paraguayo y la variedad europea estándar.

Los principales tópicos que fueron abordados en esta investigación son:

- a) la variación lingüística en relación con la morfología y uso de los pronombres átonos de tercera persona;
- b) los fenómenos de leísmo, loísmo y laísmo;
- c) el fenómeno de la elisión de clíticos no estándar.

Durante el 1 y el 28 de febrero y el 1 y el 30 de septiembre de 2019 recolectamos un artículo periodístico por día de una determinada sección por cada periódico consultado: *Crónica*, *La Nación* y *Diario Popular* en la primera etapa, y *Abc Color*, *5 Días* y *Ultima Hora* en la segunda etapa. El periódico *Diario Popular* lamentablemente no está disponible en red en versión digital, por lo que sólo hemos podido analizar las portadas, disponibles en la cuenta Twitter del periódico.

La organización de los datos y resultados de las ocurrencias y elisiones de clíticos de tercera persona es la siguiente:

- a) en primer lugar referimos los usos y elisiones de clíticos de tercera persona (los usos de clíticos no estándar se resaltan en fondo gris) clasificadas por etapa de recolección, por periódico y por artículo, ordenados por fecha de publicación, para lo cual utilizamos la Tabla 11:

Tabla 11 Modelo de usos de clíticos de tercera persona

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]							
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]							
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]							
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]							
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]							
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]							
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]							
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]							
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]							
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]							
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]							
	neutro de complemento oracional							
neutro de predicado								
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]							
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]							
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]							
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]							
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]							
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]							
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]							
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]							
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]							
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]							
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]							
	neutro de complemento oracional							
neutro de predicado								

- b) en segundo lugar transcribimos los usos y elisiones no estándar;
- c) en tercer lugar presentamos la sumatoria de los usos ordenados por periódico;
- d) por último, presentamos la sumatoria total de los usos del corpus y el análisis de éstos según diferentes variables.

4.1.2 Corpus

El presente *corpus* lingüístico escrito consta de un artículo periodístico por día de una determinada sección por cada periódico consultado: *Crónica*, *La Nación* y *Diario Popular* en la primera etapa de recolección, y *Abc Color*, *5 Días* y *Ultima Hora* en la segunda etapa. En el caso del periódico *Diario Popular* hemos recolectado las portadas correspondientes a la edición impresa disponibles en la cuenta de Twitter del periódico.

a) Periódicos consultados durante la primera etapa de recolección (febrero de 2019):

Crónica, Fernando de la Mora. Sección citada: *Cosas del corazón*. Artículos publicados entre el 1 y el 28 de febrero de 2019. Disponible en: <http://www.cronica.com.py>. La sección *Cosas del corazón* incluye artículos publicados diariamente durante seis días a la semana. Cada artículo está organizado de la siguiente manera: la carta de un lector y el comentario de una licenciada en Psicología. Consideramos relevante separar los datos provenientes de los lectores de los datos provenientes de la comentarista, por lo que los presentamos en tablas de usos individuales: las de los lectores, identificados por sexo, residencia geográfica y edad (y cuando es posible, por grado de escolarización), y la de la comentarista, identificada por sexo y grado de escolarización. Dado que los lectores son diferentes en cada artículo y que cada artículo está referenciado por fecha de publicación no consideramos necesario identificar a los lectores separadamente, por lo que nos referimos a ellos directamente por la fecha de publicación del artículo de la siguiente manera: *lector del artículo del xx.02.2019 (sexo, residencia geográfica, edad, grado de escolarización)*. Dado que la comentarista es siempre la misma persona nos referimos a ella de la siguiente manera: *comentario del artículo del xx.02.2019 (mujer, universitaria)*. En total analizamos 24 artículos publicados en las siguientes fechas: 01.02.2019, 02.02.2019, 04.02.2019, 05.02.2019, 06.02.2019, 07.02.2019, 08.02.2019, 09.02.2019, 10.02.2019, 12.02.2019, 13.02.2019, 14.02.2019, 15.02.2019, 16.02.2019, 18.02.2019, 19.02.2019, 20.02.2019, 21.02.2019, 22.02.2019, 23.02.2019, 24.02.2019, 26.02.2019, 27.02.2019, 28.02.2019, con un total de 24 informantes incluida la comentarista, ya que uno de los lectores (08.02.2019) fue desconsiderado por ser extranjero.

La Nación, Asunción. Sección citada: *Voces*. Artículos publicados entre el 1 y el 28 de febrero de 2019. Disponible en: www.lanacion.com.py. La sección *Voces* incluye artículos publicados por diferentes columnistas de opinión casi diariamente. En total analizamos 27 artículos publicados en las siguientes fechas: 01.02.2019 y del 03.02.19 al 28.02.2019, con un total de 12 informantes que están individualizados de la siguiente manera: *artículo/s del xx.02.2019 y xx.02.2019 (sexo, edad, residencia geográfica, grado de escolarización)* y por las letras iniciales de sus nombres.

Diario Popular, Asunción. Sección citada: *Portada*. Portadas publicadas entre el 4⁶⁴ y el 28 de febrero de 2019. Disponible en: <http://www.twitter.com/popupy>. En total analizamos 25 portadas publicadas entre el 04.02.2019 y el 28.02.2019. Presentamos los datos en una sola tabla ya que no hay posibilidad de identificar ninguna característica sobre los informantes.

b) Periódicos consultados durante la segunda etapa de recolección (septiembre de 2019):

Abc Color, Asunción, Sección citada: *Nacionales*. Artículos publicados entre el 1 y el 30 de septiembre de 2019. Disponible en: www.abc.com.py. La sección *Nacionales* incluye artículos publicados y firmados por la redacción diariamente. En total analizamos 30 artículos publicados entre el 01.09.2019 y el 30.09.19. Presentamos los datos en una sola tabla ya que no hay posibilidad de identificar ninguna característica sobre los informantes.

5 Días, Asunción. Sección citada: *Economía y Negocios*. Artículos publicados entre el 2 y el 30 de septiembre de 2019. Disponible en: www.5dias.com.py. La sección *Economía y Negocios* incluye artículos publicados y firmados por la redacción de lunes a viernes. En total analizamos 21 artículos publicados en las siguientes fechas: 02.09.2019, 03.09.2019, 04.09.2019, 05.02.2019, 06.09.2019, 09.09.2019, 10.09.2019, 11.09.2019, 12.09.2019, 13.09.2019, 16.09.2019, 17.09.2019, 18.09.2019, 19.09.2019, 20.09.2019, 23.09.2019, 24.09.2019, 25.09.2019, 26.09.2019, 27.09.2019, 30.09.2019. Presentamos los datos en una sola tabla ya que no hay posibilidad de identificar ninguna característica sobre los informantes.

Ultima Hora, Asunción. Sección citada: *Nacionales*. Artículos publicados entre el 1 y el 30 de septiembre de 2019. Disponible en: www.ultimahora.com. La sección *Nacionales* incluye artículos publicados y firmados por la redacción diariamente. En total analizamos 30 artículos publicados entre el 01.09.2019 y el 30.09.19. Presentamos los datos en una sola tabla ya que no hay posibilidad de identificar ninguna característica sobre los informantes.

4.2 ANÁLISIS DE LOS DATOS

Presentamos a continuación los usos de clíticos de tercera persona de los periódicos *Crónica*, *La Nación*, *Diario Popular*, *Abc Color*, *5 Días* y *Ultima Hora*.

⁶⁴ Las portadas del 1 al 3 de febrero de 2019 no están disponibles en la cuenta de Twitter del periódico.

4.2.1 Usos del periódico *Crónica*

Tabla 12 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 01.02.2019 (hombre, Asunción, 54 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		1			1		
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]							2
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						1	
	neutro de complemento oracional	1						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					3		
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]					1	4	

O.D. femenino singular pronominalizado con *le*:

- (1) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]:

“La verdad que no tengo suerte, de repente **le** saludo **a alguna chica** y si me ignoran les digo qué lástima que no tengo auto y cosas así” (CRÓNICA, 01.02.2019), lector.

O.D. masculino plural pronominalizado con *les*:

- (2) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]:

“Hoy en día se **les** quiere a **esos arriero** pinta memete, porque anteriormente les regalás a las chicas bombones, peluches, cosas así” (CRÓNICA, 01.02.2019), lector.

O.I. femenino plural pronominalizado con *le*:

- (3) [+ humano; + animado; - masculino; - singular]:

Hoy en día si **le [las chicas]** das esos regalos te tiran por la cabeza, ya no quieren recibir o se cansan de uno, pero viene un arriero haragán linda pinta, ka’u rapo, cigarrillo en mano, con modales que dan miedo y uno no se explica ¿por qué ellas se van con él? (CRÓNICA, 01.02.2019), lector.

Elisión de O.D. masculino plural:

- (4) [- humano; - animado; + masculino; - singular]

a. “Si les regalás **peluches**_i ahora, ellas te \emptyset _i tiran por la cabeza” (CRÓNICA, 01.02.2019), lector.

b. Hoy en día si le [las chicas] das **esos regalos**_i te \emptyset _i tiran por la cabeza, ya no quieren recibir o se cansan de uno, pero viene un arriero haragán linda pinta, ka’u rapo, cigarrillo en mano, con modales que dan miedo y uno no se explica ¿por qué ellas se van con él? (CRÓNICA, 01.02.2019), lector.

Tabla 13 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 02.02.2019 (mujer, Chile [paraguaya], 25 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	\emptyset
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	1				3		
	neutro de complemento oracional	1						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	\emptyset
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					2		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					2		

O.D. masculino plural pronominalizado con *le*:

(5) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]:

“Cuando yo **le** conocí **al que sería padre de mis hijos** no **le** conocía **a su hermano**, ya que él estaba en Venezuela cuando yo **le** tuve **a mi segundo hijo**, pero él se vino a Paraguay, ahí comenzó todo” (CRÓNICA, 02.02.2019), lector.

Tabla 14 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 04.02.2019 (mujer, Villa Hayes, 30 años, estudiante universitaria).

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	\emptyset
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	\emptyset
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	4						
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					1		
	neutro de complemento oracional	1						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	\emptyset
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					3		
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]						1	

O.D. femenino singular pronominalizado con *le*:

(6) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]:

“Dejé de visitar**le a mi mamá**, porque los vecinos le decían que yo traía hombres allí, pero todo era mentira, capaz él solito inventaba, ahora puedo creer que sí” (CRÓNICA, 04.02.2019), lector.

Tabla 15 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 05.02.2019 (mujer, Lambaré, 20 años, estudiante)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	3						
	neutro de complemento oracional	2						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					7		
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]						1	

Tabla 16 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 06.02.2019 (mujer, Villeta, 42 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	OCURRENCIA DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	1						3
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	1				1		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		1			1		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			1				
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				1			
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					3		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]						1	

O.D. masculino singular pronominalizado con *le*:

(7) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]:

“Ahora tengo **a un muchacho** que me quiere y me respeta, que me declaró su intención de tener algo conmigo y no sé si **le** voy a aceptar, pero de a poco estoy sintiendo algo por esta persona, porque me da el cariño que mi marido nunca me dio” (CRÓNICA, 06.02.2019), lector.

Esta estructura es ambigua: si entendida como *aceptar al muchacho* es leísta, pero si entendida como *aceptar al muchacho la propuesta de tener algo serio* es estándar.

O.D. femenino singular pronominalizado con *le*:

- (8) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]:

“Por lo que me contaron sus compañeros de trabajo, a la chica la conoció a través de un amigo, porque todos **le** conocen **a ella**, su número es del total dominio de los muchachos dicen, es una de esas mujeres que se meten con cualquier tipo, él le chateó y por ahí empezó el noviazgo de ellos” (CRÓNICA, 06.02.2019), lector.

Elisión de O.D. masculino singular:

- (9) [- humano; - animado; + masculino; + singular]:

“Nuestra relación siempre fue conflictiva, él era una persona extremadamente celosa hasta el punto de que una vez llegó un mensaje equivocado a **mi celular**_i y \emptyset _i agarró, \emptyset _i tiró de mí, \emptyset _i rompió en pedazos mi teléfono” (CRÓNICA, 06.02.2019), lector.

Tabla 17 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 07.02.2019 (mujer, 50 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	\emptyset
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	4						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	\emptyset
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					2		

Desconsideramos la carta del lector del artículo del 08.02.2019 (hombre, Luque, 51 años) por ser extranjero.

Tabla 18 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 09.02.2019 (mujer, Encarnación, 25 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	\emptyset
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	3				2		
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	\emptyset
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					5		

O.D. masculino singular pronominalizado con *le*:

- (10) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]:

a. “Cada vez que **le** [**al marido**] invito me pone una excusa, llega tarde a casa a veces muy tomado y generalmente -cuando le reclamo- él se enoja más” (CRÓNICA, 09.02.2019), lector.

b. “Mucho ya pensé para dejar**le** [**al marido**], pero aún no me decido, tal vez por miedo o porque siempre me convence cuando se porta bien conmigo, me hace olvidar los ratos malos que me hizo pasar” (CRÓNICA, 09.02.2019), lector.

Tabla 19 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 10.02.2019 (mujer, Lambaré, 20 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	3						
	neutro de complemento oracional	1						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					6		

Tabla 20 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 12.02.2019 (mujer, Itauguá, 29 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	1						
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	1				1		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		1					
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					3		

O.D. masculino singular pronominalizado con *le*:

(11) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]:

“Yo no **le** entiendo, ni él a mí, siento que si le digo las cosas él se va a enojar y la culpable siempre seré yo, pero creo que si me quedo callada, él va a pensar que sus tratos conmigo están bien y va a seguir empeorando” (CRÓNICA, 12.02.2019), lector.

Tabla 21 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 13.02.2019 (hombre, Asunción, 22 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		3			1		
	neutro de complemento oracional	1						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					9		

O.D. femenino singular pronominalizado con *le*:

(12) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]:

“El problema es que ella no quiere saber nada cuando le digo que no tengo dinero para darle, yo trabajo y quiero comenzar a estudiar también, pero eso **a ella ni le** preocupa” (CRÓNICA, 13.02.2019), lector.

Tabla 22 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 14.02.2019 (hombre, Hernandarias, 28 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		2			1		
	neutro de complemento oracional	1				1		
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					5		

O.D. femenino singular pronominalizado con *le*:

(13) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]:

“Siento que me ignora, no me mira, seguro por su trabajo o porque mis viejos **le [a ella]** controlan mucho ahora, no sé si sospechan, pero ni un segundo me mira y eso me incomoda” (CRÓNICA, 14.02.2019), lector.

O.D. neutro pronominalizado con *le*:

(14) Complemento oracional:

“Lo que me molesta es que solo me mensaja para tener sexo, no sé si **a eso se le** puede llamar amor, creo que no” (CRÓNICA, 14.02.2019), lector.

Tabla 23 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 15.02.2019 (hombre, Luque, 41 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		2					
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			1				
	neutro de complemento oracional	4						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					5		

Tabla 24 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 16.02.2019 (mujer, Asunción, 53 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	1				1		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						1	
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					3		

O.D. masculino singular pronominalizado con *le*:

(15) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]:

“Siempre me pedía que **le** perdona, que cambiaría por mí...” (CRÓNICA, 16.02.2019), lector.

O.D. masculino plural pronominalizado con *les*:

(16) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]:

“Y yo soy muy buena y a la antigua, **les** respeto **a mis hijos**, qué hago, muchas veces ya he llorado y no quiero sufrir más” (CRÓNICA, 16.02.2019), lector.

Tabla 25 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 18.02.2019 (mujer, Altos, 32 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	3						
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		1					
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					2		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					1		

O.D. masculino singular pronominalizado con *le*:

(17) [- humano; - animado; + masculino; + singular]:

“Yo **le** descubrí **todo**, desde ese día no me quiso más ninguno de su familia” (CRÓNICA, 18.02.2019), lector.

Tabla 26 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 19.02.2019 (mujer, Caacupé, 45 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	2						
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		2					
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					1		

Tabla 27 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 20.02.2019 (mujer, Santaní, 27 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	4						
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		1					
	neutro de complemento oracional	1						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					1		

Tabla 28 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 21.02.2019 (mujer, Asunción, 18 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	1						
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		1					
	neutro de complemento oracional	1						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					7		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					1		

Tabla 29 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 22.02.2019 (mujer, Asunción, 26 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	4				6		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						1	
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					3		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					3		

O.D. masculino y femenino singular pronominalizado con *le*:

(18) [+ humano; + animado; ± masculino; + singular]:

- a. “Es mentira que quiere verle **a su hijo** porque ni pañal le compra” (CRÓNICA, 22.02.2019), lector.
- b. “El problema en nuestro matrimonio surgió cuando la mamá de su hija más chica – dicho sea de paso esta chica está en la Argentina– se enteró que él se casó y empezó a joderle [**a él**] del lado de su hija, entonces él empezó a adularle [**a ella**] para que ella le [**a él**] deje hablar con la nena por teléfono” (CRÓNICA, 22.02.2019), lector.
- c. “Una vez que ella se enteró que nos casamos, empezó a joderle **a él**” (CRÓNICA, 22.02.2019), lector.
- d. “Tuve que ir a casa de mis familiares con mi criatura, él ni llama para preguntar si su hijo está bien, si come, ni ahí le importa su hijo; ahhhh, pero bien que se va a armarme quilombo en casa ajena para verle gua’u **a su hijo**” (CRÓNICA, 22.02.2019), lector.
- e. “El domingo pasado se fue a las 10 de la noche, tomado a insultarme y amenazarme, solo para eso se va, mentira es que quiere verle **a su hijo** porque ni pañal ni leche mba’e le lleva” (CRÓNICA, 22.02.2019), lector.

O.D. masculino plural pronominalizado con *les*:

(19) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]:

“Bueno, como te cuento él está acá trabajando en el mismo lugar, pero no sé dónde vive, lo único que dijo es que se fue a alquilar solo en otro lado porque “estaba harto”, que yo soy una loca y blablabla, todas esas cosas que dicen **los hombres** cuando hacen macanada y **les** pillás” (CRÓNICA, 22.02.2019), lector.

Tabla 30 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 23.02.2019 (mujer, CDE, 23 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	1				1		

O.D. masculino singular pronominalizado con *le*:

(20) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]:

“Pasó un tiempo, **le** conocí nuevamente **a alguien**, nos gustamos y nos juntamos, fue muy rápido todo, duramos un año hasta que nos dejamos porque era demasiado mujeriego para mi gusto” (CRÓNICA, 23.02.2019), lector.

Tabla 31 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 24.02.2019 (mujer, Capiatá, 40 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	7				4		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						1	
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					3		

O.D. masculino singular pronominalizado con *le*:

(21) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]:

a. “Estoy acompañada hace 17 años con **un hombre** de 46 años y **le** quiero, tenemos 4 hijos, pero antes que él tenía mi primera pareja y tuvimos un hijo que falleció a los 1 año y nos dejamos” (CRÓNICA, 24.02.2019), lector.

b. “Y con mi pareja, con el que vivo, es frío, nada romántico, **le** quiero [**a él**] pero no como **le** quiero **al viejo**” (CRÓNICA, 24.02.2019), lector.

c. “Ya no sé más qué hacer, me fui de viaje a ver si no **le** [**a él**] olvido, pero no puedo, es más fuerte que yo” (CRÓNICA, 24.02.2019), lector.

O.D. masculino plural pronominalizado con *les*:

(22) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]:

“Él dice que se quiere separar y vivir conmigo, pero yo no quiero dejar**les a mis hijos** ni la casa que levanté con sudor y sacrificio” (CRÓNICA, 24.02.2019), lector.

Tabla 32 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 26.02.2019 (mujer, Villarrica, 28 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					4		
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					5		

O.D. masculino y femenino singular pronominalizado con *le*:

(23) [+ humano; + animado; ± masculino; + singular]:

a. “Cuando **le [a él]** encaré a mi pareja él me suplicó que no haga caso, que todo se trata de una mentira de la supuesta amiga para que nos peleáramos” (CRÓNICA, 26.02.2019), lector.

b. “Cuando descubrí el mensaje amoroso, copié su número y **le [a ella]** llamé para preguntarle ¿qué era lo que había entre mi marido y ella?, primero me negó que haya algo, se identificó como una amiga y nada más” (CRÓNICA, 26.02.2019), lector.

c. “Después, como **le [a ella]** insistí, se enojó como una víbora venenosa, soltó que estuvieron juntos en un motel y otros detalles que me dejaron mal” (CRÓNICA, 26.02.2019), lector.

d. “La chica inventó que yo fui la que empezó a mensajearle en tono amenazante, como para molestar**le [a ella]**, siendo que lo único que le pedí fue tranquilidad para mi hogar” (CRÓNICA, 26.02.2019), lector.

e. “Hace 15 días por ahí no hay más nada, ni un mensaje de la tipa y tampoco mi marido no **le [a ella]** llama más y yo no le voy a decir más nada de ella” (CRÓNICA, 26.02.2019), lector.

Tabla 33 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 27.02.2019 (mujer, Asunción, 43 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	5				3		
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					5		

O.D. masculino singular pronominalizado con *le*:

(24) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]:

- a. “Le pedía selfis para ver con quién estaba y eso **le [a él]** molestó” (CRÓNICA, 27.02.2019), lector.
- b. “Transcurrió el tiempo, hasta que hubo una fiesta en donde fueron todos sus amigos, aquella vez no me dio tanta bolilla, salía a bailar en grupos hasta que **le** atajé [**a él**] y lo invité, accedió, desde esa vez no hablamos más” (CRÓNICA, 27.02.2019), lector.
- c. “Candidatos tengo muchos, profesionales, empresarios, pero yo ni ahí estoy, solo **a él le** quiero” (CRÓNICA, 27.02.2019), lector.

Tabla 34 Usos de clíticos de tercera persona del lector del artículo del 28.02.2019 (hombre, Asunción, 41 años)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		6					
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						1	

Tabla 35 Usos de clíticos de tercera persona de los comentarios de los artículos del 01.02.19, 02.02.19, 04.02.19, 05.02.19, 06.02.19, 07.02.19, 08.02.19, 09.02.19, 10.02.19, 12.02.19, 13.02.19, 14.02.19, 15.02.19, 16.02.19, 18.02.19, 19.02.19, 20.02.19, 22.02.19, 23.02.19, 24.02.19, 26.02.19, 27.02.19, 28.02.2019 (mujer, universitaria)

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	8						3
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	5				6		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		6					1
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		3					
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]			6				
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			5			2	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				1			
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				1			
	neutro de complemento oracional		15					
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					2		
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					7		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					6		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						3	

O.D. masculino singular pronominalizado con *le*:

(25) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]:

- a. “Trató de no generalizar, cada persona tiene sus valores, sueños, objetivos, a veces el dinero no hace la felicidad pero ayuda si es lo que uno tiene en mente, que está solo a la espera de una media naranja que sea desinteresada pero no encuentra, intenta hacer una vida normal, pero cuenta que a veces la soledad **le** oprime [**a uno**] mientras que para otro puede que sea totalmente secundario” (CRÓNICA, 01.02.2019), comentarista
- b. “Si estás decidida a terminar tienes que marcar claro que el amor se acabó, no ilusionarte con las flores o ilusionarle **a él** con la posible reconciliación” (CRÓNICA, 06.02.2019), comentarista
- c. “El tiempo es algo tan valioso que no se recupera y es lo mejor que podemos dar **a alguien** a quien se **le** quiere bien” (CRÓNICA, 13.02.2019), comentarista.
- d. “Tenés que abrir los ojos y pedir asesoramiento en organismos del Gobierno como el Ministerio de la Mujer o Codeni, y ellos evalúan tu caso y te señalan los pasos a seguir, porque como papá tiene derecho a pedirte verle **a su hijo** por más que creas que sea solo una excusa para verte o ‘castigarte’” (CRÓNICA, 22.02.2019), comentarista.
- e. “A veces se piensa que cuanto más intenso son los celos más se **le** quiere **a alguien**, pero en realidad tiene que ver con otras carencias e inseguridades personales” (CRÓNICA, 24.02.2019), comentarista.
- f. “Intenta evitar verle [**a él**], siempre que sea posible” (CRÓNICA, 27.02.2019), comentarista.

O.D. masculino plural pronominalizado con *les*:

(26) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]:

- a. “Si tienen **hijos** en común, hablar con ellos, para que la separación no **les** afecte demasiado y sea lo menos traumática posible” (CRÓNICA, 06.02.2019), comentarista.
- b. “Una alternativa que podría ayudar**les** a resolver los conflictos y mejorar la comunicación en la relación sería iniciar una terapia de pareja” (CRÓNICA, 09.02.2019), comentarista.

Elisión de O.D. masculino singular:

(27) [- humano; - animado; + masculino; + singular]:

- a. “Creo que tenés que plantearte algunos cambios de estrategia para conquistar **un corazón noble**_i, conocer **Ø**_i primero y dejar que las cosas surjan si hay química” (CRÓNICA, 01.02.2019), comentarista.
- b. “Peluches, flores, corazones, el día más romántico del calendario para muchos puede que sea un bajón si no se tiene a la medianaranja, sobre todo cuando nuestra expectativa de tener pareja o formar familia es **uno de los objetivos en la vida**_i o llegado a cierta edad ya tener **Ø**_i asegurado” (CRÓNICA, 08.02.2019), comentarista.
- c. “Muchas veces la presión social puede hacer que en **ese día**_i se tomen decisiones sentimentales “sin pensar”, buscar pareja para llenar ese vacío, para no pasar **Ø**_i en soledad sin tener en cuenta el compromiso” (CRÓNICA, 08.02.2019), comentarista.

Elisión de O.D. femenino singular:

(28) [- humano; - animado; - masculino; + singular]:

“Trató de no generalizar, cada persona tiene sus valores, sueños, objetivos, a veces el dinero no hace la felicidad pero ayuda si es lo que uno tiene en mente, que está solo a la espera de **una media naranja**_i que sea desinteresada pero no **Ø**_i encuentra, intenta hacer una vida normal, pero cuenta que a veces la soledad le oprime mientras que para otro puede que sea totalmente secundario” (CRÓNICA, 01.02.2019), comentarista.

Sumatoria de usos de clíticos de tercera persona en los artículos de la sección *Cosas del corazón* del periódico *Crónica* publicados entre el 1 y el 28 de febrero de 2019:

Tabla 36 Sumatoria de usos de clíticos de tercera persona de los lectores de los artículos de la sección *Cosas del corazón* del periódico *Crónica*

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	2				1		3
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]	0						
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	48				23		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		5					
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0					
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		16			10		
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]			0				2
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]			0				
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			2			4	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				0			
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0			
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				1			
	neutro de complemento oracional	14				1		
	neutro de predicado	0						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					0		
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]					0		
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					56		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]					0		
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]					0		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					36		
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]						0	
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]						0	
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						1	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]						0	
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]						0	
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]					1	7	
	neutro de complemento oracional					0	0	
	neutro de predicado					0	0	

Tabla 37 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de los artículos de la sección *Cosas del corazón* del periódico *Crónica*

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	10				1		6
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]	0						
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	53				29		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		11					1
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0					
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		19			10		
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]			6				2
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]			0				
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			7			6	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				1			
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0			
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				2			
	neutro de complemento oracional	29				1		
	neutro de predicado	0						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					2		
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]					0		
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					63		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]					1		
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]					0		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					42		
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]						0	
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]						0	
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						4	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]						0	
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]						0	
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]					1	7	
	neutro de complemento oracional					0	0	
	neutro de predicado					0	0	

Tabla 38 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso estándar de los artículos de la sección *Cosas del corazón* del periódico *Crónica*

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO					
		Acusativo				Dativo	
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES
	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]						
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	10				2	
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]	0				0	
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	53				63	
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		11			1	
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0			0	
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		19			42	
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]			6			0
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]			0			0
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			7			4
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				1		0
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0		0
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				2		7
	neutro de complemento oracional	29				0	0
	neutro de predicado	0				0	0

Tabla 39 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso no estándar de los artículos de la sección *Cosas del corazón* del periódico *Crónica*

OBJETO	USOS DEL CLÍTICO			
CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	Acusativo			Dativo
[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LE	LES	Ø	LE
[- humano; - animado; + masculino; + singular]	1		6	
[- humano; + animado; + masculino; + singular]				
[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	29			
[- humano; - animado; - masculino; + singular]			1	
[- humano; + animado; - masculino; + singular]				
[+ humano; + animado; - masculino; + singular]	10			
[- humano; - animado; + masculino; - singular]			2	
[+ humano; + animado; + masculino; - singular]		6		
[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				1
neutro de complemento oracional	1			

4.2.2 Usos del periódico *La Nación*

Tabla 40 Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 01.02.2019, 08.02.2019, 15.02.2019 y 22.02.2019 (hombre, +50, Asunción, universitario) MN

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	1						
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		2					
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]			1				
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			1				
	neutro de complemento oracional	3						
	neutro de predicado	1						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					2		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						1	

Tabla 41 Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 03.02.2019 y 17.02.2019 (hombre, 47, Asunción, pastor) EA

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	1				1		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]							
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		1					
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]			1				
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			1				
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				1			
	neutro de complemento oracional	2						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						4	

O.D. masculino singular pronominalizado con *le*:

(29) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]:

“**Tu papá** es uno maravilloso que ama a su familia y ustedes deben de imitar**le**” (LA NACIÓN, 03.02.2019), EA.

Tabla 42 Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 04.02.2019, 11.02.19, 18.02.2019 y 25.02.2019 (hombre, 59, Asunción, universitario) ADS

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	1						
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	2						
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		2					
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				1			
	neutro de complemento oracional	7						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					5		
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					10		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						3	

Tabla 43 Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 05.02.2019, 12.02.2019 y 19.02.2019 (hombre, +40, Asunción, universitario no terminado) ED

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	1						
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	2						
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		1					
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			3			1	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				1			
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					8		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					2		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						1	

O.D. masculino plural pronominalizado con *les*:

(30) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]:

“Pulularon los eruditos pidiendo que renunciemos al Pacto de San José, que exiliemos a los del Frente Guasu (mandar**les a Fernando Armindo y sus apóstoles** a algún país podría ser considerado un acto de guerra, así que ojo), o que le hagamos pagar los 63 palos verdes a no sé quién” (LA NACIÓN, 12.02.2019), ED.

Tabla 44 Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 06.02.2019, 13.02.2019, 20.02.2019 y 27.02.2019 (hombre, +40, Lambaré, universitario) FG

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	1						
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	4						
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				3		1	
	neutro de complemento oracional	2						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					2		
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					3		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						5	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]					1		

O.D. femenino plural pronominalizado con *les*:

(31) [- humano; - animado; - masculino; - singular]:

“**Les** mencionaba **a la seguridad y la política** como áreas de influencia del ministro del Interior y probablemente sea este último punto el que lo hace blanco de las preguntas más inverosímiles” (LA NACIÓN, 13.02.2019), FG.

O.I. femenino plural pronominalizado con *le*:

(32) [- humano; - animado; - masculino; - singular]:

“¿**Le** damos la peor seguridad a **las zonas más conflictivas**?” (LA NACIÓN, 27.02.2019), FG.

Tabla 45 Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 07.02.2019 y 21.02.2019 (hombre, +40, Asunción, universitario) DF

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	2						
	neutro de complemento oracional	5						1
	neutro de predicado	1						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					2		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						1	

Elisión de O.D. neutro:

(33) Complemento oracional:

“Martínez y Lacognata, este último responsable de las relaciones internacionales del Paraguay, al menos debieron ser lo más celosos custodios de los intereses de la República, diciéndole y recalcándole una y otra vez a Lugo **que era muchísimo mejor llegar a un arreglo amistoso que entablar un pleito largo y costoso**. Pero eso no ocurrió y hoy estamos por indemnizar a dos delincuentes secuestradores, con cuyo dinero podrían financiar cualquier cosa. ¿Ø_i Dejaron pasar a propósito? Quizá nunca lo sabremos, quizá sí, pero lo cierto y concreto es que, como siempre, el Estado puede soportar todo y es la mejor caja pagadora siempre” (LA NACIÓN, 07.02.2019), DF.

Tabla 46 Usos de clíticos de tercera persona del artículo del 09.02.2019 (mujer, 40, Asunción, universitaria) GT

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			8				
	neutro de complemento oracional	1						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					4		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						3	

Tabla 47 Usos de clíticos de tercera persona del artículo del 10.02.2019 (mujer, 44, Asunción, universitaria) OD

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	1						1
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			1				
	neutro de complemento oracional	1						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					2		
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]						1	

Elisión de O.D. masculino singular:

(34) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]:

“Al Coronel_i Ø_i acompañan la Estratega y la Actriz, dos mujeres a sueldo para mejorar la imagen del Gobernador” (LA NACIÓN, 10.02.2019), OD.

Tabla 48 Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 14.02.2019 y 28.02.2019 (hombre, +60, Asunción, universitario) MRR

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	1						
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	2						
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		3					
	neutro de complemento oracional	4						
	neutro de predicado	2						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					1		

Tabla 49 Usos de clíticos de tercera persona de los artículos del 16.02.2019 y 23.02.2019 (hombre, 48, Asunción, universitario) DM

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	2						
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		2					
	neutro de complemento oracional	4						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						1	

Tabla 50 Usos de clíticos de tercera persona del artículo del 24.02.2019 (hombre, +40, Asunción, universitario) JT

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		1					
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			1				
	neutro de complemento oracional	2						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					3		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			1				

O.I. masculino plural pronominalizado con *los*:

(35) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]:

“Estos son los hechos y momentos en que son determinantes las posiciones asumidas por **quienes pregonan una conducta** para que la ciudadanía **los** crea, de lo contrario queda esa sensación de que solamente se actúa de una manera con los enemigos políticos y se calla o se premia a los aliados que hacen exactamente lo mismo que antes cuestionaban” (LA NACIÓN, 24.02.2019), JT

Tabla 51 Usos de clíticos de tercera persona del artículo del 26.02.2019 (hombre, +60, Asunción, universitario) JCZL

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	1						
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]			1				
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]	1		1				
	neutro de complemento oracional	1						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						1	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]						1	
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]						4	

O.D. femenino singular pronominalizado con *lo/los*⁶⁵:

(36) [- humano; - animado; - masculino; + singular]:

a. “Una de las causas fundamentales radica en la escasa o limitadísima educación financiera que tenemos, y no se ponen a hacer una autorreflexión acerca de lo bueno que sería destinar mes a mes **una partecita de sus ingresos** y mantenerlo en una caja de ahorros, que de hecho podrá sacarnos de apuro en más de una ocasión ante imponderables que se puedan presentar” (LA NACIÓN, 26.02.2019), JCZL.

b. “Pero si no fuiste lo debidamente oportuno y precavido en su debido tiempo, muy probablemente tendrías que depender de “la buena voluntad” de otras personas, lo cual no se justifica, después de haber trabajado duro toda tu vida para poder disfrutar “**del invierno**” a plenitud como los llaman los japoneses **a esta última etapa de nuestro existir sobre la faz de la tierra**” (LA NACIÓN, 26.02.2019), JCZL.

Sumatoria de usos de clíticos de tercera persona en los artículos de la sección *Voces* del periódico *La Nación* publicados en las siguientes fechas: 01.02.2019 y del 03.02.19 al 28.02.2019:

⁶⁵ Es muy probable que se trate simplemente de un error de coordinación por distracción.

Tabla 52 Sumatoria de usos de clíticos de tercera persona de los artículos de la sección *Voces* del periódico *La Nación*

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	8						
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]	0						
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	14				1		1
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]	1	11	1				
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0					
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		1					
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]			2				
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]			1				
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			15			1	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				6		1	
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0			
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				0			
	neutro de complemento oracional	32						1
	neutro de predicado	4						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					9		
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					33		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]					2		
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]					0		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					4		
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]						0	
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]						1	
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			1			20	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]					1	1	
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]						0	
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]						4	
	neutro de complemento oracional					0	0	
	neutro de predicado					0	0	

Tabla 53 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso estándar de los artículos de la sección *Voces* del periódico *La Nación*

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO					
		Acusativo				Dativo	
	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	8				9	
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]	0				1	
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	14				33	
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		11			2	
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0			0	
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		1			4	
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]			2			0
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]			1			1
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			15			20
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				6		1
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0		0
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				0		4
	neutro de complemento oracional	32				0	0
	neutro de predicado	4				0	0

Tabla 54 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso no estándar de los artículos de la sección *Voces* del periódico *La Nación*

OBJETO	USOS DEL CLÍTICO						
CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	Acusativo					Dativo	
[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LOS	LE	LES	Ø	LOS	LE
[+ humano; + animado; + masculino; + singular]			1		1		
[- humano; - animado; - masculino; + singular]	1	1					
[+ humano; + animado; + masculino; - singular]				1		1	
[- humano; - animado; - masculino; - singular]				1			1
neutro de complemento oracional					1		

4.2.3 Usos del periódico *Diario Popular*

Sumatoria de usos de clíticos de tercera persona en las portadas del periódico *Diario Popular* publicados entre el 4 y el 28 de febrero de 2019:

Tabla 55 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de las portadas del periódico *Diario Popular*

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	1				1		
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]	0						
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	1				11		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		0					
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0					
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		1			1		
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]			0				
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]			0				
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			3			2	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				0			
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0			
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				1			
	neutro de complemento oracional	4				0	0	
neutro de predicado	0				0	0		
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					1		
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]					0		
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					11		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]					1		
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]					1		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					11		
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]						2	
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]						0	
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						1	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]						0	
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]						0	
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]						0	
	neutro de complemento oracional					0	0	
neutro de predicado					0	0		

O.D. masculino singular pronominalizado con *le*:

(37) [- humano; - animado; + masculino; + singular]:

“Mimale hoy **a tu cuerpo...**” (DIARIO POPULAR, 23.02.2019).

(38) [+ humano; + animado; + masculino; + singular]:

a. “Su ex quiere ver**le [a él]** preso” (DIARIO POPULAR, 06.02.2019).

b. “No quiere ver**le [a él]** con otra, por eso quiere ver**le** preso” (DIARIO POPULAR, 06.02.2019).

c. “Le dijo **el pequeño** al bombero que entró a salvar**le**” (DIARIO POPULAR, 06.02.2019)

d. “**El hombre** de tevé nos revela que **le** dejaron con el corazón roto varias veces, pero que ahora está feliz, feliz con su korasó jára” (DIARIO POPULAR, 11.02.2019).

e. “Barras de la ‘0’ contrataron ra’e **a travesti** y **le** llevaron al clásico, para provocar a los hinchas azul-granas” (DIARIO POPULAR, 19.02.2019).

f. “¡Llevaron **travesti** y **le** vistieron de cerrista!” (DIARIO POPULAR, 19.02.2019).

g. “Ndaje la invitó a pasar la noche con **él** porque la yiyi (Ana Grisetti, hija de un seccionalero) **le** coqueteó” (DIARIO POPULAR, 22.02.2019).

h. “Se presentó en la fiscalía, se llama **Juan Carlos ‘Chulito’ Mareco** (23), y aunque no quiso declarar, el fiscal **le** imputó por ‘exhibicionismo’” (DIARIO POPULAR, 23.02.2019).

i. “Tuicha ka’úre ¡**a un arriero** sus socios de tragos **le** desnudaron y **le** violaron!” (DIARIO POPULAR, 26.02.2019).

O.D. masculino plural pronominalizado con *les*:

(39) [+ humano; + animado; + masculino; - singular]:

a. “Se **les [ellos]** ha visto juntos entrando al depa de él, pero ahora vecinos cuentan que los tortolitos ya viven juntos” (DIARIO POPULAR, 18.02.2019).

b. “**Recién casados** pagaron paquete de viaje ¡pero **les** estafaron y están ‘presos’ en hotel!” (DIARIO POPULAR, 23.02.2019).

O.D. femenino singular pronominalizado con *le*:

(40) [+ humano; + animado; - masculino; + singular]:

“No **le** veo bien **a mi hijita**” (DIARIO POPULAR, 27.02.2019).

Tabla 56 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso estándar de las portadas del periódico *Diario Popular*

OBJETO	USOS DEL CLÍTICO					
CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	Acusativo				Dativo	
[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES
[- humano; - animado; + masculino; + singular]	1				1	
[- humano; + animado; + masculino; + singular]	0				0	
[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	1				11	
[- humano; - animado; - masculino; + singular]		0			1	
[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0			1	
[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		1			11	
[- humano; - animado; + masculino; - singular]			0			2
[- humano; + animado; + masculino; - singular]			0			0
[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			3			1
[- humano; - animado; - masculino; - singular]				0		0
[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0		0
[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				1		0
neutro de complemento oracional	4				0	0
neutro de predicado	0				0	0

Tabla 57 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso no estándar de las portadas del periódico *Diario Popular*

OBJETO	USOS DEL CLÍTICO	
CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	Acusativo	
[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LE	LES
[- humano; - animado; + masculino; + singular]	1	
[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	11	
[+ humano; + animado; - masculino; + singular]	1	
[+ humano; + animado; + masculino; - singular]		2

4.2.4 Usos del periódico *Abc Color*

Sumatoria de usos de clíticos de tercera persona de los artículos de la sección *Nacionales* del periódico *Abc Color* publicados entre el 1 y el 30 de septiembre de 2019:

Tabla 58 Sumatoria de usos de clíticos de tercera persona de los artículos de la sección *Nacionales* del periódico *Abc Color*

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	2						
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]	0						
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	2						
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		2					
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0					
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		1					
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]			2				
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]			0				
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			3				
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				0			
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0			
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				0			
	neutro de complemento oracional	1						
	neutro de predicado	0						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					0		
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]					0		
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					4		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]					0		
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]					0		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					1		
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]						0	
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]						0	
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						2	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]						0	
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]						0	
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]					1	0	
	neutro de complemento oracional					0	0	
	neutro de predicado					0	0	

O.I. femenino plural pronominalizado con *le*:

(41) [+ humano; + animado; - masculino; - singular]:

“El asesor de Senatur dijo a ABC TV que **las personas o empresas** que decidan dedicarse a este tipo de emprendimiento turístico deben acreditarse primeramente en la Senatur, donde **le** exigirán varios requisitos para obtener la habilitación” (ABC COLOR, 23.09.2019)⁶⁶.

⁶⁶ Seguramente se trata de un error de tipeo.

Tabla 59 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso estándar de los artículos de la sección *Nacionales* del periódico *Abc Color*

OBJETO	USOS DEL CLÍTICO					
CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	Acusativo				Dativo	
[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES
[- humano; - animado; + masculino; + singular]	2				0	
[- humano; + animado; + masculino; + singular]	0				0	
[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	2				4	
[- humano; - animado; - masculino; + singular]		2			0	
[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0			0	
[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		1			1	
[- humano; - animado; + masculino; - singular]			2			0
[- humano; + animado; + masculino; - singular]			0			0
[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			3			2
[- humano; - animado; - masculino; - singular]				0		0
[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0		0
[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				0		0
neutro de complemento oracional	1				0	0
neutro de predicado	0				0	0

Tabla 60 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso no estándar de los artículos de la sección *Nacionales* del periódico *Abc Color*

OBJETO	USOS DEL CLÍTICO
CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	Dativo
[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LE
[+ humano; + animado; - masculino; - singular]	1

4.2.5 Usos del periódico 5 Días

Sumatoria de usos de clíticos de tercera persona de los artículos de la sección *Economía y Negocios* del periódico *5 Días* publicados en las siguientes fechas: 02.09.2019, 03.09.2019, 04.09.2019, 05.02.2019, 06.09.2019, 09.09.2019, 10.09.2019, 11.09.2019, 12.09.2019, 13.09.2019, 16.09.2019, 17.09.2019, 18.09.2019, 19.09.2019, 20.09.2019, 23.09.2019, 24.09.2019, 25.09.2019, 26.09.2019, 27.09.2019, 30.09.2019⁶⁷:

⁶⁷ En este periódico no se encontraron usos no estándar.

Tabla 61 Sumatoria de usos de clíticos de tercera persona de los artículos de la sección *Economía y Negocios* del periódico *5 Días*

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	3						
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]	0						
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	0						
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]		0					
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0					
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		0					
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]			0				
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]			0				
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			1				
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				4			
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0			
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				0			
	neutro de complemento oracional	3						
	neutro de predicado	0						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					3		
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]					0		
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					1		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]					0		
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]					0		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					0		
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]						0	
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]						0	
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						2	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]						0	
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]						0	
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]						0	
	neutro de complemento oracional					0	0	
	neutro de predicado					0	0	

Tabla 62 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso estándar de los artículos de la sección *Economía y Negocios* del periódico *5 Días*

OBJETO	USOS DEL CLÍTICO					
	Acusativo				Dativo	
CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES
[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]						
[- humano; - animado; + masculino; + singular]	3				3	
[- humano; + animado; + masculino; + singular]	0				0	
[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	0				1	
[- humano; - animado; - masculino; + singular]		0			0	
[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0			0	
[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		0			0	
[- humano; - animado; + masculino; - singular]			0			0
[- humano; + animado; + masculino; - singular]			0			0
[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			1			2
[- humano; - animado; - masculino; - singular]				4		0
[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0		0
[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				0		0
neutro de complemento oracional	3				0	0
neutro de predicado	0				0	0

4.2.6 Usos del periódico Última Hora

Sumatoria de usos de clíticos de tercera persona en los artículos de la sección *Nacionales* del periódico *Última Hora* publicados entre el 1 y el 30 de septiembre de 2019:

Tabla 63 Sumatoria de usos de clíticos de tercera persona de los artículos de la sección *Nacionales* del periódico *Última Hora*

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO						
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]							
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	0						
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]	1						
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	2						
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]	1						
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0					
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		0					
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]		0					
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]			0				
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			1				
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]			0				
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0			
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				0			
	neutro de complemento oracional	2			0			
	neutro de predicado	0						
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					0		
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]					0		
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					1		
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]					0		
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]					0		
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					0		
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]						0	
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]						0	
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]						0	
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]						0	
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]						0	
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]						0	
	neutro de complemento oracional					0	0	
	neutro de predicado					0	0	

O.D. femenino singular pronominalizado con *lo*:

(42) [- humano; - animado; - masculino; + singular]:

“Los agentes venían siguiendo **la carga** desde el Norte del país y **lo** interceptaron en la entrada de la ciudad de Villarrica, Guairá” (ULTIMA HORA, 04.09.2019)⁶⁸

⁶⁸ Es muy probable que se trate de un error de tipeo.

Tabla 64 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso estándar de los artículos de la sección *Nacionales* del periódico *Ultima Hora*

OBJETO	USOS DEL CLÍTICO					
CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	Acusativo				Dativo	
[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES
[- humano; - animado; + masculino; + singular]	0				0	
[- humano; + animado; + masculino; + singular]	1				0	
[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	2				1	
[- humano; - animado; - masculino; + singular]		0			0	
[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0			0	
[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		0			0	
[- humano; - animado; + masculino; - singular]			0			0
[- humano; + animado; + masculino; - singular]			1			0
[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			0			0
[- humano; - animado; - masculino; - singular]				0		0
[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0		0
[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				0		0
neutro de complemento oracional	2				0	0
neutro de predicado	0				0	0

Tabla 65 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona de uso no estándar de los artículos de la sección *Nacionales* del periódico *Ultima Hora*

OBJETO	USOS DEL CLÍTICO
CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	Acusativo
[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO
[- humano; - animado; - masculino; + singular]	1

4.2.7 Análisis global de los datos

Analizamos un total de 157 artículos (24 artículos de *Crónica*, 27 artículos de *La Nación*, 25 portadas de *Diario Popular*, 30 artículos de *Abc Color*, 21 artículos de *5 Días* y 30 artículos de *Ultima Hora*), de donde identificamos un total de 40 informantes (24 de *Crónica*, 12 de *La Nación*, 1 (hipotético) de *Diario Popular*, 1 (hipotético) de *Abc Color*, 1 (hipotético) de *5 Días* y 1 (hipotético) de *Ultima Hora*), de 36 de los cuales encontramos datos para la mayoría de las variables⁶⁹: sexo, edad, nivel educacional y residencia geográfica, e identificamos un total de 581 usos de clíticos y 11 elisiones no estándar, con un total de 509 usos de clíticos estándar y 72 usos de clíticos no estándar, como se puede apreciar en las Tablas 66, 67 y 68.

⁶⁹ Dado que dichas variables no son homogéneas en función de la cantidad total de informantes (que no fueron seleccionados *a priori*) no podemos considerarlas representativas ni conclusivas, por lo que, dada la metodología aplicada, sólo podemos considerar conclusivos los porcentajes totales derivados de las Tablas 66, 67 y 68.

Tabla 66 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona del *corpus*

OBJETO	CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	USOS DEL CLÍTICO							
		LO	LA	LOS	LAS	LE	LES	Ø	
Acusativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]								
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]	24				2		6	
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]	1							
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	72				41		1	
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]	2	24	1				1	
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0						
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		22			11			
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]			10				2	
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]			2					
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			29			9		
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]				11		1		
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0				
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				3				
	neutro de complemento oracional		71				1		1
	neutro de predicado		4						
	Total: 341 clíticos y 11 elisiones		174	46	42	14	55	10	11
Dativo	[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]								
	[- humano; - animado; + masculino; + singular]					15			
	[- humano; + animado; + masculino; + singular]					1			
	[+ humano; + animado; + masculino; + singular]					113			
	[- humano; - animado; - masculino; + singular]					4			
	[- humano; + animado; - masculino; + singular]					1			
	[+ humano; + animado; - masculino; + singular]					58			
	[- humano; - animado; + masculino; - singular]						2		
	[- humano; + animado; + masculino; - singular]						1		
	[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			1			29		
	[- humano; - animado; - masculino; - singular]					1	1		
	[- humano; + animado; - masculino; - singular]						0		
	[+ humano; + animado; - masculino; - singular]					2	11		
	neutro de complemento oracional					0	0		
	neutro de predicado					0	0		
	Total: 240 clíticos			1			195	44	

Tabla 67 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona del *corpus* con uso estándar

OBJETO	USOS DEL CLÍTICO					
CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	Acusativo				Dativo	
[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LA	LOS	LAS	LE	LES
[- humano; - animado; + masculino; + singular]	24				15	
[- humano; + animado; + masculino; + singular]	1				1	
[+ humano; + animado; + masculino; + singular]	72				113	
[- humano; - animado; - masculino; + singular]		24			4	
[- humano; + animado; - masculino; + singular]		0			1	
[+ humano; + animado; - masculino; + singular]		22			58	
[- humano; - animado; + masculino; - singular]			10			2
[- humano; + animado; + masculino; - singular]			2			1
[+ humano; + animado; + masculino; - singular]			29			29
[- humano; - animado; - masculino; - singular]				11		1
[- humano; + animado; - masculino; - singular]				0		0
[+ humano; + animado; - masculino; - singular]				3		11
neutro de complemento oracional	71				0	0
neutro de predicado	4				0	0
Total: 509 clíticos	172	46	41	14	192	44

Tabla 68 Sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona del *corpus* con uso no estándar

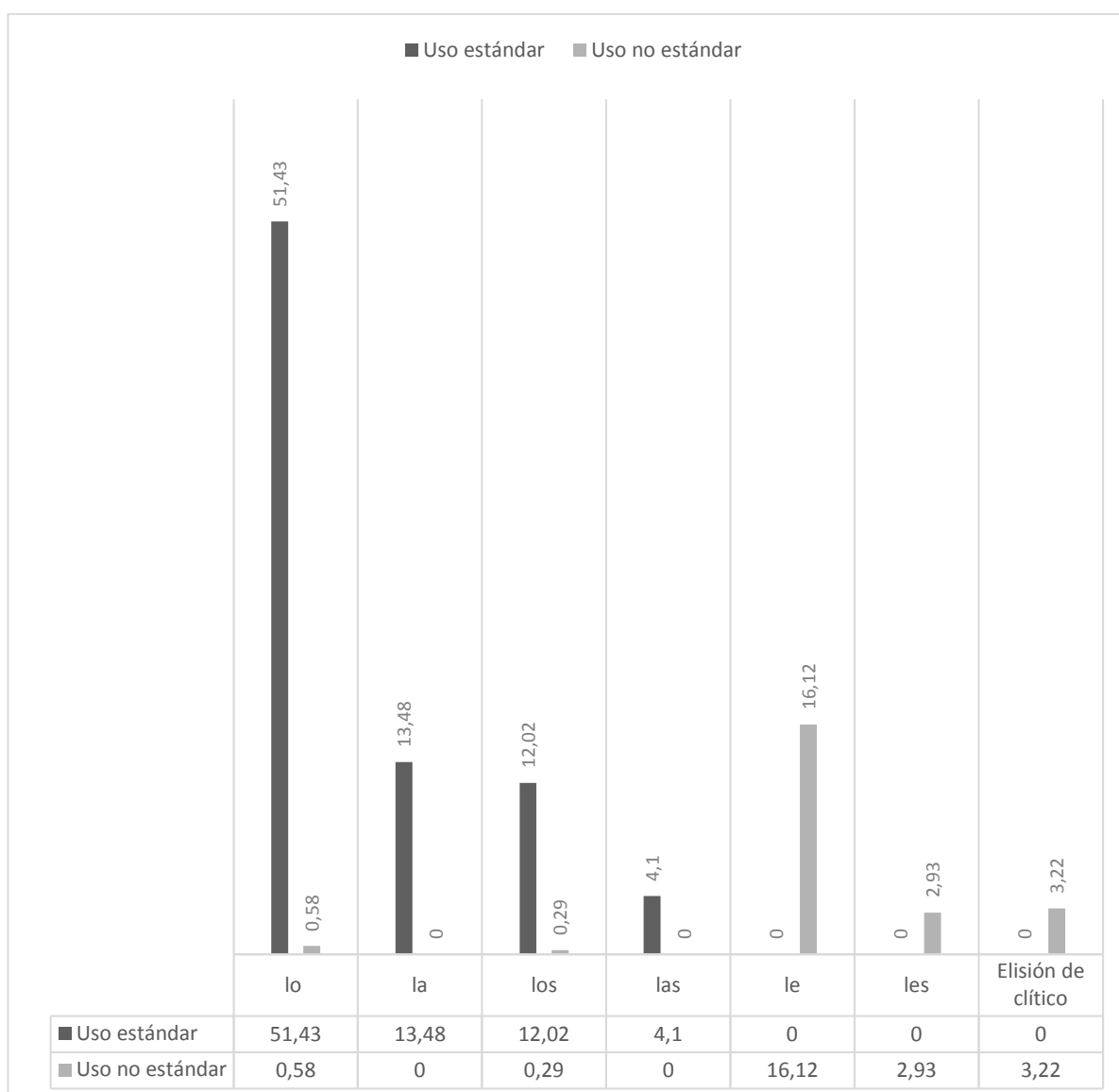
OBJETO	USOS DEL CLÍTICO						
CARACTERÍSTICAS DEL REFERENTE	Acusativo					Dativo	
[± humano; ± animado; ± masculino; ± singular]	LO	LOS	LE	LES	Ø	LOS	LE
[- humano; - animado; + masculino; + singular]			2		6		
[- humano; + animado; + masculino; + singular]							
[+ humano; + animado; + masculino; + singular]			41		1		
[- humano; - animado; - masculino; + singular]	2	1			1		
[- humano; + animado; - masculino; + singular]							
[+ humano; + animado; - masculino; + singular]			11				
[- humano; - animado; + masculino; - singular]					2		
[- humano; + animado; + masculino; - singular]							
[+ humano; + animado; + masculino; - singular]				9		1	
[- humano; - animado; - masculino; - singular]				1			1
[- humano; + animado; - masculino; - singular]							
[+ humano; + animado; - masculino; - singular]							2
neutro de complemento oracional			1		1		
neutro de predicado							
Total: 72 clíticos y 11 elisiones	2	1	55	10	11	1	3

De la Tabla 66 se extrae el Gráfico 4, del que se desprende que, sobre un total de 341 (100%) usos de clíticos de acusativo, encontramos: 172 (51,43%)⁷⁰ usos estándar de *lo* y 2 (0,58%) usos no estándar; 46 (13,48%) usos estándar de *la*; 41 (12,02%) usos estándar de *los* y 1 (0,29%) uso no estándar, 14 (4,10%) usos estándar de *las*; 55 (16,12%) usos no estándar de *le*; 10 (2,93%) usos no estándar de *les*; y 11 (3,22%) elisiones de clítico no estándar sobre

⁷⁰ Para todos los porcentajes se consideran los primeros dos decimales sin redondear.

un total de 352 (341 + 11) usos y elisiones de clíticos de acusativo⁷¹. Encontramos entonces un **19,05% de leísmo** (16,12% con *le* y 2,93% con *les*) y un **3,22% de elisiones de clítico** no estándar, con un **0,58% de uso no estándar de *lo*** y un **0,29% de uso no estándar de *los***.

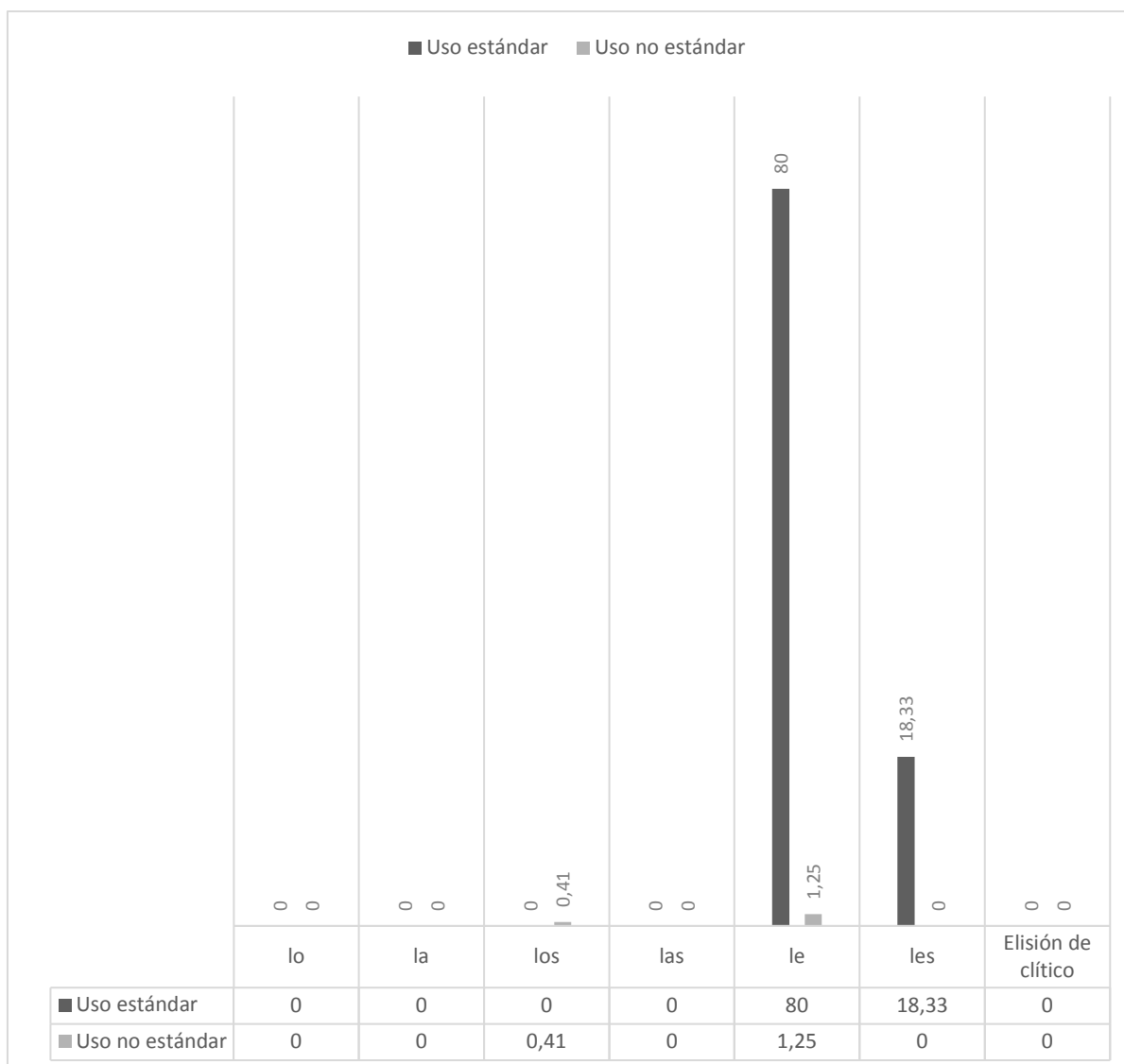
Gráfico 4 Usos de clíticos de acusativo de tercera persona del corpus



De la Tabla 66 se extrae el Gráfico 5, del que se desprende que, sobre un total de 240 (100%) usos de clíticos de dativo, encontramos: 1 (0,41%) uso no estándar de *los*; 192 (80%) usos estándar de *le* y 3 (1,25%) usos no estándar; y 44 (18,33%) usos estándar de *les*. Encontramos entonces un **0,41% de loísmo con *los*** y un **1,25% usos no estándar de *le***.

⁷¹ Las elisiones estándar no fueron contabilizadas.

Gráfico 5 Usos de clíticos de dativo de tercera persona del corpus



Presentamos a continuación la cantidad de informantes clasificados según las variables: sexo (Tabla 69), edad (Tabla 70), edad en función de sexo (Tabla 71), nivel educacional (Tabla 72) y residencia geográfica (Tabla 73):

Tabla 69 Número de Informantes según la variable Sexo

SEXO	INFORMANTES	%
Hombres	15	37,5
Mujeres	21	52,5
No identificado	4	10
Total	40	100

Tabla 70 Número de Informantes según la variable Edad

GRUPO ETARIO	INFORMANTE	%
Entre 0 – 20 años	3	7,5
Entre 21 – 40 años	14	35
Entre 41 – 60 años	16	40
Más de 61 año	2	5
No identificada ⁷²	5	12,5
Total	40	100

Tabla 71 Número de Informantes según las variables Edad en función de Sexo

EDAD		SEXO		TOTAL	%
GRUPO	EDAD	HOMBRE	MUJER		
0-20	18		1	3	8,57
	20		2		
Total 0-20		0	3	3	8,57
21-40	22	1		13	37,14
	23		1		
	25		2		
	26		1		
	27		1		
	28	1	1		
	29		1		
	30		1		
	32		1		
40		2			
Total 21-40		2	11	13	37,14
41-60	41	6		17	48,57
	42		1		
	43		1		
	44		1		
	45		1		
	47	1			
	48	1			
	50	1	1		
	53		1		
	54	1			
59	1				
Total 41-60		11	6	17	48,57
+60	+60	2		2	5,71
Total + de 60		2	0	2	5,71
TOTAL⁷³		15	20	35	100
%		42,85	57,14	100	

⁷² Para una mujer no fue identificada la edad.

⁷³ Del total de 40 informantes hay 4 no identificados en la variable sexo y 5 no identificados en la variable edad.

Tabla 72 Número de Informantes según la variable Nivel educacional

NIVEL EDUCACIONAL	INFORMANTES	%
No universitario	2	5
Universitario	13	32,5
No identificado	25	62,5
Total	40	100

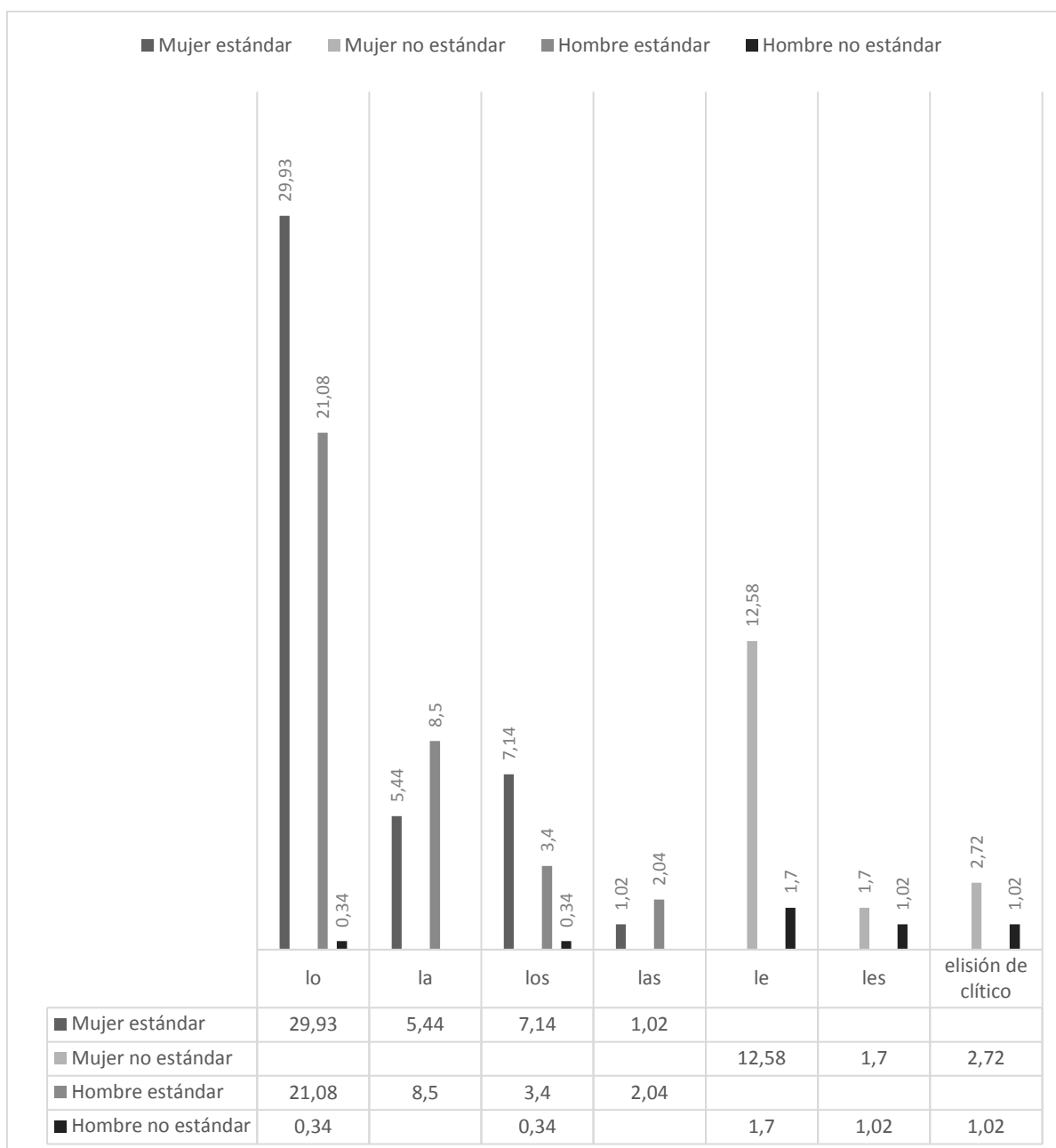
Tabla 73 Número de Informantes según la variable Residencia Geográfica

RESIDENCIA GEOGRÁFICA	INFORMANTES	%
Altos	1	2,5
Asunción	18	45
Caacupé	1	2,5
Capiatá	1	2,5
Ciudad del Este	1	2,5
Encarnación	1	2,5
Hernandarias	1	2,5
Itauguá	1	2,5
Lambaré	3	7,5
Luque	1	2,5
Santaní	1	2,5
Villa Hayes	1	2,5
Villarrica	1	2,5
Villeta	1	2,5
Exterior	1	2,5
No identificada	6	15
Total	40	100

Presentamos a continuación los resultados totales de usos de clíticos de acusativo y de dativo de tercera persona en porcentajes⁷⁴ representados en columnas y tablas discriminadas según las variables: sexo (Gráfico 6 y 7), edad (Gráfico 8 y 9), edad en función de sexo (Gráfico 10 y 11), nivel educacional (Gráfico 12 y 13) y residencia geográfica (Gráfico 14 y 15):

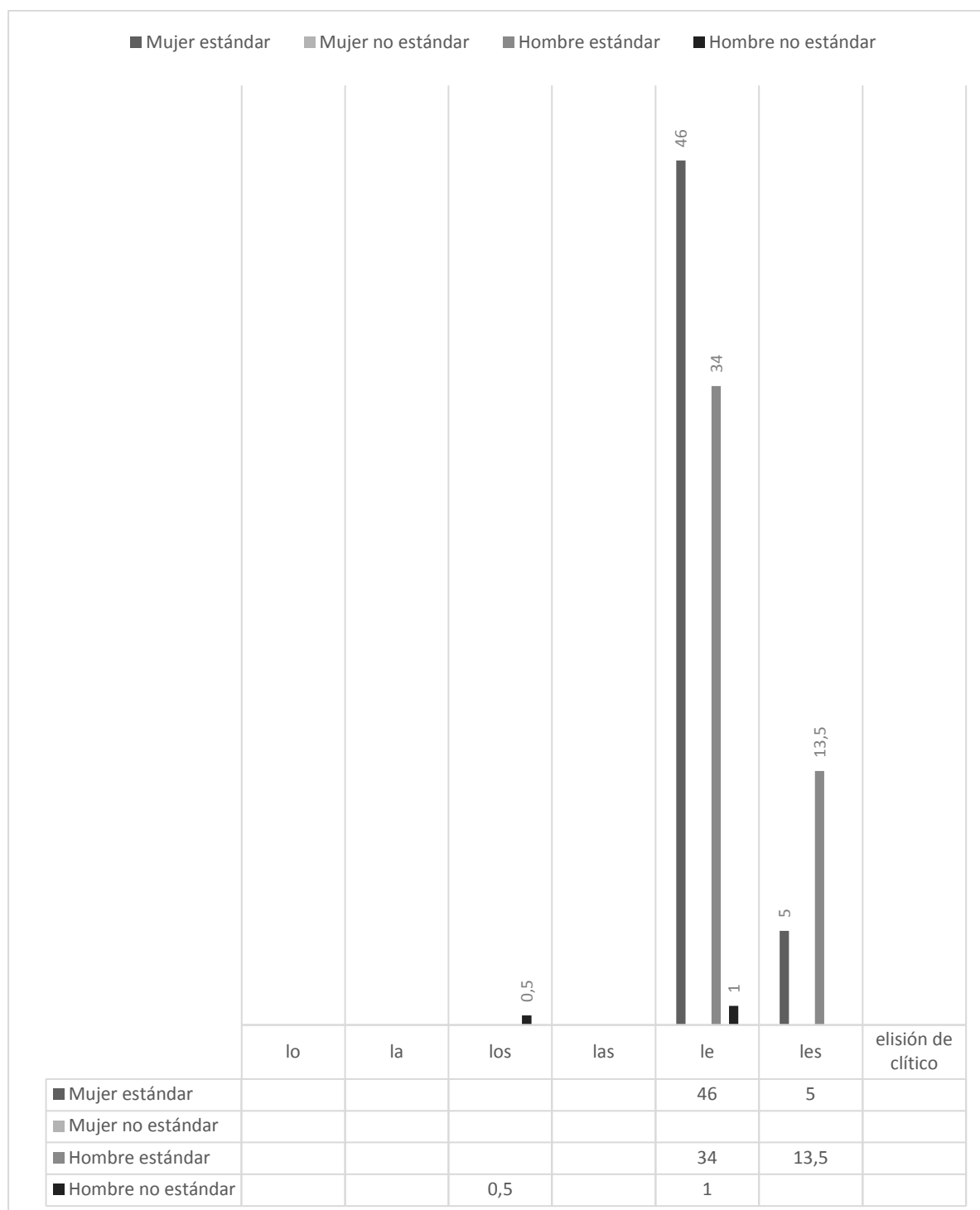
⁷⁴ No incluye los informantes cuya variable no fue identificada.

Gráfico 6 Usos de clíticos de acusativo de tercera persona discriminados por Sexo



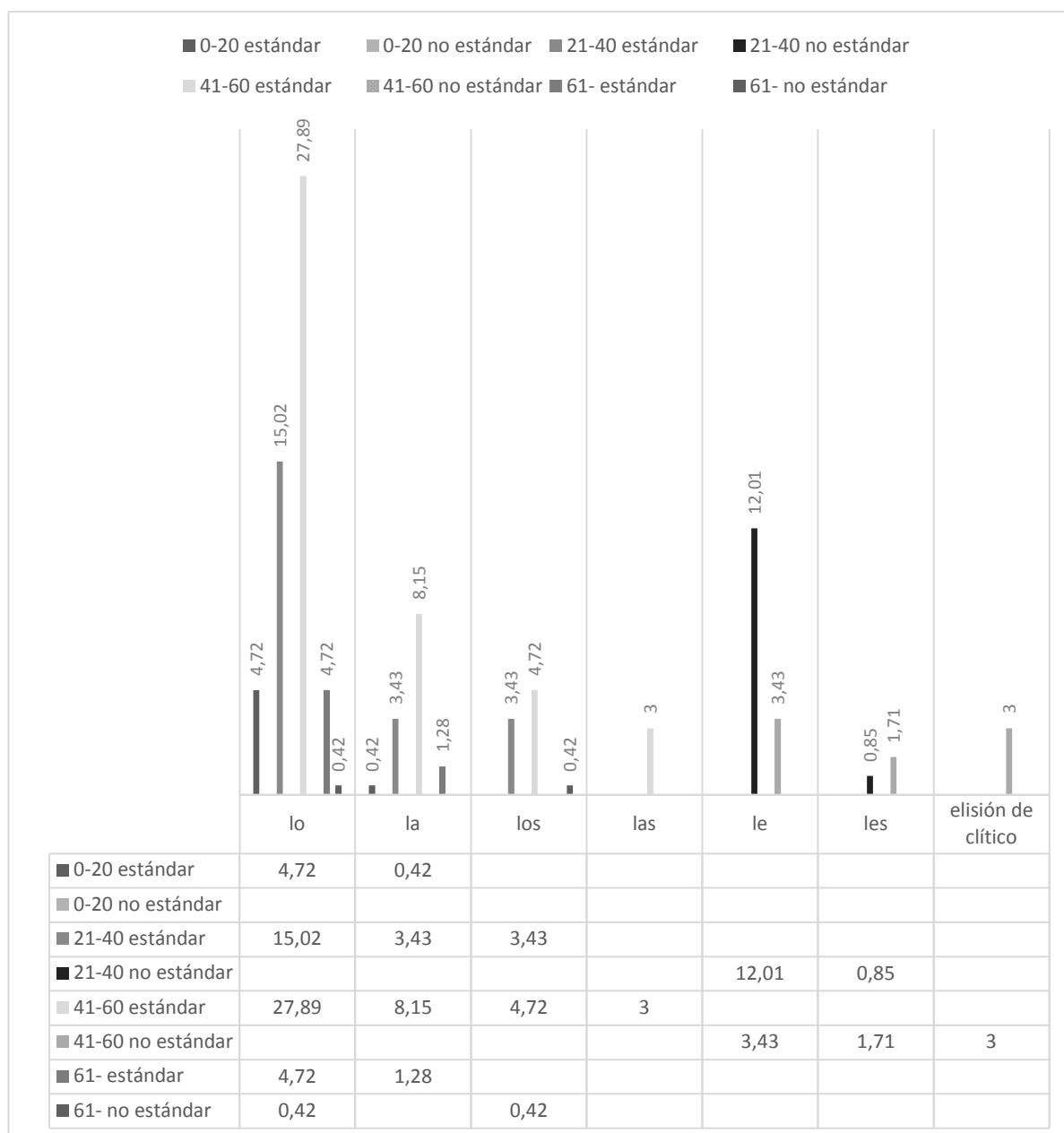
El Gráfico 6 fue calculado sobre un total de 36 informantes (ver Tabla 69) y 294 usos de clíticos de acusativo y elisión de clíticos no estándar de tercera persona: hay un significativo **leísmo** (12,58% con *le* y 1,70% con *les*) en el sexo femenino y muy poco (1,70% con *le* y 1,02% con *les*) en el sexo masculino; hay presencia de **elisión de clíticos no estándar** (2,72%) en el sexo femenino y (1,02%) en el sexo masculino; hay presencia de uso de *lo* y *los* en lugar de *la* (0,34%) en el sexo masculino (ver Tabla 51).

Gráfico 7 Usos de clíticos de dativo de tercera persona discriminados por Sexo



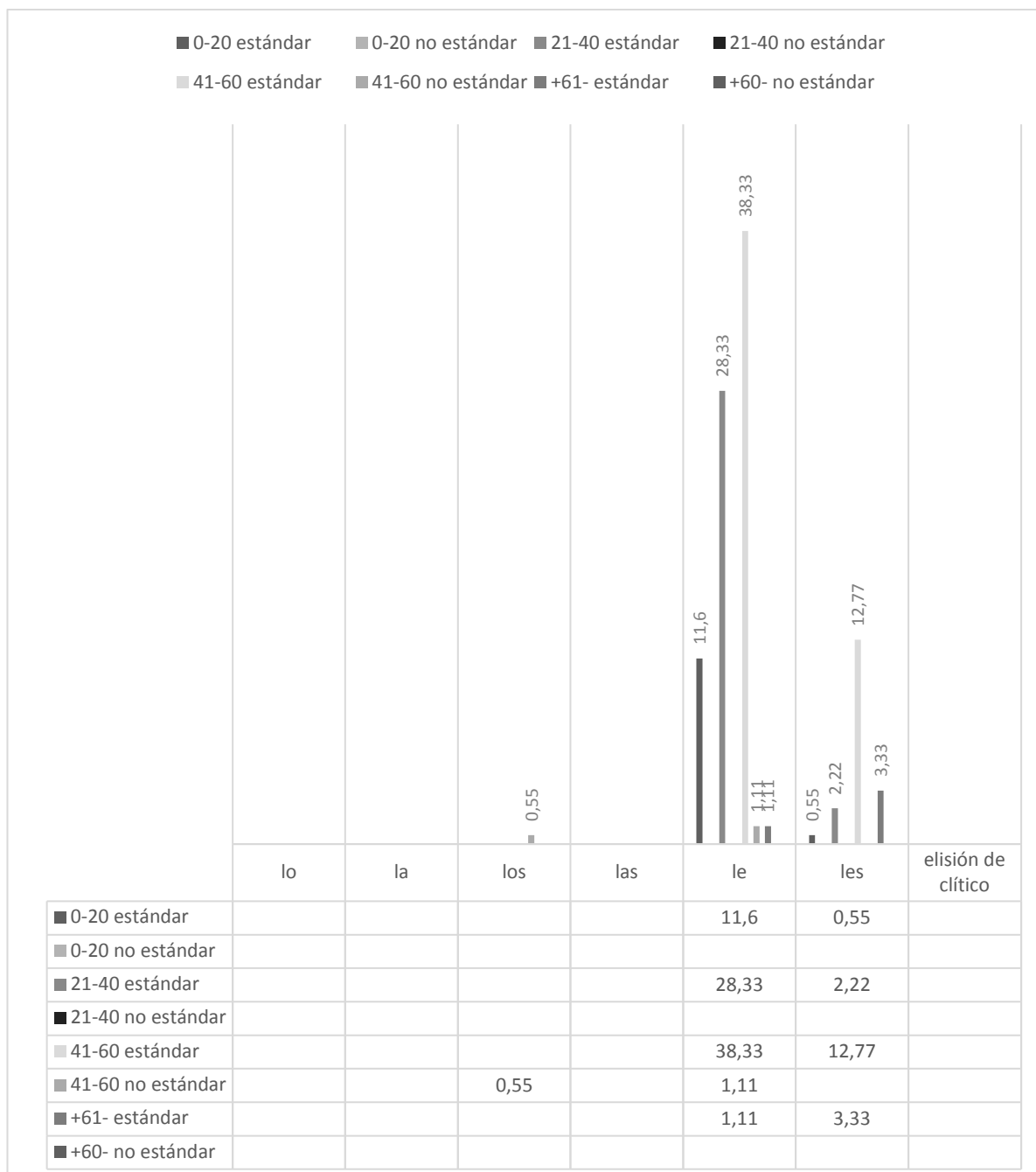
El Gráfico 7 fue calculado sobre un total de 36 informantes (ver Tabla 69) y 200 usos de clíticos de dativo de tercera persona: **hay uso de *le* para el dativo plural (1%)** (ver Tablas 12 y 44) **y *loísmo* (0,50%)** (ver Tabla 50) **en el sexo masculino.**

Gráfico 8 Usos de clíticos de acusativo de tercera persona discriminados por Edad



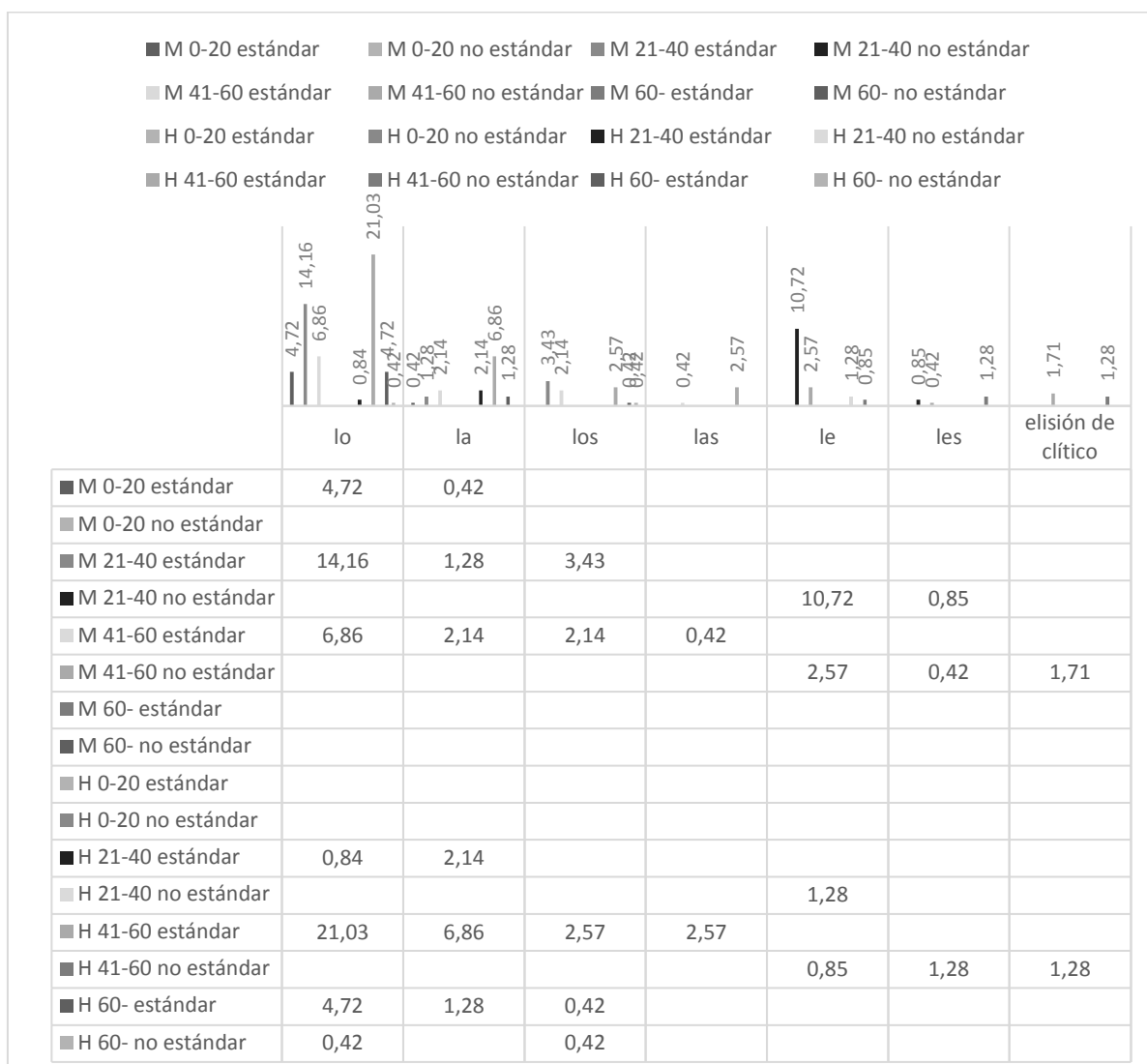
El Gráfico 8 fue calculado sobre un total de 35 informantes (ver Tabla 70) y 233 usos de clíticos de acusativo y elisión de clíticos no estándar de tercera persona: en el grupo etario de 0-20 años no hay usos no estándar; en el grupo etario **de 21-40 años hay un significativo léismo (12,01% con *le* y 0,85% con *les*)**; en el grupo etario **de 41-60 años hay un menor léismo (3,43% con *le* y 1,71% con *les*) y presencia de elisión de clíticos no estándar (3%)**; en el grupo etario **de +61 hay presencia de uso de *lo* y *los* en lugar de *la* (0,42%)** (ver Tabla 51).

Gráfico 9 Usos de clíticos de dativo de tercera persona discriminados por Edad



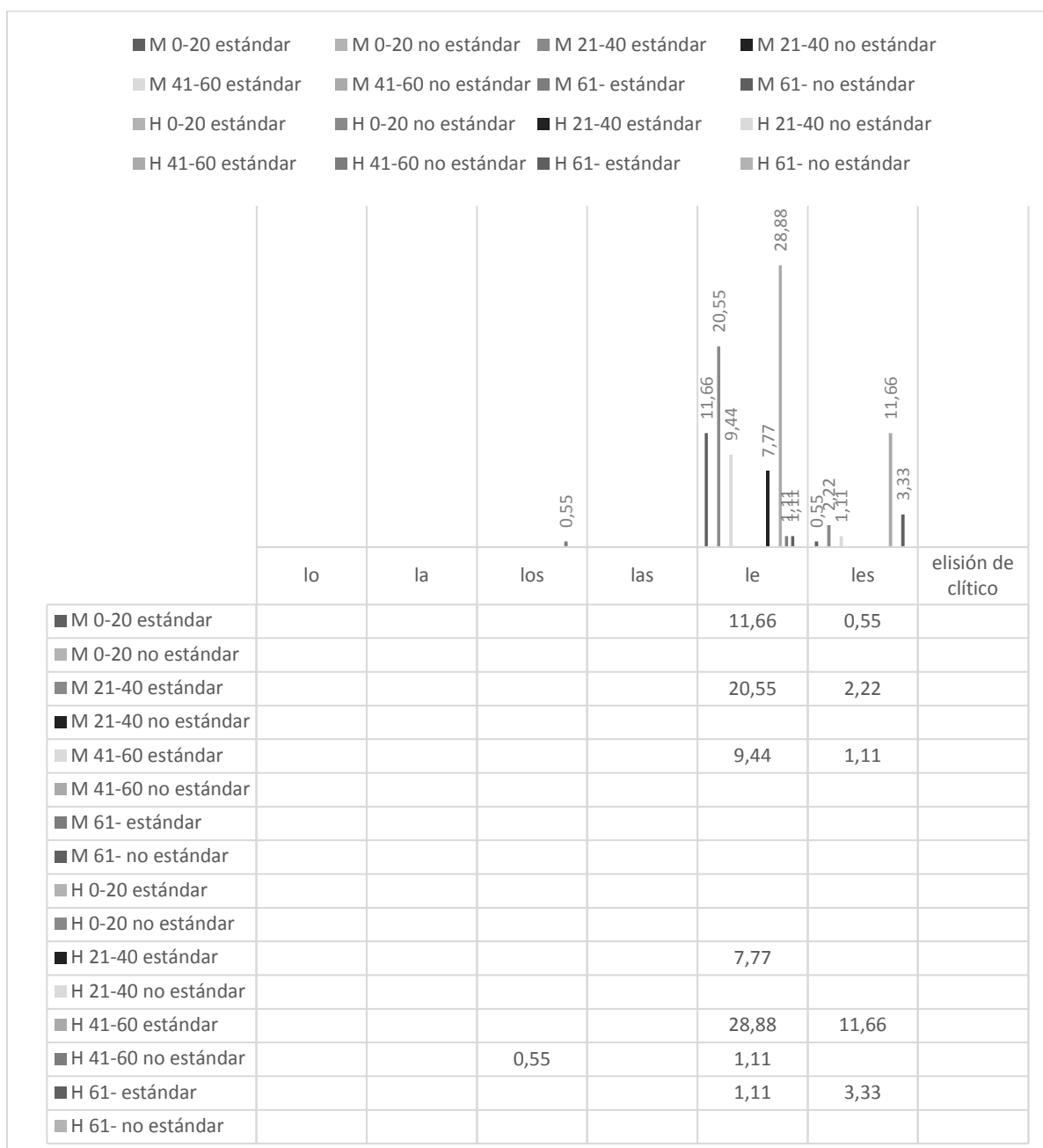
El Gráfico 9 fue calculado sobre un total de 35 informantes (ver Tabla 70) y 180 usos de clíticos de dativo de tercera persona: en los grupos etarios 0-20 años y 21-40 años no hay usos no estándar; en el grupo etario **de 41-60 años hay uso de le para el dativo plural (1,11%)** (ver Tablas 12 y 44) **y loísmo (0,55%)** (ver Tabla 50); en el grupo etario +61 no hay usos no estándar.

Gráfico 10 Usos de clíticos de acusativo de tercera persona discriminados por Edad en función de Sexo



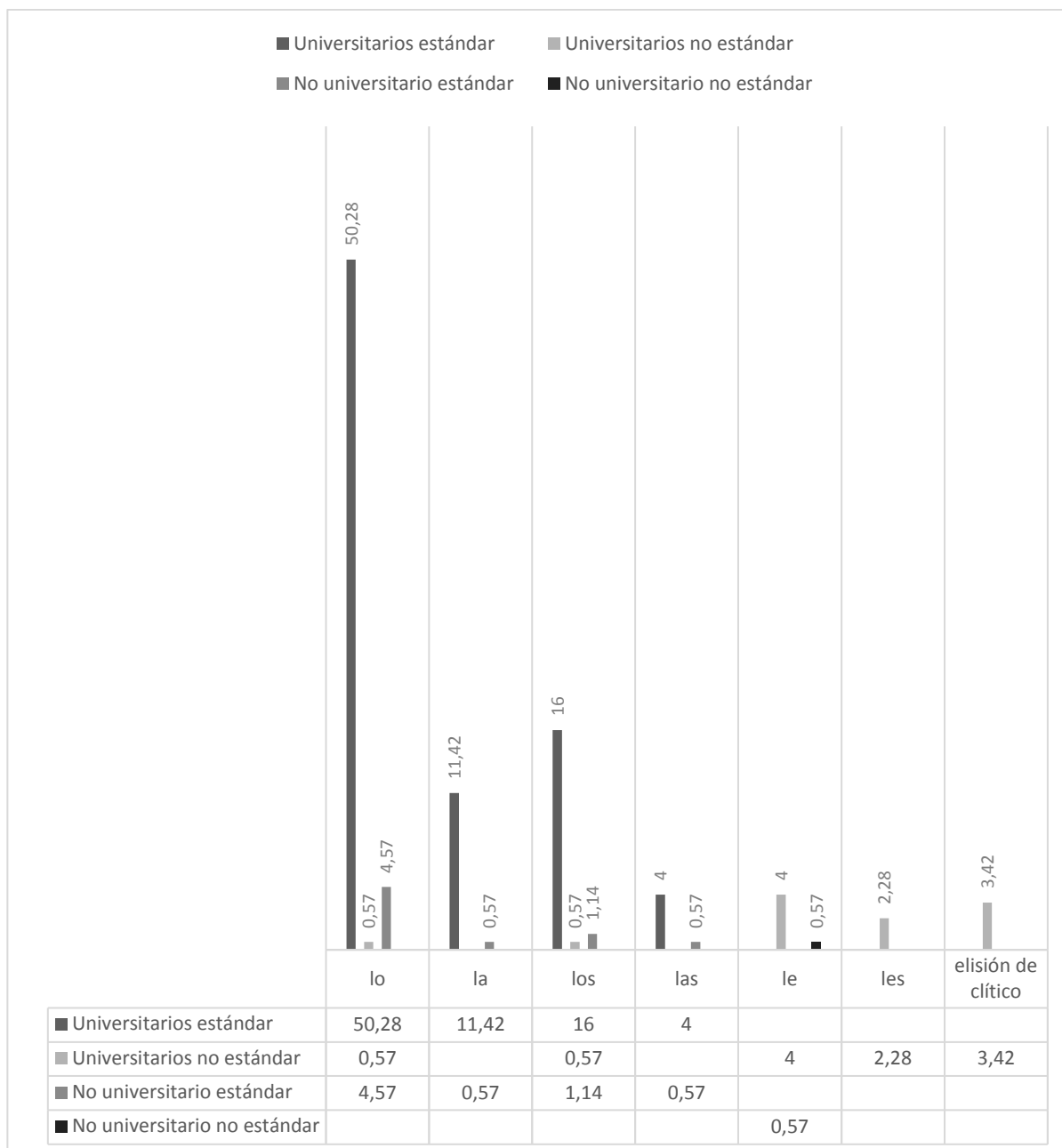
El Gráfico 10 fue calculado sobre un total de 35 informantes (ver Tabla 70) y 233 usos de clíticos de acusativo y elisión de clíticos no estándar de tercera persona: en el grupo etario de 0-20 años no hay usos no estándar; en el grupo etario de 21-40 años hay un significativo léísmo (10,72% con *le* y 0,85% con *les*) en el sexo femenino (M) y muy poco (1,28% con *le*) en el sexo masculino (H); en el grupo etario de 41-60 años hay un menor léísmo (2,57% con *le*) en el sexo femenino (M) y (0,85% con *le* y 1,28% con *les*) en el sexo masculino (H) y presencia de **elisión de clíticos no estándar (1,71%)** en el sexo femenino (M) y (1,28%) en el sexo masculino (H); en el grupo etario de +60 hay presencia de uso de *lo* y *los* en lugar de *la* (0,42%) en el sexo masculino (H) (ver Tabla 51).

Gráfico 11 Usos de clíticos de dativo de tercera persona discriminados por Edad en función de Sexo



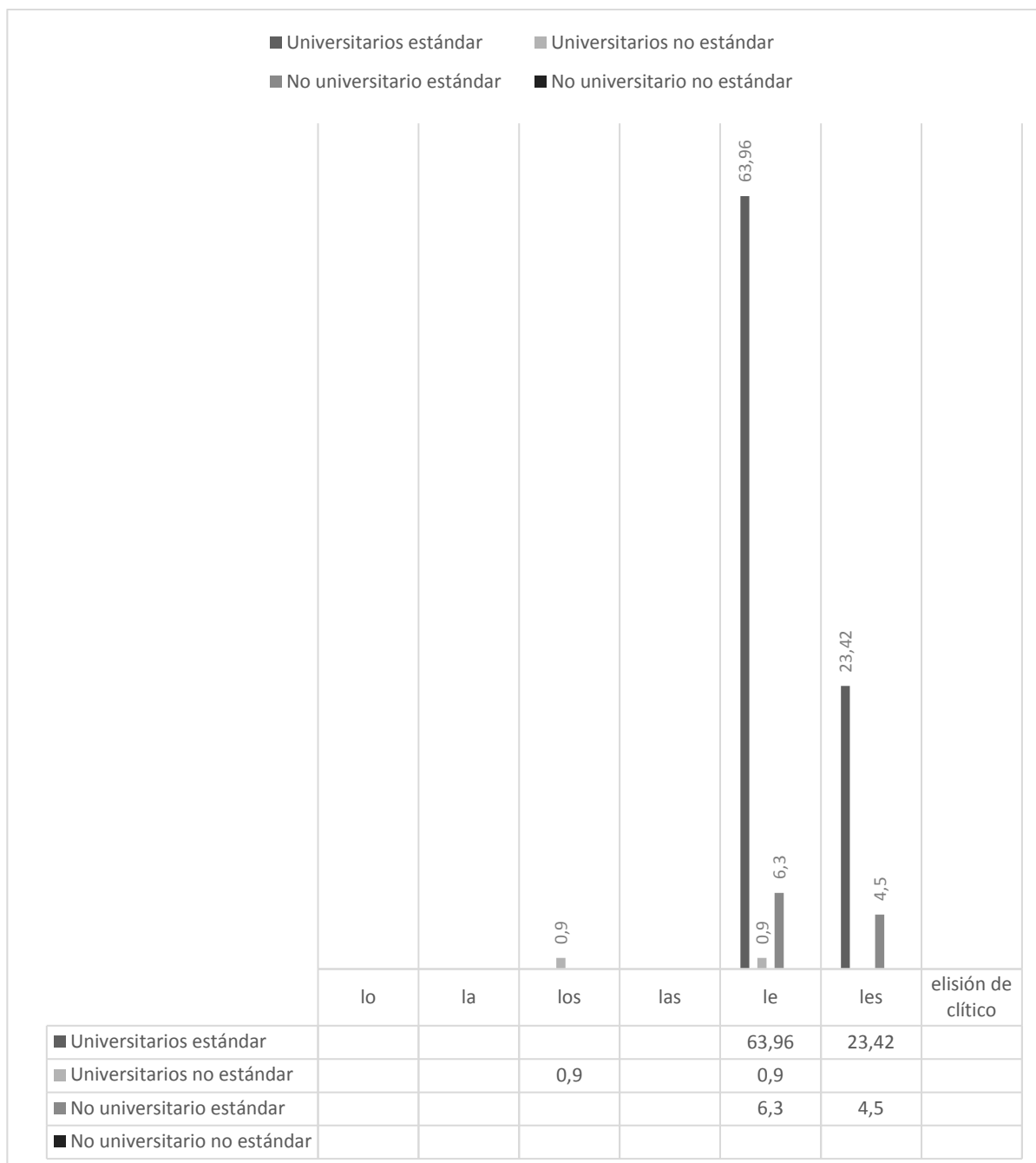
El Gráfico 11 fue calculado sobre un total de 35 informantes (ver Tabla 70) y 180 usos de clíticos de dativo de tercera persona: en los grupos etarios 0-20 años y 21-40 años no hay usos no estándar; en el grupo etario **de 41-60 años hay uso de *le* para el dativo plural (1,11%)** (ver Tablas 12 y 44) **y *loísmo* (0,55%)** (ver Tabla 50) **en el sexo masculino (H)**; en el grupo etario +60 no hay usos no estándar.

Gráfico 12 Usos de clíticos de acusativo de tercera persona discriminados por Nivel educacional



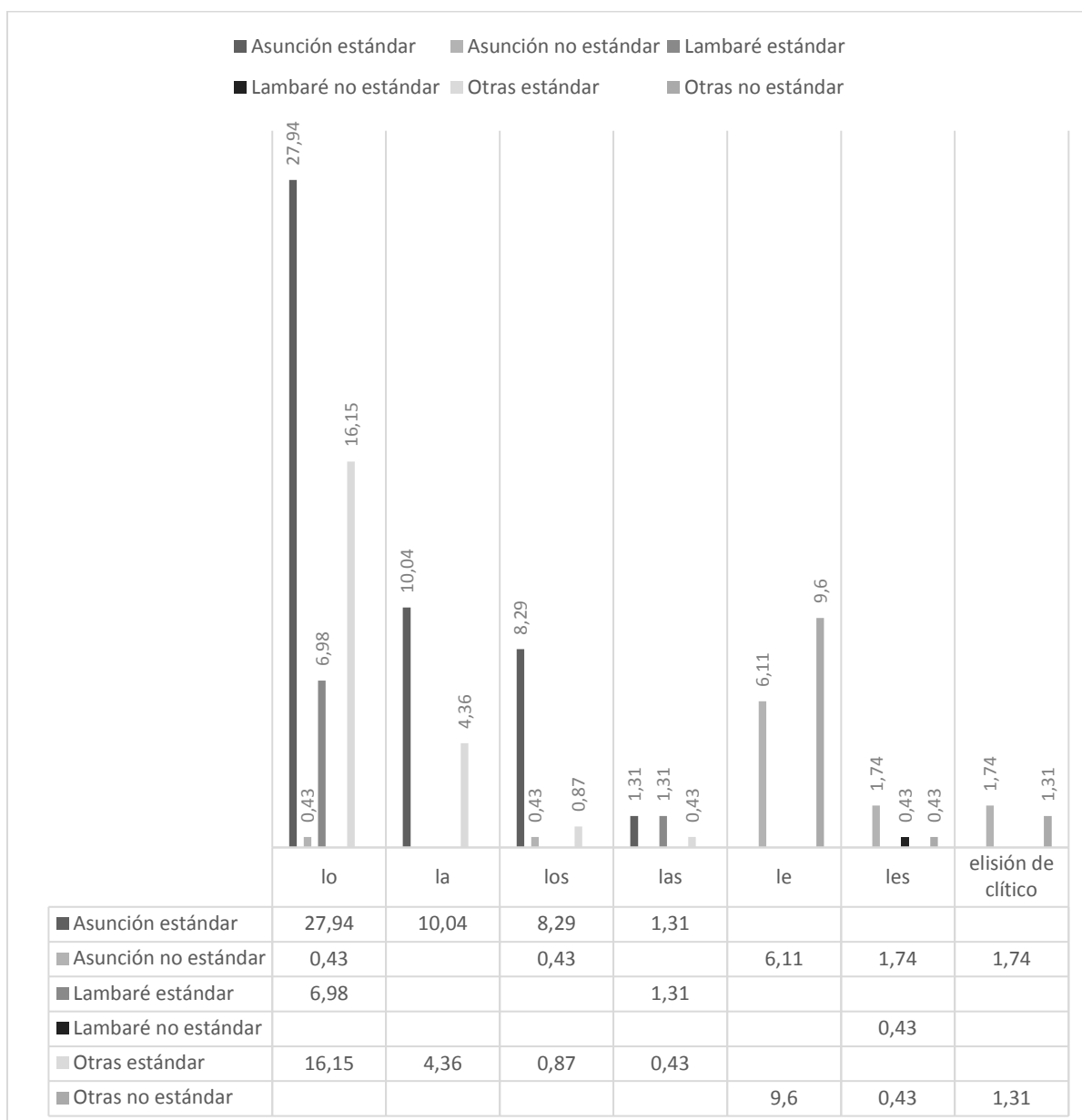
El Gráfico 12 fue calculado sobre un total de 15 informantes, 13 universitarios y 2 no universitarios (ver Tabla 72), y 175 usos de clíticos de acusativo y elisión de clíticos no estándar de tercera persona: en el grupo **universitario** hay **leísmo (4% con *le* y 2,28% con *les*)**, presencia de **elisión de clíticos no estándar (3,42%)** y uso de ***lo* y *los* en lugar de *la* (0,57%)** (ver Tabla 51); en el grupo **no universitario** hay un menor **leísmo (0,57% con *le*)** y presencia de **elisión de clíticos no estándar (0,57%)**.

Gráfico 13 Usos de clíticos de dativo de tercera persona discriminados por Nivel educacional



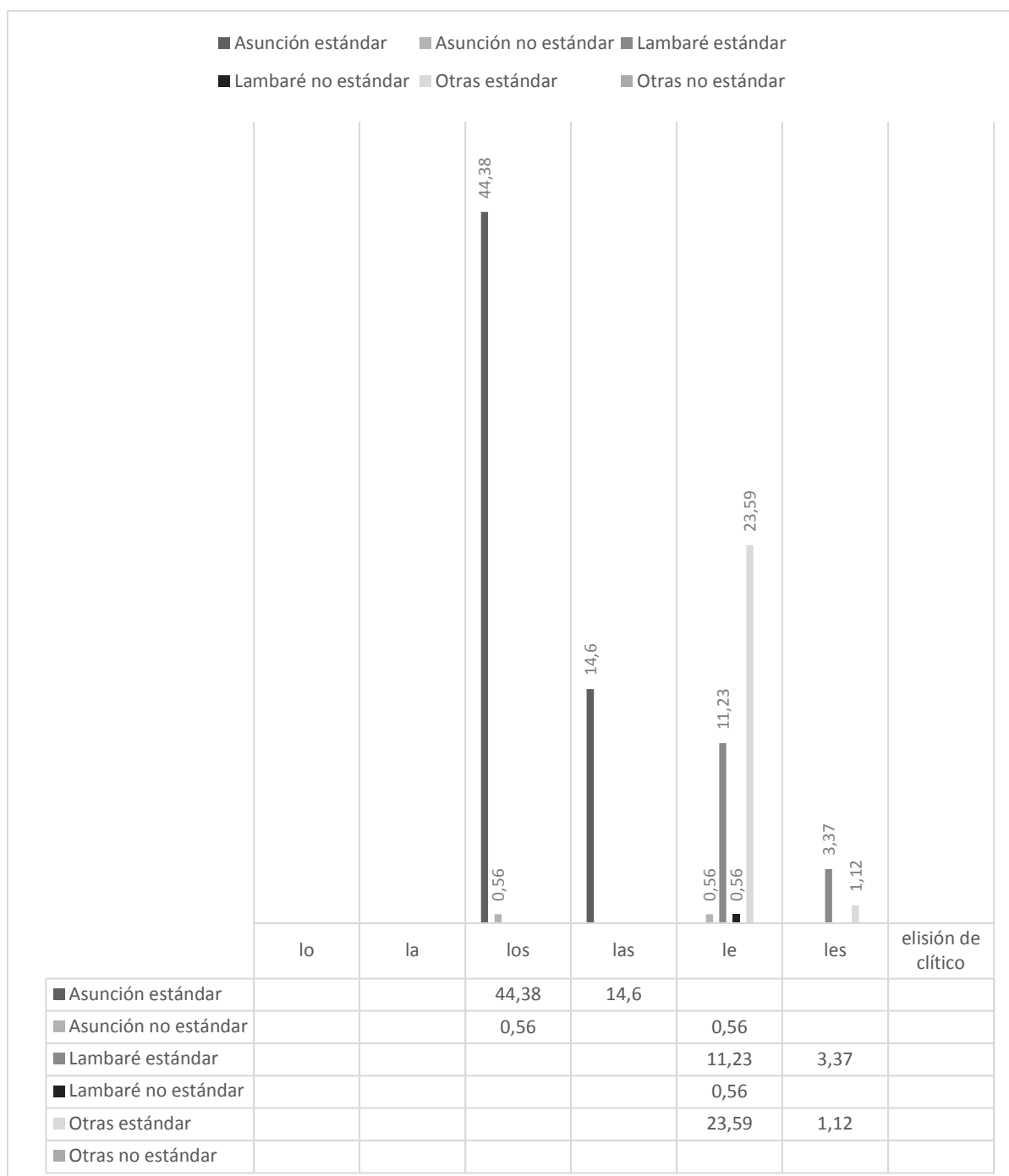
El Gráfico 13 fue calculado sobre un total de 15 informantes, 13 universitarios y 2 no universitarios (ver Tabla 72), y 111 usos de clíticos de dativo de tercera persona: en el grupo **universitario hay uso de *le* para el dativo plural (0,9%)** (ver Tabla 12) y **loísmo (0,9%)** (ver Tabla 50); en el grupo no universitario no hay usos no estándar.

Gráfico 14 Usos de clíticos de acusativo de tercera persona discriminados por Residencia geográfica



El Gráfico 14 fue calculado sobre un total de 34 informantes (ver Tabla 73) y 229 usos de clíticos de acusativo y elisión de clíticos no estándar de tercera persona: en **Asunción hay un significativo leísmo (6,11% con *le* y 1,74% con *les*)**, presencia de **elisión de clíticos no estándar (1,74%)** y hay presencia de **uso de *lo* y *los* en lugar de *la* (0,43%)** (ver Tabla 51); en **Lambaré hay poco leísmo (0,43% con *les*)**; en las **Otras hay mayor leísmo (9,60% con *le* y 0,43% con *les*)** y presencia de **elisión de clíticos no estándar (1,31%)**.

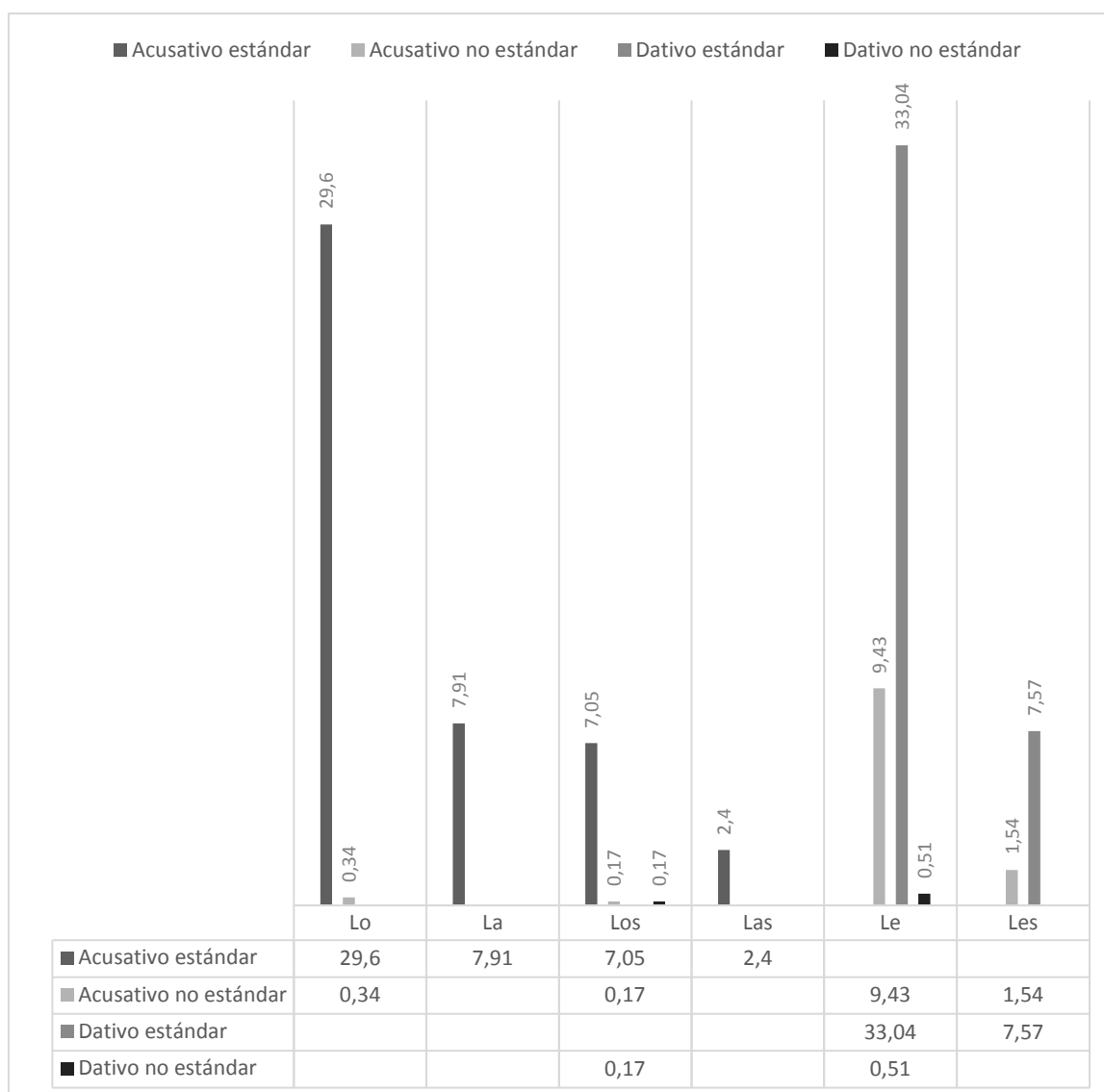
Gráfico 15 Usos de clíticos de dativo de tercera persona discriminados por Residencia geográfica



El Gráfico 15 fue calculado sobre un total de 34 informantes (ver Tabla 73) y 178 usos de clíticos de dativo de tercera persona: en **Asunción hay loísmo (0,56%)** (ver Tabla 50) y **uso de *le* para el dativo plural (0,56%)** (ver Tabla 12); en **Lambaré hay uso de *le* para el dativo plural (0,56%)** (ver Tabla 44).

De las Tablas 67 y 68 se extrae el Gráfico 16, que refleja los porcentajes correspondientes a los 581 clíticos relevados en el corpus (509 clíticos de uso estándar y 72 clíticos de uso no estándar), donde se puede observar: **un 33,04% de uso estándar de *le*, un 29,60% de uso estándar de *lo*, un 7,91% de uso estándar de *la*, un 7,57% de uso estándar de *les*, un 7,05% de uso estándar de *los*, un 2,4% de uso estándar de *las***; en cuanto a los usos no estándar, se observa: **un 9,43% de uso no estándar de *le* en acusativo, un 1,54% de uso no estándar de *les* en acusativo, un 0,34% de uso no estándar de *lo* en acusativo, un 0,17% de uso no estándar de *los* en acusativo, un 0,51% de uso no estándar de *le* en dativo y un 0,17% de uso no estándar de *los* en dativo.**

Gráfico 16 Porcentajes de usos de clíticos del corpus



4.3 INFERENCIAS FINALES

Para este capítulo analizamos un total de 157 artículos (24 artículos de *Crónica*, 27 artículos de *La Nación*, 25 portadas de *Diario Popular*, 30 artículos de *Abc Color*, 21 artículos de *5 Días* y 30 artículos de *Ultima Hora*), en los que identificamos un total de 40 informantes (24 de *Crónica*, 12 de *La Nación*, 1 (hipotético) de *Diario Popular*, 1 (hipotético) de *Abc Color*, 1 (hipotético) de *5 Días* y 1 (hipotético) de *Ultima Hora*), de 36 de los cuales encontramos datos sobre: sexo, edad, nivel educacional y residencia geográfica, e identificamos un total de 581 usos de clíticos y 11 elisiones no estándar, con un total de 509 usos de clíticos estándar y 72 usos de clíticos no estándar (Tablas 66, 67 y 68), de la siguiente manera⁷⁵:

De *Crónica*, de Fernando de la Mora, de la sección *Cosas del corazón*, analizamos artículos publicados entre el 1 y el 28 de febrero de 2019. En total analizamos 24 artículos con un total de 24 informantes incluida la comentarista, ya que uno de los lectores fue desconsiderado por ser extranjero.

De *La Nación*, de Asunción, de la sección *Voces*, analizamos artículos publicados entre el 1 y el 28 de febrero de 2019. En total analizamos 27 artículos con un total de 12 informantes.

De *Diario Popular*, de Asunción, de la sección *Portada*, analizamos portadas publicadas entre el 4 y el 28 de febrero de 2019. En total analizamos 25 y consideramos un único informante.

De *Abc Color*, de Asunción, de la sección *Nacionales*, analizamos artículos publicados entre el 1 y el 30 de septiembre de 2019. En total analizamos 30 artículos y consideramos un único informante.

De *5 Días*, de Asunción, de la sección *Economía y Negocios*, analizamos artículos publicados entre el 2 y el 30 de septiembre de 2019. En total analizamos 21 artículos y consideramos un único informante.

De *Ultima Hora*, de Asunción, de la Sección *Nacionales*, analizamos artículos publicados entre el 1 y el 30 de septiembre de 2019. En total analizamos 30 artículos y consideramos un único informante.

⁷⁵ Un aspecto importante es que se observan muchos casos de doblado de clíticos, construcción en que el OD pospuesto al verbo viene acompañado por el clítico, esa discusión rebalsa los límites de esta tesis, pero es importante notar que estas construcciones no son exclusivas del español rioplatense y quizás puedan ofrecer indicios para la explicación del fenómeno en Paraguay en una investigación futura.

De la Tabla 66, que corresponde a la sumatoria total de usos de clíticos de tercera persona del corpus, se extrae el Gráfico 4, que corresponde al uso de clíticos de acusativo de tercera persona del corpus, del que se puede observar que, sobre un total de 341 (100%) usos de clíticos de acusativo, hay: 172 (51,43%) usos estándar de *lo* y 2 (0,58%) usos no estándar; 46 (13,48%) usos estándar de *la*; 41 (12,02%) usos estándar de *los* y 1 (0,29%) uso no estándar, 14 (4,10%) usos estándar de *las*; 55 (16,12%) usos no estándar de *le*; 10 (2,93%) usos no estándar de *les*; y 11 (3,22%) elisiones de clítico no estándar sobre un total de 352 (341 + 11) usos y elisiones de clíticos de acusativo⁷⁶. De esta forma encontramos un **19,05% de leísmo** (16,12% con *le* y 2,93% con *les*), un **3,22% de elisiones de clítico no estándar**, un **0,58% de uso no estándar de *lo*** y un **0,29% de uso no estándar de *los***.

De la Tabla 66 se extrae también el Gráfico 5, que corresponde al uso de clíticos de dativo de tercera persona del corpus, del que se puede observar que, sobre un total de 240 (100%) usos de clíticos de dativo, hay: 1 (0,41%) uso no estándar de *los*; 192 (80%) usos estándar de *le* y 3 (1,25%) usos no estándar; y 44 (18,33%) usos estándar de *les*. De esta forma encontramos un **0,41% de loísmo con *los*** y un **1,25% de usos no estándar de *le***.

De las Tablas 67 y 68 se extrae el Gráfico 16, que refleja los porcentajes correspondientes a los 581 clíticos relevados en el corpus (509 clíticos de uso estándar y 72 clíticos de uso no estándar), donde se puede observar: **un 33,04% de uso estándar de *le*, un 29,60% de uso estándar de *lo*, un 7,91% de uso estándar de *la*, un 7,57% de uso estándar de *les*, un 7,05% de uso estándar de *los*, un 2,4% de uso estándar de *las***; en cuanto a los usos no estándar, se observa: **un 9,43% de uso no estándar de *le* en acusativo, un 1,54% de uso no estándar de *les* en acusativo, un 0,34% de uso no estándar de *lo* en acusativo, un 0,17% de uso no estándar de *los* en acusativo, un 0,51% de uso no estándar de *le* en dativo y un 0,17% de uso no estándar de *los* en dativo**.

Organizando los datos de la Tabla 66 según las variables: sexo (Tabla 69), edad (Tabla 70), edad en función de sexo (Tabla 71), nivel educacional (Tabla 72) y residencia geográfica (Tabla 73), obtenemos los Gráficos 6-15:

El Gráfico 6, calculado sobre un total de 36 informantes (ver Tabla 69) y 294 usos de clíticos de acusativo y elisión de clíticos no estándar de tercera persona, muestra que: hay un significativo **leísmo (12,58% con *le* y 1,70% con *les*) en el sexo femenino y muy poco (1,70% con *le* y 1,02% con *les*) en el sexo masculino**; hay presencia de **elisión de clíticos no**

⁷⁶ Las elisiones estándar no fueron contabilizadas.

estándar (2,72%) en el sexo femenino y (1,02%) en el sexo masculino; hay presencia de uso de *lo* y *los* en lugar de *la* (0,34%) en el sexo masculino (ver Tabla 51).

El Gráfico 7, calculado sobre un total de 36 informantes (ver Tabla 69) y 200 usos de clíticos de dativo de tercera persona, muestra que: **hay uso de *le* para el dativo plural (1%)** (ver Tablas 12 y 44) **y loísmo (0,50%)** (ver Tabla 50) **en el sexo masculino.**

El Gráfico 8, calculado sobre un total de 35 informantes (ver Tabla 70) y 233 usos de clíticos de acusativo y elisión de clíticos no estándar de tercera persona, muestra que: en el grupo etario de 0-20 años no hay usos no estándar; en el grupo etario **de 21-40 años hay un significativo leísmo (12,01% con *le* y 0,85% con *les*)**; en el grupo etario **de 41-60 años hay un menor leísmo (3,43% con *le* y 1,71% con *les*)** y **presencia de elisión de clíticos no estándar (3%)**; en el grupo etario **de +61 hay presencia de uso de *lo* y *los* en lugar de *la* (0,42%)** (ver Tabla 51).

El Gráfico 9, calculado sobre un total de 35 informantes (ver Tabla 70) y 180 usos de clíticos de dativo de tercera persona, muestra que: en los grupos etarios 0-20 años y 21-40 años no hay usos no estándar; en el grupo etario **de 41-60 años hay uso de *le* para el dativo plural (1,11%)** (ver Tablas 12 y 44) **y loísmo (0,55%)** (ver Tabla 50); en el grupo etario +61 no hay usos no estándar.

El Gráfico 10, calculado sobre un total de 35 informantes (ver Tabla 70) y 233 usos de clíticos de acusativo y elisión de clíticos no estándar de tercera persona, muestra que: en el grupo etario de 0-20 años no hay usos no estándar; en el grupo etario **de 21-40 años hay un significativo leísmo (10,72% con *le* y 0,85% con *les*) en el sexo femenino (M) y muy poco (1,28% con *le*) en el sexo masculino (H)**; en el grupo etario **de 41-60 años hay un menor leísmo (2,57% con *le*) en el sexo femenino (M) y (0,85% con *le* y 1,28% con *les*) en el sexo masculino (H)** y presencia de **elisión de clíticos no estándar (1,71%) en el sexo femenino (M) y (1,28%) en el sexo masculino (H)**; en el grupo etario **de +60 hay presencia de uso de *lo* y *los* en lugar de *la* (0,42%) en el sexo masculino (H)** (ver Tabla 51).

El Gráfico 11, calculado sobre un total de 35 informantes (ver Tabla 70) y 180 usos de clíticos de dativo de tercera persona, muestra que: en los grupos etarios 0-20 años y 21-40 años no hay usos no estándar; en el grupo etario **de 41-60 años hay uso de *le* para el dativo plural (1,11%)** (ver Tablas 12 y 44) **y loísmo (0,55%)** (ver Tabla 50) **en el sexo masculino (H)**; en el grupo etario +60 no hay usos no estándar.

El Gráfico 12, calculado sobre un total de 15 informantes, 13 universitarios y 2 no universitarios (ver Tabla 72), y 175 usos de clíticos de acusativo y elisión de clíticos no estándar de tercera persona, muestra que: en el grupo **universitario hay leísmo (4% con *le* y**

2,28% con les), presencia de **elisión de clíticos no estándar (3,42%)** y **uso de lo y los en lugar de la (0,57%)** (ver Tabla 51); en el grupo **no universitario hay un menor leísmo (0,57% con le)** y presencia de **elisión de clíticos no estándar (0,57%)**. Dado el bajo número de informantes y el desequilibrio entre universitarios (12) y no universitarios (2) (ver Tabla 72) el gráfico se incluye con el único fin de presentar los datos de una forma ordenada.

El Gráfico, 13 calculado sobre un total de 15 informantes, 13 universitarios y 2 no universitarios (ver Tabla 72), y 111 usos de clíticos de dativo de tercera persona, muestra que: en el grupo **universitario hay uso de le para el dativo plural (0,9%)** (ver Tabla 12) y **loísmo (0,9%)** (ver Tabla 50); y que en el grupo no universitario no hay usos no estándar. Dado el bajo número de informantes y el desequilibrio entre universitarios (12) y no universitarios (2) (ver Tabla 72) el gráfico se incluye con el único fin de presentar los datos de una forma ordenada.

El Gráfico 14, calculado sobre un total de 34 informantes (ver Tabla 73) y 229 usos de clíticos de acusativo y elisión de clíticos no estándar de tercera persona, muestra que: en **Asunción hay un significativo leísmo (6,11% con le y 1,74% con les)**, presencia de **elisión de clíticos no estándar (1,74%)** y hay presencia de **uso de lo y los en lugar de la (0,43%)** (ver Tabla 51); en **Lambaré hay poco leísmo (0,43% con les)**; en las **Otras hay mayor leísmo (9,60% con le y 0,43% con les)** y presencia de **elisión de clíticos no estándar (1,31%)**. Dado el bajo número de informantes de las otras ciudades (12 en total con una media de 1 informante por ciudad, ver Tabla 73) y el desequilibrio con relación a la cantidad de informantes entre éstas y Lambaré (3) y Asunción (18)⁷⁷, que son ciudades urbanas y limítrofes, el gráfico se incluye con el único fin de presentar los datos de una forma ordenada.

El Gráfico 15, calculado sobre un total de 34 informantes (ver Tabla 73) y 178 usos de clíticos de dativo de tercera persona, muestra que: en **Asunción hay loísmo (0,56%)** (ver Tabla 50) y **uso de le para el dativo plural (0,56%)** (ver Tabla 12); en **Lambaré hay uso de le para el dativo plural (0,56%)** (ver Tabla 44). Dado el bajo número de informantes de las otras ciudades (12 en total con una media de 1 informante por ciudad, ver Tabla 73) y el desequilibrio con relación a la cantidad de informantes entre éstas y Lambaré (3) y Asunción (18), que son ciudades urbanas y limítrofes, el gráfico se incluye con el único fin de presentar los datos de una forma ordenada.

⁷⁷ El área metropolitana de Gran Asunción no constituye un distrito administrativo, pero reagrupa usualmente las siguientes ciudades aledañas a la capital: Capiatá, Fernando de la Mora, Lambaré, Limpio, Luque, Mariano Roque Alonso, Ñemby, San Antonio, San Lorenzo y Villa Elisa.

5 CONCLUSIÓN

El hecho de que Meliá (1995; 2006) y Verón (2017) afirmen que el pueblo paraguayo haya sido prácticamente monolingüe guaraní hasta finales del siglo XIX y consideren un mito el bilingüismo guaraní-español desde la conquista y hasta el presente, refuerza el hecho de que Granda (1982), Fontanella de Weinberg (1993) y Fernández Ordóñez (1993) consideren a Paraguay en un contexto de área periférica en relación al contexto hispanohablante americano, ya que una hipótesis no excluye la otra, sino que la complementa. Consideramos innegable también la situación de aislamiento periférico que caracterizó el contexto socio histórico de Paraguay, el que, sumado al hecho de haber sido prácticamente monolingüe guaraní funcional desde la conquista y hasta prácticamente finales del siglo XIX, refuerza la hipótesis de la baja estandarización del español paraguayo defendida por Fontanella de Weinberg (1993), así como la teoría de que haya ocurrido un proceso de koinización - estandarización (también referida por Tuten (2003)), entre diferentes dialectos españoles leístas durante el período de colonización, en este caso del territorio paraguayo, como sugerido también por Fernández Ordóñez (1993).

De los trabajos de Fernández Ordóñez (1994; 1999; 2001) se desprende que el fenómeno del leísmo en el español peninsular habría sido inducido por el contacto lingüístico con el vascuence, y que el romance hablado en contacto con el vascuence sería el más antiguo. Tanto de los trabajos de Fernández Ordóñez (1994; 1999; 2001) como de Tuten (2003) se desprende que el leísmo se encuentra en muchas variedades del mundo hispanohablante y que en América está presente en las variedades resultantes del contacto con lenguas indígenas como el quechua en la región andina y el guaraní en Paraguay, y que el leísmo más radical es similar al encontrado también en el español del País Vasco (lo que resultaría corroborado por la evidencia del comportamiento semejante del español en contacto con lenguas no-indoeuropeas y alejadas de la Península y entre sí, ya que todas estas lenguas ofrecen leísmo asociado fundamentalmente a objetos animados masculinos y femeninos y comparten una característica común: carecer de la categoría de género). Ambos autores coinciden en que el origen del leísmo radica tanto en factores externos como internos: en procesos de koinización entre diferentes dialectos y por el contacto lingüístico entre el español y el vascuence.

Herreros (1976), Fernández Ordóñez (1993), Palacios (2000) y Symeonidis (2013) coinciden en que el leísmo, (y eventualmente el loísmo: Fernández Ordóñez (1993), Palacios (2000)), del español paraguayo se haya producido principalmente por contacto del español

con el guaraní por procesos como el *calco sintáctico* (HERREROS, 1976), el *reanálisis* (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1993) y la *convergencia lingüística* (PALACIOS, 2000), situación que nos lleva a reconocer la innegable relevancia de la influencia de la lengua de adstrato en las características del sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo.

Como hemos visto a lo largo de esta investigación, según Herreros (1976), Granda (1982), Fernández Ordóñez (1999), Palacios (2000) y Symeonidis (2013) en el sistema pronominal átono de tercera persona del español paraguayo se encuentra ampliamente generalizado el fenómeno del leísmo particularizado por el uso casi exclusivo de la forma *le* como único clítico de tercera persona de objeto directo e indirecto singular y plural y masculino y femenino (HERREROS, 1976; GRANDA, 1982; FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999; SYMEONIDIS, 2013), el fenómeno del loísmo (FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999; PALACIOS, 2000; SYMEONIDIS, 2013), y el fenómeno de la elisión de clíticos no estándar (GRANDA, 1982; FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, 1999; PALACIOS, 2000; SYMEONIDIS, 2013). Sin embargo, de los datos del corpus (19,05% de leísmo (16,12% con *le* y 2,93% con *les*), 3,22% de elisiones de clítico no estándar, 0,58% de uso no estándar de *lo* y 0,29% de uso no estándar de *los*) se desprende que, si bien todos estos fenómenos (leísmo, loísmo y elisión de clíticos no estándar) estén presentes en el español paraguayo, no lo están hoy en la medida en que fuera referida por estos autores, lo que sugiere un fenómeno reciente de hipercorrección en los hablantes principalmente de los centros urbanos, impulsado por un mayor acceso a la educación y a los medios masivos de comunicación, y por las políticas lingüísticas que se vienen aplicando en los últimos decenios a favor del bilingüismo institucional, con un significativo aumento del uso del español en la esfera pública y privada, donde el español cuenta con un mayor prestigio que el guaraní, como se desprende de la investigación de Chiquito y Saldívar Dick ⁷⁸ (2014, p. 1174):

El análisis de los datos del proyecto LIAS sobre Paraguay revelan que su perfil lingüístico es bilingüe español-guaraní. Este aspecto ha permeado las respuestas de los entrevistados, quienes sienten orgullo por su identidad guaraní, al mismo tiempo que aprecian el hecho de que la lengua española marca gran parte de su historia y de su vida diaria. Parece ser un deseo de los entrevistados llegar a dominar ambos idiomas al mismo nivel, con estándares lingüísticos para el guaraní similares a los que ha tenido la lengua española por varios siglos. Sus reflexiones sobre la situación lingüística del país

⁷⁸ Investigación dirigida a relevar las actitudes lingüísticas de los hablantes paraguayos de lengua castellana en Asunción, capital del Paraguay, y que es parte del proyecto LIAS (Identity and Attitudes in Spanish-speaking Latin America), que estudia los mismos aspectos en las capitales de veinte países hispanohablantes.

muestran que, en este aspecto, hay tensiones entre las zonas rurales y urbanas. El guaraní urbano y el rural reciben comentarios muy similares a los que existen entre el “buen” castellano hablado en las zonas más urbanas, como el Departamento Central y Asunción, y el “mal” castellano de las zonas rurales o más alejadas de la capital, como el departamento de Guairá y la región geográfica del Chaco. Este hecho puede indicar un deseo de que el guaraní siga el ejemplo del castellano, y establezca normas claras que se puedan enseñar y aprender a través de la educación, de tal manera que su uso escrito tenga un nivel cultural como el del castellano. Las menciones al jopara indican también que lo ven como una “mezcla” entre guaraní y español y como un obstáculo para la “pureza” de ambas lenguas. Al exponer qué piensan sobre el concepto de corrección lingüística, casi todos los entrevistados opinan que es lo más necesario para hacerse entender, y consideran que la característica más importante para tener en cuenta es “no mezclar los idiomas”, lo que en el caso del Paraguay significa saber distinguir bien entre el castellano, el guaraní y el portugués brasileño, tratando de no mezclarlos. Según explican, el acceso a la educación es el factor más importante para lograr esta meta, ya que, según sus respuestas, la gran diferencia en la corrección de las áreas urbanas para hablar el español estriba en que estas tienen mayores recursos para mantener una población educada que conozca y sepa usar las lenguas del país “correctamente”.

De esta forma, habiendo comparado los datos de Herreros (1976), Granda (1982), Palacios (2000) y Symeonidis (2013) con los del corpus, podemos afirmar que exista un considerable desplazamiento de *le* como única forma pronominal de objeto directo hacia una alternancia considerablemente mayor con *lo*, *los*, *la* y *las*, sobre todo en los sociolectos urbanos y con mayor grado de escolarización.

Podríamos a este punto afirmar que el cambio lingüístico en lo que se refiere al sistema pronominal átono de tercera persona en el español haya sido inducido después de todo por causas externas y no internas a la lengua, es decir, por el contacto secular con una lengua no indoeuropea como el vascuence. Podríamos entonces también afirmar que, una vez llegado a América, seguramente preñado de tales características, al entrar nuevamente en contacto con lenguas no indoeuropeas como las amerindias, y con el guaraní en particular, tales características hayan encontrado un terreno fértil en el que continuar a desarrollarse. Es por estos argumentos que defendemos la influencia de los factores externos, sociohistóricos y sociolingüísticos, en los procesos de cambio lingüístico ocurridos en el español en general y en el español paraguayo en particular por encima de los internos, al menos en lo que se refiere al sistema pronominal átono de tercera persona.

Se corrobora así nuestra hipótesis de que el español paraguayo está actualmente sufriendo variaciones en función de la norma estándar en los sociolectos medios y altos urbanos y de mayor escolarización por influencia del peso normativo de diferentes polos culturales, de nuevas políticas lingüísticas, de un mayor acceso a la instrucción y a los medios

masivos de comunicación y por fenómenos de marcación lingüística sociocultural que conducen a fenómenos de hipercorrección en función de la norma estándar. Todos estos recientes fenómenos socioculturales y sociolingüísticos, que actuaron y actúan prácticamente en conjunto desde la segunda mitad del siglo XX y hasta el presente como factores externos de influencia para el cambio lingüístico, están modificando el sistema de complementos de tercera persona del español paraguayo, acercándolo cada vez más hacia la norma estándar.

REFERENCIAS⁷⁹:

- ABAD, Francisco Nebot. Lingüística y variedades de lengua (hacia una concepción integrada). *Cuadernos de investigación filológica*, La Rioja: Universidad La Rioja, n. 4, p. 3-16, 1978.
- _____. Para la historia del leísmo y laísmo: el testimonio de Calderón. *Dianium: revista universitaria de ciencias y humanidades*, Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, n. 1, p. 145-148, 1982.
- _____. Las ideas lingüísticas en España en el Siglo XX. *Epos: Revista de filología*, Madrid: Universidad Nacional de Educación a Distancia, n. 1, p. 7-18, 1984.
- _____. Leísmo y laísmo: explicaciones y datos históricos. *Philologica Hispaniensia in honorem Manuel Alvar*, Madrid: Editorial Gredos, v. 2, p. 11-20, 1985.
- _____. La variación lingüística. *Revista española de lingüística*, Madrid: Sociedad Española de Lingüística, v. 23, n. 1, p. 73-86, 1993.
- ALARCOS LLORACH, Emilio. Sobre la neutralización en morfología. *Archivum: Revista de la Facultad de Filología*, Oviedo: Ediciones de la Universidad de Oviedo, v. 7, p. 13-24, 1957.
- _____. Metodología estructural y funcional en Lingüística. *Revista española de lingüística*, Madrid: Sociedad Española de Lingüística, v. nº 7, n. 2, p. 1-16, 1977.
- _____. *Gramática de la lengua española*. 1 ed. 2ª reimpresión. Madrid: Editorial Espasa Calpe, 2000.
- ALBA, Orlando. Zonificación Dialectal del Español en América. In: HERNÁNDEZ ALONSO, César [coord.]. *Historia y presente del español de América*. 1 ed. Valladolid: Junta de Castilla y León. Pabecal, 1992, p 63-84.
- ALEZA IZQUIERDO, Milagros. Algunos aspectos gramaticales en las modalidades americanas. *Archivo de filología aragonesa*, Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2002-2004, v. 59-60, n. 2, p. 1003-1030, 2004.
- _____. Estudio del empleo de los pronombres clíticos en un corpus oral de la Habana (Cuba). *Borealis: An International Journal of Hispanic Linguistics*, Tromsø: Septentrio Academic Publishing, v. 2, n. 1, p. 1-34, 2013.
- _____. La elección del caso pronominal en dos corpus orales puertorriqueños. *Verba: Anuario galego de filoloxia*, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, n. 41, p. 145-182, 2014.
- ALMEIDA, Gilce de Souza. Prescrição gramatical e uso: o caso do pronome lhe no português brasileiro. In: CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA, 15, Rio de Janeiro, 2011. *Anais do XV Congresso Nacional de Linguística e Filologia, Cadernos do CNLF*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. 15, n. 5, t. 3, p. 2406, 2011.
- ALVAR, Manuel. Motivaciones sociológicas en el cambio lingüístico. *Ethnica: Revista de Antropología*, Barcelona: Centro de Etnología Peninsular - Consejo Superior de Investigaciones Científicas, n. 3, p. 7-26, 1972.
- _____. [dir.]. *Manual de dialectología hispánica. El español de América*. 1 ed. Barcelona: Ariel, 1996.
- _____. *El español en Paraguay*. Estudios, mapas, textos. 1 ed. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá-Agencia Española de Cooperación Internacional- La Goleta Ediciones, 2002.

⁷⁹ ABNT NBR 6023:2018.

ALVAR, Manuel; POTTIER, Bernard. *Morfología histórica del español*. 1 ed. Madrid: Editorial Gredos, 1983.

ÁLVAREZ MARTÍNEZ, María Ángeles. Sobre el leísmo y otros temas: a propósito de la norma castellana del español. *Archivum: Revista de la Facultad de Filología*, Oviedo: Ediciones de la Universidad de Oviedo, v. 36, p. 65-76, 1986.

_____. *La gramática española en América*, Tenerife: Universidad de La Laguna. Servicio de Publicaciones, 1994.

APPLEYARD, José Luís de. Los Monólogos. Asunción: Colección Oñondivepa, 1973, p. 40, 77, 99, apud GRANDA, Germán de. Origen y formación del leísmo en el español del Paraguay. *Revista de Filología Española*, Madrid: Consejo Superior de Investigación Científica, v. 62, n.3-4, p. 259-283, 1982.

BELLO, Andrés. Gramática de la lengua castellana destinada al uso de los americanos [1847]. In: BELLO, Andrés. *Obras completas de Andrés Bello*. 3ªed. Facsimilar. Caracas: Fundación La Casa de Bello, 1995, v. 4.

BRUCART, José María. La elipsis. In: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. 1. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 2787-2863, v. 2.

CADOGAN, León. *Carobeni*. Apuntes de toponimia hispano guaraní. Asunción: [s.n.], 1959.

CARTAGENA, Nelson. Sobre el uso del préstamo coíné y sus derivados en los estudios diacrónicos del español peninsular y americano. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, Santiago de Chile: Departamento de Lingüística- Universidad de Chile, n. 39, p. 363-375, 2003.

CHAMBERS, Jack K. Studying language variation: an informal epistemology. In: CHAMBERS, Jack K; SCHILLING, Natalie [eds.]. *The Handbook of Language Variation and Change*. 2ed., Massachusetts: Wiley - Blackwell, 2013, p. 2-15.

CHASE SARDI, Miguel. Resumen de la Cultura Nivaclé. *Suplemento Antropológico*, Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica, v. 25, n. 2, p. 7-18, 1990.

_____. El concepto Nivaklé del alma. *Suplemento Antropológico*, Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica, v. 36, n. 2, p. 9-46, 2001.

CHASE SARDI, Miguel; SUSNIK, Branislava. *Los indios del Paraguay*. Madrid: Editorial Mapfre, 1995.

CHIQUITO, Ana Beatriz; SALDÍVAR DICK, María Celeste. Actitudes lingüísticas en Paraguay. In: CHIQUITO, Ana Beatriz; Quesada Pacheco, Miguel Ángel [eds.]. *Actitudes lingüísticas de los hispanohablantes hacia el idioma español y sus variantes*. Bergen: Bergen Language and Linguistic Studies, v. 5, 2014, p. 1065-1184.

CLARK, R; ROBERTS, I. A Computational Approach to Language Learnability and Language Change'. In: *Linguistic Inquiry*, Cambridge, MA: The MIT Press, v. 24, n. 2, p. 299-345, 1993.

CLYNE, M. *Transference and triggering*. La Haya: Nijhoff, 1967.

COSERIU, Eugenio. *Estudios de lingüística románica*. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

_____. *Sincronia, diacronia e história: o problema da mudança linguística*. Tradução: Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora da Universidade de São Paulo, 1979.

_____. La "socio-" y la etnolingüística. *Anuario de Letras: Lingüística y filología*, México: Universidad Nacional Autónoma de México, v. 19, p. 5-30, 1981.

_____. Lingüística histórica e historia de las lenguas. *Boletín de Filología*, Santiago: Departamento de Lingüística de la Universidad de Chile, v. 33, n. 1, p. 27-33, 1992.

COSERIU, Eugenio; AZÁCETA, José María. *Lecciones de lingüística general*. Madrid: Editorial Gredos, 1981.

COSERIU, Eugenio; MARTÍNEZ HERNÁNDEZ, Marcos. *El hombre y su lenguaje*. Estudios de teoría y metodología lingüística. Madrid: Editorial Gredos, 1977.

CUARTAS, Juan Manuel. En torno al concepto de koiné. *Thesaurus: Boletín del instituto Caro y Cuervo*, Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, v.45, n. 3, p. 743-746, 1990.

CUERVO, Rufino José. Los casos enclíticos y proclíticos del pronombre de tercera persona en castellano. *Romania*, París: Librairie Emile Bouillon, Editeur, v. 24, n. 93-94, p. 95-113, p. 219-263, 1895.

DGEEC. *Principales resultados del Censo 2002*. Vivienda y población. Asunción: DGEEC, 2003.

_____. *Censo Nacional de Población y Viviendas 2002*. Resultados Finales. Fernando de la Mora: Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos, 2004.

_____. *III Censo Nacional de Población y Viviendas para Pueblos indígenas en el Paraguay 2012*. Resultados Finales. Fernando de la Mora: Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos, 2014.

_____. *Censo de Comunidades de los Pueblos Indígenas 2012*. Resultados Finales. Fernando de la Mora: Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos, 2015.

_____. *Atlas Demográfico del Paraguay 2012*. Fernando de la Mora: Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos, 2016a.

_____. *Principales indicadores de vivienda 2012*. Asunción: DGEEC, 2016b.

_____. *Anuario Estadístico del Paraguay 2016*. Fernando de la Mora: Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos, 2018a.

_____. *Encuesta Permanente de Hogares de la población 2017*. Fernando de la Mora: Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos, 2018b.

_____. *Encuesta Permanente de Hogares de la población indígena 2016 -2017*. Fernando de la Mora: Dirección General de Estadística, Encuestas y Censos, 2018c.

_____. *Tríptico*. Asunción: DGEEC, 2019.

ECHENIQUE ELIZONDO, María Teresa. Apócope y leísmo en la Primera Crónica General: notas para una cronología. *Studi Ispanici*, Pisa / Roma: Istituti Editoriali e Poligrafici Internazionali, v.4, p. 1-16, 1979.

_____. Los vascos en el proceso de nivelación lingüística del español americano. *Revista española de lingüística*, Madrid: Sociedad Española de Lingüística, v. 10, n. 1, p. 177-188, 1980.

_____. El sistema referencial en español antiguo: leísmo, laísmo y loísmo. *Revista de Filología Española*, Madrid: Consejo Superior de Investigación Científica, v. 61, n.1-4, p. 113-157, 1981.

_____. La noción de sustrato en la actualidad y su aplicación a la historia del español. *Revista de investigación lingüística*, Murcia: Universidad Murcia: Departamento de Lengua Española y Lingüística General, v. 3, n. 2, p. 199-224, 2000.

FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, Inés. Leísmo, laísmo y loísmo: estado de la cuestión. In: FERNÁNDEZ SORIANO, Olga [coord.]. *Los pronombres átonos*. Madrid: Editorial Taurus, 1993, p. 63-96.

- _____. Isoglosas internas del castellano: el sistema referencial del pronombre átono de tercera persona. *Revista de Filología Española, Madrid: Consejo Superior de Investigación Científica*, v. 74, n. 1-2, p.71-125, 1994.
- _____. Leísmo, laísmo y loísmo. In: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. 1. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 1317-1397, v. 2.
- _____. Hacia una dialectología histórica: reflexiones sobre la historia del leísmo, el laísmo y el loísmo. *Boletín de la Real Academia Española*, Madrid: Real Academia Española, v. 81, p. 389-464, 2001.
- _____. La variación gramatical en el español actual: estado de la cuestión y nuevas perspectivas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISPANISTAS, 5., 2008, Belo Horizonte. *Caderno de Resumos*. Belo Horizonte: UFMG, 2008, v. 1, p. 28-29.
- _____. Los orígenes de la dialectología hispánica y Ramón Menéndez Pidal. In: CIEN AÑOS DE FILOLOGÍA ASTURIANA (1906-2006). CENTENARIU DE LA PUBLICACIÓ DE EL DIALECTO LEONÉS DE RAMÓN MENÉNDEZ PIDAL, 2006, Oviedo. *Cien Años de Filología Asturiana (1906-2006): Actes del Congresu Internacional*, Asturias: Alvízorras Llibros y Ediciones Trabe, 2009, p. 11-41.
- FERNÁNDEZ RAMÍREZ, Salvador. Un proceso lingüístico en marcha. In: CONGRESO DE INSTITUCIONES HISPÁNICAS, 1., Madrid, 1964. *Presente y futuro de la lengua española. Actas de la Asamblea de Filología del I Congreso de Instituciones Hispánicas*, Madrid: Ediciones Cultura Hispánica, 1964, v. 2, p. 277-285.
- _____. El pronombre [1951]. In: POLO, José [ed.]. *Gramática española*. 3.2. 1. ed. Madrid: Arco Libros, 1987, p. 40-55.
- FERNÁNDEZ SORIANO, Olga. Sobre el orden de palabras en español. *Dicenda: Estudios de lengua y literatura españolas*, Madrid: Universidad Complutense de Madrid Ediciones, n. 11, p. 113-152, 1993a.
- _____. Los pronombres átonos en la teoría gramatical: repaso y balance. In: FERNÁNDEZ SORIANO, Olga [coord.]. *Los pronombres átonos*. Madrid: Editorial Taurus, 1993b, p. 13-62.
- _____. Pronombres reasuntivos y doblado de clíticos. In: GOENAGA, Patxi [ed.]. *De Grammatica Generativa*, Guipúzcoa: Universidad del País Vasco - Bizker, Artes Gráficas, 1995, pp. 109-130.
- _____. El pronombre personal. Formas y distribuciones. Pronombres átonos y tónicos. In: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. 1. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1999, v. 2, p. 1209-1272.
- FLORES CERVANTES, Marcela. Individuación de la entidad en los orígenes de *leísmo*, *laísmo* y *loísmo*. In: COMPANY, Concepción [ed.]. *Cambios diacrónicos en el español*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1997, p. 33-63.
- _____. Leísmo, laísmo y loísmo. In: COMPANY, Concepción [Coord.]. *Sintaxis histórica de la lengua española*. México: Universidad Nacional Autónoma de México, Fondo de Cultura Económica, v. 1, t. 1, 2006, p. 671-740.
- FLORES CERVANTES, Marcela; MELIS, Chantal. La variación diatópica en el uso del objeto indirecto duplicado. *Nueva revista de filología hispánica*, Ciudad de México: El Colegio de México, v. 52, n. 2, 2004, págs. 329-354.
- FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz. Variedades conservadoras e innovadoras del español en América durante el período colonial. *Revista de Filología Española*, Madrid: Consejo Superior de Investigación Científica, v. 72, n. 3-4, p. 361-378, 1992.

_____. *El español de América*. 2. ed. Madrid: Mapfre, 1993.

FRAGO GARCIA, Juan Antonio. Formación del español en América. In: ALVAR LÓPEZ, Manuel [dir.]. *Manual de dialectología hispánica*. El español de América. 1 ed. Barcelona: Ariel, 1996, p. 28-38.

_____. *Historia del español de América*. Madrid: Editorial Gredos, 1999.

GARCÍA, Erica C. *The role of theory in linguistic analysis: the Spanish pronoun system*. North-Holland Linguistic Series 19. Amsterdam: North-Holland Publishing Company, 1975.

_____. The Case of Spanish Gender: Referential Strategies in Language Change. *Neuphilologische Mitteilungen*, Helsinki: Modern Language Society, n. 87, n. 2, 1986, p. 165-184.

_____. Bilingüismo e interferencia sintáctica. *Lexis: Revista de lingüística y literatura*, Lima: Fondo Editorial PUCP, n. 14, v. 2, 1990, p. 151-195.

_____. Sincronización y desfase del leísmo y laísmo. *Neuphilologische Mitteilungen*, Helsinki: Modern Language Society, n. 93, v. 2, 1992, p. 235-256.

GARCÍA, Erica C.; OTHEGUY, Ricardo L. Dialect variation in *leísmo*: a semantic approach. In: FASOLD, R.; SHUY, R. [eds.]. *Studies in language variation*. Washington, DC: Georgetown University Press, 1977, p. 65-87.

_____. Being polite in Ecuador: Strategy reversal under language contact. *Lingua*, Amsterdam: [s.n.], n. 61, 1983, p. 103-132.

GARCÍA GONZÁLEZ, Francisco. El "leísmo" en Santander. In: ALARCOS LLORACH, Emilio. *Estudios ofrecidos a Emilio Alarcos Llorach*: (con motivo de sus XXV años de docencia en la Universidad de Oviedo). Oviedo: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Oviedo, v. 3, p. 87-102, 1978.

_____. Los pronombres personales en el oriente de Asturias. In: SEMINARIU DE LLINGUA ASTURIANA, 2., Oviedo, 1978. *Estudios y trabajos del Seminariu de llingua asturiana II*, Oviedo: Serviciu de Publicaciones de la Universidad'Uviéu, v. 2, p. 47-56, 1979.

_____. *Ile (lu), la, lo (lu)* en el Centro-Norte de la Península. *Verba: Anuario galego de filoloxia*, Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, n. 8, 1981, p. 347-353.

GARVIN, P.; MATHIOT, M. La urbanización del idioma guaraní. Problemas de lengua y cultura. In: GARVIN, P.; LASTRA, Y. *Antología de estudios de etnolingüística y sociolingüística*. México: [s.n.], 1974.

GRANDA, Germán de. Materiales para el estudio socio-histórico de la problemática lingüística del Paraguay. *Thesaurus: Boletín del instituto Caro y Cuervo*, Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, v. 33, n. 2, p. 254-279, 1978.

_____. Falsos guaranismos morfosintácticos en el español del Paraguay. *Anuario de Letras: Lingüística y filología*, México: Universidad Nacional Autónoma de México, n. 17, p. 185-203, 1979.

_____. Prestamos morfológicos del guaraní en el español del Paraguay (I). *Revue de linguistique romane*, Zürich: Sociétt de Linguistique romane, 44, p. 57-68, 1980a.

_____. Prestamos morfológicos del guaraní en el español del Paraguay (II). *Revue de linguistique romane*, Zürich: Sociétt de Linguistique romane, 44, p. 247-265, 1980b.

_____. Contactos siciohistóricos y préstamos léxicos: lusismos en el español de Paraguay. *LEA: Lingüística española actual*, Madrid: Arco Libros, v. 2, n. 2, p. 347-373, 1980c.

_____. Actitudes sociolingüísticas en el Paraguay. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, Santiago de Chile: Departamento de Lingüística. Universidad de Chile, v. 31, n. 2, p. 787-805, 1980d.

_____. Origen y formación del leísmo en el español del Paraguay. *Revista de Filología Española*, Madrid: Consejo Superior de Investigación Científica, v. 62, n.3, p. 259-283, 1982a.

_____. Observaciones sobre la fonética del español en el Paraguay. *Anuario de Letras: Lingüística y filología*, México: Universidad Nacional Autónoma de México, v. 20, p. 145-194, 1982b.

_____. Algunas precisiones sobre el bilingüismo del Paraguay. *LEA: Lingüística española actual*, Madrid: Arco Libros, v. 4, n. 1, p. 93-122, 1982c.

_____. Notas sobre retenciones sintácticas en el español del Paraguay. *Lexis: Revista de lingüística y literatura*, Lima: Fondo Editorial PUCP, v. 12, n. 1, p. 43-67, 1988.

_____. Algunas precisiones sobre el español atlántico y su proceso formativo. In: JORNADAS DE ANDALUCÍA Y AMÉRICA, 7., 1987, Huelva. *Actas de las VII Jornadas de Andalucía y América: La influencia andaluza en los núcleos urbanos americanos*, Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1990, v. 2, p. 227-238.

_____. *El español en tres mundos: retenciones y contactos lingüísticos en América y África*. Valladolid: Universidad de Valladolid, Secretariado de Publicaciones, 1991.

_____. Hacia la historia de la lengua española en El Paraguay. In: HERNÁNDEZ ALONSO, César [coord.]. *Historia y presente del español de América*, Valladolid: Junta de Castilla y León, 1992a, p. 649-674.

_____. El español del Paraguay: distribución, uso y estructuras. In: HERNÁNDEZ ALONSO, César [coord.]. *Historia y presente del español de América*, Valladolid: Junta de Castilla y León, 1992b, p. 675-696.

_____. Calco funcional y retención por contacto. El elemento asertivo 'luego' (guaraní 'voí') del español paraguayo. *Anuario de lingüística hispánica*, Valladolid: Departamento de Lengua Española, Universidad de Valladolid, v. 9, p. 47-58, 1993.

_____. El proceso de koineización en el período inicial de desarrollo del español de América. In: SIMPOSIO DEL INSTITUTO IBERO-AMERICANO DE BERLÍN, 1992, Berlín. *Actas del Simposio del Instituto Ibero-Americano de Berlín: El español de América en el siglo XVI*, Madrid: Iberoamericana, p. 87-108, 1994a.

_____. Observaciones metodológicas sobre la investigación sociolingüística en Hispanoamérica. *Lexis: Revista de lingüística y literatura*, Lima: Fondo Editorial PUCP, v. 18, n. 2, p. 197-210, 1994b.

_____. *Español de América, español de África y hablas criollas hispánicas*. Cambios, contactos y contextos. Madrid: Editorial Gredos. 1994c.

_____. El influjo de las lenguas indoamericanas sobre el español. In: LA LENGUA ESPAÑOLA Y SU EXPANSIÓN EN LA ÉPOCA DEL TRATADO DE TORDESILLAS, 1994, Soria. *La lengua española y su expansión en la época del Tratado de Tordesillas. Actas de las jornadas celebradas en Soria (9-11 mayo 1994)*, Valladolid: Sociedad V Centenario del Tratado de Tordesillas, 1995a, p. 99-118.

_____. El contacto lingüístico como factor de retención gramatical aportes a su estudio sobre datos del área guaraníca suramericana. *Thesaurus: Boletín del instituto Caro y Cuervo*, Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, v. 50, n. 1-3, p. 148-180, 1995b.

_____. El influjo de las lenguas indoamericanas sobre el español. Un modelo interpretativo sociohistórico de variantes areales de contacto lingüístico. *Revista Andina*, Cusco: Centro de Estudios Regionales Andinos Bartolomé de Las Casas, v. 25, año 13, n. 1, p. 173-198, 1995c.

_____. El sistema gramatical de elementos validadores del contenido del mensaje en guaraní paraguayo. Estudio Comparativo. *Thesaurus: Boletín del instituto Caro y Cuervo*, Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, v. 52, n. 1-3, p. 190-205, 1997.

_____. *Español y lenguas indoamericanas en Hispanoamérica: estructuras, situaciones y transferencias*. Valladolid: Secretariado de Publicaciones e Intercambio Científico, Universidad de Valladolid, 1999.

_____. Dimensión histórica de los contactos lingüísticos en Hispanoamérica. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 6., 2003, Madrid. *Actas del VI Congreso Internacional de Historia de la Lengua española*, Madrid: Universidad Complutense de Madrid / Arco Libros / Asociación de Historia de la Lengua Española, 2006, v. 3, p. 2963-2966.

HAUCK, Jan David. La construcción del lenguaje en Paraguay: fonologías, ortografías e ideologías en un país multilingüe. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, Santiago de Chile: Departamento de Lingüística. Universidad de Chile, v. 49, n. 2, 113-137, 2014.

HENRIQUEZ UREÑA, Pedro. Observaciones sobre el español de América. *Revista de Filología Española*, Madrid: Consejo Superior de Investigación Científica, v. 8, 1921, p. 357-390. In: MORENO FERNANDEZ, Francisco (ed.). *La división dialectal del español de América*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1993, p. 39-62.

HERREROS, Beatriz Usher de. Castellano Paraguayo. Notas para una gramática contrastiva castellano-guaraní. *Suplemento Antropológico*, Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica, v. 11, n 1/2, p. 29-123, 1976.

HIDALGO, Margarita. El español de América en los archivos de la Inquisición. Nueva España 1527-1635. *Anuario de lingüística hispánica*, Valladolid: Departamento de Lengua Española, Universidad de Valladolid. v. 27, p. 71-93, 2011.

_____. Estratificación sociolingüística y koineización en Nueva España: siglo XVI. *Anuario de lingüística hispánica*, Valladolid: Departamento de Lengua Española, Universidad de Valladolid, v. 29, p. 33-56, 2013.

KALLFELL, Guido. *¿Cómo hablan los paraguayos con dos lenguas?* Gramática del Jopara. Orientador: Wolf Dietrich y Volker Noll. 2016. 311 f. Tese. (Doutorado) – Westfälischen Wilhelms, Universität zu Münster, Münster, 2016.

KANY, Charles Emil. *Sintaxis hispanoamericana*. 1. ed. Madrid: Gredos, 1969.

KERSWILL, Paul. Koineization and accommodation. In: CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter; SCHILLING ESTES, Natalie [eds.]. *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford: Blackwell, p. 669-702, 2002.

_____. Contact and new varieties. In: HICKEY, Raymond [ed.]. *The handbook of language contact*. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010, p. 230–251.

KERSWILL, Paul; TRUDGILL, Peter. The birth of new dialects. In: AUER, Peter; HINSKENS, Frans; KERSWILL, Paul [eds.]. *Dialect change: Convergence and divergence in European languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 196-220.

KERSWILL, Paul; WILLIAMS, Ann. Creating a New Town koine: Children and language change in Milton Keynes. *Language in Society*, Cambridge: Cambridge University Press, n. 29, 2000, p. 65-115.

KLEIN ANDREU, Flora. Factores sociales en algunas diferencias lingüísticas en Castilla la Vieja. *Papers. Revista de Sociología*, Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona: Servei de Publicacions, n. 11, 1979, p. 45-65.

_____. Pragmatic and sociolinguistic bias in semantic change. In: INTERNATIONAL CONFERENCE ON HISTORICAL LINGUISTICS, 4, Stanford, 1979. TRAUGOTT, Elizabeth Closs et al. [eds.]. *Papers from the Fourth International Conference on Historical Linguistics*, Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1980, p. 61-74.

_____. Distintos sistemas de empleo de *le*, *la*, *lo*. Perspectiva sincrónica, diacrónica y sociolingüística. *Thesaurus: Boletín del instituto Caro y Cuervo*, Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, v. 26, n.2, 1981a, p. 1-21.

_____. Neutrality, or the semantics of gender in a dialect of Castilla. In: LINGUISTIC SYMPOSIUM ON ROMANCE LANGUAGES, 9, Washington, D.C, 1979. CRESSEY, W. W.; NAPOLI, D. Jo [eds.]. *Linguistic symposium on Romance Languages: IX*, Washington, D.C.: Georgetown University Press, 1981b, p.164-176.

_____. *Correction Strategies in Bi-dialectal Diglossia: from Caseless to Case-Distinguishing Usage in Spanish*. Comunicación inédita presentada al N.W.A.V.E., 10, Pennsylvania. University of Pennsylvania, 1981c.

_____. Understanding Standards. In: DAVIS, Garry.; IVERSON, Gregory [eds.]. *Explanation in Historical Linguistics*. Amsterdam: John Benjamins, 1992, p. 169-178.

_____. Distintos sistemas de empleo de "le", "la", "lo" perspectiva sincrónica, diacrónica y sociolingüística. In: FERNÁNDEZ SORIANO, Olga [coord.]. *Los pronombres átonos*. Madrid: Editorial Taurus, 1993, p. 337-354.

_____. Variación actual y reinterpretación histórica "le/s", "la/s", "lo/s" en Castilla. In: SERRANO MONTESINOS, María José [coord.]. *Estudios de variación sintáctica*. Frankfurt am Main: Vervuert / Madrid: Iberoamericana, 1999, p.197-220.

_____. Grammatical and lexical behavior in the development of the spanish third-person clitics. In: CONTINI MORAVA, Ellen; TOBIN, Yishai [eds.]. *Between grammar and lexicon*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000, p. 159-183.

KROCH, Anthony. Syntactic change. In: BALTIN, Mark; COLLINS, Chris [eds.]. *Hand book of Contemporary Syntactic Theory*. Massachusetts: Blackwell Publishers, 2001, p. 699-729.

LABOV, William. Some principles of linguistic methodology. *Language in Society*, Cambridge: Cambridge University Press, v. 1, n.1, p. 97-120, 1972.

_____. *Principles of linguistic change: internal factors*. Oxford: Blackwell, 1994.

_____. *Principles of linguistic change: social factors*. Oxford: Blackwell, 2001.

LAPESA, Rafael. *Historia de la lengua española*, 9ª ed. Madrid: Gredos, 1981.

_____. El español llevado a América. In: HERNÁNDEZ ALONSO, César [coord.]. *Historia y presente del español de América*, Valladolid: Junta de Castilla y León, 1992a, p. 11-24.

_____. Nuestra lengua en España y en América. *Revista de Filología Española*, Madrid: Consejo Superior de Investigación Científica, v. 72. N. 3-4, p. 269-282, 1992b.

_____. Sobre los orígenes y evolución del leísmo, laísmo y loísmo. In: FERNÁNDEZ SORIANO, Olga [coord.]. *Los pronombres átonos*. Madrid: Editorial Taurus, 1993, p.313-336.

_____. Sobre los orígenes y evolución del leísmo, laísmo y loísmo, [1968]. In: LAPESA, Rafael. *Estudios de morfosintaxis histórica del español*. 1. ed. Madrid: Gredos, 2000, v. 1, p. 279-310.

_____. Los casos latinos: restos sintácticos y sustitutos en español. *Boletín de la Real Academia Española*, Madrid: Real Academia Española, v. 94, n. 310, p. 627-678, 2014.

LASS, Roger. *Historical linguistic and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

LIGHTFOOT, Davide. *Principles of diachronic syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1979.

LIPSKI, John M. *El español de América*. Traducción: Silvia Iglesias Recuero. 1. Ed. Madrid: Cátedra, 1996.

_____. Spanish Linguistics: The past 100 Years: Retrospective and Bibliography. *Hispania*, Michigan: American Association of Teachers of Spanish and Portuguese, v. 81, n. 2, p. 248-260, 1998.

_____. El español de América y los contactos bilingües recientes: apuntes micro dialectológicos. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, Madrid: Iberoamericana / Frankfurt: Vervuert, v. 2, n. 4, p. 89-103, 2004.

_____. Un remanente afrohispanico: el habla afroparaguaya de Camba Cua. *Lingua Americana*, Maracaibo: Instituto de Investigaciones Literarias y Lingüísticas, Universidad del Zulia, v. 10, n. 19, p. 11-20, 2006.

_____. Afro-Paraguayan Spanish: The negation of non-existence. *The Journal of Pan African Studies*, California: Africology: The Journal of Pan African Studies, v. 2, n.7, p. 2-37, 2008.

_____. El habla de los afroparaguayos: un nuevo renglón de la identidad étnica. *Lexis: Revista de lingüística y literatura*, Lima: Fondo Editorial PUCP, v. 33, n. 1, p. 91-124, 2009.

_____. Dialects and borders: face-to-face and back-to-back in latinamerican spanish. *Southwest journal of linguistics*, Texas: Linguistic Association of the Southwest, v. 30, n. 2, p. 33- 54, 2011.

_____. The many facets of spanish dialect diversification in latin America. In: MUFWENE, Salikoko S. [ed.]. *Iberian Imperialism and Language Evolution in Latin America*, Chicago: University of Chicago Press, 2014, p. 38-75.

LOIS, Ximena. Sur l'accusatif prépositionnel. In: *Mémoire de Maitrise*. Paris: Département de Linguistique Générale Université de Paris, v. 8, 1982.

LOPE BLANCH, Juan Miguel. *Estudios de lingüística Hispanoamericana*. 1. ed. México D.F.: UNAM, 1989.

_____. La originalidad del español americano y las lenguas amerindias. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2., Sevilla, 1990. *Actas del II Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*, Madrid: Pabellón de España, 1992, t. 1, p. 73-110.

_____. La norma lingüística hispánica. *Anuario de Letras: Lingüística y filología*, México: Universidad Nacional Autónoma de México, v. 40, p. 23-41, 2002.

MACHAÍN, Ricardo de Lafuente. *Conquistadores del Rio de la Plata*. 1. ed. Buenos Aires: Tall. Gráf. de Sebastián de Amorrortu, 1937.

MARÍN, Francisco Marcos. *Estudios sobre el pronombre*. 1. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1978.

MARTÍNEZ, Angelita. De España a América: recategorización y desplazamientos en el sistema de clíticos. *Olivar: revista de literatura y cultura españolas*, La Plata: Universidad Nacional de La Plata, v. 11, n. 14, p. 149-162, 2010a.

_____. *Lenguas y variedades en contacto: problemas teóricos y metodológicos*. *Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana*, Madrid: Iberoamericana / Frankfurt: Vervuert, v. 15, p. 9-31, 2010b.

_____. ¿Cómo afecta la cultura a la gramática? El caso de los clíticos en el español americano. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación*, Madrid: Ediciones Complutense, Universidad Complutense de Madrid, v.61, p. 186-210, 2015.

MEDINA LÓPEZ, Javier. De la formación lingüística de Hispanoamérica. En torno a El español de América de B. Fontanella de Weinberg. *Revista de Filología de la Universidad de la Laguna*, Tenerife: Servicio de Publicaciones, Universidad de La Laguna, n. 12, p. 211-224, 1993.

_____. *Lenguas en contacto*. Madrid: Arco Libros, 1997.

MEILLET, Antoine. *Aperçu d'une histoire de la langue grecque*. 3^e Édition, Paris: Librairie Hachette, 1930.

MELIÁ, Bartomeu. *Elogio de la lengua guaraní*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 1995.

_____. Antropología y antropólogos en Paraguay. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 3, n. 7, p. 24-35, 1997.

_____. *La lengua Guaraní en el Paraguay colonial*. Asunción: Centro de Estudios Paraguayos Antonio Guasch, 2003.

_____. Las lenguas indígenas en el Paraguay: una visión desde el Censo 2002. Población y Desarrollo, Asunción: Facultad de Ciencias Económicas de la Universidad Nacional del Asunción, n. 28, p. 5-22, 2005.

_____. *Las Políticas Lingüísticas del Paraguay*. Asunción: Consejo Nacional de Educación y Cultura, 2006.

_____. *Pasado, presente y futuro de la lengua guaraní*. Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica: Instituto Superior de Estudios Humanísticos y Filosóficos, 2010.

_____. *La tercera lengua del Paraguay y otros ensayos*. Asunción: Servilibro, 2013.

_____. Lenguas y pueblos tupí-guaraníes en las fuentes de los siglos XVI y XVII. *Mélanges de la Casa de Velázquez*, Madrid: Casa de Velázquez, v. 45, n. 1, p. 57-76, 2015.

MENENDEZ PIDAL, Ramón. Sevilla frente a Madrid. Algunas precisiones sobre el español de América. *Miscelánea Homenaje a André Martinet: Estructuralismo e historia III*, Tenerife: Universidad de La Laguna, n. 3, p. 99-165, 1962.

_____. *Manual de gramática histórica española*. Madrid: Espasa Calpe, 1985.

MENENDEZ PIDAL, Ramón; CATALÁN, Diego [ed.]. *Historia de la lengua española*. Madrid: Fundación Ramón Menéndez Pidal y Real Academia Española, 2005.

MILROY, James; MILROY, Lesley. Linguistic change, social network and speaker innovation. *Journal of Linguistics*, Cambridge: Cambridge University Press, v. 21, n. 2, p. 339-384, 1985.

MILROY, James. On the social origins of language change. In: JONES, Charles [ed.]. *Historical linguistics: problems and perspectives*. London: Longman, 1993, p. 215-236.

_____. Internal vs external motivations for linguistic change. *Multilingua*, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, v. 16, n. 4, p. 311-323, 1997.

MIRAGLIA, Luigi. Caza, recolección y agricultura entre los indígenas del Paraguay. *Suplemento Antropológico*, Asunción: Centro de Estudios Antropológicos de la Universidad Católica, v. 10, n. 1-2, 1975.

MONGE, Félix. Notas a una hipótesis sobre el leísmo. ALARCOS LLORACH, Emilio et al [eds.]. *Serta philologica: F. Lázaro Carreter: natalem diem sexagesimum celebrantidicata*. Madrid: Cátedra, v. 1, 1983, p. 441-453.

_____. Le/lo llamar. In: CONGRÈS INTERNATIONAL DE LINGUISTIQUE ET DE PHILOGIE ROMANES, 20., 1992, Zurich. *Actes du XXe Congrès International de Linguistique et Philologie Romanes: Université de Zurich (6-11 avril 1992)*, Tübingen: Francke, vol. 1, p. 507-520, 1993.

MORENO DE ALBA, José Guadalupe. *Introducción al español americano*. Madrid: Arco Libros, 2007.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco (ed.). *La división dialectal del español de América*. 1. ed. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1993.

_____. Geografía lingüística de Hispanoamérica. In: ENGUIITA UTRILLA, José María et al. [coord.]. *Jornadas Internacionales en memoria de Manuel Alvar*, Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2005, p. 89-108.

_____. La entrevista sociolingüística. Esquemas de perspectivas. *Linred: Lingüística en la Red*, Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, n. 9, p. 1-16, 2011.

_____. Lingüística y migraciones hispánicas. *Lengua y migración*, Alcalá de Henares: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá, v. 5, n. 2, páginas 67-89, 2013.

_____. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. 4ª ed. 6ª imp. Barcelona: Editorial Planeta, 2015.

PALACIOS, Azucena Alcaíne. Variación sintáctica en el sistema pronominal del español paraguayo: la elisión de pronombres objeto. *Anuario de lingüística hispánica*, Valladolid: Departamento de Lengua Española, Universidad de Valladolid, v. 14, p. 431-454, 1998.

_____. EL sistema pronominal del español paraguayo: Un caso de contacto de lenguas. In: CALVO, Julio [ed.]. *Teoría y práctica del contacto de lenguas en América: el español en el candelero*. 1ª ed. Madrid-Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2000, p. 123-143.

_____. Acerca del contacto de lenguas: español y guaraní. In: SIMPOSIO INTERNACIONAL SOBRE O BILINGÜISMO, 1., Vigo, 1997. *I Simposio Internacional sobre o Bilingüismo. Comunidades e individuos bilingües*. Vigo: Servicio de Publicacións da Universidade de Vigo, 2003, p. 807-817.

_____. Aspectos teóricos y metodológicos del contacto de lenguas: el sistema pronominal del español en áreas de contacto con lenguas amerindias. In: NOLL, Volker; ZIMMERMANN, Klaus; NEUMANN-HOLZSCHUH, Ingrid [eds.]. *El español en América: Aspectos teóricos, particularidades, contacto*. Madrid-Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2005a, p. 63-94.

_____. Lenguas en contacto en Paraguay: español y guaraní. In: FERRERO PINO, Carmen; LASSO-VON LAN, Nilsa [eds.]. *Varietades lingüísticas y lenguas en contacto en el mundo de habla hispana*, Bloomington: 1st Books Library, 2005b, p. 35-43.

_____. Paraguay. In: PALACIOS, Azucena Alcaíne [Coord.]. *El español en América. Contactos lingüísticos en Hispanoamérica*. Barcelona: Ariel Letras, 2008, p. 279-300.

_____. Nuevas perspectivas en el estudio del cambio inducido por contacto: hacia un modelo dinámico del contacto de lenguas. *Lenguas Modernas*, Santiago: Departamento de Lingüística de la Facultad de Filosofía y Humanidades de la Universidad de Chile, v. 38, p. 17-36, 2011.

_____. EL sistema pronominal átono de 3a persona: variedades de español en contacto con otras lenguas. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación*, Madrid: Ediciones Complutense, Universidad Complutense de Madrid, v. 61, p. 3-9, 2015.

_____. Introducción. Sobre los cambios lingüísticos en situaciones de contacto. In: PALACIOS, Azucena Alcaíne [Coord.]. *Variación y cambio lingüístico en situaciones de contacto*. Madrid: Iberoamericana / Frankfurt: Vervuert, 2017, p. 7-20.

PENNY, Ralph John. *Variation and change in spanish*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

_____. *A history of the spanish language*. 2. Ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

PINTO, Carlos Felipe. Considerações sobre a origem e a caracterização do Espanhol americano. *Língua & Educação*, [s. l.], año1, v. 1, p. 39-48, 2009.

_____. El estudio del español de América en el contexto de la enseñanza de español en Brasil. In: SEMINARIO DE DIFICULTADES DE LA ENSEÑANZA DE ESPAÑOL A LUSOHABLANTES, 24, São Paulo, 2016. *Actas del XXIV Seminario de Dificultades de la Enseñanza de Español a Lusohablantes*. Brasília: Secretaría General Técnica. Centro de Publicaciones. Ministerio de Educación, Cultura y Deporte, 2016, p. 21-36.

POTTIER, Bernard. La situation linguistique du Paraguay. *Caravelle: Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, Toulouse: Université de Toulouse-Le Mirail, n. 14, p. 43-49, 1970.

_____. La variación lingüística y el español de América. *Revista de Filología Española*, Madrid: Consejo Superior de Investigación Científica, v. 72, n. 3-4, p. 283-296, 1992.

_____. La Lingüística general y la lengua española. In: ENGUITA UTRILLA, José María et al. [coord.]. *Jornadas Internacionales en memoria de Manuel Alvar*, Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 2005, p. 21-34.

RAMÍREZ LUENGO, José Luis. Contacto de lenguas en la América dieciochesca: español y portugués en el Paraguay. *Cuadernos Dieciochistas*, Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, n. 13, p. 209-228, 2012.

RAMOS, Conceição de Maria Araújo. *O clítico de 3ª pessoa: um estudo comparativo português brasileiro / espanhol peninsular*. 1999. Tese (Doutorado em Lingüística), Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*. 1. ed. Madrid: Espasa Calpe S.A., 1973.

_____. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. 1. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1999.

_____; ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA. *Nueva gramática de la lengua española*. 1. ed. Madrid: Espasa Libros, 2009.

RIVAROLA RUBIO, José Luis. La base lingüística del español de América: ¿existió una koiné primitiva? *Lexis: Revista de lingüística y literatura*, Lima: Fondo Editorial PUCP, v. 20, n. 1-2, 577-595, 1996.

ROA BASTOS, Augusto. Hijo de hombre. Madrid: Alfaguara, 1989, p. 92, 216, apud PALACIOS, Azucena Alcaíne. Acerca del contacto de lenguas: español y guaraní. In: SIMPOSIO

- INTERNACIONAL SOBRE O BILINGÜISMO, 1., Vigo, 1997. *I Simposio Internacional sobre o Bilingüismo. Comunidades e individuos bilingües*. Vigo: Servicio de Publicacións da Universidade de Vigo, 2003, p. 807-817.
- ROBERTS, Ian. *Diachronic Syntax*. New York: Oxford University Press, 2007.
- RONA, José Pedro. El problema de la división del español americano en zonas dialectales [1964]. In: MORENO FERNANDEZ, Francisco [ed.]. *La división dialectal del español de América*. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá de Henares, 1993, p. 63-75.
- SALVÁ, Vicente. *Gramática de la lengua castellana según ahora se habla*. 2. ed. Valencia: Imprenta de J. Ferrer de Orga, 1835.
- SAMARIN, William J. Salient and substantive pidginization. In: HYMES, Dell (ed). *Pidginization and Creolization of Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 1971, 117-140.
- SANCHIS CALVO, María del Carmen. Sobre leísmo y apócope del pronombre de tercera persona singular objeto directo. In: CONGRESO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA LENGUA ESPAÑOLA, 2., Madrid. *Actas del II Congreso Internacional de Historia de la Lengua Española*, Madrid: Pabellón de España, v. 1, p. 805-812, 1992.
- SANICKY, Cristina A. Las variaciones en el uso del pronombre en Misiones. *Hispanic Linguistics*, Albuquerque, NM: University of New Mexico, n. 3, p. 189-190, 1989 apud FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, Inés. Leísmo, laísmo y loísmo. In: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. 1. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 1348-1349, v. 2.
- SANTA CRUZ, María Clara. *Consultoría de investigación sobre Diversidad sociocultural en Paraguay*. Secretaría Nacional de Cultura: Centro de Investigaciones en Filosofía y Ciencias Humanas (CIF), 2012.
- SIEGEL, Jeff. Koines and koineization. *Language in Society*, Cambridge: Cambridge University Press, v. 14, n. 3, p. 357-378, 1985.
- _____. Introduction: controversies in the study of koines and koineization. *International Journal of the Sociology of Language*, Fribourg: De Gruyter Mouton, v. 99, n. 1, p. 5-8, 1993a.
- _____. Review article. Dialect contact and koineization. *International Journal of the Sociology of Language*, Fribourg: De Gruyter Mouton, v. 99, n. 1, p. 105-121, 1993b.
- _____. Koiné formation and creole genesis. In: SMITH, Norval; VEENSTRA, Tonjes [eds.]. *Creolization and contact*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, p. 175-197, 2001.
- S.P.L. Lenguas indígenas. *Secretaría de Política Lingüística*. Asunción. Misional. Disponible en: <http://www.spl.gov.py/es/index.php/misional/lenguas-indigenas>. Acceso en 21 may. de 2019.
- STANLEY, Sebastian Perichon. *El problema de las variedades del español americano en la quinta zona lingüística según la clasificación de Henríquez Ureña*. Orientador: Carlos Felipe Pinto. 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura: Constituição Histórica do Português e das demais Línguas Românicas) - Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.
- SYMEONIDIS, Haralambos. Análisis sociolingüístico del leísmo en el español paraguayo. *Revista Internacional d'Humanitats*, Barcelona: Universitat Autònoma de Barcelona - Dep. de Ciències de l'Antiguitat i de l'Edat Mitjana, v. 16, n. 27, p. 55- 68, 2013.
- THUN, Harald [ed.]. *Atlas lingüístico guaraní-románico: sociología*. 1. ed. Kiel: Westensee-Verlag, v. 2, 2002.
- TRUDGILL, Peter. *Dialects in contact*. Oxford: Blackwell, 1986.

_____. Typology and Sociolinguistics: Linguistic Structure, Social Structure and Explanatory Comparative Dialectology. *Folia Lingüística*, Berlín: Mouton de Gruyter, v. 31, n. 3-4, p. 349-360, 1997.

_____. Dialect Contact, Dialectology and Sociolinguistics. *Cuadernos de Filología Inglesa*, Murcia: Editium, v. 8, p. 1-8, 1999.

_____. *Sociolinguistic Variation and Change*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2002.

_____. *Sociolinguistic Typology: Social Determinants of Linguistic Complexity*. Oxford: Oxford University Press, 2011.

TUTEN, Donald N. *Koineization in Medieval Spanish*. 1. ed. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

URRUTIA CÁRDENAS, Hernán; FERNÁNDEZ ULLOA, Teresa. Supresión del clítico acusativo de tercera persona en el español: América y País Vasco. *Boletín de Filología de la Universidad de Chile*, Santiago de Chile: Departamento de Lingüística. Universidad de Chile, v. 36, p. 287-336, 1997.

VERÓN, Miguel Ángel. Paraguay, una nación pluricultural con dos lenguas oficiales. *Revista de Llengua i Dret, Journal of Language and Law*, Barcelona: Escola d'Administració Pública de Catalunya, n. 67, p. 106-128, 2017.

VIDAL DE BATTINI, Berta. Zonas de leísmo en el español de la Argentina. In: PREMIER CONGRÈS INTERNATIONAL DE DIALECTOLOGIE GÉNÉRALE, 1., Louvain, 1964. VAN WINDEKENS, A. J. [coord.]. *Communications et rapports du Premier Congrès International de Dialectologie générale*, Louvain: Centre International de Dialectologie générale, 1964, v. 2, p. 161-162 apud FERNÁNDEZ ORDÓÑEZ, Inés. Leísmo, laísmo y loísmo. In: REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. *Gramática Descriptiva de la Lengua Española*. 1. ed. Madrid: Espasa Calpe, 1999, p. 1348-1349, v. 2.

WAGNER, Claudio. Las lenguas indígenas de América. Lenguas amerindias. *Documentos Lingüísticos y Literarios*, Valdivia: Universidad Austral de Chile, n. 17, p. 30-37, 1991.

WEINREICH, Uriel. *Languages in contact: Findings and problems*. 6 ed. Paris: Mouton, 1968.

_____; LABOV, William; HERZOG, Marvin. *Fundamentos empíricos para una teoría da mudança lingüística*. Traductor: BAGNO, Marcos. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

ZAJÍCOVÁ, Lenka. Variación estilística en el contacto lingüístico: el caso del guaraní y el español en Paraguay. *Études Romanes De Brno*, Brno: Filozofická Fakulta, Masarykova Univerzita, v. 30, n. 2, p. 203-211, 2009a.

_____. *El bilingüismo paraguayo. Usos y actitudes hacia el guaraní y el castellano*. Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert, 2009b.

ZANARDINI, José; BIEDERMANN, Walter. *Los pueblos indígenas del Paraguay*. Asunción: Editorial Palo Santo, 2001.

ZIMMERMANN, Klaus. A integração geolinguística através do atlas lingüístico guaraní-románico. *Revista Philologus*. Rio de Janeiro: CiFEFiL, v. 21, n. 63, p. 166-170, 2015.

REFERENCIAS DEL CORPUS⁸⁰:

Crónica, editado en Fernando de la Mora. Edición electrónica. Sección: Cosas del corazón. Disponible en: www.cronica.com.py:

PAREDES, Rocío. Si les regalás peluches ahora, ellas te tiran por la cabeza. *Crónica*, Fernando de la Mora, 1 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/01/les-regalas-peluches-ahora-ellas-te-tiran-la-cabeza>. Acceso en: 1 de feb. 2019.

_____. Me enamoré de mi excuñado y tengo miedo de mis hijos. *Crónica*, Fernando de la Mora, 2 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/02/me-enamore-excunado-miedo-mis-hijos-2>. Acceso en: 2 de feb. 2019.

_____. Tengo miedo que el hombre ideal nunca llegue a mi vida. *Crónica*, Fernando de la Mora, 4 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/04/miedo-hombre-ideal-nunca-llegue-vida>. Acceso en: 4 de feb. 2019.

_____. Me acosté con una chica, me dijo mi novio para terminar. *Crónica*, Fernando de la Mora, 5 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/05/me-acoste-una-chica-me-dijo-novio-terminar>. Acceso en: 5 de feb. 2019.

_____. Encontré un video suyo con otra, pero dice que es trucado. *Crónica*, Fernando de la Mora, 6 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/06/encontre-video-suyo-otra-dice-trucado>. Acceso en: 6 de feb. 2019.

_____. Lo amé como a nadie y lo amaré así como dijimos, hasta el infinito. *Crónica*, Fernando de la Mora, 7 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/07/lo-ame-nadie-lo-amare-asi-dijimos-infinito>. Acceso en: 7 de feb. 2019.

_____. Yo solo necesito una mujer que entregue todo por amor. *Crónica*, Fernando de la Mora, 8 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/08/solo-necesito-una-mujer-entregue-amor>. Acceso en: 8 de feb. 2019.

_____. Cada finde me quedo sola en casa y él sale con sus amigos. *Crónica*, Fernando de la Mora, 9 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/09/finde-me-quedo-sola-casa-sale-amigos>. Acceso en: 9 de feb. 2019.

_____. Estaba decidida a olvidar a mi ex, cuando acepté salir con mi amigo. *Crónica*, Fernando de la Mora, 10 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/10/estaba-decidida-olvidar-ex-cuando-accepte-salir-amigo>. Acceso en: 10 de feb. 2019.

_____. Mi novia me tira indirectas de regalo caro y mi sueldo no alcanza. *Crónica*, Fernando de la Mora, 13 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/13/novia-me-tira-indirectas-regalo-caru-sueldo-no-alcanza>. Acceso en: 13 de feb. 2019.

_____. Me enamoré perdidamente de una chica que trabaja en casa. *Crónica*, Fernando de la Mora, 14 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/14/me-enamore-perdidamente-una-chica-trabaja-casa>. Acceso en: 14 de feb. 2019.

_____. Volví de nuevo con mi ex cuando mi novia me pidió un tiempo. *Crónica*, Fernando de la Mora, 15 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/15/volvi-nuevo-ex-cuando-novia-me-pidio-tiempo>. Acceso en: 15 de feb. 2019.

⁸⁰ ABNT NBR 6023:2018, ordenadas por periódico y por fecha de publicación.

_____. Luché mucho por nuestra relación porque él vivía siempre a su manera. *Crónica*, Fernando de la Mora, 16 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/16/luche-mucho-nuestra-relacion-vivia-siempre-manera>. Acceso en: 16 de feb. 2019.

_____. Ella se sintió engañada porque él le dijo que tenía una edad que no era. *Crónica*, Fernando de la Mora, 18 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/18/se-sintio-enganada-le-dijo-tenia-una-edad-no>. Acceso en: 18 de feb. 2019.

_____. Mi primera vez fue con una mujer y nunca siento placer con un hombre. *Crónica*, Fernando de la Mora, 19 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/19/primera-vez-fue-una-mujer-nunca-siento-placer-hombre>. Acceso en: 19 de feb. 2019.

_____. Yo solo quería que mi hijo conociera a su papá. *Crónica*, Fernando de la Mora, 20 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/20/solo-queria-hijo-conociera-papa>. Acceso en: 20 de feb. 2019.

_____. En la primera cita me mostró su estantería, me reí y se enojó. *Crónica*, Fernando de la Mora, 21 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/21/la-primera-cita-me-mostro-estanteria-me-rei-se-enojo>. Acceso en: 21 de feb. 2019.

_____. Es mentira que quiere verle a su hijo porque ni pañal le compra. *Crónica*, Fernando de la Mora, 22 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/22/mentira-quiery-verle-hijo-panal-le-compra>. Acceso en: 22 de feb. 2019.

_____. No sé qué hacer, si volver con mi ex pareja o aceptar un nuevo amor. *Crónica*, Fernando de la Mora, 23 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/23/no-se-volver-ex-pareja-aceptar-nuevo-amor>. Acceso en: 23 de feb. 2019.

_____. Yo quiero olvidar al viejo, pero no puedo dejar de hablarle un día. *Crónica*, Fernando de la Mora, 24 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/24/quiero-olvidar-al-viejo-no-puedo-dejar-hablarle-dia>. Acceso en: 24 de feb. 2019.

_____. Con mucho dolor le exigí a la otra que salga de nuestras vidas. *Crónica*, Fernando de la Mora, 26 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/26/mucho-dolor-le-exigi-la-otra-salga-nuestras-vidas>. Acceso en: 26 de feb. 2019.

_____. Le pedía selfis para ver con quién estaba y eso le molestó. *Crónica*, Fernando de la Mora, 27 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/27/le-pedia-selfis-ver-quien-estaba-le-molesto>. Acceso en: 27 de feb. 2019.

_____. Nunca la olvidé, fue un amor que rompió todos los esquemas. *Crónica*, Fernando de la Mora, 28 de febrero de 2019. Cosas del corazón. Disponible en: <http://www.cronica.com.py/2019/02/28/nunca-la-olvide-fue-amor-rompio-todos-los-esquemas>. Acceso en: 28 de feb. 2019.

La Nación, editado en Asunción. Edición electrónica. Sección: Voces. Disponible en: www.lanacion.com.py:

NIN, Mariano. La pobreza y la corrupción caminan de la mano. *La Nación*, Asunción, 01 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/01/la-pobreza-y-la-corrupcion-caminan-de-la-mano>. Acceso en: 01 de feb. 2019.

_____. El regreso del dengue. *La Nación*, Asunción, 08 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/08/el-regreso-del-dengue>. Acceso en: 08 de feb. 2019.

_____. Una triste broma. *La Nación*, Asunción, 15 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/15/una-triste-broma>. Acceso en: 15 de feb. 2019.

_____. La educación que nos deben. *La Nación*, Asunción, 22 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/22/la-educacion-que-nos-deben>. Acceso en: 22 de feb. 2019.

AGUERO, Emilio. Parados sobre una roca. *La Nación*, Asunción, 02 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/03/parados-sobre-una-roca>. Acceso en: 02 de feb. 2019.

_____. Sal y luz del mundo *La Nación*, Asunción, 17 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/17/sal-y-luz-del-mundo>. Acceso en: 17 de feb. 2019.

DOS SANTOS, Augusto. Historias minúsculas de la cultura autoritaria. *La Nación*, Asunción, 03 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/04/historias-minusculas-de-la-cultura-autoritaria>. Acceso en: 03 de feb. 2019.

_____. Albañilería docente. *La Nación*, Asunción, 11 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/11/albanileria-docente>. Acceso en: 11 de feb. 2019.

_____. Bienes malos. *La Nación*, Asunción, 18 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/18/bienes-malos>. Acceso en: 18 de feb. 2019.

_____. ¿Qué hacemos con Ulises? *La Nación*, Asunción, 25 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/25/que-hacemos-con-ulises>. Acceso en: 25 de feb. 2019.

DIOS, Eduardo. Kelembusismo. *La Nación*, Asunción, 05 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/05/kelembusismo>. Acceso en: 05 de feb. 2019.

_____. Todos a Costa Rica. *La Nación*, Asunción, 12 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/12/todos-a-costa-rica>. Acceso en: 12 de feb. 2019.

_____. Tráfico. *La Nación*, Asunción, 19 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/19/trafico>. Acceso en: 19 de feb. 2019.

GOROSO, Felipe. El (casi) imprescindible don de saber elegir las batallas. *La Nación*, Asunción, 06 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/06/el-casi-imprescindible-don-de-saber-elegir-las-batallas>. Acceso en: 06 de feb. 2019.

_____. ¿Quién nos cuida? *La Nación*, Asunción, 27 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/27/quien-nos-cuida>. Acceso en: 27 de feb. 2019.

_____. Villamayor necesita un guardaespaldas. *La Nación*, Asunción, 13 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/13/villamayor-necesita-un-guardaespaldas>. Acceso en: 13 de feb. 2019.

_____. El micrófono como instrumento de medición fálico. *La Nación*, Asunción, 20 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/20/el-microfono-como-instrumento-de-medicion-falico>. Acceso en: 20 de feb. 2019.

FLEITAS, Dany. Demanda pudo haberse frenado. *La Nación*, Asunción, 07 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/07/demanda-pudo-haberse-frenado>. Acceso en: 07 de feb. 2019.

_____. Mordaza y prebenda. *La Nación*, Asunción, 21 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/21/mordaza-y-prebenda>. Acceso en: 21 de feb. 2019.

TEASDALE, Gabriela. El legado de mis padres. *La Nación*, Asunción, 09 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/09/el-legado-de-mis-padres>. Acceso en: 09 de feb. 2019.

DIOS, Olga. “La herida”, de Jorge Fernández-Díaz. *La Nación*, Asunción, 10 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/10/la-herida-de-jorge-fernandez-diaz>. Acceso en: 10 de feb. 2019.

REYES, Mario Ramos. El aborto: ¿Un bien social? *La Nación*, Asunción, 14 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/14/el-aborto-un-bien-social>. Acceso en: 14 de feb. 2019.

_____. No hay democracia sin derechos humanos. *La Nación*, Asunción, 28 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/28/no-hay-democracia-sin-derechos-humanos>. Acceso en: 28 de feb. 2019.

MIME, Doctor. Canta cerebro, canta: La música y las neurociencias (II y final). *La Nación*, Asunción, 16 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/16/canta-cerebro-canta-la-musica-y-las-neurociencias-ii-y-final>. Acceso en: 16 de feb. 2019.

_____. Este no es un escrito de autoayuda. *La Nación*, Asunción, 23 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/23/este-no-es-un-escrito-de-autoayuda>. Acceso en: 23 de feb. 2019.

TORRES, Jorge. La caridad empieza por casa. *La Nación*, Asunción, 24 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/24/la-caridad-empieza-por-casa>. Acceso en: 24 de feb. 2019.

ZÁRATE LÁZARO, Juan Carlos. La cultura del ahorro en nuestro país. *La Nación*, Asunción, 26 de febrero de 2019. Voces. Disponible en: <https://www.lanacion.com.py/columnistas/2019/02/26/la-cultura-del-ahorro-en-nuestro-pais>. Acceso en: 26 de feb. 2019.

Diario Popular, editado en Asunción. Edición impresa. Disponible en: twitter.com/popupy:

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.929, 4 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/DyjesixXgAAaeyC.jpg>. Acceso en: 4 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.930, 5 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/DynNo95XcAAoeke.jpg>. Acceso en: 5 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.931, 6 de febrero de 2019. Disponible en: https://pbs.twimg.com/media/DytMgL_XcAArEBr.jpg. Acceso en: 6 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.932, 7 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/DyyE55ZWoAA0l8F.jpg>. Acceso en: 7 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.933, 8 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/Dy3unkAXgAAR0JC.jpg>. Acceso en: 8 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.934, 9 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/Dy8BA3kWwAELPIr.jpg>. Acceso en: 9 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.935, 10 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/DzBLTu2WkAAFKeH.jpg>. Acceso en: 10 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.936, 11 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/DzHCPKWxcAMCfGq.jpg>. Acceso en: 11 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.937, 12 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/DzMUIgVXcAA03dE.jpg>. Acceso en: 12 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.938, 13 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/DzQTukqX0AEe-vf.jpg>. Acceso en: 13 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.939, 14 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/DzVT5ZtX0AA6LhZ.jpg>. Acceso en: 14 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.940, 15 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/DzbeG9PX4AAFA5R.jpg>. Acceso en: 15 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.941, 16 de febrero de 2019. Disponible en: https://pbs.twimg.com/media/DzgQdDoXcAAC1y_.jpg. Acceso en: 16 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.942, 17 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/DzIFuCuX0AAFYvR.jpg>. Acceso en: 17 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.943, 18 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/DzqoEW8W0AE0QB6.jpg>. Acceso en: 18 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.944, 19 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/DzvIFzoXcAA-H4P.jpg>. Acceso en: 19 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.945, 20 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/Dz0mxqUWoAY5jO6.jpg>. Acceso en: 20 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.946, 21 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/Dz5b8siX0AAv2ih.jpg>. Acceso en: 21 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.947, 22 de febrero de 2019. Disponible en: https://pbs.twimg.com/media/Dz_OmakXQAUjsVe.jpg. Acceso en: 22 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.948, 23 de febrero de 2019. Disponible en: https://pbs.twimg.com/media/D0D8qEEWsAEzB_y.jpg. Acceso en: 23 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.949, 24 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/D0JV9xSXQAEpm3m.jpg>. Acceso en: 24 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.950, 25 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/D0OLzQMWsAAW1cv.jpg>. Acceso en: 25 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.951, 26 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/D0TQAnWoAAgUmr.jpg>. Acceso en: 26 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.952, 27 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/D0YVCKQW0AEsYin.jpg>. Acceso en: 27 de feb. 2019.

[s.n.]. Portada. *Diario Popular*, Asunción, año 25, n. 8.953, 28 de febrero de 2019. Disponible en: <https://pbs.twimg.com/media/D0eBASYXcAAVhAv.jpg>. Acceso en: 28 de feb. 2019.

Abc Color, editado en Asunción. Edición electrónica. Sección: Nacionales. Disponible en: www.abc.com.py:

[s.n.]. Lluvias continuarán este domingo. *ABC Color*, Asunción, 1 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/01/lluvias-continuaran-este-domingo>. Acceso en: 1 de sep. 2019.

[s.n.]. Capturan a otro presunto cabecilla de asalto a banco en Liberación. *ABC Color*, Asunción, 2 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/02/capturan-a-otro-presunto-cabecilla-de-asalto-a-banco-en-liberacion>. Acceso en: 2 de sep. 2019.

[s.n.]. Aparatoso choque contra viaducto Semidei. *ABC Color*, Asunción, 3 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/03/aparatoso-choque-contra-viaducto-semidei>. Acceso en: 3 de sep. 2019.

[s.n.]. Abdo Benítez se reúne con representantes de los Poderes. *ABC Color*, Asunción, 4 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/04/mario-abdo-benitez-llega-al-congreso-para-la-cumbre-de-poderes>. Acceso en: 4 de sep. 2019.

[s.n.]. Oficinas de una empresa se incendiaron en el microcentro. *ABC Color*, Asunción, 5 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/05/oficinas-de-una-empresa-se-encendieron-en-el-microcentro>. Acceso en: 5 de sep. 2019.

[s.n.]. Camioneta vuelca tras esquivar a una motocicleta sin luces. *ABC Color*, Asunción, 6 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/06/camioneta-vuelca-tras-esquivar-a-una-motocicleta-sin-luces>. Acceso en: 6 de sep. 2019.

[s.n.]. Hieren de gravedad a policía que intentó catear un automóvil sospechoso. *ABC Color*, Asunción, 7 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/07/policia-gravemente-herido-durante-cateo-a-presuntos-delincuentes>. Acceso en: 7 de sep. 2019.

[s.n.]. Sancionan Ley de Emergencia Penitenciaria. *ABC Color*, Asunción, 8 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/08/sancionan-ley-de-emergencia-penitenciaria>. Acceso en: 8 de sep. 2019.

[s.n.]. Calor predominará en la jornada del lunes. *ABC Color*, Asunción, 9 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/09/calor-predominara-en-la-jornada-del-lunes>. Acceso en: 9 de sep. 2019.

[s.n.]. Villamayor da una semana para tener “resultados” contra “motochorros”. *ABC Color*, Asunción, 10 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/10/villamayor-da-una-semana-para-tener-resultados-contra-motochorros>. Acceso en: 10 de sep. 2019.

[s.n.]. Policía pide no caer en rumores que buscan sembrar pánico. *ABC Color*, Asunción, 11 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/11/policia-pide-no-caer-en-rumores-que-buscan-sembrar-panico>. Acceso en: 11 de sep. 2019.

[s.n.]. Hallan otro vehículo vinculado a fuga de “Samura”. *ABC Color*, Asunción, 12 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/12/hallan-otro-vehiculo-vinculado-a-fuga-de-samura>. Acceso en: 12 de sep. 2019.

[s.n.]. “Asociación” entre criminales para liberar a Samura. *ABC Color*, Asunción, 13 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/13/asociacion-entre-criminales-para-liberar-a-samura>. Acceso en: 13 de sep. 2019.

[s.n.]. Juez resuelve que guardiacárceles estén presos en la Agrupación. *ABC Color*, Asunción, 14 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/14/caso-samura-juez-resuelve-que-guardiacarceles-estenen-presos-en-agrupacion>. Acceso en: 14 de sep. 2019.

[s.n.]. Policías retirados y familiares de activos paralizarán el país. *ABC Color*, Asunción, 15 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en:

<https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/15/oficiales-retirados-y-familiares-de-activos-paralizaran-el-pais>. Acceso en: 15 de sep. 2019.

[s.n.]. EPP no ataca porque ciudadanos son extorsionados, afirman. *ABC Color*, Asunción, 16 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/16/epp-no-ataca-porque-ciudadanos-son-extorsionados-afirman>. Acceso en: 16 de sep. 2019.

[s.n.]. Paraguayos detenidos con droga en Brasil. *ABC Color*, Asunción, 17 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/17/paraguayos-detenido-con-droga-en-brasil>. Acceso en: 17 de sep. 2019.

[s.n.]. Detienen a cuatro sospechosos de crimen en la SND. *ABC Color*, Asunción, 18 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/18/detienen-a-tres-sospechosos-de-crimen-en-el-snd>. Acceso en: 18 de sep. 2019.

[s.n.]. Presidente Mario Abdo: “Juan Ernesto, por ahora, se queda”. *ABC Color*, Asunción, 19 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/19/presidente-dice-que-esta-estudiando-si-mantiene-o-no-a-bacigalupo>. Acceso en: 19 de sep. 2019.

[s.n.]. Choferes desconectan sistema de seguridad de puertas, afirma empresario. *ABC Color*, Asunción, 20 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/20/choferes-desconectan-sistema-de-seguridad-de-puertas>. Acceso en: 20 de sep. 2019.

[s.n.]. “Jóvenes de espíritu” volvieron a “palmear”. *ABC Color*, Asunción, 21 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/21/jovenes-de-espiritu-volvieron-a-palmear>. Acceso en: 21 de sep. 2019.

[s.n.]. Militar y quinielero resultan heridos tras accidente. *ABC Color*, Asunción, 22 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/22/militar-y-quinielero-resultan-heridos-tras-accidente>. Acceso en: 22 de sep. 2019.

[s.n.]. Senatur “no habilitó” senderismo, pero días antes lo promocionaba. *ABC Color*, Asunción, 23 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/23/senatur-no-habilito-senderismo-pero-dias-antes-lo-promocionaba>. Acceso en: 23 de sep. 2019.

[s.n.]. Caja de jubilados firmó convenios para “atenuar crisis”, aseguran. *ABC Color*, Asunción, 24 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/24/caja-de-jubilados-firmo-convenios-para-atenuar-crisis-aseguran>. Acceso en: 24 de sep. 2019.

[s.n.]. Huelga en Clínicas sigue vigente, pero hay “principio de acuerdo”. *ABC Color*, Asunción, 25 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/25/huelga-en-clinicas-sigue-vigente-pero-hay-principio-de-acuerdo>. Acceso en: 25 de sep. 2019.

[s.n.]. Allanamiento fue en función a denuncias ante telefónicas. *ABC Color*, Asunción, 26 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/26/allanamiento-fue-en-funcion-a-denuncias-ante-telefonias>. Acceso en: 26 de sep. 2019.

[s.n.]. Intendente prohíbe una marcha LGBT en Hernandarias. *ABC Color*, Asunción, 27 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/27/intendente-prohibe-una-marcha-lgbt-en-hernandarias>. Acceso en: 27 de sep. 2019.

[s.n.]. Aparatoso accidente en Itauguá deja un herido. *ABC Color*, Asunción, 28 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/28/aparatoso-accidente-en-itaugua-deja-un-herido>. Acceso en: 28 de sep. 2019.

[s.n.]. Día Mundial del Corazón: cómo prevenir enfermedades cardiovasculares. *ABC Color*, Asunción, 29 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/29/dia-mundial-del-corazon-como-prevenir-enfermedades-cardiovasculares>. Acceso en: 29 de sep. 2019.

[s.n.]. Libertad de abusador: califican de vulgar justificación de jueces. *ABC Color*, Asunción, 30 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.abc.com.py/nacionales/2019/09/30/libertad-de-abusador-califican-de-vulgar-justificacion-de-jueces>. Acceso en: 30 de sep. 2019.

5 *Días*, editado en Asunción. Edición electrónica. Sección: Economía y Negocios. Disponible en: www.5dias.com.py:

[s.n.]. Rubro de chocolates se mantuvo estable. *5 Días*, Asunción, 2 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/rubro-de-chocolates-se-mantuvo-estable>. Acceso en: 2 de sep. 2019.

[s.n.]. Botánico recibe 32 hectáreas. *5 Días*, Asunción, 3 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/botanico-recibe-32-hectareas>. Acceso en: 3 de sep. 2019.

[s.n.]. Denuncian la ilegalidad de obra en Botánico. *5 Días*, Asunción, 4 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/denuncian-la-ilegalidad-de-obra-en-botanico>. Acceso en: 4 de sep. 2019.

[s.n.]. Billetaje: vence plazo prometido por MOPC. *5 Días*, Asunción, 5 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/billetaje-vence-plazo-prometido-por-mopc>. Acceso en: 5 de sep. 2019.

[s.n.]. En marcha duplicación de Transchaco. *5 Días*, Asunción, 6 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/en-marcha-duplicacion-de-transchaco>. Acceso en: 6 de sep. 2019.

[s.n.]. Sentirse en Madrid sin salir de Asunción. *5 Días*, Asunción, 9 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/sentirse-en-madrid-sin-salir-de-asuncion>. Acceso en: 9 de sep. 2019.

[s.n.]. Sindicatos siguen firmes ante aumento de 28,9%. *5 Días*, Asunción, 10 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/sindicatos-siguen-firmes-ante-aumento-de-289>. Acceso en: 10 de sep. 2019.

[s.n.]. Expo Maquila inicia con altas expectativas. *5 Días*, Asunción, 11 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/expo-maquila-inicia-con-altas-expectativas>. Acceso en: 11 de sep. 2019.

[s.n.]. Expertos disertan sobre nuevas tendencias del mercado. *5 Días*, Asunción, 12 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/expertos-disertan-sobre-nuevas-tendencias-del-mercado>. Acceso en: 12 de sep. 2019.

[s.n.]. Economía & Negocios

Inició la construcción de la nueva penitenciaría en Emboscada. *5 Días*, Asunción, 13 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/inicio-la-construccion-de-la-nueva-penitenciaria-en-emboscada>. Acceso en: 13 de sep. 2019.

[s.n.]. Instituciones insisten en aumentos salariales. *5 Días*, Asunción, 16 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/instituciones-insisten-en-aumentos-salariales>. Acceso en: 16 de sep. 2019.

- [s.n.]. Seguridad en interoperabilidad preocupa a propietarios de EMPEs. *5 Días*, Asunción, 17 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/seguridad-en-interoperabilidad-preocupa-a-propietarios-de-empes>. Acceso en: 17 de sep. 2019.
- [s.n.]. Cancelan tractorazo, pero estarán expectantes ante la gestión de Friedmann. *5 Días*, Asunción, 18 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/cancelan-tractorazo-pero-estaran-expectantes-ante-la-gestion-de-friedmann>. Acceso en: 18 de sep. 2019.
- [s.n.]. Más referentes a favor del comercio con China. *5 Días*, Asunción, 19 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/mas-referentes-a-favor-del-comercio-con-china>. Acceso en: 19 de sep. 2019.
- [s.n.]. Buscan que créditos sean más accesibles. *5 Días*, Asunción, 20 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/buscan-que-creditos-sean-mas-accesibles>. Acceso en: 20 de sep. 2019.
- [s.n.]. Empresa se juega por el comercio online. *5 Días*, Asunción, 23 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/empresa-se-juega-por-el-comercio-online>. Acceso en: 23 de sep. 2019.
- [s.n.]. Aseguran que se tomaron recaudos ambientales. *5 Días*, Asunción, 24 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/aseguran-que-se-tomaron-recaudos-ambientales>. Acceso en: 24 de sep. 2019.
- [s.n.]. Prorrogan entrega de ofertas para puente. *5 Días*, Asunción, 25 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/prorrogan-entrega-de-ofertas-para-puente>. Acceso en: 25 de sep. 2019.
- [s.n.]. Buscan premiar a las mejores pymes del país. *5 Días*, Asunción, 26 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/buscan-premiar-a-las-mejores-pymes-del-pais>. Acceso en: 26 de sep. 2019.
- [s.n.]. Divisas de soja caen US\$ 663 millones. *5 Días*, Asunción, 27 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/divisas-de-soja-caen-us-663-millones>. Acceso en: 27 de sep. 2019.
- [s.n.]. Un libro que apunta al crecimiento de Pymes. *5 Días*, Asunción, 30 de septiembre de 2019. Economía y Negocios. Disponible en: <https://www.5dias.com.py/2019/09/un-libro-que-apunta-al-crecimiento-de-pymes>. Acceso en: 30 de sep. 2019.

Ultima Hora, editado en Asunción. Edición electrónica. Sección: . Disponible en: www.ultimahora.com:

- [s.n.]. Logran extinguir todos los focos de incendios forestales en el Chaco. *Ultima Hora*, Asunción, 1 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/logran-extinguir-todos-los-focos-incendios-forestales-el-chaco-n2841381.html>. Acceso en: 1 de sep. 2019.
- [s.n.]. Docentes de la UNA cierran Avenida Mariscal López. *Ultima Hora*, Asunción, 2 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/docentes-la-una-cierran-avenida-mariscal-lopez-n2841585.html>. Acceso en: 2 de sep. 2019.
- [s.n.]. Docentes de la UNA esperan llegar hoy a un acuerdo para levantar paro. *Ultima Hora*, Asunción, 3 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/docentes-la-una-esperan-llegar-hoy-un-acuerdo-levantar-paro-n2841708.html>. Acceso en: 3 de sep. 2019.

- [s.n.]. Cae cargamento de presunta marihuana en Villarrica. *Ultima Hora*, Asunción, 4 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/cae-cargamento-presunta-marihuana-villarrica-n2841919.html>. Acceso en: 4 de sep. 2019.
- [s.n.]. MNP pide separar a director tras motín en Centro Educativo de Itauguá. *Ultima Hora*, Asunción, 5 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/mnp-pide-separar-director-motin-centro-educativo-itaugua-n2842169.html>. Acceso en: 5 de sep. 2019.
- [s.n.]. UNA: Levantan paro universitario y vuelven a clases. *Ultima Hora*, Asunción, 6 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/una-levantan-paro-universitario-y-vuelven-clases-n2842362.html>. Acceso en: 6 de sep. 2019.
- [s.n.]. Detienen a principal sospechoso de disparo contra olimpista. *Ultima Hora*, Asunción, 7 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/detienen-principal-sospechoso-disparo-contra-olimpista-n2842511.html>. Acceso en: 7 de sep. 2019.
- [s.n.]. El presidente arribó al Chaco por tema de incendios forestales. *Ultima Hora*, Asunción, 8 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/el-presidente-arribo-al-chaco-tema-incendios-forestales-n2842650.html>. Acceso en: 8 de sep. 2019.
- [s.n.]. 90.000 casas en Central sin electricidad por ráfagas de viento. *Ultima Hora*, Asunción, 9 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/90000-casas-central-electricidad-rafagas-viento-n2842808.html>. Acceso en: 9 de sep. 2019.
- [s.n.]. Capturan a supuesto motochorro con 12 antecedentes. *Ultima Hora*, Asunción, 10 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/capturan-supuesto-motochorro-12-antecedentes-n2843044.html>. Acceso en: 10 de sep. 2019.
- [s.n.]. Renuncia ministro de Justicia y relevan a comandante de la Policía Nacional. *Ultima Hora*, Asunción, 11 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/renuncia-ministro-justicia-y-relevan-comandante-la-policia-nacional-n2843241.html>. Acceso en: 11 de sep. 2019.
- [s.n.]. Francisco Resquín asume como nuevo comandante de la Policía Nacional. *Ultima Hora*, Asunción, 12 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/francisco-resquin-asume-como-nuevo-comandante-la-policia-nacional-n2843389.html>. Acceso en: 12 de sep. 2019.
- [s.n.]. Caso Samura: Cambios en la Policía en distintas direcciones generales. *Ultima Hora*, Asunción, 13 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: . Acceso en: 13 de sep. 2019.
- [s.n.]. Otro asalto afecta a un local de venta de pollos. *Ultima Hora*, Asunción, 14 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/otro-asalto-afecta-un-local-venta-pollos-n2843780.html>. Acceso en: 14 de sep. 2019.
- [s.n.]. Fuertes vientos y extremo calor reavivan incendios forestales en el Chaco. *Ultima Hora*, Asunción, 15 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/fuertes-vientos-y-extremo-calor-reavivan-incendios-forestales-el-chaco-n2843933.html>. Acceso en: 15 de sep. 2019.
- [s.n.]. Policía investiga homicidio de un hombre en Itá Enramada. *Ultima Hora*, Asunción, 16 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/policia-investiga-homicidio-un-hombre-ita-enramada-n2844029.html>. Acceso en: 16 de sep. 2019.
- [s.n.]. Llano habla de brazos caídos en la Policía Nacional. *Ultima Hora*, Asunción, 17 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/llano-habla-brazos-caidos-la-policia-nacional-n2844284.html>. Acceso en: 17 de sep. 2019.
- [s.n.]. Allanamientos en simultáneo para dar con asesino de hinchita olimpista. *Ultima Hora*, Asunción, 18 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/allanamientos-simultaneo-dar-asesino-hincha-olimpista-n2844468.html>. Acceso en: 18 de sep. 2019.

- [s.n.]. Incendios forestales afectan a 241.000 hectáreas de Alto Paraguay. *Ultima Hora*, Asunción, 19 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/incendios-forestales-afectan-241000-hectareas-alto-paraguay-n2844730.html>. Acceso en: 19 de sep. 2019.
- [s.n.]. Organizaciones sociales urgen reconducción política. *Ultima Hora*, Asunción, 20 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/organizaciones-sociales-urgen-reconduccion-politica-n2844949.html>. Acceso en: 20 de sep. 2019.
- [s.n.]. Detienen a sospechosos de asalto a transportador de caudales. *Ultima Hora*, Asunción, 21 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/detienen-sospechosos-asalto-transportador-caudales-n2845051.html>. Acceso en: 21 de sep. 2019.
- [s.n.]. UNA aguarda que Hacienda remita nivelación para levantar paro. *Ultima Hora*, Asunción, 22 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/una-aguarda-que-hacienda-remita-nivelacion-levantar-paro-n2845231.html>. Acceso en: 22 de sep. 2019.
- [s.n.]. Colectivo arde en llamas en plena avenida de Asunción. *Ultima Hora*, Asunción, 23 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/colectivo-arde-llamas-plena-avenida-asuncion-n2845344.html>. Acceso en: 23 de sep. 2019.
- [s.n.]. Detienen a dos hombres con cocaína en el Chaco. *Ultima Hora*, Asunción, 24 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/detienen-dos-hombres-cocaina-el-chaco-n2845667.html>. Acceso en: 24 de sep. 2019.
- [s.n.]. Fiscalía imputa a nueve policías y pide prisión preventiva. *Ultima Hora*, Asunción, 25 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/fiscalia-imputa-nueve-policias-y-pide-prision-preventiva-n2845832.html>. Acceso en: 25 de sep. 2019.
- [s.n.]. Policía investiga supuesto parricidio en Caaguazú. *Ultima Hora*, Asunción, 26 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/policia-investiga-supuesto-parricidio-caaguazu-n2846034.html>. Acceso en: 26 de sep. 2019.
- [s.n.]. Usuarios critican a titular del Servicio Nacional de Catastro. *Ultima Hora*, Asunción, 27 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/usuarios-critican-titular-del-servicio-nacional-catastro-n2846165.html>. Acceso en: 27 de sep. 2019.
- [s.n.]. Conapi sostiene que lucha por la tierra es el desafío principal para indígenas. *Ultima Hora*, Asunción, 28 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/conapi-sostiene-que-lucha-la-tierra-es-el-desafio-principal-indigenas-n2846377.html>. Acceso en: 28 de sep. 2019.
- [s.n.]. Paraguay tendrá vuelos directos a Colombia. *Ultima Hora*, Asunción, 29 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/paraguay-tendra-vuelos-directos-colombia-n2846525.html>. Acceso en: 29 de sep. 2019.
- [s.n.]. La UNA y Clínicas retoman actividades desde este martes. *Ultima Hora*, Asunción, 30 de septiembre de 2019. Nacionales. Disponible en: <https://www.ultimahora.com/la-una-y-clinicas-retoman-actividades-este-martes-n2846706.html>. Acceso en: 30 de sep. 2019.

ÍNDICE DE AUTORES

A

Álvarez Martínez: 32, 74, 197

Almeida: n. 124, 196

Appleyard: 64, 65, 197

B

Bello: 31, 42, 44, 74, 197

Biedermann: 83, 209

Brucart: 36, 37, 197

C

Chase Sardi: 85, 197

Chiquito: 76, 193, 197

Clark: 126, 197

Clyne: n. 115, 197

Coseriu: 17, 197, 198

Cuervo: 31, 40, 41, 42, 43, 50, 60, 62, 74, 198, 200, 201, 202, 203

D

DGEEC: 27, 78, 79, 80, 81, n. 82, 83, 84, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 198

E

Echenique Elizondo: 32, 43, 62, 74, n. 114, n. 124, n. 129, 198

F

Fernández Ordóñez: 24, 25, 26, 32, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 66, 67, 70, 71, 72, 74, 75, 120, 121, 122, 123, 124, 125, n. 131, 133, 134, 192, 193, 198, 208, 209

Fernández Ramírez: 31, 40, 42, 43, 44, 50, 60, 74, 199

Fernández Soriano: 30, 31, 32, 74, 198, 199, 203

Flores Cervantes: 46, 60, 199

Fontanella de Weinberg: 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 25, 105, 106, 108, 129, 133, 134, 192, 199, 205

G

García: 31, 45, 46, 47, 60, 74, 200

García González: 31, 47, 74, 200

Garvin: 20, 106, 200

Granda: 17, 19, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 63, 64, 65, 66, 75, 107, 108, 112, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 192, 193, 194, 197, 200

H

Henríquez Ureña: 17, 18, 26, 208

Herreros: 24, 25, 63, 66, 75, 128, 129, 132, 134, 192, 193, 194, 202

Herzog: 27, 112, n. 129, 209

Hidalgo: 27, 202

K

Kany: 40, 63, 128, 131, 202

Kallfell: 106, 128, 202

Kerswill: 27, 118, 202

Klein Andreu: 31, 45, 47, 48, 49, 50, 74, 203

L

Labov: 27, 112, n. 129, 203, 209

Lightfoot: 126, 204

Lapesa: 31, 41, 42, 43, 44, 50, 60, 62, 74, 203, 204

Lois: n.30, 204

Lope Blanch: 18, 26, 204

M

Machaín: 129, 204

Marín: 31, 42, 43, 74, 204

Martínez: 32, 74, 205

Mathiot: 20, 106, 200

Medina López: 112, 113, 114, 115, 116, 117, 205

Meillet: 117, 205

Meliá: 110, 133, 192, 205

Menéndez Pidal: 51, 199, 205

Milroy: 27, 205

Miraglia: 85, 206

Moreno Fernández: 17, 18, 112, 113, 114, 115, 116, n. 127, 206

P

Palacios: 17, 23, 24, 25, 63, 65, 66, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 112, 127, 130, 131, 132, 134, 135, 192, 193, 194, 206, 207

Penny: 27, 207

Pinto: 17, 18, 25, 207, 208

R

RAE: 17, 31, 32, 37, 39, 40, 42, 49, 74, 208

Ramos: n. 124, 207

Roa Bastos: 74, 207

Roberts: 126, 197, 208

Rona: 18, 26, 208

S

Saldívar Dick: 76, 193, 197

Salvá: 31, 42, 44, 60, 74, 208

Samarin: 119, 208

Sanchis Calvo: 43, 62, 208

Sanicky: 66, 67, 208

Santa Cruz: 83, n. 85, n. 94, n. 97, 208

Siegel: n. 19, 27, 116, 117, 118, 119, 120, 208

Stanley: 17, 26, 208

Symeonidis: 17, 23, 25, 63, 67, 68, 69, 75, 132, 134, 192, 193, 194, 208

T

Thun: 67, 208

Trudgill: 27, 112, 202, 208

Tuten: 27, n. 39, n. 50, 61, 62, 75, n. 116, 117, 118, 119, 120, 125, 134, 192, 209

V

Verón: 77, 108, 109, 110, 111, 133, 192, 209

Vidal de Battini: 66, 209

W

Wagner: 18, 209

Weinreich: 27, 112, n. 129, 209

Williams: 118, 202

Z

Zajícová: 76, 209

Zanardini: 83, 209

Zimmermann: n. 67, 206, 209